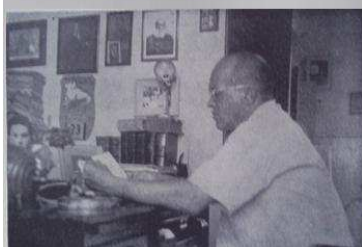




**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**DA ACADEMIA AO BAR:
CÍRCULOS INTELECTUAIS, CULTURA IMPRESSA E
REPERCUSSÕES DO MODERNISMO
EM CAMPINA GRANDE - PB (1913-1953)**



BRUNO RAFAEL DE ALBUQUERQUE GAUDÊNCIO

Campina Grande - PB

Março/2012

**DA ACADEMIA AO BAR: CÍRCULOS INTELECTUAIS, CULTURA
IMPRESSA E REPERCUSSÕES DO MODERNISMO EM CAMPINA GRANDE
- PB (1913-1953)**

Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para obtenção do título de mestre em História, na área de concentração em História, Cultura e Sociedade, na linha de pesquisa: Cultura e Cidades.

Orientação: Prof. Dr. Severino Cabral Filho

Campina Grande - PB

Março/2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

- G267d Gaudêncio, Bruno Rafael de Albuquerque.
Da academia ao bar: círculos intelectuais, cultura impressa e repercussões do modernismo em Campina Grande – PB (1913-1953) / Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio. - Campina Grande, 2012.
268f.: il., color.
- Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades.
Orientador: Prof. Dr. Severino Cabral Filho.
Referências.
1. Campina Grande - História. 2. Círculos Intelectuais. 3. Cultura Impressa. 4. Repercussões do Modernismo. I. Título.

CDU 94(813.3)(043)

DIGITALIZAÇÃO:

SISTEMOTECA - UFCG

**DA ACADEMIA AO BAR: CÍRCULOS INTELECTUAIS, CULTURA
IMPRESSA E REPERCUSSÕES DO MODERNISMO EM CAMPINA GRANDE
- PB (1913-1953)**

CAMPINA GRANDE, PARAÍBA.

Aprovado em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Severino Cabral Filho
PPGH/UFCG
Orientador/ Presidente da Banca

Prof. Dr. Gervácio Batista Aranha
PPGH/UFCG
Examinador Interno

Prof. Dr. Elio Chaves Flores
PPGH/UFPB
Examinador Externo

Prof. Dr. Luciano Mendonça de Lima
PPGH/UFCG
Examinador Interno (Suplente)

Prof. Dr. Josemir Camilo de Melo
UEPB
Examinador Externo (Suplente)

Dedico esta dissertação aos meus queridos pais João Bosco Fonseca Gaudêncio/Lucinete Pereira de Albuquerque e a minha estimada Lauriceia Galdino dos Santos.

Dedico ainda aos escritores de ontem e de hoje da cidade de Campina Grande, a quem declaro que esta dissertação é a minha colaboração a “memória coletiva” da “Rainha da Borborema”.

AGRADECIMENTOS

Como todos que escrevem dissertações e teses passei por um processo de extrema solidão paradoxalmente compartilhada por algumas pessoas ao longo destes dois últimos anos. Estes sujeitos dividiram comigo as angústias, as descobertas, as revoltas, os anseios, as vitórias e os desgastes provenientes de um ofício passional e penoso, como foi conceber este relato histórico. Neste sentido, listo aqui, aqueles, que considero os principais personagens que entrecruzaram de forma direta ou indireta, esta narrativa, dando a força necessária ao seu autor na continuidade de sua missão árdua de transformar um variado número de dados numa unidade de sentido de natureza histórica.

Quero primeiramente agradecer ao historiador *Severino Cabral Filho*, meu orientador, pela cumplicidade e apoio durante estes dois anos lotados de contratempos e expectativas. Na mesma linha, gostaria de expressar minha gratidão sincera aos professores *Gervácio Batista Aranha e Josemir Camilo de Melo*, dois dos grandes mestres na minha trajetória de historiador nestes últimos anos, pelas significativas sugestões durante a Banca de Qualificação. Somado aos dois professores agradeço também as expressivas sugestões do qualificado professor *Elio Chaves Flores* durante a apresentação deste trabalho, quando fez parte da Banca Examinadora. Ainda entre os historiadores mestres, não poderia deixar de agradecer a professora *Maria José Silva Oliveira*, pela sugestão do título desta dissertação dada no ano de 2009, quando eu ainda esboçava-o enquanto um projeto de pesquisa.

Durante o processo de descobrimento e organização das fontes impressas, fiz diversas amizades. Todas elas foram companhias extraordinárias durante o procedimento de digitalização dos jornais, revistas, livros que utilizei neste texto científico. Diante disso, agradeço demais às bibliotecárias: *Valéria Soares e Fátima Nóbrega* (a primeira funcionária no *Acervo Átila Almeida* e a segunda lotada no *Acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Campina Grande*). Sou grato pelo compromisso, pelas descobertas, pelas infinitas conversas, que muito me animaram a prosseguir. Já no final desse processo, estas conversas divertidas ganharam mais uma personagem maravilhosa, a arquivista *Francineide Batista*, também funcionária do *Acervo Átila Almeida*, a quem também agradeço muitíssimo, pela amizade.

Entre as amizades constituídas durante o aparelhamento das fontes, eu não poderia esquecer de forma alguma a minha estimada amiga, a professora *Joseilda Diniz*,

mulher guerreira, que durante as minhas andanças no *Acervo Átila Almeida*, me fez perceber claramente o sabor do afeto durante a dedicação a pesquisa. Meu muito obrigado!

Os leitores destes agradecimentos já devem ter percebido que o *Acervo Átila Almeida* teve um papel preponderante na constituição desta minha dissertação de mestrado. É verdade, devo dizer que, sem este acervo riquíssimo, meu texto não existiria. Foi entre suas estantes de livros e periódicos que consegui descobrir fontes privilegiadas para este meu estudo aqui concluído. Neste sentido, agradeço bastante a *Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)*, por manter este acervo, com uma equipe tão humana, dedicada e qualificada.

Além da instituição mantedora, sou muito grato também aos doutores *Átila Almeida e Horácio de Almeida*, por constituírem durante ao longo de todo o século XX, a biblioteca e o acervo hoje intitulado *Átila Almeida*, - fonte inesgotável de conhecimento, de saberes, de “achados bibliográficos”. Sei que durante os meus passeios entre os corredores lotados de livros, eu “os senti” presentes, me empurrando para obras raras e desconhecidas da maioria dos pesquisadores. Estas descobertas foram minha matéria prima. Aos dois intelectuais, meu eterno obrigado.

Agradeço aos meus dois amigos de debate intelectual *Janáilson Macêdo Luiz e João Matias de Oliveira Neto*, sempre presentes em minhas incursões literárias e acadêmicas nestes últimos anos. O primeiro, pelos constantes debates historiográficos travados e o apoio durante as crises e conflitos na academia. O segundo, pelas revisões gramaticais e diálogos sempre descontraídos.

Lembro de agradecer aos colegas *Luis Carlos dos Santos e Jordan Gomes*, companheiros de Programa de Pós Graduação na UFCG, pelas divertidas e cansativas viagens a cidade de João Pessoa, em busca de fontes nos arquivos da capital. Destaque para as visitas instigantes que realizamos ao *Arquivo da Cúria Episcopal, do Arquivo Público de João Pessoa e do Acervo do IHGP*. Entre os colegas de Pós Graduação agradeço ainda pela amizade: *Cida Figueiredo, Raimilson Tavares, Sâmala Sonaly, José Emerson Tavares de Macêdo e Romerino Andrade*.

A *Lauriceia Galdino dos Santos*, por ter dividido comigo nestes dois últimos anos, todas as angústias possíveis referentes à pesquisa e elaboração deste texto, pelo apoio nos momentos mais difíceis, quando me vi aparentemente só, triste e desiludido, com questões internas no próprio Programa de Pós-Graduação em História da UFCG.

Não tenho palavras para agradecer a sua presença ao meu lado, me segurando e estimulando a todo o momento.

A todos os citados, “companheiros da minha solidão”, nestes dois anos, o meu muito obrigado!

*“(...) o olhar do historiador sobre o passado
carrega as imagens da sua época, as
indefinições do seu tempo, as cores poucas
nítidas das suas inquietações.”*

Antonio Paulo Rezende

RESUMO

Esta dissertação investiga três abordagens diferenciadas da história intelectual de Campina Grande, Paraíba, entre os anos de 1913 e 1953. Primeiramente desenvolvemos uma história dos principais círculos intelectuais campinenses, sejam eles formais ou informais, entre bares, academias e gabinetes de leitura, compreendendo suas características básicas no que se refere ao fato de terem sido ambientes privilegiados de formação intelectual. Em seguida, produzimos uma história da cultura impressa, constituindo uma trajetória das principais bibliotecas e livrarias que funcionaram na cidade, bem como os periódicos e livros locais que circularam e foram produzidos por intelectuais campinenses neste mesmo período. Por último, realizamos uma história das repercussões do modernismo, enfatizando os indícios de transformações ocorridos no que se refere aos temas do humor e da caricatura em periódicos, e as “adesões” e “resistências” quanto às vanguardas surgidas na literatura brasileira a partir da década de 1920. Para isso, entrecruzamos várias fontes impressas e iconográficas (livros, periódicos, fotografias, caricaturas, anuários, almanaques, etc.), dentro do paradigma da história intelectual. De todas as experiências investigadas percebemos os limites culturais da cidade de Campina Grande durante a primeira metade do século XX, quanto à demarcação de uma descontinuidade e fragilidade dos movimentos no que se refere à produção e circulação literária no campo intelectual local.

Palavras-chave: Campina Grande, círculos intelectuais, cultura impressa, repercussões do modernismo.

RESUMÉ

Cette dissertation enquête sur trois approches différentes de l'histoire intellectuelle de Campina Grande, Paraíba, entre les années 1913 et 1953. Nous avons d'abord développé une histoire de principaux cercles intellectuels de la ville de Campina, qu'ils soient formelle ou informelle, entre les bars, les académies et les bureaux de lecture, en comprenant ses caractéristiques de base en ce qui concerne le fait qu'ils étaient des milieux privilégiés de formation intellectuelle. Puis, nous avons produit une histoire de la culture de l'imprimé, en constituant une trajectoire des grandes bibliothèques et des librairies qui opéraient dans la ville, ainsi que des périodiques et des livres locaux qui ont été produits et distribués par des intellectuels dans cette période. Ensuite, nous avons réalisé une histoire de l'impact du modernisme, mettant l'accent sur la preuve de changements qui se produisent en relation aux thèmes de l'humour et la caricature dans les périodiques, et les «adhésions» et «résistances» concernant les avant-gardes qui sont apparues dans la littérature brésilienne découlant des années 1920. Pour cela, nous avons entrecroisé diverses sources imprimées et les représentations iconographiques (livres, périodiques, photographies, caricatures, des annuaires, des almanachs, etc.), dans le paradigme de l'histoire intellectuelle. Dans toutes les expériences étudiées nous avons aperçu les frontières culturelles de la ville de Campina Grande au cours de la première moitié du XXe siècle, concernant la démarcation d'une discontinuité et la fragilité des mouvements par rapport à la production et la circulation littéraire dans le champ intellectuel local.

Mots-clés: Campina Grande, les milieux intellectuels, la culture d'impression, l'impact du modernisme

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

NÚMERO	LEGENDA	PÁGINA
Ilustração 1	Ambiente interno da festa de despedida da Fruteira de Cristino Pimentel em março de 1953.	73
Ilustração 2	Ambiente externo da festa de despedida da Fruteira de Cristino Pimentel em março de 1953.	74
Ilustração 3	Visita de comitiva Integralista a cidade de Campina Grande na década de 1930.	84
Ilustração 4	Grupo de intelectuais campinenses fundadores da Academia dos Simples no ano de 1940.	89
Ilustração 5	Sessão tipográfica da Livraria Pedrosa em 1949.	116
Ilustração 6	Sessão comercial da Livraria Pedrosa em 1949.	117
Ilustração 7	Grupo de intelectuais campinenses da década de 1920.	195
Ilustração 8	Caricatura de Luis Gomes da Silva	220
Ilustração 9	Caricatura de Hortênsio de Sousa Ribeiro	221
Ilustração 10	Caricatura sobre a situação dos cinemas de Campina Grande na década de 1930.	225
Ilustração 11	Caricatura de Paulo Brasil.	226

LISTA DE QUADROS

QUADRO	DESCRIÇÃO	PÁGINA
Quadro 1	Lista dos livros e plaquetes publicados em Campina Grande ou de autoria de escritores campinenses lançados entre 1913 e 1953.	127
Quadro 2	Lista de Documentos Oficiais publicados em Campina Grande entre 1913 e 1953.	159
Quadro 3	Lista dos jornais publicados em Campina Grande entre 1913 e 1953.	171
Quadro 4	Lista dos jornais de festas publicados em Campina Grande entre 1913 e 1953.	185
Quadro 5	Lista das revistas publicadas em Campina Grande entre 1913 e 1953.	187
Quadro 6	Lista dos anuários, almanaques e álbuns industriais e comerciais publicados em Campina Grande entre 1913 e 1953.	198

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
CAPÍTULO 1: SOCIABILIDADES URBANAS E CULTURA LETRADA: A FORMAÇÃO DOS CÍRCULOS INTELECTUAIS	34
1.1. CAMPINA GRANDE E A EXPERIÊNCIA MODERNA: DA EXALTAÇÃO AO PROGRESSO, AO DESAMOR ÀS “COISAS DO ESPÍRITO”	35
1.2. SOCIABILIDADES URBANAS: ASSOCIAÇÕES E ESPAÇOS DE CONVIVÊNCIA DAS ELITES	41
1.3. OS CÍRCULOS INTELECTUAIS: ENTRE AGRUPAMENTOS FORMAIS E INFORMAIS	52
1.3.1. GABINETE DE LEITURA 7 DE SETEMBRO: ELITE LETRADA E CIVISMO	54
1.3.2. A FRUTEIRA DE CRISTINO PIMENTEL: BOEMIA E BOEMIA LITERÁRIA	65
1.3.3. DO “CALDO DE CANA DO HORTÊNSIO” AO CENTRO CAMPINENSE DE CULTURA: JUVENTUDE E IDEOLOGIA	76
1.3.4. DA ACADEMIA DAS ESQUINAS À ACADEMIA DO SIMPLES: (IN)FORMALIDADE E VIDA NOTURNA	85
1.3.5. CLUBE LITERÁRIO DE CAMPINA GRANDE: LEGITIMAÇÕES E CONFLITOS	91
1.4. DAS TENTATIVAS DE CONSOLIDAÇÃO DOS CÍRCULOS INTELECTUAIS CAMPINENSES: PANORAMA DAS REDES DE SOCIABILIDADES	99

CAPÍTULO 2:		102
A PALAVRA IMPRESSA (I): LIVRARIAS, BIBLIOTECAS E LIVROS		
2.1.	CIDADE E CULTURA IMPRESSA: A TRADIÇÃO INTELLECTUAL DOS LETRADOS CAMPINENSES	103
2.2.	AS FORMAS E OS LUGARES DE CIRCULAÇÃO DO LIVRO: LIVRARIAS E BIBLIOTECAS	105
2.2.1.	LIVRARIAS: DA IMPRESSÃO AO COMÉRCIO	106
2.2.2.	BIBLIOTECAS: ASSOCIAÇÕES E POLÍTICAS MUNICIPAIS	118
2.3.	OS ESCRITORES DA CIDADE: UMA CARTOGRAFIA DE AUTORES E TÍTULOS	124
2.3.1	OS POETAS: ABUNDÂNCIA NÚMERICA E LÍRISMO CONSTANTE	134
2.3.2.	OS PROSADORES: LITERATURA E MUNDO SOCIAL	148

CAPÍTULO 3:		164
A PALAVRA IMPRESSA (II): JORNAIS, REVISTAS E OUTROS SUPORTES IMPRESSOS		
3.1.	AS FOLHAS DA CIDADE: DO “CORREIO DE CAMPINA” À “REVISTA ARIUS”	165
3.1.1	OS JORNAIS: DIVERSIFICAÇÃO E SEGMENTAÇÃO DOS IMPRESSOS	166
3.1.2.	AS REVISTAS: HORIZONTES DE POUCAS EXPERIMENTAÇÕES	186
3.2	ALMANAQUES, ANUÁRIOS E ÁLBUNS INDUSTRIAIS E COMÉRCIAIS: OUTROS CAMINHOS DA CULTURA IMPRESSA CAMPINENSE	192
3.3.	A CULTURA DO IMPRESSO: UMA REALIDADE PROBLEMÁTICA	200

CAPÍTULO 4:		203
A MODERNIDADE DAS LETRAS: REPERCUSSÕES MODERNISTAS		
4.1.	CAMPINA GRANDE E OS INTELLECTUAIS (ANTI)MODERNISTAS	204
4.2.	MODERNO, MODERNIDADE E MODERNISMO: “PROVINCIANISMO COSMOPOLITA” DE CAMPINA GRANDE	208
4.3.	PISTAS DE UMA MODERNIDADE: “OS JORNAIS DE FESTAS” ENTRE O HUMOR ESCRITO E O HUMOR GRÁFICO	211
4.3.1.	“OS INTELLECTUAIS HUMORISTAS”: CAMPINA GRANDE E OS SEUS “JORNAIS DE FESTAS”	212
4.3.2.	ESTES INTENSOS ANOS 30: OS JORNAIS “FAGULHA” E “VITRINE” NAS TRAMAS DO MODERNISMO	217
4.4.	A VANGUARDA CULTURAL CAMPINENSE: UM MOVIMENTO ISOLADO?	227
4.4.1.	TENTATIVAS DE RENOVAÇÃO CULTURAL: O JORNAL “A FLÂMULA” E A JUVENTUDE MODERNISTA	234
4.4.2.	O MODERNISMO EM CAMPINA GRANDE: ENTRE ADESÕES E RESISTÊNCIAS	246
CONSIDERAÇÕES FINAIS		251
REFERÊNCIAS		256
FONTES		261

INTRODUÇÃO

Na *Revista Campinense de Cultura*, divulgada em abril de 1976, o jornalista e fotógrafo Machado Bitencourt¹, publica um artigo intitulado: *Revisão crítica da atividade cultural em Campina Grande – 1950-1975*, no qual procura historicizar o que considera as práticas culturais mais significativas nas áreas do teatro, do cinema, da música, da literatura e das artes plásticas neste município.²

Logo no início do texto, Machado Bitencourt pretende mergulhar sociologicamente nos antecedentes do período delimitado, realizando uma leitura histórica da formação urbana de Campina Grande, salientando a chamada “*vocação econômica do município*”, que se manifesta, segundo o jornalista, já na época de sua formação enquanto vila durante o período colonial (como ponto de parada obrigatória dos tropeiros que vinham do sertão em direção ao litoral) à chegada do trem em 1907, até o auge da exportação de algodão entre as décadas de 1920 a 1940. Segundo o autor, durante todo este período de significativo crescimento econômico e urbanístico, “não se identificava uma proposta de contribuição intelectual”³, para a primeira metade do século XX na cidade de Campina Grande:

Não há, infelizmente como identificar um esboço vigoroso de vocação cultural-humanístico. Essa atividade é amargamente menor. Não se diga que as manifestações culturais eram inexistentes. A cidade teve seus poetas, seus jornalistas, seus ensaístas e tribunos. Mas a atividade desenvolvida por aqueles emergia e submergia em superfícies limitadas, sem o alcance de um fenômeno cultural.⁴

Compreendemos que a afirmação tem sua coerência e veracidade, sendo constituída a partir do pressuposto de que antes de 1950, - Campina Grande não poderia ser identificada como uma cidade de “*vocação para atividade cultural*”. Isso se deve, de acordo com o autor, à marcante aptidão comercial da cidade, no qual a comunidade estaria muito mais preocupada e envolvida em obter lucros (através do comércio e da

¹ Jureni Machado Bitencourt (1942-1999) Jornalista, fotógrafo, cineasta e professor piauiense radicado em Campina Grande, Paraíba. Produziu dezenas de fotografias e filmes (em especial em 16 mm), sendo um artista extremante preocupado com a história e a memória de Campina Grande. Alguns dos seus filmes dedicados à cidade: “*Crônicas de Campina Grande*” (1975), “*Campina Grande, da prensa de algodão a prensa de Gutenberg*” (1975).

² BITENCOURT, Jureni Machado. *Revisão crítica da atividade cultural em Campina Grande – 1950-1975*. *Revista Campinense de Cultura*. Campina Grande, nº 9, Abril de 1976, p. 38-62.

³ Idem, p.39.

⁴ Ibidem.

indústria), do que produzir bens simbólicos e formular artefatos estéticos. O quadro inviabilizaria, portanto, uma colaboração significativa no campo artístico e literário local.

As declarações contidas no artigo de Machado Bitencourt estão em sintonia com um conjunto de afirmações produzidas por diversos intelectuais campinenses, publicados nas primeiras cinco décadas do século XX, sendo, portanto confirmadas em diversas dimensões ao longo desta dissertação, como perceberemos através dos quatro capítulos que a constituem. Um exemplo que podemos citar de início é a reflexão do jornalista José Leite Sobrinho⁵, no início da década de 1950, sobre a realidade literária de Campina Grande:

Em todos os setores de sua vida, Campina Grande vive intensamente. Só a literatura é que se arrasta com dificuldade, sempre impulsionada por meia dúzia de esforçados. Isto, não é novidade, pois vêm de há muitos anos, quando – “um fardo de algodão valia mais que uma dúzia de intelectuais”.⁶

Desta forma, como poderemos observar, são notórias, alusões quanto à ausência de uma produção artística e literária contínua e intensa no contexto das primeiras décadas do século passado. Todavia, mesmo com esta realidade desfavorável em vários aspectos foi possível evidenciarmos a partir do arquivo de fontes que conseguimos reunir e problematizar (entre periódicos, poemas, crônicas, fotografias, caricaturas, etc.) sobre o período, atividades literárias de Campina Grande empreendidas na primeira metade do século XX.

A partir de uma investigação que privilegiou inicialmente os círculos intelectuais existentes na cidade, que iam desde “academias de letras” até cafés e bares espalhados pelas principais ruas da urbe, analisamos a produção literária e jornalística dos letrados campinenses. Compreenderemos também os usos realizados por eles da imprensa, dos lugares de difusão do livro, bem como entendendo como se deu a repercussão do modernismo, demonstrando o universo das experiências culturais, no que se refere às sociabilidades intelectuais, durante a primeira metade do século XX em Campina Grande.

Diferentemente das cidades como Rio de Janeiro, São Paulo e Recife, principais centros econômicos e culturais do Brasil na primeira metade do século XX, Campina

⁵ José Leite Sobrinho (1918-?) foi um jornalista campinense bastante atuante entre as décadas de 1940 a 1960. Como Maçom dedicou-se principalmente em estudar a História da Maçonaria na cidade de Campina Grande e na Paraíba. Colaborou em diversos jornais e revistas, além de participar efetivamente dos círculos intelectuais da cidade, como o *Clube Literário de Campina Grande*.

⁶ SOBRINHO, José Leite. Notas sobre Clube Literário. *O Momento*, Ano I, nº1, 17 de Setembro de 1950, p.2.

Grande não chegou a tornar-se um importante e movimentado centro cultural de sua região. Suas dimensões menores, sejam territoriais, sejam de influência cultural, permitiram uma experiência diferenciada, marcada por uma intensa movimentação econômica e isoladas práticas culturais ligadas à literatura, como poderemos perceber. Entretanto, almejamos evidenciar, através das fontes históricas por nós sistematizadas que, mesmo com um ritmo diferenciado dos grandes centros urbanos, a cidade não foi apenas um respeitável centro comercial neste mesmo período. Visto que diante do crescimento possibilitado pelas atividades econômicas, que permitiram variadas conquistas materiais, também houve a conquista de bens simbólicos, advindos dos padrões estéticos dos centros culturais da época, como Paris, Rio de Janeiro e Recife, que possibilitaram “uma movimentação” e um consumo de idéias, valores e práticas culturais considerados modernos e/ou modernistas no âmbito intelectual.

As décadas de 1910-1950 foram um período em que surgiram os vetores de transformação da cidade, marcando-a profundamente e colocando o município como o mais importante centro econômico e político do planalto da Borborema, - quer a considerem sob o ponto de vista urbanístico, das disputas sociais, ou do auge econômico do comércio do algodão⁷. Pretendemos, ao longo desta narrativa, demonstrar outros aspectos neste mesmo período, sob o ponto de vista artístico-cultural, em especial no que se refere à produção literária local, diante das transformações que Campina Grande experimentou no intervalo destas quatro décadas.

Desta forma, o objetivo desta dissertação foi investigar inicialmente o processo de constituição dos círculos intelectuais na cidade de Campina Grande, entre os anos de 1913 e 1953, compreendendo como se deu a formação de uma cultura impressa e a repercussão de uma literatura modernista no município, a partir da análise das práticas culturais e das representações sociais empreendidas pelos letrados em seus principais lugares de sociabilidades, entre bares, cafés, academias e gabinetes de leitura, e de lugares de atuação intelectual, como jornais e revistas.

Sendo assim, nossa pesquisa se insere no campo historiográfico da história dos intelectuais ou da história cultural dos intelectuais⁸, salientando três diferentes aspectos

⁷ SOUSA, Fábio Gutemberg Ramos Bezerra de. *Cartografias e Imagens da Cidade: Campina Grande – 1920-1945*. Tese de Doutorado em História. Campinas, SP: UNICAMP, 2001, p.223.

⁸ ALTAMIRANO, Carlos. Idéias para um programa de história intelectual. Tradução: Noberto Guarinello. *Revista Tempo Social*. São Paulo: USP, v.19, nº1, 2006, pp.9-17; DARNTON, Robert. *O Beijo de Lamourette: Mídia, Cultura e Revolução*. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, pp.175-197; ZANOTTO, Gizele. História dos intelectuais e história intelectual: contribuições da Historiografia Francesa. *Biblos*, Rio Grande, vol.22 (1), 2008, pp.31-45.

sobre a experiência de produtores e mediadores culturais ligados ao campo literário e jornalístico na cidade de Campina Grande, Paraíba, nas primeiras décadas do século XX: os círculos intelectuais, a cultura impressa (livros e periódicos) e as repercussões do modernismo.

De acordo com Helenice Rodrigues da Silva “(...) consideramos que a história Intelectual, domínio pluridisciplinar por excelência, possibilita diferentes enfoques, como o dos contextos de produção de idéias, o dos agentes socioprofissionais e o das correntes de pensamento”⁹, sendo três elucidações possíveis diante de sua abordagem: uma primeira, *a sociológica*, que enfatiza tanto uma cartografia dos intelectuais (redes de sociabilidades, modos de filiação, gerações intelectuais), como o “campo” intelectual (lógica dos lugares, dos interesses e das situações); uma segunda, *histórica*, que aborda a história política dos intelectuais, enfatizando petições, manifestos, manifestações e, por último, a vertente chamada de *hermenêutica das obras*, ou análise dos discursos intelectuais.

Neste contexto pluridisciplinar, optamos por constituir nosso próprio caminho, visto que simultaneamente realizamos uma tripla leitura dos intelectuais campinenses, compondo uma história dos círculos intelectuais, bem como evidenciando outros aspectos da intelectualidade campinense, como as formas de relação com a imprensa e a produção literária produzida na época entre os escritores locais na primeira metade do século XX.

Segundo o historiador Jean François Sirinelli a melhor maneira de constituirmos um estudo avançado e coerente sobre intelectuais, é utilizarmos a categoria intelectual conjuntamente com outras duas categorias: geração e sociabilidades, algo a que aderimos como sugestão epistemológica sempre que possível¹⁰. Defendemos desta forma uma dupla acepção do termo intelectual: uma ampla, que engloba os criadores (poetas, ficcionistas, historiadores, etc.) e mediadores culturais (jornalistas, críticos culturais); e outra, mais restrita, relacionada à noção de engajamento ligado ao campo político e ideológico. Para Rebeca Gontijo, as duas acepções não seriam excludentes. Sendo assim, a nossa

⁹ SILVA, Helenice Rodrigues da. A História intelectual em questão. In: LOPES, Marco Antonio (Org.). *Grandes Nomes da História Intelectual*. São Paulo: Contexto, 2003, p.21.

¹⁰ SIRINELLI, Jean-François. Os Intelectuais. In: REMUND, René (Org.). *Por uma História Política*. Tradução: Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.p.242

(...) proposta é pensar os intelectuais como criadores e mediadores culturais e como atores do político, relativamente engajados na vida da cidade e/ou nos locais de produção e divulgação de conhecimento e promoção de debates.¹¹

Em conformidade com a categoria “intelectual”, temos a concepção de “geração intelectual”, bastante enfatizada nos estudos sobre intelectuais, pelos efeitos da idade destes personagens. Apesar da fluidez e dos riscos do seu uso¹², compreendemos, assim como Ângela de Castro Gomes, que

(...) a noção de geração permanece ligada a ação do que se pode chamar de “eventos fundadores” ou “acontecimentos marcantes, mas não se esgota neles, na medida em que uma geração não está “datada” pela coincidência com a ocorrência de fenômenos sociais e históricos específicos, mesmo porque eles podem ser vivenciados de múltiplas maneiras. A noção de geração deve, portanto, transcender a manifestações “externas”, resultado de um trabalho de memória coletiva de grupo, que identifica sua vivência e a transmite aos seus sucessores que não compartilharam. Com esse tratamento, a nosso ver, a noção de geração incorpora tanto a idéia de um tempo “exterior” – o dos movimentos de conjuntura e eventos da história de um país, região ou grupo local – quanto de um tempo “interior”, expresso pela forma como tais acontecimentos foram experimentados por um grupo, construindo-se um sentido de união, de pertencimento.¹³

Desta maneira, entendemos que a noção de “geração” refere-se às relações entre pares, de idades e formações diferentes. Por todo esse encaminhamento, o comportamento de um grupo geracional pode ser traduzido por uma dimensão simbólica, ambas materializadas com as redes de sociabilidades entre intelectuais. Daí, a opção por iniciarmos pelo estudo das sociabilidades deste grupo social a partir do que chamamos de círculos intelectuais. A noção de geração, portanto, integra e completa-se com a noção de sociabilidade.

A categoria sociabilidade vem sendo difundida através de pesquisas produzidas em diversas áreas das ciências sociais, em especial na antropologia, na história e na sociologia. No que se refere ao campo da história, Rebeca Gontijo coloca como referência o estudioso francês Maurice Agulhon¹⁴. Para este historiador, a sociabilidade

¹¹ GONTIJO, Rebeca. História, cultura, política e sociabilidade intelectual. In: BICALHO, Maria Fernanda; SOIHET, Rachel; GOUVEIA, Maria de Fátima (Orgs.). *Culturas Políticas: ensaios de história cultural, história política e ensino de história*. Rio de Janeiro: Mauad, 2005. p. 263.

¹² A maioria das críticas sobre a categoria “geração” diz respeito à questão de uma possível homogeneidade interna utilizando-se de um critério cronológico. Todavia, pretendemos fugir de tal limitação redefinindo a categoria a partir do uso da noção de sociabilidade.

¹³ GOMES, Ângela de Castro. *História e Historiadores*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996, pp.40/41.

¹⁴ Maurice Agulhon (1926-) - Historiador francês nascido na cidade de Uzès. Foi professor do *Collège de France* de 1986 a 1997. É especialista em França dos séculos XIX e XX. Seus primeiros trabalhos tratavam da Provença e da Revolução Francesa de 1848. Posteriormente, realizou estudos sobre a

seria uma categoria descritiva, que serve para designar uma atitude geral das populações ao viver relações públicas, não implicando, necessariamente, uma ligação com as associações formalmente organizadas, como as instituições. Além disso, segundo este autor a sociabilidade teria um duplo sentido; um mais amplo, envolvendo formas mais gerais de relações sociais e um mais restrito, referindo-se às formas específicas de convivência com os pares.

Designadamente falando nos intelectuais, para Rebeca Gontijo é comum a indagação sobre a existência de uma sociabilidade específica para este grupo social¹⁵. Apropriando-se de Maurice Agulhon e Michel Trebitsch¹⁶, a autora compreende que os intelectuais cotidianamente produzem um tipo específico de sociabilidade. Ou seja, prevalece atualmente nas ciências humanas e sociais a demarcação de uma especificidade, freqüentemente observada nas análises sobre a articulação entre a organização e o funcionamento interno do meio intelectual e os modos de atuação dos seus agentes.

Portanto, as noções de intelectual, geração e sociabilidade colaboraram na composição desta nossa história dos intelectuais campinenses, na investigação da maneira como se organizavam, de como se utilizaram da imprensa e recepcionaram a literatura moderna na primeira metade do século XX. Estes aspectos se enquadram como referências importantes para pensarmos as especificidades do que chamamos de *História dos Intelectuais ou História Intelectual de Campina Grande*.

A ausência de um trabalho científico consistente sobre estes três aspectos culturais da cidade de Campina Grande até o presente momento evidencia uma carência na historiografia quanto à produção de estudos realizados sobre a formação e atuação de uma cultura letrada e impressa campinense, demonstrando assim como os intelectuais locais se encontraram inseridos na sociedade durante a primeira metade do século XX. Desta maneira, ao examinarmos estes detalhes negligenciados pela historiografia de Campina Grande até o momento, compreendemos a necessidade de apreciarmos estes

República Francesa e sobre a simbologia do poder republicano, em especial dedicou-se às questões das sociabilidades dos intelectuais franceses no mesmo período. Ver GONTIJO, Rebeca, Op.Cit. 2005.p.260.

¹⁵ GONTIJO, Rebeca, Op.Cit. 2005, p.260.

¹⁶ Michel Trebitsch (1948-2004) foi pesquisador do CNRS (*Institut d'histoire du temps présent*). Foi um dos fundadores e líder por muitos anos do Grupo de Pesquisa sobre a História dos Intelectuais. Seu último livro, publicado em co-autoria com Nicole Racine, chama-se *Du Genre en Histoire des Intellectuels*. Publicou vários livros sobre este tema, como *Pour une histoire comparée des intellectuels* e *Les Intellectuels et l'Europe de 1945 à nos jours*. Ver GONTIJO, Rebeca, Op.Cit. 2005, p.260.

pormenores, com um olhar diferenciado para as fontes já bastante utilizadas, elaborando assim novas perguntas ainda não formuladas.

Para a historiografia local, a experiência moderna quase sempre foi abordada a partir de temas já consolidados pela história cultural e social. Principalmente com reflexões sobre a percepção das conquistas materiais e simbólicas, o jogo das exclusões e resistências deste mesmo processo em abordagens sobre grupos sociais específicos, em enfoques sobre tópicos que privilegiaram dimensões sobre o trabalho, lazer, escravidão, política e disciplina.

Desta forma, os historiadores que pesquisaram a relação cultura e cidades em Campina Grande, a exemplo de Regina Coely Nascimento¹⁷, Fábio Gutemberg Sousa¹⁸, Gervácio Batista Aranha¹⁹, Antonio Clarindo de Souza²⁰, Severino Cabral Filho²¹, Giscard Farias Agra²², utilizaram-se de obras de diversos intelectuais locais, a exemplo de Cristino Pimentel, Hortênsio de Sousa Ribeiro e Epaminondas Câmara, em teses, dissertações, artigos e ensaios, priorizando na maioria das vezes, a respeito de outros problemas e objetos, os escritos destes autores enquanto fontes, não problematizando de forma consistente as condições que possibilitaram as suas obras, bem como os lugares sociais em que tais escritores se localizaram no campo de produção cultural local. A exceção que podemos perceber foi o artigo de Fábio Gutemberg Sousa, que investigou a trajetória intelectual do cronista campinense Cristino Pimentel e sua relação com as mudanças na cidade de Campina Grande entre os anos 1930-1960.²³

No que se refere às fontes históricas que foram utilizadas ao longo desta dissertação, realizamos um entrecruzamento das mesmas, empregando tanto *fontes escritas*, como jornais, revistas, almanaques, anuários, coletâneas de crônicas, poemas, autobiografias, memórias, documentos oficiais, como *fontes iconográficas* (fotografias e

¹⁷ NASCIMENTO, Regina Coeli. *Disciplina e Espaços: construindo a modernidade em Campina Grande no início do século XX*. Dissertação em História. Recife: UFPE, 1997.

¹⁸ SOUSA, Fabio Gutemberg R. B. de, Op.Cit. 2001.

¹⁹ ARANHA, Gervácio Batista. *Trem e Imaginário na Paraíba e Região: Tramas Político-econômicas (1880-1925)*. Campina Grande, EDUFCEG, 2007. Apesar de não abordar especificamente a Campina Grande e sim toda a Paraíba e região, os capítulos e tópicos referentes a cidade salientam estes mesmos aspectos.

²⁰ SOUZA, Antonio Clarindo de. *Lazeres permitidos, prazeres proibidos. Sociedade, Cultura e Lazer em Campina Grande (1945-1965)*. Tese de Doutorado em História. Recife: UFPE, 2002.

²¹ CABRAL FILHO, Severino. *A Cidade através de suas imagens: uma experiência modernizante em Campina Grande (1930-1950)*. Tese de Doutorado em Sociologia. João Pessoa: UFPB, 2007.

²² AGRA, Giscard Farias. *Modernidade aos goles: a produção de uma sensibilidade moderna em Campina Grande, 1904 a 1935*. Campina Grande: EDUFCEG, 2010.

²³ SOUSA, Fabio Gutemberg R.B. de. Cristino Pimentel: Cidade e Civilização em Crônicas. In: DO Ó, Alarcón Agra et alli. *A Paraíba no Império e na República: Estudos de História Social e Cultural*. João Pessoa: Ideia, 2005, pp.133-184.

caricaturas) que consideramos importantes para a montagem de nossa narrativa no que se refere aos objetivos propostos.

A imprensa teve um lugar de destaque entre as fontes que foram analisadas, principalmente devido à atuação sistemática de vários dos membros dos círculos intelectuais na produção jornalística e, claro, por eles figurarem como responsáveis pelo conteúdo e organização dos periódicos campinenses. Segundo Tânia Regina de Luca a imprensa é uma importante fonte para compreender o processo de constituição do campo intelectual brasileiro, relacionando as implicações entre os homens de letras e a imprensa, bem como a compreensão de como se deram os movimentos de vanguarda através destes meios de difusão.²⁴

A importância da imprensa durante o período examinado pode ser exemplificada pelo número de periódicos os quais os intelectuais campinenses criaram ou nos quais trabalharam, apesar das dificuldades de se consolidar um jornalismo na cidade²⁵. Compreendemos que o periodismo foi uma espécie de ingresso no insípido mercado de trabalho intelectual brasileiro no século XX, não sendo diferente em Campina Grande.

Porém, algumas questões devem ser colocadas quanto à questão metodológica, no trato das fontes impressas, visto que

Os diversos materiais da Imprensa, jornais, revistas, almanaques, panfletos, não existem para que os historiadores e cientistas sociais façam pesquisa. Transformar um jornal ou revista em fonte histórica é uma operação de escolha e seleção feita pelo historiador e que supõe seu tratamento teórico e metodológico. Trata-se de entender a Imprensa como linguagem constitutiva do social, que detém uma historicidade e peculiaridades próprias, e requer ser trabalhada e compreendida como tal, desvendando, a cada momento, as relações imprensa /sociedade, e os movimentos de constituição e instituição do social que esta relação propõe.²⁶

E é na lógica destas peculiaridades e historicidades próprias, que devemos perceber que o jornal e a revista, além de outros veículos impressos não nasceram prontos, pois a própria configuração do que hoje entendemos como um jornal, ou uma revista, um almanaque, um anuário, são eles mesmos produtos da experimentação e da criação social e histórica.

²⁴ LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2008, pp.111-153.

²⁵ SOBRINHO, José Leite. A Imprensa em Campina Grande. In: JOFFILY, Irineu et alli. *Coletânea de Autores Campinenses*. Campina Grande: Edições da Comissão Cultural do Centenário, 1964, pp.163-166.

²⁶ CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário Cunha Peixoto. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. *Projeto História PUC-SP*, nº35, São Paulo, dezembro de 2007, p.258.

Em relação à literatura, no mesmo espírito de investigação, procuramos através de alusões em (auto)biografias, memórias, crônicas, poemas, os mesmos rastros referidos à imprensa. Cronistas, poetas, memorialistas, com seus modos de (re)presentar o mundo, traduziram em seus escritos as transformações da cidade, criando novas formas de sensibilidades e sociabilidades, construindo assim um imaginário coletivo sobre os agentes e lugares nos quais se relacionaram.

O uso de fontes imagéticas ao longo de nosso trabalho teve sua relevância pela “cristalização” de certos aspectos representativos ocorridos durante atividades realizadas nos círculos intelectuais ou representados na imprensa. Entendemos que as fotografias são espécies de “realidades gravadas”, congelamentos de gestos e de paisagens, perpetuação de um momento, da memória dos indivíduos, no cotidiano das práticas sociais, em registros de personagens e fatos, sujeitas às múltiplas interpretações, mas com significativo potencial informativo.²⁷

Entre as fontes imagéticas utilizadas nesta dissertação, há análises de como foram representados na imprensa os intelectuais (seja através de algumas fotografias ou caricaturas), bem como registros de práticas culturais captadas ao longo das décadas nos círculos intelectuais e no jornalismo. Os apontamentos iconográficos foram retirados em sua maioria dos periódicos que começavam na década de 1930 a se utilizar de imagens com mais regularidade, bem como em livros, anuários, álbuns e almanaques publicados com várias ilustrações.

Toda a investigação relacionada a esta pesquisa foi pautada a partir da noção de “operação historiográfica” de Michel de Certeau²⁸, aperfeiçoada pelo filósofo Paul Ricoeur²⁹, como a *fase documental*, quando procuramos organizar as fontes dentro de um esquema de transcrição dos testemunhos escritos produzidos pelo contato com as crônicas, matérias, notas, poemas, etc., que viabilizaram uma soma de informações sobre as experiências por nós pesquisadas. Nesta mesma fase, simultaneamente, iniciamos a *fase explicativo-compreensiva*, com a montagem dos capítulos, subtítulos, conceitos e primeiras reflexões sobre os três grandes temas envolvidos. Como fases implicadas que são, visto que “não se trata de estágios cronologicamente distintos”³⁰

²⁷ KOSSOY, Boris. *Fotografia e História*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009, pp.20-21.

²⁸ CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: *A Escrita da História*. Tradução: Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005, pp.65-119.

²⁹ RICOEUR, Pierre. *História, Memória, Esquecimento*. Tradução: Alain François. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2010.

³⁰ Idem, p.147.

tivemos a *fase representativa*, quando iniciamos de pronto, a colocação da forma escrita do discurso histórico.

Tudo isso, num caminho metodológico que buscou em procedimentos de análises a partir do entrecruzamento das fontes, procurando (re)constituir diante de materiais de arquivo, as marcas deixadas pelos sujeitos envolvidos (os intelectuais campinenses), sejam como produtores ou mediadores culturais. Marcas estas compreendidas enquanto testemunhas de uma época, num “percurso de sentidos”, que enfatizamos nos três eixos da investigação: 1) uma história dos círculos intelectuais; 2) uma história da cultura impressa (livros e periódicos) e 3) uma história do modernismo, em Campina Grande.

No contato com uma gama ampla de registros sobre estes três aspectos da História Intelectual de Campina Grande, percebemos em Paul Ricouer alguns significativos caminhos metodológicos. Visto que para o autor de *Tempo e Narrativa* é necessário para o historiador, além da erudição, técnicas mais eficientes de análise, pautadas na contestação e no confronto. Neste sentido, o filósofo francês percebe, à semelhança do historiador Carlo Ginzburg³¹, analogias na atitude do historiador à figura de um investigador:

A disparidade dos materiais que povoam os arquivos é de fato imensa. Seu domínio reclama técnicas eruditas, ou mesmo a prática de disciplinas auxiliares precisas e a consulta de guias diversos para reunir os documentos necessários à investigação. O historiador profissional é aquele que tem sempre em mente a pergunta: “Como posso saber o que vou dizer-lhes” (...). Essa disposição de espírito define a história como “investigação”, segundo a etimologia grega da palavra.³²

Nesta incursão múltipla sobre a história intelectual, entendemos que em Campina Grande, principalmente a partir da chegada do trem em 1907, houve a intensificação da aquisição por parte de uma elite político-econômica, de equipamentos considerados modernos, como o sistema telefônico, a adoção de equipamentos de higiene e/ou conforto (como os sistemas de água encanada, esgotos e iluminação pública, etc.), dentre outros. Conquistas estas que passaram ao imaginário social da população da região como “signos do moderno”³³. Neste contexto, todavia, numa dimensão mais próxima do simbólico, livros, jornais e revistas passaram a circular de maneira intensa

³¹ GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: *Mitos, Emblemas, sinais*. Tradução: Frederico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, pp.143-179.

³² RICOUER, Pierre. Op.Cit.2010. p.181.

³³ ARANHA, Gervácio Batista. Seduções do moderno na Parahyba do Norte: trem de ferro, luz elétrica e outras conquistas materiais e simbólicas (1880-1925). In: DO Ó, Alarcón Agra do et alli. *A Parahyba no Império e na República. Estudos de História Social e Cultural*. 2º Edição. João Pessoa: Ideia, 2005, p.79.

nos mais diversos lugares de sociabilidade, entre eles, os clubes, os gabinetes, as bibliotecas e as academias literárias que foram surgindo ao longo da primeira metade do século XX na cidade ³⁴. Ambientes estes que se notabilizaram por debates entre intelectuais ansiosos por socializarem novas ideias, valores e práticas culturais em predominância na época, a exemplo da cultura francesa, dominante no campo das idéias literárias, políticas e filosóficas no Brasil. ³⁵

São justamente estes lugares de sociabilidade intelectuais que investigamos inicialmente nesta dissertação, que foram sendo formados ao longo de gerações e que chamamos de *círculos intelectuais*. Lugares oportunizados pela circulação de textos impressos (como livros, jornais, revistas, anuários e almanaques) e pela mobilização de práticas literárias (como *meetings*³⁶, *tertúlias*³⁷ e *conferências literárias*).

Podemos compreender círculos intelectuais como lugares de sociabilidades freqüentados por produtores e mediadores culturais (incluindo-se escritores, jornalistas, historiadores, etc.), no qual o compartilhamento de idéias, atividades e valores asseguram um pertencimento, uma relação de amizade, geralmente envolvida dentro de um processo de produção, divulgação, discussão e consumo de múltiplos conhecimentos ligados ao livro, à leitura e à literatura ³⁸. Dialogando com outros referenciais, percebemos que a categoria se aproxima da noção de sociabilidade intelectual, na qual todos os grupos de intelectuais organizam-se a partir de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades, que alimentam o desejo e o gosto de conviver, alertando para o fato de que como toda “microsociedade” a atração, a amizade e o afeto, assim como a hostilidade, a rivalidade e o rancor desempenham um papel importante no mundo intelectual. ³⁹

Em Campina Grande funcionaram entre os anos de 1913 e 1953 o *Gabinete de Leitura 7 de Setembro*, o *Centro Campinense de Cultura* e o *Clube Literário de Campina Grande*, que foram entendidos ao longo deste trabalho como *círculos intelectuais formais*, justamente pelo caráter de instituição cultural que carregaram

³⁴ CÂMARA, Epaminondas. *Datas Campinenses*. 2ª edição. Campina Grande: Edições Caravelas, 1998, pp.89-90.

³⁵ ROUANET, Sérgio. Este século tem dois anos a propósito do bicentenário de Victor Hugo. *Revista Brasileira*. Fase VII, Outubro/Novembro/Dezembro, 2002, Ano IX, nº. 33, p.17.

³⁶ Nome de origem inglesa dado muitas vezes as sessões literárias.

³⁷ Reunião recorrente de amigos e parentes em um determinado lugar.

³⁸ Heloisa Pontes procura perceber a noção de círculos intelectuais enquanto um “lugar” não necessariamente espacial, mas sim como grupos de intelectuais em que idéias, atividades e valores são partilhados, assegurando desta forma uma amizade. Ver PONTES, Heloisa. Círculos intelectuais e experiência social. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo: ANPOCS, vol.12, nº34, 1997.

³⁹ GONTIJO, Rebeca, Op. Cit, 2005. p. 261; SIRINELLI, Jean-François, Op. Cit. 2003.p.250.

(constituídos por regras entre os membros, expressas por estatutos e códigos, patronos e associados).

Com características distintas temos o que nomeamos de *círculos intelectuais informais*, que atuavam em Campina Grande no mesmo período, a exemplo da “*Fruteira de Cristino Pimentel*”, “*O Caldo de Cana do Hortênsio*” e a “*Academia das Esquinas*”, entre outros círculos que funcionaram em sua maioria em estabelecimentos como cafés e bares. Estes ambientes possuíram certa “naturalidade” no âmbito das sociabilidades, não havendo regras rígidas, nem convenções escritas entre os membros, tendo entre os freqüentadores boêmios, com hábitos de consumirem bebidas alcoólicas, sempre regadas a bate-papos e declamações de poemas.⁴⁰

Nesses diferentes círculos intelectuais, que iam desde academias a bares, nomes como Mauro Luna (1897-1943), Euclides Vilar (1896-1953), Anésio Leão (1900-1971), Hortênsio de Sousa Ribeiro (1885-1961), Epaminondas Câmara (1900-1958), Zé da Luz (1904-1965), Cristino Pimentel (1897-1971), José Pedrosa (1914-1994), Epitácio Soares (1915-1988) e tantos outros escritores, jornalistas, professores, políticos, funcionários públicos (muitos deles boêmios), tornaram-se agentes simbólicos de lutas de representações relacionada a concepções literárias, estéticas e políticas em evidência na primeira metade do século XX no Brasil e no mundo.

Tais reflexões que envolveram os lugares de sociabilidades intelectuais fazem parte do nosso primeiro capítulo, intitulado: *Sociabilidades urbanas e cultura letrada: a formação dos círculos intelectuais*, no qual identificamos como se deu o desenvolvimento dos principais círculos intelectuais na cidade de Campina Grande na primeira metade do século XX, no contexto das transformações urbanas ocorridas no município durante o período de 1913 a 1953 a partir do âmbito das sociabilidades.

Nossa proposta de produção da história dos círculos intelectuais campinenses privilegiou os lugares de sociabilidades das elites para depois focalizarmos os círculos intelectuais, a partir do conjunto de práticas culturais dos letrados locais relacionadas à literatura, numa compreensão sobre quais foram as idéias, as atividades e os valores compartilhados que asseguraram as suas respectivas formações coletivas.

Em consonância com as sociabilidades intelectuais da época, empreendemos no segundo capítulo intitulado *A palavra impressa (I): livrarias, bibliotecas e livros*, uma

⁴⁰ PIMENTEL, Cristino. *Abrindo o Livro do Passado*. 2ª edição. Campina Grande: EDUFCEG, 2011; DINOÁ, Ronaldo. *Memórias de Campina Grande*. Volume I. João Pessoa: A União, 1993; CÂMARA, Epaminondas, Op. Cit. 1998.

abordagem sobre a história da comunicação impressa na cidade de Campina Grande, desenvolvendo um estudo sobre os meios de circulação do livro, notadamente as principais livrarias e bibliotecas em atuação no município. Enfocamos em seqüência as publicações em formatos de livros, cartografando as obras e os autores campinenses lançados no período, no que se refere às regras e às normas de difusão destes escritos.

Investigamos, ainda numa mesma lógica, o periodismo em Campina Grande, no terceiro capítulo: *A palavra impressa (II): jornais, revistas e outros suportes impressos*, analisando a trajetória e o universo dos periódicos, como jornais, revistas, almanaques e anuários, que foram sendo publicados dentro de nossa delimitação temporal, compondo desta maneira o que chamamos de *uma cultura impressa ou uma cultura do impresso na cidade*.

Dezenas de intelectuais procuraram, cada qual à sua maneira, produzir a história da imprensa de Campina Grande. De imediato, tivemos os jornalistas José Leite Sobrinho⁴¹ e Hortênsio de Sousa Ribeiro⁴², que por meio da publicação de pequenas notas em forma de crônicas na própria imprensa, procuraram listar os nomes dos periódicos, inserindo eles cada qual em seus anos de publicação. Quase na mesma lógica, tivemos Epaminondas Câmara⁴³, que em suas *Datas Campinenses* elencou um número significativo de jornais e revistas que chegaram a circular em Campina até o ano de 1947, data de publicação da primeira edição do livro. Os três desenvolveram suas listas de periódicos sem muitos critérios e métodos rigorosos de catalogação, articulando os dados a partir de pressupostos eminentemente pessoais. Na mesma linha de Epaminondas Câmara, tivemos Lino Gomes Filho, na sua obra póstuma, intitulada *Síntese histórica de Campina Grande – 1670-1963*, publicada em 2005⁴⁴. Além disso, não podemos esquecer os livros clássicos de José Leal⁴⁵ e Fátima Araújo⁴⁶, historiadores do jornalismo paraibano, que dedicaram tópicos especiais à imprensa de Campina Grande. Destaque para a última autora que, mesmo precária em vários aspectos conseguiu de maneira mais completa perceber a história dos impressos campinenses até a década de 1980, identificando algumas das características ideológicas de cada um dos jornais, revistas, almanaques e anuários publicados em Campina Grande.

⁴¹ SOBRINHO, José Leite. Op. Cit. 1964, pp. 163-166.

⁴² RIBEIRO, Hortênsio de Sousa. *Vultos e Fatos*. João Pessoa: A União, 1979, pp.191-196.

⁴³ CÂMARA, Epaminondas, Op. Cit. 1998.

⁴⁴ GOMES FILHO, Lino. *Síntese Histórica de Campina Grande – 1670-1963*. Campina Grande: Grafset, 2005.

⁴⁵ LEAL, José. *A Imprensa na Paraíba*. João Pessoa: A União, 1962.

⁴⁶ ARAÚJO, Fátima. *Paraíba: Imprensa e Vida*. Campina Grande: Grafset, 1986.

Mais próximo da relação entre imprensa e literatura, Antonio Soares também empreendeu um histórico do jornalismo campinense. Contudo, mais preocupado em articular como a produção literária foi sendo difundida através de jornais, revistas, almanaques, anuários, coletâneas e antologias. Por outro lado, sua pesquisa assemelha-se às já citadas acima, com poucos recursos metodológicos. Mais do que investigar os impressos, sua avaliação simplifica terrivelmente ao pensar a listagem e os anos dos periódicos campinenses.⁴⁷

O certo é que a historiografia da imprensa campinense ainda não ganhou um estudo mais amplo sobre o tema, seja por parte dos historiadores “diletaentes”, seja por parte dos historiadores acadêmicos⁴⁸. Desta forma, como proposta, empreendemos neste terceiro capítulo uma incursão sobre a história do periodismo em Campina Grande numa lógica da cultura impressa da cidade, destacando não apenas os jornais e as revistas publicadas entre 1913 e 1953, mas outros suportes impressos, como anuários, almanaques e álbuns industriais e comerciais.

Roger Chartier, embasado no inglês Adrian Johns, percebe que a cultura impressa ou uma história cultural do impresso “permite entender como em diferentes momentos, diferentes lugares e para diferentes comunidades o impresso ou a imprensa foram percebidos”⁴⁹. Desta forma, compreendemos por cultura impressa o conjunto de impressos produzidos e consumidos num determinado tempo e espaço, salientando as trajetórias dos livros, jornais, folhetos que se sobressaíram enquanto artefatos de comunicação.

⁴⁷ O livro *História Literária de Campina Grande*, de Antonio Soares, apesar do título pomposo não pretende realizar uma história literária do município, mas sim, segundo o autor “pretender ser uma apresentação de obras antigas, que dá informações para o historiador da literatura campinense” (p.5). Publicado inicialmente nos anos de 1985 e 1986 nas páginas do Jornal *Diário da Borborema*, a obra é caracterizada pela forma didática e linear de abordagem, priorizando anuários, almanaques, revistas e coletâneas publicadas ao longo do século XX em Campina Grande. Não traz nenhum aprofundamento, e muitas vezes peca pelo pouco cuidado na organização das informações. Por outro lado, o livro acaba por se tornar, graças ao seu ineditismo, em uma obra de consulta imprescindível, para a elaboração de qualquer trabalho histórico-literário de Campina Grande. Ver SOARES, Antonio. *História Literária de Campina Grande: subsídios e informações*. Campina Grande: Edições Caravela, 2004.

⁴⁸ Sabemos da existência de projetos com este intuito anteriormente, da parte dos intelectuais-cronistas como Cristino Pimentel e Eptácio Soares. O primeiro previa publicar um livro chamado: “A Imprensa campinense através dos tempos”, uma história da imprensa em Campina Grande até o ano de 1963. Ver: Cristino Pimentel: vida e obra. In: PIMENTEL, Cristino. Op. Cit. 2011, p. 160. Já o jornalista Eptácio Soares publicou entre os anos de 1978 e 1979, fascículos sobre a história dos jornais campinenses, no *Diário de Borborema*. Mas, com características semelhantes aos já citados aqui, descrições dos jornais e revistas, adicionados aos nomes de jornalistas e épocas de atuação.

⁴⁹ CHARTIER, Roger. Da História da Cultura Impressa a História Cultural do Impresso. *Diálogos Midiológicos* 11. Tradução de Sylvie Delacours. Disponível em: <http://revcom2.portcom.intercom.org.br/index.php/rbcc/article/view/892/674>. Acessado em 13 de Dezembro de 2011, pp.85/86.

Para André Belo, a denominação história do livro já daria conta do que entendemos como cultura impressa ou cultura do impresso, visto que a história do livro abrange toda a história da comunicação escrita, incluindo a criação, a disseminação, os usos dos manuscritos e do impresso em qualquer suporte, incluindo livros, jornais, periódicos, manuscritos e outros objetos impressos⁵⁰. Entretanto, percebemos que esta visão ampla implicaria em uma verticalização das nossas incursões sobre a cultura impressa campinense. Desta forma, diante do volume de impressos que circularam na cidade de Campina Grande, entre livros, jornais, folhetos, revistas, almanaques, priorizamos os materiais impressos produzidos na própria cidade pelos intelectuais campinenses, ou, em determinados casos, os livros publicados por autores campinenses em outras regiões do país.

Sendo assim, enveredando pela trajetória dos “lugares de atuação” no que se refere ao periodismo e à produção literária, produzimos, no segundo e terceiro capítulos, uma simultânea história do livro e da imprensa, relatando e investigando a trajetória dos periódicos produzidos em Campina Grande, construindo um perfil temático, gráfico, ideológico e cultural destes jornais e revistas. Identificamos também as relações entre o jornalismo impresso e a produção literária, ampliando análise de outros suportes materiais de difusão de conhecimento, como almanaques, anuários e álbuns, bastante difundidos nos círculos intelectuais da época.

Num quarto e último capítulo, chamado: *A modernidade das letras: repercussões modernistas*, analisamos como foi repercutida a literatura moderna entre os intelectuais na cidade de Campina Grande na primeira metade do século XX, em especial a partir da década de 1920. Procuramos assim estudar as práticas literárias dos intelectuais campinenses na imprensa, historicizando as transformações nas formas de produções literárias entre os escritores, percebendo “as adesões” e “as resistências” da literatura moderna, principalmente no gênero poesia, visto que não identificamos experiências ficcionais significativas entre os escritores locais.

No que se refere à experiência modernista, entre o final do século XIX e o início do século XX, o mundo ocidental foi palco de significativas transformações estéticas, trazendo assim a imersão de uma “nova arte”, que possibilitou mudanças nas sensibilidades e numa brusca ruptura com toda uma tradição. Desta maneira, o modernismo acolheu o conjunto de transformações ligadas ao campo das artes entre a

⁵⁰ BELO, André. *História & Livro e Leitura*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, p.37.

década de 1870 e o início da Segunda Guerra, envolvendo toda a Europa, América Latina e os Estados Unidos.⁵¹

Presenciando uma crise cultural, o movimento modernista criou linguagens e expressões artísticas que buscavam entender “o caos social” decorrente de uma mudança radical de referências e padrões civilizatórios. A crise afetava, sobretudo, a autoconfiguração dos intelectuais e dos artistas. Para Malcolm Bradbury e James MacFarlane o modernismo foi à única arte que respondeu “à trama do nosso caos, tornando-se assim, a arte da modernização – por mais absoluta que possa ser a separação entre o artista e a sociedade, por mais oblíqua que possa ser seu gosto artístico”.⁵²

Centrada no eixo Europa/Estados Unidos, o modernismo mostrou-se surpreendentemente diverso, dependendo de onde situamos seu centro, em que capital ou cidade do interior, se fez. No caso específico do Brasil, para boa parte da historiografia, o movimento modernista chegou às primeiras décadas do século XX, transformando significativamente as artes nacionais, tendo como paradigma a *Semana de Arte Moderna*, ocorrida no ano de 1922⁵³. Por outro lado, outros autores procuraram minimizar a amplitude deste acontecimento paulistano, visto como caráter inaugural e um verdadeiro divisor de águas na história literária local, percebendo que alguns traços modernistas já existiam anteriormente aos movimentos vanguardistas da década de 1920.

Assim sendo, à semelhança de Monica Pimenta Velloso, entendemos a Semana de Arte Moderna de 1922 como “um momento de confluência de ideias que vinham sendo esboçadas na dinâmica social”⁵⁴, sendo um resultado de um pensar filosófico já inscrito na tradição cultural brasileira e que estaria presente desde o início do século XX, através, por exemplo, dos escritos de Graça Aranha. Portanto, mesmo antes do caráter inaugural do movimento modernista paulistano existiriam valores inovadores nas artes brasileiras, que estavam em sintonia com a arte moderna universal.⁵⁵

Alguns destes valores inovadores que podemos citar como exemplo foram os traços de humor característicos de vários periódicos nas primeiras décadas do século passado aqui no Brasil. No caso de Campina Grande identificamos estes traços, mesmo

⁵¹ BRADBURY, Malcolm; MCFARLANE, James (Orgs.). *Modernismo: Guia Geral*. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p.19.

⁵² Idem.

⁵³ VELLOSO, Monica Pimenta. *História & Modernismo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p.22.

⁵⁴ Idem.

⁵⁵ Ibidem.

que de maneira ainda tímida, em alguns jornais, principalmente os chamados “jornais de festas”, demarcados pela sátira, humor e ironia, sendo alguns caracterizados por aspectos visuais inovadores, como o uso de caricaturas e charges.

Ao longo das décadas de 1920 e 1930, em diversos estados brasileiros, o modernismo se fez presente, tendo repercussões inclusive em diversas cidades de estados nordestinos, a exemplo de Recife (Pernambuco), Maceió (Alagoas), Natal (Rio Grande do Norte), Salvador (Bahia) e Cidade da Parahyba (Paraíba), esta última através da revista *Era Nova*, ainda na década de 1920.⁵⁶

Entendemos que, assim como a capital da Paraíba, Campina Grande fez parte deste movimento cultural, repercutindo determinadas tendências na trajetória de mudanças literárias ocorridas no país, com a formação de grupos literários e a publicações de periódicos, que evidenciaram a literatura moderna na cidade, mesmo que de maneira tímida e isolada, como perceberemos ao longo do quarto capítulo.

Com isso, foi necessária a compreensão do processo de instauração do modernismo em Campina Grande, percorrendo outros caminhos que não necessariamente sejam os passos do movimento modernista paulistano, na tentativa de perceber as idéias e os valores da modernidade que foram sendo vivenciados, sentidos e postos em prática pelos intelectuais campinenses a partir, principalmente, da década de 1930.

Nesta lógica, compreendemos como repercussão os usos ou consumos de idéias e valores em evidência num sentido estético, procurando, desta forma, problematizar, através de quais maneiras os intelectuais de Campina Grande, a partir da década de 1920, expressaram suas opiniões e construíram suas “adesões e resistências” à chamada arte moderna, em seus escritos, seja por meio de livros ou publicações em periódicos, bem como os intelectuais foram recepcionando algumas marcas de modernismo no que se refere ao humor, em determinados suportes impressos (textos e caricaturas).

Portanto, estas são as diretrizes de onde partiram os direcionamentos da pesquisa que buscamos realizar. Em outras palavras, a partir destas incursões, apreendidas no universo de “vestígios do passado”, permitimos arquitetar, entre explicações e compreensões, contestações e confrontos, uma dissertação pautada sobre um novo olhar

⁵⁶ AZEVEDO, Neroaldo Pontes de. *Modernismo e Regionalismo: Os anos 20 em Pernambuco*. João Pessoa: UFPB; Recife: UFPE, 1996; ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. *Uma Introdução ao estudo do Modernismo no Rio Grande do Norte*. Dissertação de Mestrado em Letras. Campinas, SP: UNICAMP, 1991; FERREIRA, Monalisa Valente. *Luva de brocado e chita: Modernismo Baiano na revista A Luva*. Dissertação de Mestrado em Letras. Campinas, SP: UNICAMP, 2004.

da experiência moderna em Campina Grande, dentro de um “domínio da cultura” como conjunto de valores construídos, socializados, legitimados e operacionalizados a partir de um grupo específico – os intelectuais – em Campina Grande, entre os anos de 1913 e 1953.

Capítulo 1:

SOCIABILIDADES URBANAS E CULTURA LETRADA: A FORMAÇÃO DOS CÍRCULOS INTELECTUAIS

1.1. CAMPINA GRANDE E A EXPERIÊNCIA MODERNA: DA EXALTAÇÃO AO PROGRESSO, AO DESAMOR “ÀS COISAS DO ESPÍRITO”

Bom é o Progresso, boa é a civilização. Estúpida é a ignorância, que não vê a necessidade da mudança das coisas. A mudança das coisas modifica as naturezas e traz melhora para a humanidade. Mudar para melhor deve ser o itinerário de todo o homem de espírito. O mau não continuará de todo mau, se a sociedade o conduzir para o lado da compreensão. (...) Educar, educar, é a missão do progresso. Quem diz progresso, diz revolução.⁵⁷

A afirmação presente na crônica *Açude Novo*, publicada em 1956 na obra *Abrindo o Livro do Passado*, faz parte dos inúmeros textos produzidas por Cristino Pimentel ao longo de sua vida entre as décadas de 1930 e 1960. Observador criterioso da cidade de Campina Grande, o cerne de seu pensamento exalta palavras como “progresso”, “civilização” e “mudança”, numa contraposição do que seria a “ignorância” e a “incompreensão”. Graças à utilização de termos como estes é possível ao leitor perceber a opção por um pensamento humanista, influenciado por um iluminismo ansioso por um progresso que ao mesmo tempo viabilizasse o desenvolvimento material e intelectual.

Tal concepção de pensamento fica ainda mais clara quando Cristino Pimentel relata em outra crônica do mesmo livro, intitulada *1910*, o olhar crítico sobre o processo de modernização da cidade de Campina Grande: “(...) O progresso, como a vida humana, tem altos e baixos. Às vezes é lento, às vezes desesperado. O nosso progresso material tem sido desesperado. Parece que a nossa cidade só tem entranhas. Coisas de se lamentar, porque não é o lugar da consciência”.⁵⁸

Observador privilegiado das transformações urbanas de Campina Grande, Cristino Pimentel vivenciou cotidianamente ao longo de boa parte do século XX, as mudanças nos cenários do município (em suas ruas, praças, casas, estabelecimentos comerciais, etc.), a chegada de múltiplos artefatos modernos (como carros, telégrafos, telefones, etc.), como também mutações nos hábitos e costumes dos moradores da cidade paraibana. Todas estas implicações nas várias esferas do mundo social tiveram como consequência a transformação de Campina em uma das mais importantes cidades do interior do Brasil.

⁵⁷ PIMENTEL, Cristino. Op. Cit. 2011, p.30.

⁵⁸ Idem, p.142.

Para Cristino Pimentel estas mudanças colocariam a cidade em sintonia com a modernidade, e, portanto com a civilização. Era necessário adaptar as ruas, as casas, as praças, os hábitos e os costumes, ao “novo mundo” que se formava. Aliás, para boa parte dos intelectuais e políticos do início do século XX no Brasil (membros da elite econômica e intelectual), só a mudança nos cenários e hábitos possibilitariam a inclusão dos municípios brasileiros ao mundo moderno. Só a superação da influência colonial portuguesa (considerada atrasada), permitiria às cidades brasileiras experimentarem as mesmas transformações ocorridas nos centros urbanos do momento: Paris e Londres, entre o século XIX e o XX.

Por outro lado, o “lugar de consciência” ou o “lado da compreensão” que faltaria ao “progresso material” da experiência moderna de Campina Grande seria na realidade o que chamaríamos da ausência de uma formulação da consciência crítica em relação às transformações ocorridas no município, caracterizado unicamente em transformar, mudar, sem um digno planejamento “mental”. Estas transformações foram intensificadas principalmente a partir das reformas urbanas ocorridas nas décadas de 1930 e 1940 durante os dois governos de Vergniaud Wanderley.⁵⁹

Desta forma, de acordo com Cristino Pimentel faltaria à população de Campina Grande um desenvolvimento ligado às letras e às artes que poderia ser produzido em sintonia com o crescimento urbano pelo qual passava a cidade, causado pelo processo de desenvolvimento material, pelas conquistas e reformas provenientes destas transformações.

O mesmo sentimento, todavia, centralizado em uma crítica fulminante e direta ao vício essencialmente econômico característico da cidade de Campina Grande, em contraposição a um desenvolvimento cultural, foi expresso pelo historiador Epaminondas Câmara, na *Revista Manaíra*, em Junho de 1951: “Considerando as tendências da sociedade contemporânea, em que prevalece um imediatismo econômico, desordenado e ambicioso, ninguém pode negar ao povo campinense, a razão do seu tão

⁵⁹ Vergniaud Wanderley (1905-1986) - Político campinense. Foi Prefeito de Campina Grande entre dezembro de 1935 e novembro de 1937 e interventor municipal de agosto de 1940 a março de 1945. Sua trajetória enquanto político é marcada pela reforma urbana ocorrida em Campina Grande principalmente na segunda gestão como prefeito, conhecida como “bota-abaixo”. Foi ainda Senador da República nos anos 1950. Para mais informações Ver: SOUSA, Fábio Gutenberg. Negócios de Estética e de Lembranças: O “Bota-Abaixo”. In: *Cartografias e Imagens da Cidade: Campina Grande – 1920-1945*. Tese de Doutorado em História. Campinas, SP: UNICAMP, 2001, p.254-278.

acentuado desamor às coisas do espírito”⁶⁰. Em outro trecho o autor de *Datas Campinenses* afirma:

Para o homem moderno a tese de gratidão de amor ao passado, de respeito à consciência alheia, ao ponto de vista alheio, a propriedade alheia, é velharia hoje chamada reacionária, é velharia dos séculos que os foram. Dinheiro, dinheiro e mais dinheiro! Eis o mais arrebatador postulado da atualidade! E é assim que pensam quase todos os habitantes desta hospitaleira cidade; e por que pensam desta maneira estão mais atualizados com os pendores da sociedade moderna do que aqueles que preconizam o primado da inteligência, da lógica e do espírito.⁶¹

E assim são os vários registros em jornais, revistas e livros de intelectuais que criticavam a ausência de uma preocupação com as atividades artísticas e culturais em Campina Grande, sempre em contraposição aos valores do crescimento econômico e comerciais vivenciados no município.

Além das queixas ao “*acentuado desamor às coisas do espírito*”, os nossos intelectuais foram mestres em noticiar e pregar os anseios pelas mudanças urbanísticas, por exaltar Campina Grande como uma “cidade do trabalho”, por exasperar um desejo de progresso material, pelas necessidades de reformas estruturais no âmbito dos cenários e das práticas culturais dos habitantes campinenses, dentro de uma lógica muitas vezes amparada no discurso higienista e sanitarista:

As tensões e apreensões vividas por letrados europeus, com particularidades, foram apreendidas por intelectuais brasileiros que, de óticas diversas, puseram na ordem do dia a necessidade de transformar nossas cidades, tornando-as higienizadas e aprazíveis para seus moradores, investidores e visitantes⁶²

Nova York, Chicago, Liverpool, Manchester, muitas foram as cidades norte-americanas e européias as quais Campina Grande foi comparada pelos seus intelectuais da primeira metade do século XX, ao presenciarem o crescimento, seja de ordem econômica, comercial, industrial, demográfica ou urbana, ocorrido principalmente entre as décadas de 1920 e 1950. Tal crescimento foi “cantado em verso e em prosa” ao longo das primeiras décadas do século XX. Um exemplo inicial que podemos trazer desta

⁶⁰ CÂMARA, Epaminondas. Advertência (conclusão). *Revista Manaíra*. Campina Grande, Ano XII, Junho de 1951, nº66, p.12.

⁶¹ Idem.

⁶² SOUSA, Fábio Gutemberg. Op. Cit, 2001, p.230.

idealização e culto performático à cidade é o texto abaixo, produzido pelo poeta e jornalista Antonio Mangabeira⁶³:

Cidade posta em cima de uma serra, vendo o céu mais perto e as estrelas mais luminosas. Quem nasce nas alturas, privilégio divino, tem vergonha de descer. As cidades da planície olham na (sic), crivelmente, com espanto e inveja. A Paraíba tem orgulho, porque Campina Grande, imensa como é fica toda nos seus limites geográficos. As atividades humanas, que elastece e fatigam os músculos, as que despertam o inquietam os cérebros, computadas nestes sessenta mil habitantes da Chicago Paraibana, surgem-nos, impressionante e magnificamente. Nas oficinas movimentam-se operários, em labor consciente e produtivo. Nos escritórios e estabelecimentos bancários, escrituram-se volumosos livros de contas correntes, ouvindo-se gritante ruído de máquinas. Médicos, advogados e odontologistas, aqui vivem, porque não lhes faltam clientes, garantia do seu pão e admirável tranqüilidade. (...)

Campina Grande!

Segundo empório algodoeiro do mundo. A prefeitura com receita que ultrapassa as de duas capitais reunidas – João Pessoa e Natal. Os cofres da União e do Estado com respeitável arrecadação. Ruas, avenidas e praças moderníssimas.⁶⁴

A mesma representação idealizada é trazida através da poesia de Teixeira de Albuquerque⁶⁵, no jornal *Comércio de Campina* no ano de 1932, em um poema intitulado “Campina Grande”:

Pensando em teu vulto ao longe
Entre serras e grotões,
Supôs que eras um monge
Rezando pelos sertões.

Depois, ainda da distância,
Um pouco de ti mais perto,
Senti o cheiro, a fragrância
De um jardim num céu aberto

No auge desta emoção
Que me empolga e me fascina
Vi na boca do sertão
Uma engraçada menina.

Inda mais me aproximando
Como andarilho qualquer
Teu corpo foi se mandando
No corpo de uma mulher.

⁶³ Antonio de Azevedo Mangabeira (1905-?) - Poeta e Jornalista. Nasceu em Macaíba, Rio Grande de Norte. Veio a residir em Campina Grande em 1936, exercendo durante décadas o cargo de Secretário do Sindicato dos Rodoviários do Município. Autodidata, foi também um reconhecido professor de língua portuguesa, onde prestou serviços em escolas particulares. Publicou: *Discurso* (s/editor, 1957) e *Rompendo o silêncio* (Livraria Pedrosa, 1961).

⁶⁴ MANGABEIRA, Antonio. Campina Grande. *O Momento*, Ano I, Nº 1, 17 de setembro de 1950, p.5.

⁶⁵ Não identificamos durante a nossa pesquisa nenhuma informação sobre este poeta.

Mulher ?! Rainha, isto sim
Servindo de diadema
Para a riqueza sem fim
Da serra da Borborema

Quando cansado cheguei
No auge da ansiedade
Foi então que observei
Que eras uma cidade

Cidade que é agasalho
De cravos e trovadores
Cidade que é o do trabalho
No latejar dos motores.⁶⁶

É perceptível no discurso destes dois intelectuais certo “ufanismo”, em dois gêneros literários diferenciados (prosa e poesia). Uma empolgação desmedida, ao econômico, ao surto de desenvolvimento “nunca antes visto”, à “cidade do trabalho” construída no alto de uma serra, demarcada por uma “experiência única”. No texto em prosa são aclamadas as virtudes causadas pela grande produção, comercialização e exportação do algodão. No poema, a cidade é vista como “agasalho”, como uma “cidade chamamento”, a cidade das oportunidades, a cidade do trabalho.

A explicação para tal crescimento tão exaltado pelos intelectuais, a exemplo de Antonio Mangabeira e Teixeira de Albuquerque, pode ser elucidado pelo fato de Campina Grande ter possuído a condição de “*empório comercial do algodão*”, a qual se configurava desde 1910, quando começava a atrair grande quantidade da fibra produzida no interior da Paraíba e dos estados vizinhos.

Todo esse crescimento, segundo Epaminondas Câmara “saltava aos olhos”, quando são instaladas, entre as décadas de 1920 e 1950, em Campina Grande, inúmeras empresas de compra, beneficiamento e exportação de algodão, fábricas de óleo e de sabão. Outro elemento disso tudo foi a fundação do Banco do Brasil, logo na década de 1920, refletindo a intensidade deste crescimento. A fundação do Hospital Maçônico D. Pedro I e de escolas, como a PIO XI, denotam que saúde e educação também cresceram juntos com o comércio.⁶⁷

Pelo cenário de transformações narrados pelo escritor Antonio Mangabeira e o historiador Epaminondas Câmara, é perceptível como o crescimento econômico, teve claras repercussões nas mudanças de hábitos culturais, ligados ao conforto e ao lazer,

⁶⁶ ALBUQUERQUE, Teixeira de. Campina Grande. *Comércio de Campina*, Ano I, nº 10, 23 de Maio de 1932, p.2.

⁶⁷ CÂMARA, Epaminondas. Op. Cit. 1998, pp.115,137.

principalmente das elites. Desta forma, podemos afirmar que graças ao processo de desenvolvimento econômico ocorrido no início do século XX, Campina Grande tornou-se o centro da região que compõe o compartimento da Borborema. No entanto, muito mais do que o algodão foi o fato de Campina Grande permanecer como “*ponta de trilhos*” da antiga *Great of Western*⁶⁸, entre os anos de 1907 e 1957, que alavancou o seu crescimento.⁶⁹

Como observamos, todo este quadro intenso de transformações foi acompanhado, e na maioria das vezes exaltado pelos intelectuais campinenses através dos periódicos que foram sendo criados ao longo do início do século XX, a partir de um “*olhar literário*”. Este segundo Sandra Jatahy Pesavento traz o escritor “como espectador privilegiado do social”, exercendo “a sua sensibilidade para criar uma cidade do pensamento traduzida em palavras e configurações mentais imagética do espaço urbano e de seus atores”.⁷⁰

Nomes como Hortênsio de Sousa Ribeiro, Mauro Luna, Luiz Gomes da Silva, Anésio Leão⁷¹, através de seus escritos expressaram anseios de mudança (ligados aos ideais iluministas de progresso e civilização, talvez de maneira inconsciente), expressando uma exaltação diante das conquistas materiais, a exemplo de Antonio Mangabeira e Teixeira de Albuquerque, e proclamando queixas pela ausência de uma consciência intelectual diante das experiências cotidianas, citadas por Cristino Pimentel e Epaminondas Câmara.

Diante de tudo isso, percebemos claramente que o discurso dos intelectuais ao longo das cinco primeiras décadas se coloca em dois caminhos conflitantes e, ao mesmo tempo, complementares. De um lado, *a exaltação de um forte progresso material* existente pelo incremento da comercialização do algodão, possibilitando a construção de uma representação de uma “cidade do trabalho”, de uma cidade das oportunidades, de conquistas materiais. Por outro lado, identificamos também *um discurso de crítica e indignação: a uma cidade indiferente às atividades intelectuais, às artes e à cultura*, durante a experiência moderna.

⁶⁸ Última Estação do Trem (muito conhecido na Inglaterra – the hailhead cities). *Great Westem Brazil Railway* foi um truste inglês que comandou durante mais de 50 anos as estradas de Ferro de quatro estados do Nordeste (Paraíba, Pernambuco, Alagoas e Rio Grande do Norte).

⁶⁹ MELO, Josemir Camilo de. O Trem e o Crescimento de Campina Grande. In: OLIVEIRA, Maria José Silva e RODRIGUES, José Edmilson (Orgs). *Memórias da Modernidade Campinense: 100 anos do trem Maria Fumaça*. Campina Grande: Editora Agenda, 2007, p. 17.

⁷⁰ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O Imaginário da Cidade: Visões Literárias do Urbano*. Porto Alegre: UFRGS, 2002, p.14.

⁷¹ Durante o andamento dos capítulos desta dissertação a trajetória destes e outros intelectuais serão informados, de acordo com as necessidades específicas.

Armados com suas leituras, com “modos diversos de pensar, sentir, agir e, sobretudo, de representar o mundo”⁷², muitas vezes estes intelectuais organizavam-se coletivamente, formando redes de sociabilidades para expor suas idéias, angústias, anseios e críticas, repartindo conhecimentos, nas mais diversas áreas dos saberes, a exemplo da filosofia, da política, da literatura. Estas redes se materializaram em lugares situados quase sempre no centro de Campina Grande, entre gabinetes, clubes, bares, cafés, etc., e formaram o que chamaremos de *círculos intelectuais*.

Com isso, procurando perceber as formas e as normas de sociabilidades intelectuais criadas entre estes “homens de letras”, buscaremos ao longo deste primeiro capítulo historicizar os principais círculos intelectuais existentes na cidade de Campina Grande entre os anos de 1913 e 1953.

“Como lugar saturado de significações acumuladas através do tempo”⁷³, a cidade traz variados caminhos de abordagem, - várias portas, - entre elas os passos que chegam às sociabilidades e sensibilidades modernas. Entretanto, ao observarmos a produção historiográfica sobre a cidade de Campina Grande no que se refere à problematização da experiência urbana através do processo de modernização, percebemos claramente a ausência de um estudo que focalize estes lugares e as práticas culturais dos intelectuais campinenses.

Neste sentido, este capítulo procura compreender as regras internas de sociabilidades dos intelectuais campinenses, muitas vezes vistos apenas através dos seus escritos enquanto fontes históricas, percebendo como se deu a formação de uma cultura letrada, embasada na ideia de que “(...) se o espaço de sociabilidade é ‘geográfico’, ele também é ‘afetivo’, demarcando vínculos de amizade e de hostilidade e, principalmente, criando uma sensibilidade e visão do mundo”.⁷⁴

1.2.SOCIABILIDADES URBANAS: ASSOCIAÇÕES E ESPAÇOS DE CONVIÊNCIA DAS ELITES

Tarde de domingo, dia 15 de agosto de 1937, um número considerável de membros da elite campinense, homens e mulheres devidamente vestidos para a ocasião, aproximam-se do Largo do Rosário localizado no centro da cidade, para a inauguração

⁷² Idem, p.15.

⁷³ BRESCIANNI, Maria Stella. História e Historiografia das Cidades, um Percurso. In: FREITAS, Marcos Cezar de (Org.). *Historiografia Brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998, p.237.

⁷⁴ GOMES, Ângela de Castro. Op. Cit, 1996, p.41.

da *Confeitaria Petrópolis*, pertencente à firma Walfredo Borborema & Cia. Segundo os jornais da época “A confeitaria Petrópolis instalou-se com modernos serviços de refrigeração, sorveteria, caldo de cana limpo e higiênico e um serviço perfeito de café expresso, líquido e em pó, moído á vista do freguês”⁷⁵. O mesmo jornal em um número seguinte salienta que às 14 horas “(...) centenas de espectadores e famílias da nossa elite social ali afluíram, para assistir á estréia da “Petrópolis”, que vai ser um ponto chic de reunião do que melhor possui a sociedade campinense”.⁷⁶

Com a inauguração da *Confeitaria Petrópolis* Campina Grande ganhava, naquele momento, mais um moderno ambiente de sociabilidades para as elites locais, com uma estrutura que se colocava entre as mais importantes da cidade, “com um balcão central às especiarias, vinhos finos de adega e tudo quanto diga respeito a uma boa cozinha sendo despachados com a maior presteza por empregados especializados no assunto”.⁷⁷

Atentos às transformações que estavam ocorrendo lentamente na cidade e a ascensão capitalista de uma elite econômica com novos hábitos provenientes de um modelo europeu, possibilitados graças à comercialização do algodão, - clubes, associações, cafés, confeitarias e bares vão sendo criados, com diferentes grupos sociais que passavam a freqüentar em busca de entretenimento, mas também de certa formação cultural e de relaxamento, pois os lugares preparados para o lazer são pensados levando em consideração estes três aspectos.⁷⁸

A cidade moderna que se formava reordenava os seus espaços. Estabelecimentos como a *Confeitaria Petrópolis*⁷⁹ demarcavam, assim, os ambientes exclusivos da elite. Este grupo social poderia gozar dos seus padrões de elegância necessários a uma cidade moderna. Na realidade, a busca pela distinção esteve ligada ao cultivo da elegância e do refinamento inspirados no modelo burguês europeu da “Belle Époque”. Entendia-se o “ser civilizado” como sinônimo de estar mais de acordo com o modelo de necessidades dos grandes centros, bem como o convívio direto em espaços de sociabilidades, que

⁷⁵ Confeitaria Petrópolis: os seus modernos serviços de sorveteria e café expresso. *Voz da Borborema*, Ano I, Nº 09, 14 de Agosto de 1937, p.8.

⁷⁶ Confeitaria Petrópolis: sua inauguração domingo passado nesta praça. *Voz da Borborema*, Ano I, Nº 10, 18 de Agosto de 1937, p.3.

⁷⁷ Idem.

⁷⁸ SOUZA, Antonio Clarindo de, Op. Cit. 2001, p.3.

⁷⁹ Encontramos referências de outras Confeitarias Petrópolis na região Nordeste, em especial na cidade de Natal, capital do Rio Grande do Norte. O nome remete a um ambiente sofisticado, aconchegante e frio, a exemplo da cidade do mesmo nome no estado do Rio de Janeiro. Ver ARRAIS, Raimundo; ANDRADE, Alenuska; MARINHO, Márcia. *O Corpo e alma da Cidade: Natal entre 1900 e 1930*. Natal: EDUFRRN, 2008.

traziam semelhanças com estas cidades, a exemplo de Paris, Londres, Rio de Janeiro, São Paulo, etc.

Antes restritas às irmandades religiosas, sociedades secretas e algumas poucas associações literárias, privilégio quase exclusivo das camadas masculinas dos proprietários - doutores-literatos, a vida associativa expandida em Campina Grande e adquirindo novas conotações ao longo do início do século XX. As associações literárias e recreativas, os grupos teatrais e artísticos, os clubes esportivos, as associações beneficentes e instrutivas, espaços que articularam vivências coletivas não só da elite masculina, mas de setores sociais bastante diversificados.

Sendo assim, o processo de formação das sociabilidades na cidade de Campina Grande no início do século XX era demarcado por experiências vividas e pensadas por diferentes grupos sociais, instituindo “novos espaços de convivência”, a exemplo das associações recreativas, cafés, cinemas, teatros, clubes, etc. intensificando-se principalmente a partir da década de 1920. No caso específico das elites havia uma necessidade de afirmação que estava ligada a novos hábitos e costumes que vinham se constituindo, aos quais referimos acima.

Na transição para o século XIX, Campina Grande era uma “cidade rural”, pacata, com habitantes de hábitos simples, habitando “casas de apenas um piso, tetos baixos e paredes de tijolos”⁸⁰, com sociabilidades que acompanhavam este mesmo ritmo tranqüilo e sossegado, como o narrado por Celso Mariz:

Já se havia delineado o arcabouço da cidade moderna. Piabas, Açude Novo, S. José, Lapa, formavam a linha avançada de sua circunferência. Mas todos esses bairros, como pontos periféricos da estrutura material, eram ainda indecisos na boca das antigas estradas. De cem em cem metros, uma bodega tristonha entre espaçados fogos residenciais.⁸¹

Ao observar a aparência urbanística, Celso Mariz descreve a Campina Grande de 1901 (ano em que chegou a residir na cidade) e a confronta com a Campina Grande de 1940 (a cidade de “hábitos modernos”), de onde parte o seu relato autobiográfico, - salientando as mudanças ocorridas na questão das sociabilidades no espaço público do município:

Naquele tempo o trabalho não era a incessante batalha de hoje, a gente cidadina podia se entregar a ócios tranqüilos, após a agitação dos dias de

⁸⁰ CÂMARA, Epaminondas, Op. Cit. 1998, p. 74.

⁸¹ MARIZ, Celso. Campina de Ontem e de Hoje. In: *Cidades e Homens*. João Pessoa: A União, 1983. p.13.

feira. De modo que, ao par das discussões literárias, do exercício charadístico e de um ou outro debate jurídico, nas audiências e no júri, a prosa política, o cálculo das probabilidades do sobe e desce dos partidos, do vence e perde das eleições, o delicioso fúrduncio das rivalidades era realmente uma das ocupações, um dos prazeres do meio⁸².

A Campina das bodegas simples, da ida à igreja e à retreta aos domingos, das discussões políticas e literárias nas calçadas. Esta cidade ganhava espaços novos de convivência com o processo de modernização, ocorrido a partir das chegadas das conquistas materiais e simbólicas no início do século XX. Estes espaços de convivência e associações recreativas criadas pelas elites em Campina Grande, a exemplo da *Confeitaria Petrópolis*, formam um painel destas mudanças ocorridas a partir da década de 1920 no município. Todavia, segundo o historiador Giscard Agra, foi na década de 1930, que Campina Grande parecia “querer ser moderna”:

Pelos discursos dos diversos grupos que detinham certo tipo de poder na cidade – político, econômico, intelectual, religioso, dentre outros -, entro em contato com aspirações e desejos de modernizar a cidade, tanto no tocante à sua infra-estrutura, às ruas, às moradias, quanto aos costumes de seu povo. A palavra de ordem destes grupos – administradores, políticos, comerciantes, jornalistas, médicos, engenheiros, advogados, juizes, clérigos, - parecia ser construir Campina como uma cidade grande, moderna, civilizada, europeizada – ou, na impossibilidade, ao menos forja - lá moderna, tendo como o modelo o Rio de Janeiro, a capital federal, ou ainda, o Recife, a capital regional do que então nascia como Nordeste.⁸³

Diante disso, chega-se à conclusão de que houve uma maneira específica de vivenciar o moderno na cidade de Campina Grande e outras regiões do Nordeste, vinculada, segundo Gervácio Batista Aranha, à ideia de modernização, vislumbrando o desenvolvimento técnico e científico de maquinarias do conforto⁸⁴, que eram ditas pelos intelectuais da época como o que havia de melhor, mais civilizado, mais próximo do mundo em cidades como Paris e Londres.⁸⁵

Desta forma, entendemos que estas “conquistas materiais e simbólicas”, conseqüências do processo de modernização, não passaram apenas pelo imaginário social no sentido material, mas também pela prática de ampliar certos lugares de

⁸² Idem, p.14.

⁸³ AGRA, Giscard Farias, Op. Cit. 2010, p.24.

⁸⁴ Entende-se maquinarias de conforto, um conjunto de materiais utilizadas para diminuir os esforços dos homens, diante da natureza. Além do Trem, aportado na cidade no ano de 1907, outras “seduções do mundo moderno” chegaram ainda nas primeiras décadas do século XX: o telegrafo e o automóvel (1914), telefonia residencial (1918), prensa hidráulica (1919) e a luz elétrica (1920).

⁸⁵ ARANHA, Gervácio Batista, Op. Cit. 2005, p 81.

sociabilidades, produzindo “um clima” próximo aos modelos de sociabilidades vivenciados em outras cidades consideradas modernas na Europa e no Brasil.

Vejamos a partir de agora, de uma maneira sintética, alguns destes principais lugares de sociabilidades urbanas (a maioria construída pelas e para as elites locais) constituídas em sua maioria, nas primeiras décadas do século XX. Lugares estes, com múltiplas características, que denotavam lazer e diversão, a exemplo de cinemas, teatros, cafés, bares, clubes e associações recreativas e esportivas, que dentro das lógicas de entretenimentos multiplicaram-se nas primeiras décadas do século XX em Campina Grande.

Ainda nas duas primeiras décadas do mesmo século, foram estabelecidas em Campina Grande, tentativas de manter salas de cinemas que serviram de encontro para os recém “amantes da sétima arte”, que na época ainda davam os seus primeiros passos enquanto linguagem artística. O primeiro foi *Cinema Brasil* em 1909, que funcionou até o ano seguinte e logo depois *Cinema Popular*, de José Gomes, criado em 1910. Os mais importantes deste mesmo período foram o *Cine-Teatro Apolo*, de Lino Fernandes & Cia, fundado em 1912, num edifício construído para esse fim no local do antigo Comércio Novo; e o *Cine Fox*, dos senhores Américo Porto e Alberto Saldanha, fundado em 1918. Boa parte destes estabelecimentos teve poucos anos de duração.⁸⁶

A partir da década de 1930, Campina Grande receberia os serviços de dois cinemas modernos para a época: o *Cine Capitólio* (inaugurado em 1934 por Alberto Wanderley) e *Cine Babilônia* (fundado em 1939 por Renato Wanderley, Eduardo Lemos e João Ribeiro Coutinho Neto). Estas duas “casas exibidoras” marcaram a história de Campina Grande por funcionarem durante três décadas, deixando de projetar seus filmes apenas na década de 1990. Além dos dois principais cinemas, outros espaços para exibição foram sendo criados ao longo da década de 1940 e 1950, como os *Cine São José* e *Avenida*, além de outros cinemas de bairros (como eram conhecidas as salas de exibição fora do centro do município), como os dos bairros José Pinheiro e Liberdade.⁸⁷

Uma característica da época é o fato de que boa parte dos cinemas, pelo menos os principais, não eram apenas cinemas, mas sim *cine-teatros*, como foi o caso do *Apolo* e do *Capitólio*. Em entrevista ao jornalista Ronaldo Dinoá, o gerente Lívio Wanderley relatou que “Naquela época, o povo gostava tanto de cinema como de teatro. Como não

⁸⁶ CÂMARA, Epaminondas, Op. Cit. 1998, pp. 82, 84, 88.

⁸⁷ DINOÁ, Ronaldo. Op. Cit, 1993.

existia teatro em Campina Grande na época, o cinema Capitólio era o que melhor oferecia em encenação de grandes peças, como também companhia de vedetes que vinham do sul do país”⁸⁸

No ano de 1913 foi fundada, pelo professor Dr. José Coelho, a sociedade cultural *Gabinete de Leitura 7 de Setembro* (um dos círculos intelectuais que iremos estudar ainda neste primeiro capítulo). O Gabinete, espécie de “reduto” da elite econômica e cultural da cidade, centralizou durante muitos anos a vida intelectual do município, mantendo biblioteca diariamente aberta ao público, jornal, revista, escola pública gratuita etc. promovendo festas cívicas e literárias. A entidade deixou de funcionar no ano de 1935.⁸⁹

A partir de 1915 foram sendo fundadas no município também as primeiras sociedades recreativas e dançantes, a exemplo do *Clube dos Boêmios* (reconhecida como a primeira sociedade deste perfil organizada na cidade) e o *Campinense Clube*, que se instalou no mesmo ano. Em 1923, da dissidência do Campinense Clube, surge o *Grêmio Renascença*, e em 1926 o *Paulistano Esporte Club*.⁹⁰

No *Anuário de Campina Grande*, de 1925, há informações sobre as características administrativas de instituições que procuraram difundir as maneiras de socializarem os ideais da elite no que se refere ao lazer e à diversão. Sua organização interna, o modo como os sócios participam das atividades e as funções sociais dentro do espaço da cidade:

O Grêmio Renascença é uma sociedade que tem por fim distrair aos seus membros, desenvolvendo a sociabilidade entre os membros (...), pertencente, pela sua organização, á classe das sociedades anônimas. (...) é uma sociedade civil, de feição perfeitamente definida, representada por um certo número de pessoas que convencionaram reunir seus esforços no intuito de conseguir um bem comum.(...) Começou (...) em 26 de agosto de 1923.⁹¹

Entre as atividades do Grêmio Renascença naquele ano de 1925, a matéria destaca o número de 214 associados contribuintes, e realização de 25 festas, entre elas “13 vespares dansantes, 2 chás-tango, 5 festas infantis, 3 conferências literárias e 2 recepções, afora 10 reuniões oferecidas pelos diretores de mez”.⁹²

⁸⁸ Idem, p.462.

⁸⁹ CÂMARA, Epaminondas. Op. Cit. 1998, p.85.

⁹⁰ Eram nestes e outros clubes e associações espalhados pela cidade que ocorriam boa parte dos mais importantes bailes de carnavais da elite campinense.

⁹¹ Grêmio Renascença. *Anuário de Campina Grande*. Organização: João Mendes de Sousa. Recife: Oficinas Gráficas do Jornal do Comércio, 1925, p.29.

⁹² Idem, p.29.

O perfil múltiplo destas associações traz ainda outro elemento: a diretoria geral era constituída por membros da elite política, econômica e cultural da cidade. Políticos como Coronel Ernani Lauritzen (Presidente), médicos como Dr. Severino Cruz (Vice-presidente) e comerciantes como José Ramos (Secretário) e Lino Fernandes de Azevedo (Tesoureiro) faziam parte da diretoria do Grêmio Renascença naquele ano de 1925⁹³. Algo semelhante às outras associações recreativas fundadas neste período.

Com características diferenciadas destas associações citadas, mas contendo aspectos semelhantes quanto ao espaço de sociabilidades, em 1929 foram criadas a *Sociedade Beneficente dos Artistas* e a *União dos Moços Católicos*. Ambas possuíam um perfil mais popular no quadro dos seus sócios e agiam com preocupações ideológicas idênticas, como o combate ao comunismo.

A *Sociedade Beneficente dos Artistas* foi criada por Eurípedes de Oliveira, Pedro d’Aragão e Luiz Gil, tendo um caráter filantrópico e “educativo”, funcionando em sua estrutura uma escola primária (a Nilo Peçanha), e cursos profissionais de corte, datilografia, etc. Possuiu ainda museu, biblioteca e jornal. De acordo com Eurípedes de Oliveira, a filosofia dessa instituição era bem conhecida pelos cidadãos campinenses mais velhos, que participaram da Sociedade como coordenadores, artesãos ou simples observadores. Consistia basicamente na idéia de que “quem soubesse até o B, ensinaria até o A”.⁹⁴

Com um modelo distinto a *União dos Moços Católicos* foi uma associação criada pelo Conselho Estadual da União de Moços Católicos da capital do Estado da Paraíba, a convite do Vigário monsenhor José Tabúrcio. Segundo Boulanger Uchôa “Há muito que esta cidade se ressentia da necessidade de uma Associação Católica para

⁹³ Ibidem, p.30.

⁹⁴ Segundo Eurípedes de Oliveira a *Sociedade Beneficente dos Artistas* foi criado com o propósito de combater a propaganda comunista, pois na época havia uma movimentação operária na cidade que já crescia demasiadamente, e sob influência comunista. A sociedade mantinha cursos gratuitos de alfabetização de ambos os sexos, e uma escola posteriormente nomeada “Nilo Peçanha”, os quais iniciavam as categorias de baixa renda no universo da instrução profissionalizante, como: datilografia, música, enfermagem, corte, costura e bordado, entre outras áreas afins. Havia uma formação integralista no preparo moral e cívico de alunos e professores. Lá foi criado pela primeira vez no país, o salário-desemprego. Seu prédio, feito por operários quase iletrados e sem recursos financeiros, foi o único que recebeu o presidente Getúlio Vargas em sua famosa visita a Campina Grande. A Sociedade Beneficente dos Artistas foi uma precursora direta dos atuais serviços de assistência social criados pelo governo e entidades privadas (SENAC, SENAI, etc.). Possuía certas características próprias que lhe distinguiram a existência, que iam do auxílio financeiro para os familiares de sócios desaparecidos, à ajuda da própria instituição para os mesmos que se ressentissem de uma determinada e urgente falta de recursos. Ver SENA, André de. *Eurípedes de Oliveira: Jornalista e construtor de açudes*. Campina Grande: RG Editora, 1999.

Mocidade do sexo masculino”⁹⁵. Conferências, encontros, palestras, várias foram as atividades desta associação ao longo das décadas de 1930 a 1950, do qual se possuía a função, entre outras, de difundir a fé católica entre a mocidade campinense, além de combater o comunismo.

À semelhança da *Sociedade Beneficente dos Artistas* e da *União dos Moços Católicos*, no que se refere às questões filantrópicas, foi criada por Lino Fernandes de Azevedo, em 20 de setembro de 1935 o *Rotary Club de Campina Grande*, sendo a primeira instituição deste grupo fundada em uma cidade do interior do Nordeste. A iniciativa partiu dos membros do *Rotary Club de João Pessoa*.

Anos antes, em 19 de agosto de 1923, a cidade de Campina Grande presenciou a fundação da “Loja Maçônica Regeneração Campinense”, criada por um grupo de 40 maçons pertencentes às classes sociais mais ricas, entre eles, podemos destacar os nomes de Ernani Lauritzen, Idelfonso Aires, José Barros Ramos, Juvino de Souza do Ó, Luiz Dália, Severino Pimentel, entre outros.⁹⁶

De acordo com Aílton Elisário, a história da Maçonaria está diretamente ligada à história do município de Campina Grande, visto que várias decisões e posicionamentos políticos foram tomados nas dependências dessa sociedade secreta. Ainda na década de 1920 ocorreram dois grandes acontecimentos ligados a esta instituição: no dia 24 de junho de 1926 marcou-se a data da inauguração da atual sede e em 1928 ocorreu à criação da famosa Biblioteca da Maçonaria, chamada “Biblioteca Arlindo Correia”, homenagem a um dos líderes da Maçonaria campinense.⁹⁷

No que se refere aos clubes futebolísticos, em 1914, foi criado em Campina Grande o primeiro clube de futebol da cidade - o “High-life Sport Clube”. Naquela época os nomes dos clubes eram quase todos em inglês e os atletas eram os filhos das pessoas de “destaque da sociedade”. O “High-life” existiu durante pouco tempo. Em seguida, surgiram o Palmeiras que passou a se chamar Ipiranga. Em 1916, aparece o “América Sport Club”, fundado por Antônio Fernandes Bióca, Zacarias do Ó, Francisco Bezerra, Manoel Bandeira, Luiz Gomes, entre outros. O América, segundo Marcos Vinícius Carneiro Medeiros, despertou o interesse do campinense pelo futebol, sendo bastante popular os seus jogos. Depois do América, foram organizados outros clubes, como o *Humaitá Sport Club*, o *Palmeiras Sport Club*, o *União Football Club*, o

⁹⁵ UCHOA, Boulanger. *História Eclesiástica de Campina Grande*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1964, p.108.

⁹⁶ ELISIÁRIO, Aílton. *História Maçônica de Campina Grande*. Campina Grande: s/e, 2006.

⁹⁷ Idem.

Paulistano, etc. O Treze Futebol Clube foi fundado em 1925, e o Campinense Clube, ganhou seu departamento de futebol em 1917, apesar de sido fundado dois anos antes.⁹⁸

Além das associações recreativas, religiosas/operárias e clubes de futebol, outra maneira da elite local difundir relações de pertencimento eram as escolas, muitas delas específicas para este grupo social. Colégios primários vão sendo inaugurados ao longo dos anos 1910, com características que os colocam como as principais de uma elite que se formava - a exemplo do *Colégio Instituto Spencer*, estabelecimento de ensino que funcionou entre os anos de 1915 e 1917, tendo como responsável o professor José Otávio de Barros; o *Instituto Pedagógico*, fundado na Rua da Lapa, em 1919, pelo tenente Alfredo Dantas, e o *Instituto São Sebastião*, fundado, em 1920, pelo professor e poeta Anésio Leão.⁹⁹

Aliás, foi justamente a partir de 1919, que a instrução em Campina Grande começou a passar por uma intensa transformação. Continuou a crescer o número de escolas, porém outro modelo de educação veio aparecendo pouco a pouco, e que de certa forma entra em choque com o modelo antigo, centrado na figura do mestre-escola e no uso do método de Lancaster¹⁰⁰, com a utilização da palmatória e das práticas do ditado e da tabuada cantada. Um marco importante deste início de transformação foi justamente a fundação do *Instituto Pedagógico*, realizada por Alfredo Dantas, primeiro estabelecimento secundário que cumpriu títulos técnicos profissionais no interior da Paraíba. Em 1924, foi construído ainda o *Grupo Escolar Sólon de Lucena*, primeiro grupo escolar dedicado ao ensino ginasial no município.

A partir da década de 1930 as mudanças no âmbito da educação se intensificam a partir das inaugurações dos colégios particulares ligados a ordens religiosas no município. O primeiro a ser inaugurado foi o *Colégio Imaculada Conceição* (conhecido como *Colégio das Damas*, inicialmente com ensino exclusivamente para mulheres) no mês de março de 1931, no largo do Rosário, sob a direção das religiosas da Instrução Cristã (Damas Cristãs), graças aos reforços dos ex-vigários Borges e Tibúrcio. Um mês depois é inaugurado, em 7 de Abril, pelo vigário José Medeiros Delgado o *Colégio*

⁹⁸ MEDEIROS, Mário Vinicius Carneiro de. *Treze Futebol Clube: 80 anos de História*. João Pessoa: A União, 2006.

⁹⁹ GAUDÊNCIO, Bruno Rafael de Albuquerque. *Imagens Literárias da Educação em Campina Grande (1907-1957)*. *Revista Alfarrábios: Revista do Curso de História*. Campina Grande, UEPB. 2008, nº1, p.4.

¹⁰⁰ Método de ensino mútuo que constituía na prática de exercícios cadenciados para a melhor disciplina do sistema. De origem inglesa, esse método foi incorporado quando o Império definiu seu sistema educacional, na Constituição de 1824. Esta prática foi comum até a metade do século XX, na qual o professor primário sozinho em sua casa (*mestre-escola*) lecionava a vários alunos de séries diferentes, se utilizava de uma *palmatória ou régua*, fazendo sabinas para notas etc.

Diocesano Pio XI, na Igreja Matriz (hoje Catedral). Em 1932, foi transferido para um prédio na Rua João Pessoa.¹⁰¹

O Instituto Pedagógico, o Colégio das Damas e Colégio PIO XI, tornaram-se assim escolas privilegiadas dos filhos das elites campinenses, demonstrando que as relações entre as pessoas que pertenciam à elite davam-se por inúmeras instituições. A primeira delas, as escolas, instituições em que os filhos da elite recebiam instrução e assimilavam princípios ao mesmo tempo em que se relacionavam com outros de sua condição social.

Como fica perceptível ao longo de toda a década de 1920 e 1930 acompanhando o crescimento de Campina Grande, a cidade vivenciou um movimento associativo, como se percebe pela listagem de algumas destas instituições. Habitando as condições legadas pelas transformações socioeconômicas do início do século, ante uma institucionalidade a ser construída, velhos e novos sujeitos parecem encontrar nas práticas associativas um caminho para a construção de novas formas de representatividade e sociabilidade. Estas formas estariam presentes neste anseio de ser moderno e de expor coletivamente certos propósitos e práticas de uma elite beneficiada pelo intenso comércio no município.

Desta maneira, podemos compreender que todas estas instituições recreativas e lugares de sociabilidades urbanas citados (outras tantas que existiram no mesmo contexto), podem ser consideradas como conquistas simbólicas e materiais advindos do processo de modernização que a cidade experimentou já naquele início do século XX.

Para Georg Simmel a sociabilidade “(...) sempre surge com base em certos impulsos ou em função de certos propósitos”¹⁰². Tais impulsos e propósitos estariam ligados aos instintos eróticos, aos interesses objetivos, aos impulsos religiosos e propósitos de defesa ou ataque “(...) de ganho ou jogo, de auxílio ou instrução, e incontáveis outros, fazem com que o homem viva com outros homens, aja por eles, com eles, contra eles, organizando desse modo, reciprocamente, as suas condições – em resumo, para influenciar os outros e para ser influenciado por eles”.¹⁰³

A importância dessas interações, portanto, estaria ligada ao fato dos indivíduos possuírem aqueles instintos e interesses com base em aproximações identitárias

¹⁰¹ GAUDÊNCIO, Bruno Rafael de Albuquerque. Op. Cit. 2008, pp.4-5.

¹⁰² SIMMEL, Georg. Sociabilidade – um exemplo de sociologia pura ou formal. *In: Sociologia*. Organização: Evaristo da Veiga. Tradução: Carlos Alberto Pavaneli et alli. São Paulo: Ática, 1990, p.165.

¹⁰³ Idem, p.166.

formando uma unidade, ao criarem lugares para se relacionar. No caso de Campina Grande, a partir da década de 1920 houve um significativo movimento associativo por parte das elites econômicas do município. A elite local ao dotar de significado suas instituições e suas práticas, estaria não apenas determinando suas ações sobre a cidade, mas também construindo um sentido particular para esses espaços. Esta mesma elite procurava impor práticas e condutas próprias de uma capital moderna e civilizada.

A partir da década de 1930, o número de confeitarias, bares e cafés aumentou consideravelmente, isso se percebermos o crescimento das inaugurações destes espaços através de notas publicadas em jornais e revistas. Exemplos que podemos destacar foram o *Café Azul*, a *Confeitaria Petrópolis* (salientada no início deste tópico), *Bar e Restaurante Macaíba*, *Café Elite* e o *Bar e Restaurante Irapurú* (talvez o mais famoso de todos).

Para Raimundo Arrais, ao refletir sobre a experiência moderna em Natal, Rio Grande do Norte, este é da opinião de que todas as construções materiais não apresentariam o menor sentido se não fossem destinadas a práticas sociais. Ou seja, “A cidade só estaria completa, quando as estruturas materiais se unissem às práticas dos seus moradores, pois somente através das práticas, dos usos, os espaços ganham sentido”¹⁰⁴. Nesta mesma lógica, os clubes, cinemas, associações, bares, cafés e restaurantes, que foram sendo criados em Campina Grande tiveram um objetivo claro: definir a auto-imagem de uma elite que recentemente estava se formando. Neste sentido, foram sendo criados em Campina Grande estabelecimentos recreativos, como cafés, bares e bilhares, como maneira de lazer e diversão, mas de forma a comungar das mesmas idéias e valores. “Nesses estabelecimentos, a elite poderia gozar dos padrões de elegância necessários a uma capital moderna”¹⁰⁵, como afirmou referindo-se a Natal, capital do Rio Grande do Norte, na década de 1930.

Em se tratando das sociabilidades dos intelectuais na cidade de Campina Grande, que mecanismos foram sendo criados durante a primeira metade do século XX no que se refere à convivência e à relação coletiva? Quais instituições, espaços de recreação foram utilizados? Que impulsos e propósitos eles formaram ao longo deste mesmo período?

Mesmo se utilizando de espaços como a *Confeitaria Petrópolis*, que exaltou o “conforto e higiene” com um “completo serviço elétrico de refrigeração e esterilização

¹⁰⁴ ARRAIS, Raimundo et alli, Op. Cit. 2008, p.129.

¹⁰⁵ Idem, p.137.

de louça”, servindo-se de “café, sorvetes, saladas de frutas, caldo de cana, etc.”¹⁰⁶ neste e outros estabelecimentos sabemos que os intelectuais trouxeram outras práticas culturais nos modos de conceber o convívio social, visto que eles produziram um tipo específico de sociabilidade, como poderemos perceber.

1.3.OS CÍRCULOS INTELECTUAIS CAMPINENSES: ENTRE AGRUPAMENTOS FORMAIS E INFORMAIS

Na cidade de Campina Grande durante a primeira metade do século XX surgiu um número variado de lugares de sociabilidades intelectuais, entre associações, gabinetes e clubes literários, chamados por nós de *círculos intelectuais formais* e grupos alternativos, definidos como *círculos intelectuais informais*, que funcionaram muitas vezes em espaços como bares e cafés, espalhados principalmente nas regiões centrais do município.

Estes círculos intelectuais, portanto podem ser caracterizados de maneira geral como sendo:

- Espaços freqüentados, sobretudo por *intelectuais*, sejam eles produtores e mediadores culturais (incluindo no mesmo grupo: escritores, jornalistas, historiadores, funcionários públicos, poetas etc.);
- Redes de sociabilidades que estabeleceram pontes identitárias entre pares, havendo um *compartilhamento de idéias, atividades e valores* que asseguraram um pertencimento, o que inclui relações de amizades, mas também de hostilidades;
- Lugares oportunizados pela *circulação de textos impressos* (como livros, jornais, revistas, anuários e almanaques) e pela *mobilização de práticas literárias* (como meetings, tertúlias e conferências literárias).

Por serem ambientes tão diversos, procuramos dividir os círculos intelectuais, entre agrupamentos formais e informais, cada qual com suas especificidades à organização e à sociabilidade.

No que se refere especificamente aos *círculos intelectuais formais*, podemos caracterizá-los pelo:

- Caráter institucional ou associativo que carregavam, expressados por estatutos, códigos e normas internas, produzidas através de atas, que

¹⁰⁶ *Voz da Borborema*, Op. Cit. Ano I, Nº 10, 18 de Agosto de 1937, p.3.

regulamentavam reuniões, que poderiam tratar, por exemplo, das escolhas dos membros efetivos, patronos e membros correspondentes;

- A hierarquia entre os membros, delimitada através das eleições internas regulares, organizadas através de diretorias, responsáveis por cargos específicos, como presidente, vice-presidente, secretários, tesoureiros, etc.

Quanto aos *círculos intelectuais informais*, estes possuíam características diferenciadas:

- Caráter não institucional, demarcado pela “espontaneidade” e “naturalidade” no âmbito das relações interpessoais, não havendo regras rígidas, nem convenções escritas entre os freqüentadores;
- Funcionamento em espaços alternativos de sociabilidade, como cafés e bares, ou até mesmo nas ruas;
- Hábitos boêmios de consumirem bebidas alcoólicas, em encontros noturnos, sempre regados a bate-papo e declamações de poemas.

Formais ou informais, compreendemos que estes círculos demarcam muito bem os papéis sociais dos intelectuais de Campina Grande entre os anos de 1913 e 1953, visto que para Mônica Pimenta Velloso, “os intelectuais buscam na sociedade emergente espaços capazes de exprimir o espírito de modernidade, do qual se acreditam portadoras”¹⁰⁷. Assim sendo, como forma de percebermos estas lógicas de sociabilidade em Campina Grande foram escolhidos os seguintes círculos intelectuais: *O Gabinete de Leitura 7 de Setembro, a Fruteira de Cristino Pimentel, o Caldo de cana do Hortênsio, Centro Campinense de Cultura, Academia das Esquinas, Academia dos Simples e o Clube Literário de Campina Grande*¹⁰⁸. Enredados cronologicamente, procuramos apresentar suas características, seus personagens, ações, dilemas e convivências, realçando suas importâncias para o campo literário e intelectual da cidade de Campina Grande.

¹⁰⁷ VELLOSO, Monica Pimenta. *Modernismo no Rio de Janeiro: Turunas e Quixotes*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996, p.36.

¹⁰⁸ Alguns poderão estranhar a ausência do *Grêmio Literário Machado de Assis* entre os círculos intelectuais escolhidos. Fundado em 1953, pelo enfermeiro Manoel Barbosa, esta associação literária, teve o seu auge fora da nossa delimitação temporal, daí a ausência dela em nosso estudo sobre as atividades literárias em Campina Grande. Segundo Agnello Amorim grandes nomes das letras campinenses desfilarão na passarela do “Grêmio”, que funcionava em um salão do antigo grupo “Sólon de Lucena”, na Rua Floriano Peixoto. Segundo o cronista, lá se discutia tudo: literatura, nacionalismo, racismo, etc. nomes como Ronaldo Cunha Lima, Noaldo Dantas, Orlando Tejo e tantos outros fizeram parte do grupo. Para mais informações: AMORIM, Agnello. *Espiando a vida*. Campina Grande: Gráfica Santa Fé, 1985, pp -17-18.

Desta maneira, elegemos o que consideramos os principais círculos intelectuais de Campina Grande, que funcionaram entre os anos de 1913 e 1953, levantando os seguintes critérios para a escolha nesta investigação:

- 1) Diante da documentação existente e pesquisada até o momento alguns destes círculos podem considerar-se mais representativos, por conseguirmos um número mais significativo de registros através das fontes (como notas de jornais, artigos de opinião, crônicas, memórias e fotografias);
- 2) Alguns destes círculos intelectuais se notabilizaram pelo extenso tempo de atividade na cidade de Campina Grande, atuando durante décadas, a exemplo do *Gabinete de Leitura 7 de Setembro e a Fruteira de Cristino Pimentel*.

Independentemente do tempo de atividades ou do número de intelectuais que foram membros ou frequentadores no cenário da cidade destes círculos intelectuais, pretendemos compreender a cultura letrada de Campina Grande, no âmbito das sociabilidades urbanas.

1.3.1. GABINETE DE LEITURA 7 DE SETEMBRO: ELITE LETRADA E CIVISMO

Em 28 de julho de 1913 quando, em palestra acerca dos melhoramentos que reclamava esta esperançosa cidade, Lino Fernandes revelou a José Gomes Coelho, então professor público desta localidade, a idéia que lhe havia sugerido a fundação de um centro literário onde os novos pudessem encontrar o necessário para o seu desenvolvimento intelectual. José Coelho, espírito altamente empreendedor, pôs logo a serviço daquela idéia os recursos de sua vasta inteligência e, cheio de entusiasmo, prontificou-se a trabalhar com o mais acrisolado amor pela efetivação daquele intuito.

Lino Fernandes aceitou o prestimoso concurso de José Coelho e nesse mesmo dia deram juntos os primeiros passos em favor da grande obra.

Era preciso não deixar a idéia cair no marasmo em que entre nós, ainda hoje, costumam ficar os mais elevados projetos. Assim, às 20 horas daquele memorável 28 de julho, já contava 30 sócios e tinha aclamada a sua primeira diretoria, o centro literário que mais tarde havia de tomar o nome de “Gabinete de Leitura 7 de Setembro”!¹⁰⁹

O trecho descreve como se deu o surgimento do Gabinete de Leitura 7 de Setembro, no ano de 1913, na cidade de Campina Grande, quando um grupo de intelectuais, ansiosos por socializarem suas idéias e valores, criou uma instituição, que durante pouco mais de 20 anos centralizou boa parte das atividades artísticas e culturais do município, pois dentro de sua estrutura organizacional, possuiu biblioteca, jornal,

¹⁰⁹ Notas para a história do Gabinete. *O Gabinete*, 7 de Setembro de 1916, p.1.

revista, escola pública gratuita, etc. promovendo sempre festas cívicas e literárias, para um público específico: uma elite política e econômica.

Publicado no jornal “O Gabinete”, em comemoração ao terceiro ano de sua fundação, o trecho descrito acima, possui uma continuidade, que expressa claramente o grau de motivações do grupo social que deu vida à instituição:

Pouco mais de um mês decorreu na organização dos estatutos e escrituração, e a 7 de setembro do mesmo ano foi inaugurado oficialmente o Gabinete, no salão nobre do Paço Municipal, depois de precedida a eleição da diretoria efetiva que havia de gerir a nova agremiação.

Tinha-se fundado, em Campina um centro literário, mas a obra estava incompleta: o Gabinete precisava ter a sua sede definida, era preciso instalá-lo convenientemente. E não havia dinheiro para isso.

Parecia difícil aos principais fundadores do Gabinete transformarem a barreira que lhes obstrua o caminho encetado, mas, não desanimaram. Contavam já com a operosidade de Lino Gomes, Ernani Lauritzen, Archimedes Souto Maior, Alberto Saldanha e outros e, sob tão bons auspícios resolveram prosseguir: fizeram um apelo às senhoras e senhoritas residentes nesta cidade pedindo prendas para a organização de uma kermesse em benefício do Gabinete. O apelo foi acolhido com a máxima simpatia por parte da mulher campinense e em breve foi levada a efeito a referida kermesse cujo produto inquieto foi de mais de um conto de reis!

Meses depois estava instalado, senão com luxo pelo menos com muita decência e bom gosto, o “Gabinete de Leitura 7 de Setembro”, no prédio onde ainda hoje ele funciona. Tinham completado a obra. A energia da vontade chega muito vezes a operar verdadeiros milagres!¹¹⁰

O texto salienta apenas os nomes dos fundadores, homens, comerciantes e políticos da cidade, e não designa um nome das “senhoras e senhoritas” que realizaram a kermesse em prol da construção da nova sede do “Gabinete de Leitura 7 de Setembro”¹¹¹, o que coloca à mostra, inicialmente, duas características da instituição: a primeira, que o organismo criado foi fruto dos anseios de uma elite econômica e política; segundo, que sua direção foi constituída eminentemente por sujeitos do sexo masculino.

Comerciantes, políticos, este foi o perfil dos fundadores do “Gabinete de Leitura 7 de Setembro”. Por exemplo, Lino Fernandes de Azevedo, pernambucano do Recife, chegou a Campina Grande, em 1911, um ano depois iniciou seu trabalho de jornalista no “Correio de Campina”. Além do Gabinete de Leitura 7 de Setembro, ele fundou a “Sociedade Beneficente Deus e Caridade”. Comerciante, foi dramaturgo, encenando alguns dos seus textos nos cine-teatros da cidade de Campina Grande. Já José Gomes

¹¹⁰ Idem, p.2.

¹¹¹ Em 1917 o *Gabinete 7 de Setembro* foi transferido para a Rua Maciel Pinheiro, no centro de Campina Grande. A mudança se deve principalmente a tal acontecimento.

Coelho, poucas informações conseguimos sobre ele. Segundo algumas fontes foi professor, na capital paraibana e em Campina Grande nas duas primeiras décadas do século XX.

Em relação aos primeiros entusiastas do projeto, que fizeram parte da primeira diretoria, Lino Gomes, Ernani Lauritzen (filho do Prefeito Cristiano Lauritzen), Archimedes Souto Maior, Alberto Saldanha, entre outros. Boa parte deles eram comerciantes e políticos no município de Campina Grande, membros de uma elite local, e participantes ativos *a posteriori* de diversas outras sociedades e associações criadas a partir da segunda década do século XX, como o Grêmio Renascença, o Campinense Clube e o Aliança 31.

O entusiasmo se acha caracterizado desde os primeiros anos, como numa crônica publicada no “Correio de Campina”, de 4 de Outubro de 1914, por Alberto Saldanha: “Faz um ano e pouco que foi inaugurado o “Gabinete de Leitura 7 de Setembro”, nesta cidade, e apesar do pessimismo de muitos, de que ela teria a sorte que tem tido quase todas as sociedades em Campina Grande, ele vai dia a dia apresentando um aspecto mais animador, e já produzindo os fins desejados” ¹¹². O mesmo Alberto Saldanha entusiasma-se com as mudanças dos hábitos culturais do que ele chama de mocidade campinense:

Agora, depois de iluminada a sede da sociedade a luz elétrica, vemos ali á noite a casa repleta de sócios, a folhearem livros, revistas, lerem jornais e trocarem idéias sobre coisas úteis que se encontram no vastíssimo campo das letras.

E é desta convivência com a literatura passada e contemporânea, que já vemos os nossos rapazes simpatizando tal ou qual escritor, prova de que os seus espíritos já se vão ilustrando, e o desejo de adquirirem mais conhecimentos, esta sendo a mira dos seus ideais. ¹¹³

Durante as duas primeiras gestões, houve bons e maus momentos, caracterizados pela estabilidade e, outras vezes, por inconstância administrativa, segundo os documentos de época nos autorizam a afirmar, pois fazendo um relatório da gestão 1914/1915, segundo o seu periódico “O Gabinete”, a instituição

Teve um período de pleno desenvolvimento: foi de setembro a março. Sortiram-se de livros as suas estantes, foram feitos vários melhoramentos na sede e elevou-se muito o número de seus associados, cuja frequência diária atingiu a uma media de 10. De abril a outubro, porém, talvez por descaso da maior parte dos seus diretores, o Gabinete esteve presentes a baquear. ¹¹⁴

¹¹² SALDANHA, Alberto. O Gabinete de Leitura 7 de Setembro. *Correio de Campina*, Ano III, nº38, 4 de Outubro de 1914, p.1.

¹¹³ Idem.

¹¹⁴ AMARAL, Getúlio. Ad perpetuam rei memoriam. *O Gabinete*, 7 de setembro de 1916, p.2.

Ocupava então o cargo de diretor o já citado Lino Fernandes de Azevedo, “que não hesitou em convocar uma sessão de Assembléia Geral para expor as precárias condições do Gabinete”¹¹⁵, informa o periódico. Sua busca era por gestores que pudessem reerguer o Gabinete de Leitura, que vivia com problemas de ordem econômica e material.

No jornal “Correio de Campina”, de 1914 a 1916, é possível acompanhar boa parte das ações do Gabinete 7 de Setembro com certa regularidade, através da publicação de várias atas. Numa ata da sessão de assembléia geral ordinária, de 29 de Agosto de 1915, identificamos o clima associativo da instituição num momento de eleição para os cargos:

Aos vinte e nove dias do mês de Agosto do ano de mil novecentos e quinze, achando-se presente na sede do “Gabinete de Leitura 7 de Setembro” numero legal de sócios, pelas duas horas da tarde, na ausência do presidente da diretoria geral, Dr. Archimedes Souto Maior, o Dr. Severino Pimentel, vice-presidente, assumiu a presidência, devidamente secretariado pelos consócios Getúlio Amaral e Gilberto Leite, expondo o fim da reunião por ele presidida, que era proceder-se a eleição da nova diretoria, para o ano social de 1915-1916.

Em seguida, foi feita a distribuição de cédulas e, após um pequeno intervalo, a arrecadação das mesmas, à proporção que eram os sócios convidados a votar pelo 2º secretário, na conformidade da ordem de inscrição em que se encontram os seus nomes no livro competente.¹¹⁶

A instituição dividia os cargos em dois grupos, a diretoria geral (formada por presidente, vice-presidente, 1º Secretário e 2º secretário) e Conselho Diretor (constituído por presidente, vice-presidente, 1º Secretário e 2º secretário, tesoureiro, 2º tesoureiro, orador, 2º orador e junta fiscal). Na realidade, as ações eram praticamente centralizadas no conselho diretor, responsáveis pela biblioteca, organização das sessões e outros eventos, bem como elaboração de atas e relatórios no final da gestão.¹¹⁷

Entre os membros que compuseram o Gabinete de Leitura 7 de Setembro (1913-1935), chama atenção os poucos escritores que faziam parte do quadro de sócios da instituição. A primeira geração de intelectuais do nosso trabalho era constituída em sua maioria por comerciantes, políticos, médicos, homens que faziam parte da elite econômica do município, mas que, *a priori*, possuíam pendores ou “simpatias” com as questões literárias e intelectuais (sobretudo em relação com as questões de ordem

¹¹⁵ Idem.

¹¹⁶ Gabinete de Leitura 7 de Setembro. *Correio de Campina*, Ano IV, 5 de setembro de 1915, nº 25, 5 de setembro de 1915, p.3.

¹¹⁷ Idem.

pátria). Identificamos entre os membros da entidade os escritores (principalmente poetas), Mauro Luna, Anézio Leão, Severino Pimentel, Murilo Buarque, Luiz Gomes da Silva, Cristino Pimentel, entre alguns outros, a maioria fazendo parte das primeiras diretorias desde muito jovens. Isso explica a afirmação de Néelson Schapochnik, ao relatar a experiência dos Gabinetes de Leitura no século XIX no Brasil:

A distribuição dos cargos previstos para a diretoria (presidente, secretário e tesoureiro) guardava uma correspondência com a dignificação e o reconhecimento de seus ocupantes por parte da comunidade dos sócios-leitores, mas também era respaldada pela competência intelectual, ou, ainda, pela disposição financeira.¹¹⁸

Durante as primeiras eleições, houve pouca variação dos sujeitos sócios da instituição, bem como dos cargos que ambos ocupavam. Não temos muitas informações sobre a natureza dos conflitos internos da instituição (algo inerente a qualquer tipo de associação, literária ou não), mas alguns indícios são evidenciados através de notas publicadas em jornais sobre como havia certos atritos entre os sócios. Temos a seguinte nota sobre as eleições para a diretoria:

Nós, abaixo assinados, sócios do Gabinete de Leitura 7 de Setembro, indignados com a insólita agressão, partida do Sr. Guimarães Barreto, contra o nosso digno consocio Sebastião Alves, quando foi da sessão para eleição da diretoria do “Gabinete”, vimos protestar contra o ato ofensivo desse Sr. e declarar ao nosso apoio moral e físico, em qualquer emergências em que o deplorável incidente o possa colocar.
Campina Grande, 30-8-1915¹¹⁹

Infelizmente, não encontramos mais indícios dos prolongamentos deste conflito. Todavia, no mesmo jornal “Correio de Campina”, de 22 de setembro de 1915, portanto, cerca de quinze dias após o sucedido, houve a publicação da ata de uma sessão ordinária sobre a mesma eleição (para o ano de 1915/1916), no qual podemos identificar como se processavam as escolhas dos sócios membros da diretoria e as votações. Um exemplo, para Presidência da Diretoria Geral do Gabinete de Leitura 7 de Setembro, fora eleito o idealizador da associação literária: Lino Fernandes de Azevedo, com 31 votos; contra Clementino Procópio, que obteve apenas 11 votos, e um voto em branco.¹²⁰

¹¹⁸ SCHAPOCHNIK, Néelson. A leitura no espaço e o espaço da leitura. In: ABREU, Márcia; SCHAPOCHNIK, Néelson (Orgs.). *Cultura Letrada no Brasil: objetos e práticas*. Campinas, SP: Mercados das Letras; São Paulo: Fapesp, 2005, p.239.

¹¹⁹ Protesto. *Correio de Campina*, Ano IV, Nº 25, 5 de setembro de 1915, p.3.

¹²⁰ Gabinete de Leitura 7 de Setembro: acta de sessão de assembléia geral ordinária, de 29 de agosto de 1915. *Correio de Campina*, Ano IV, nº29, 26 de setembro de 1915, p.3.

Ou seja, de um lado tivemos Lino Fernandes de Azevedo, pernambucano que havia chegado há apenas 4 anos em Campina Grande, fundador de outras tantas instituições na cidade de Campina Grande, como a “Sociedade Beneficente Deus e Caridade”; do outro lado, como adversário, aquele que foi considerado o maior nome da história da educação da cidade, Clementino Procópio, pernambucano, dono do Colégio São José (fundado no final do século XIX) e que formou gerações até sua morte na década de 1930, incluindo políticos e comerciantes conhecidos em Campina Grande.

Em 1918, houve uma importante reforma nos estatutos do Gabinete de Leitura 7 de Setembro, no qual o texto completo acabou sendo publicado pela Tipografia Campinense, pertencente a Barros & Ramos, também sócios da instituição. Nesta reforma é definido o Gabinete de Leitura 7 de Setembro como sendo “uma sociedade que tem por fim promover a instrução e concorrer por todos os moços, para o desenvolvimento intelectual dos seus associados”¹²¹. Desenvolvimento intelectual que poderia ter se possibilitado por diversas maneiras, envolvidas num conjunto de práticas literárias direcionadas ao próprio campo literário local que se formava, visto que Campina Grande não possuía na segunda década do século XX lugares significativos para ações coletivas direcionadas ao mundo intelectual, a exemplo de bibliotecas, clubes literários, etc. O Gabinete de Leitura 7 de Setembro foi criado para sanar estas limitações, suprir tais necessidades, procurando desta forma ser um espaço que aglutinasse as precisões e anseios de modernidade dos intelectuais e dos membros da elite campinense.

Temos então, primeiramente, a biblioteca, espaço público criado na ocasião da própria fundação do Gabinete, considerada, segundo o historiador Epaminondas Câmara, a primeira biblioteca pública da cidade de Campina Grande¹²². Longe de ser apenas utilizada pelos seus sócios, a população como um todo poderia usufruir da biblioteca. Todavia, uma pergunta seria: quantos populares letrados naquele início de século existiam em Campina Grande? Possivelmente pouquíssimos. A massa de letrados era constituída quase que completamente pela elite intelectual do município (médicos, jornalistas, comerciantes, contadores, etc.).

Outro mecanismo constituído dentro do Gabinete de Leitura 7 de Setembro foram as várias publicações periódicas que eram divulgadas como órgãos oficiais da

¹²¹ *Reforma dos Estatutos do Gabinete de Leitura 7 de Setembro*. Campina Grande: Tipografia Campinense, 1918, p.1.

¹²² CÂMARA, Epaminondas, Op.. Cit. p.84.

instituição, principalmente entre as décadas de 1910 e 1920. A política de publicação do círculo intelectual desperta atenção pela articulação do grupo na tentativa de empreender uma cultura impressa.

Nos primeiros anos após a fundação, a instituição criou o informativo anual “O Gabinete”, publicado no dia 7 de setembro (aniversário da entidade) e no qual os diretores faziam um balancete das ações de sua gestão (sobre gastos, investimentos, situação da biblioteca, além da publicação de textos de natureza cívica). Encontramos, em nossas pesquisas de arquivo, apenas dois números deste informativo, lançados nos anos de 1916 e 1917.

Com um perfil institucional, o informativo “O Gabinete” prevalece como o principal documento sobre o Gabinete de Leitura 7 de Setembro encontrado até o momento (juntamente com a reforma do estatuto, já citado aqui). Tais registros possibilita pensarmos como os personagens, os cenários e os jogos de poder envolvidos se constituíam no quadro das elites campinenses das primeiras duas décadas do século XX na cidade.

Outro periódico ligado à trajetória do Gabinete de Leitura 7 de Setembro, foi a “Revista Campinense”, publicada entre 1920 e 1921¹²³. De todos os exemplares possíveis, encontramos apenas o terceiro número publicado. Neste mesmo exemplar, numa espécie de editorial, intitulado: “Revista Campinense”, o texto tenta rebater críticas sobre um possível partidarismo do periódico: “Ao que nos consta, andam, algures, murmuradores levianos, a emprestar a esta revista, feição absolutamente inconfortável no seu programa, qual a de possuir predileções partidárias”¹²⁴. Respondendo à questão o editor rebate:

A guiza de programa, prevenidamente, dissemos, em nosso primeiro número:
- A “Revista Campinense” surge para propagar, além das fronteiras territoriais do município, o surto maravilhoso da vida de Campina Grande, nas suas varias modalidades: a nossa elevação moral; a revolução da nossa cultura; o desenvolvimento das nossas indústrias; o progresso das nossas artes; o desdobramento das nossas transações comerciais, etc.¹²⁵

Todavia, mesmo afirmando que “Não tocamos em política” ou “E não tem, absolutamente não tem política”¹²⁶, como encontramos em trechos deste mesmo editorial, chama atenção o fato da revista se dizer não partidária, e ao mesmo tempo, em

¹²³ Idem 1998, p.96.

¹²⁴ Revista Campinense. *Revista Campinense*, Ano I, nº3, de 1 de Novembro de 1920, p.9.

¹²⁵ Idem.

¹²⁶ Ibidem.

suas páginas haver várias fotografias de políticos, como foi o caso das imagens do Presidente do Estado da Paraíba da época: Sólon de Lucena, e o ex-presidente do estado Camilo de Holanda, além do “eterno prefeito de Campina Grande”: Cristiano Lauritzen¹²⁷.

Ao lermos a revista, percebemos os anseios de um grupo de letrados em expor suas idéias através de artefatos impressos. O periódico traz elementos, mesmo que poucos, de uma modernidade em suas páginas, a exemplo do uso de fotografias na capa e em várias de suas páginas. Foram alguns dos colaboradores da revista: Mauro Luna, Generino Maciel, Euclides Vilar, Acácio Figueiredo, Julio Maciel, entre outros.

Por último, entre os periódicos ligados ao Gabinete, tivemos o jornal “A Palavra”, publicado no ano de 1925. Com o subtítulo: “Órgão Literário do Gabinete de Leitura 7 de Setembro”, conseguimos identificar um exemplar, o número 11, de 7 de setembro de 1925, sendo uma versão impressa do jornal falado da instituição. Com características institucionais, “A Palavra” trouxe em seu conteúdo, além de informações gerais sobre o Gabinete, poemas, textos de natureza histórica, perfis dos membros da associação, além de muitos artigos de opinião.

O “jornal falado”, como foi citado acima, segundo as fontes que encontramos, era um acontecimento concorrido pelas elites campinenses nos encontros semanais entre os sócios na sede da instituição. Nesta ocasião, homens e mulheres poderiam noticiar novas produções poéticas, além de informar sobre fatos internos do Gabinete (como reuniões, assembléias, livros novos na biblioteca, etc.) e da cidade de Campina Grande. Para Cristino Pimentel

Era 1920. O “Gabinete de Leitura 7 de Setembro” apresentava todos os domingos um “Jornal Falado”. Tomavam parte nesse passatempo poetas fulgurantes como Severino Pimentel, Mauro Luna, Antonio Telha, Murilo Buarque, Odilon Luna, Ladislau Ramos, as poetizas Marilita Araújo, Heloisa Bezerra, Nair Gusmão e outras da literatura provinciana.¹²⁸

A citação do cronista Cristino Pimentel aponta, portanto, a participação de algumas poucas mulheres entre as práticas literárias do Gabinete de Leitura de

¹²⁷ Cristiano Lauritzen (1847-1923) foi um político dinamarquês radicado no Brasil. Prefeito de Campina Grande de 14 de novembro de 1904 até 18 de novembro de 1923, sua trajetória é demarcada principalmente pela luta para construção da linha férrea para Campina Grande, desde o final do século XIX. O trem só chegaria ao ano de 1907. Homem de muitas posses foi ligado diretamente a Epitácio Pessoa, ex-presidente do Brasil.

¹²⁸ PIMENTEL, Cristino. Lino Fernandes de Azevedo. In: *Mais um mergulho na História campinense*. Campina Grande: Edições Caravela, 2001, p.97-98.

Setembro, na década de 1920, em conferências, tertúlias e no chamado “jornal falado”, apesar de sabermos da ausência de ambas no quadro diretório deste mesmo período na instituição.

No que se refere aos “jornais falados”, segundo Monica Pimenta Velloso, eles acabaram se convertendo numa espécie de tradição cultural entre os intelectuais brasileiros, caracterizando-se como uma cultura do modernismo, sendo uma oralização feita para agradar uma platéia elitizada e ávida de novidades, num jogo comunicativo e cênico feito por intelectuais.¹²⁹

Além de uma sociedade literária, o Gabinete de Leitura 7 de Setembro, traz aspectos relacionados ao civismo e ao patriotismo, no que se refere à ideologia de seus membros. No *Álbum Industrial e Comercial de Campina Grande*, de 1925, organizado por José Amaral, encontramos a seguinte propaganda da instituição: “Sociedade Nacionalista e Literária, comemorativa das grandes datas cívicas nacionais”¹³⁰. O mesmo salienta Tertuliano Barros, quando afirmou em seu livro de memórias que: “O Gabinete de Leitura 7 de Setembro, cuja biblioteca chegou a contar com mais de 800 volumes era o ponto de reunião das pessoas preocupadas com coisas do espírito. Lá eram comemoradas as datas da história pátria”.¹³¹

Nestas festas cívicas eram comemoradas as datas importantes do calendário brasileiro imperial, em especial o dia 7 de setembro, data da Independência do Brasil. Aliás, o próprio nome da instituição remete a esta característica cívica. Além da independência, localizamos festas direcionadas a outras datas e personagens, como homenagens a Dom Pedro I, chamando atenção o lado evocativo dos elementos ligados ao período imperial da história brasileira.

No início da década de 1920, o Gabinete de Leitura 7 de Setembro coloca em prática um propósito antigo, o de funcionar uma escola noturna para as classes menos favorecidas. Em artigo de Alberto Saldanha, de 4 de Outubro de 1914, sabemos que este antigo intento foi idealizado, porém naquele momento não havia condições para tanto:

Quero crê mesmo que se o “Gabinete de Leitura 7 de Setembro” pudesse manter um ou dois professores para lecionarem diversas matérias a esse mocidade, a afluência ali seria muito maior, e muito maior seriam os frutos a colher.

¹²⁹ VELOSO, Mônica Velloso. Op. Cit. 1996, pp.70-71.

¹³⁰ Gabinete de Leitura 7 de Setembro. *Álbum Industrial e Comercial de Campina Grande*. Parahyba: Imprensa Industrial, 1925, s/p.

¹³¹ BARROS, Tertuliano. *Meio Século de Labor*. João Pessoa: A União, 1945, p.30.

Nas praças, onde a luta pela vida não dá lugar a que muitos moços pobres possam estudar durante o dia, estudam eles a noite nas sociedades de letras, donde tem saído muitos preparados para o comercio, e outros (...) sociedades, podem elas manter professores para ensinar aos que desejam estudar, e dali o grande aproveitamento para os mesmos associados.

Eis ali o meio fácil, pelo o qual podemos alcançar as mesmas vantagens que oferecem aquelas associações aos seus associados.¹³²

Segundo o *Annuário de Campina Grande*, de 1925, a escola noturna do Gabinete de Leitura 7 de Setembro, funcionou de 1920 a 1923, quando “foi fechada afinal, por motivos de ordem econômica, tendo, contudo, distribuído grande soma de benefícios pelos muitos pobrezinhos que a freqüentaram”¹³³. Não temos muitas informações sobre a atuação desta instituição ligada ao Gabinete de Leitura. Hortênsio Ribeiro relembra a importância desta escola: “(...) eu me lembro que, em certa época, lá andou funcionando uma aula noturna gratuita, que fez muito no sentido da desanalfabetização das classes desfavorecidos da fortuna de Campina Grande”¹³⁴.

Além de sua prática educativa e instrucional, o Gabinete de Leitura exercia uma função de sociabilidade que vai além da questão educacional ou mesmo intelectual. Para Néelson Schapochnik “Eventualmente fornidos de bilhares e bares, os gabinetes de leitura e as associações literárias e culturais, não raro, também se converteram em espaços de convivialidade e de reiteração dos vínculos identitários”¹³⁵. Este espaço de convívio, compreendido por nós enquanto círculo intelectual, criado pela elite campinense em 1913, realmente reiterava os vínculos de identidade que estavam sendo formados em Campina Grande pelo processo de modernização e estariam ligados justamente às festas e encontros realizados, dando uma característica de salão literário.

Bailes, festas comemorativas, cafés, concursos, eram realizados costumeiramente até mesmo para manter financeiramente a instituição. Segundo Hortênsio Ribeiro “Graças ao concurso inestimável da mulher campinense, o Gabinete de Leitura 7 de Setembro viveu e prosperou, alheado à agitação política campinense, tendo prestado reais serviços a eminente cidade sertaneja”.¹³⁶

No início da década de 1930, o Gabinete de Leitura 7 de Setembro não passava por bons momentos financeiros, causados principalmente pela diminuição dos sócios e

¹³² SALDANHA, Alberto, Op. Cit. 4 de Outubro de 1914, p.1.

¹³³ Gabinete de Leitura. *Annuário de Campina Grande*. Organização de João Mendes. Recife: Oficinas Gráficas do Jornal do Comércio, 1925, p.32.

¹³⁴ RIBEIRO, Hortensio. Gabinete de Leitura 7 de Setembro. In: *Vultos e Fatos*. João Pessoa: A União, 1979, p. 53.

¹³⁵ SCHAPOCHNIK, Néelson. Op. Cit. 2005, p.236.

¹³⁶ RIBEIRO, Hortensio, Op. Cit. 1979, p.53.

pela disputa com outros espaços de sociabilidade, principalmente associações recreativas, como as já citadas aqui neste primeiro capítulo. Desta forma, neste momento de desajuste organizacional e crise financeira, parte das atividades, bem como materiais, pertencentes à instituição foram recolhidas à Sociedade Beneficente dos Artistas.¹³⁷

No jornal *Praça de Campina Grande*, de 28 de outubro de 1934, somos informados que houve uma tentativa de reabertura do Gabinete de Leitura 7 de Setembro, no qual “a sua biblioteca que esteve durante quase cinco anos sob a guarda da benemérita Sociedade Beneficente de Artistas, no seu confortável palacete da Avenida Miguel Couto”¹³⁸. E, mais a frente, a matéria destaca a luta do cronista Cristino Pimentel sobre o soerguimento desta instituição:

Reorganizado recentemente por um grupo de intelectuais conterrâneos, à frente o nosso confrade Cristino Pimentel, que é o seu presidente efetivo nesta nova fase, o Gabinete vai reviver nesta hora de profundas transformações em nosso meio ambiente, todo o esplendor de uma época em que, sendo Campina uma cidade pequena, e com menores possibilidades econômicas e financeiras, possuía, entretanto um celeiro intelectual que honraria hoje a sua cultura de terra quase civilizada.

Se ainda há campinenses em Campina Grande, recordemos o passado desse Gabinete que tanto lustre deu á nossa terra, com as suas festas cívicas e literárias, que eram o encanto de nossa alta sociedade de então.

É esse velho Gabinete que reabre agora as suas portas, para tornar a fazer o maior bem á mocidade de Campina Grande¹³⁹.

No jornal *A Frente* identificamos meses atrás outras manifestações de contentamento sobre a possível volta do Gabinete de Leitura 7 de Setembro naquele ano de 1934:

Chegando ao meu conhecimento que alguns sócios do Gabinete de Leitura, pretendiam trabalhar pela reorganização deste sodalício, sintilei de contentamento porque ainda vive num recanto do meu cérebro o raio de reconhecimento que adquiri através de sua esfera de ação esfera tanto luminosa quanto cheia de fertilizantes lições de civismo e educação.¹⁴⁰

Todavia, tal empolgação não perdurou por muito tempo, visto que mesmo voltando ao funcionamento, a começar por outubro de 1934, o Gabinete de Leitura 7 de

¹³⁷ O gabinete de leitura reabre sua biblioteca. *Praça de Campina*, Ano I, Nº 4, de 28 de outubro de 1934, p.3.

¹³⁸ Idem.

¹³⁹ Ibidem.

¹⁴⁰ Gabinete de Leitura 7 de Setembro. *A.E.JORNAL*, Ano I, Nº 6, de 20 de Maio de 1934, p.3.

Setembro não chegaria a permanecer com suas atividades. Um ano depois fecharia suas portas definitivamente.

Desta forma, o Gabinete de Leitura 7 de Setembro pode ser compreendido como um círculo intelectual formado com o intuito de representar um ideário da elite da cidade de Campina Grande nas primeiras décadas do século XX, sendo um espaço de legitimação social, em especial no núcleo das sociabilidades intelectuais, privilegiado, porém, enquanto lugar de circulação de ideias e valores ligados ao civismo e ao nacionalismo, bem em voga no Brasil neste período.

1.3.2. A FRUTEIRA DE CRISTINO PIMENTEL: BOEMIA E BOEMIA LITERÁRIA

Entre os círculos intelectuais informais que atuaram na cidade de Campina Grande na primeira metade do século XX, a mais importante, sem nenhuma dúvida, foi a “Fruteira de Cristino Pimentel”. Localizado no “Beco 31”, centro da cidade, o espaço que também se tornou um bar ao longo dos anos, reunindo em seus encontros diários, os principais nomes da intelectualidade campinense durante os seus 25 anos de existência, sendo palco da formação de outros tantos lugares de sociabilidade, a exemplo do *Clube Literário de Campina Grande e o Clube dos Caçadores*.¹⁴¹

Inaugurado em 1 de março de 1928, “A Fruteira” foi ao longo das décadas formulando um autêntico “cenáculo”¹⁴² na cidade de Campina Grande, onde intelectuais constituíram laços de amizade e nos quais vários debates foram compostos sobre literatura, política, filosofia, entre outros campos dos saberes. Segundo Cristino Pimentel, em 1938, “A Fruteira” se tornaria conhecida como casa de especiarias e de vendas de bebidas, mas sempre comercializando frutas, como na sua origem. Contudo, de acordo com o cronista, foi apenas em 1943 que o estabelecimento comercial tornou-se verdadeiramente a casa preferida dos intelectuais de Campina Grande. Tal preferência é muitas vezes justificada pelos hábitos boêmios destes intelectuais, como esclarece o autor de “Abrindo o Livro do Passado”: “Ensinaram-me a fazer “Bate-bate”,

¹⁴¹ “Num ambiente assim, num dia claro assim, nasceu o “Clube Literário de Campina Grande”, em 1947, no dia 31 de agosto. Antes, em outro momento, num instante jubiloso de aperitivos, no dia 15 de janeiro de 1946, fundaram o “Clube dos Caçadores”. (...). Ver PIMENTEL, Cristino. Op. Cit. 2001, p.74.

¹⁴² Termo Cenáculo (do latim *Cenaculum*) tem origem religiosa, sendo um termo usado para o sítio ou local onde ocorreu a Última Ceia e onde atualmente está um grande templo. A palavra é um derivado da palavra latina *cena*, que significa "jantar". Todavia, para os intelectuais humanistas, certos lugares no qual há o hábito de reuni-los, podem ser considerados também um cenáculo.

uma bebida preparada com aguardente, maracujá, mel de abelha e limão. Foi o chamariz sensacional. Tornou-se o “bate-bate” o inspirador das almas – a conquista maior – e veio de um espírito simples, que eu soube aproveitar”¹⁴³. O bate-bate acabou mudado de nome pouco tempo depois, passando a chamar-se “O primoroso”.¹⁴⁴

O consumo da bebida não foi o único motivo pelo sucesso do estabelecimento enquanto um círculo de intelectuais nas décadas de 1940 e 1950, mas as alusões a “questão ética” da Fruteira são recorrentes no imaginário dos letrados campinenses, através de crônicas, memórias e poemas, como veremos mais a frente nesta narrativa.

Segundo Cristino Pimentel:

(...) intelectuais, poetas, filósofos, boêmios, professores, acorriam a “A Fruteira”. (...) Estabeleciaram-se discussões em torno dos diversos campos do pensamento, sobre as variadas escolas dos poetas, do estilo delirante de Olavo Bilac, Castro Alves, Emílio de Menezes, Guerra Junqueira – sarcastas preclaros -, Martins Fontes, Guilherme de Almeida, Gilka Machado, até dos nossos vates conterrâneos como Mauro Luna, Anézio Leão, Euclides Vilar, Iracema Marinho, Murilo Buarque e muitos outros daquém e dalém mar, cujos nomes as paredes do Cenáculo guardavam como divindades tutelares do espírito e da forma.¹⁴⁵

O cronista Cristino Pimentel procurou, em várias crônicas publicadas nos seus livros ressaltar a Fruteira como um lugar de exibição de luz, bem ao gosto iluminista; um “lugar sagrado”, de comunhão entre os homens da cidade preocupados com as questões do “espírito”. Um exemplo é o seguinte trecho em uma destas crônicas:

(...) desse ambiente surgiu um cenáculo, onde fazedores de boa prosa derramavam luz, muita luz, luz flamante na qual me embestia. verdadeiros duelos de inteligência. Adoráveis momentos de letras que a gente não desejava ver terminados. E aprendi. E me instruí. E me expandi, graças a esse punhado de iluminados.¹⁴⁶

Iluminados, iluminadores, iluministas, termos equivalentes, bastante utilizados nas crônicas de Cristino Pimentel para exaltar os personagens que encenavam no cenário chamado *A Fruteira*. Seja em qual assunto for, o autor de “Abrindo o Livro do Passado” enfatiza inclusive o humanismo, citando muitas vezes em suas crônicas filósofos como Diderot, Rousseau, Voltaire, nomes máximos do movimento iluminista francês nos séculos XVIII.

¹⁴³ PIMENTEL, Cristino. Em tudo o destino... como nasceu “A Fruteira”. In: *Abrindo o livro do passado*. Campina Grande: EDUFCCG, 2011, p.147.

¹⁴⁴ Idem.

¹⁴⁵ Ibidem.

¹⁴⁶ PIMENTEL, Cristino, Op. Cit. 2001, p.18.

Além de cenáculo, Cristino Pimentel constrói através de suas crônicas “A Fruteira” enquanto taberna¹⁴⁷, ou seja, evidencia em seu discurso uma denominação que conota outros significados, igualando-a a um bar, um lugar visitado pela boemia ou um reduto de pessoas simples. Expressão que contrasta com o “sagrado” pertencente à expressão “cenáculo” (denotação quase que espiritual). Portanto, temos assim duas denominações que expressam os diferentes significados atribuídos ao fundador da Fruteira, enfeixando o círculo intelectual como espaço sagrado e profano, em um sentido de ser um lugar de práticas comuns, mas ao mesmo tempo consagradas.

Mas que sujeitos chegaram a freqüentar a “Fruteira” de Cristino Pimentel durante os seus 25 anos de existência? O mentor do empreendimento cultural relata em crônica quem eram alguns destes personagens que deram “luz”, do ponto de vista intelectual, em especial nos últimos anos de seu funcionamento:

Na minha taberna, “A Fruteira”, em 1950, conseguiu-se entre uma diversidade de prosadores, embriaguês e belo espírito, bons momentos intelectuais. Reuniam-se Cristino Pimentel, o taberneiro literário; Omega, a enciclopédia viva; José Pedrosa, o livreiro de mão cheia de luz; José Lopes de Andrade, o cronista por excelência; Zeferino Lima, a poesia escorreita; Antonio Telha, o folclórico contador da prefeitura; Cunha Lima, o cronista fugido da maldade; Grimoaldo Siqueira, o hoteleiro de mãos generosas; padre Manoel Otaviano, autor de “Emboscada do Destino”; Eduardo Mai Franco, o banqueiro intelectual; Zé da Luz, o autor de “Brasil Caboclo”; Miguel Ramos, a anedota cheia de graça; “Seu” Tomás, a estrada de ferro fazendo charadas; José Jataí, o precursor da rádio-difusão em Campina Grande; Euclides Martins, a risada chiante, deixando a amostra a alma sem maldade; o Chico Asfora, o socialista inquieto; enfim, formávamos uma turma de prosadores alegres, com relâmpagos de espírito. Bebíamos, alcandorávamos as nossas almas, dando-lhes mais beleza, com o “Primoroso”, a “Boneca Branda” e a “Branquinha” extraída do vegetal que faz a fortuna da Várzea paraibana.¹⁴⁸

O quadro de intelectuais provenientes desta geração que conviveram na fruteira não se restringia a estes nomes citados e apelidados por Cristino Pimentel. Outros nomes freqüentavam o lugar, a exemplo de Luis Gomes da Silva, Antonio Telha, Aauto Barreto, etc., e tantos outros, variando com o tempo e com as afinidades, alguns deles com perfis de “intelectuais sérios”, mas que não escondiam suas predileções pela vida boemia. A diversidade se sobressai pelos diversos lugares sociais dos

¹⁴⁷ A palavra deriva, pelo latim *taberna*, do grego *ταβέρνα*, que significa "abrigo" ou "oficina".

¹⁴⁸ PIMENTEL, Cristino, Op. Cit. 2001, p.73.

frequêntadores da fruteira/bar. São jornalistas, poetas, funcionários públicos, políticos, todos do sexo masculino¹⁴⁹, das mais diversas idades e grupos sociais.

De todos os nomes, não há dúvida que Cristino Pimentel assumiu uma liderança particular. Reconhecido pela simpatia, sua fruteira/bar tornou-se seguramente um lugar especial de sociabilidades da cidade, em especial de seus amigos intelectuais, ansiosos por socializarem seus ideais e ideias. Nascido em Campina Grande em 22 de julho de 1897, Cristino Pimentel faleceu em 1971. Iniciou sua vida profissional como tipógrafo do *Correio de Campina*. Foi comerciante, caixeiro viajante, trabalhando em diversos municípios. Estabeleceu-se em Campina Grande com *A Fruteira* no ano de 1928 e foi fundador de associações literárias, a exemplo do Clube Literário de Campina Grande, em 1947. Nas suas próprias palavras: “Da Fruteira surgiu o escrevinhador de artigos”¹⁵⁰. Tornou-se o cronista mais presente em Campina Grande, publicando crônicas nos mais diversos jornais e revistas da Paraíba, e algumas vezes, no Estado de Pernambuco. Publicou os seguintes livros: *Dois Poetas* (Livraria Pedrosa, 1950), *Pedaços da História da Paraíba* (Editora Teone, 1953), *Abrindo o Livro do Passado* (Editora Teone, 1956) e *Pedaços da História de Campina Grande* (Livraria Pedrosa, 1958) e *Mais um Mergulho na história Campinense* (Edições Caravela, 2001). Esta última, uma obra póstuma.

Sua importância pode ser dimensionada por uma reportagem, publicada na *Revista Manaíra*, de outubro/novembro de 1948, quando o jornalista José Leite Sobrinho, amigo do cronista, afirma que: “Não se pode conceber Campina Grande sem Cristino. Já se pode dizer ter sido um personagem mitológico, que veio criando forma, através dos tempos.”¹⁵¹. O grau mitológico perpassa, segundo o jornalista pela sua atuação junto a Fruteira: “Quantas gerações de jovens não passaram pelas bancas da Fruteira do 31, bebericando o aperitivo para o almoço e ouvindo as palavras de fé ou dos poemas do dono? É como ontem dizia o nosso comum amigo José C. Pedrosa: “Cristino, você não pode, nem deve silenciar. Você é a voz de Campina. Campina fala por você”¹⁵².

Como cronista, sua obra é exaltada pelas suas qualidades estéticas, que tocam o sensível, chamando atenção até os dias atuais como sendo registros impactantes das práticas culturais, dos cenários e dos sujeitos da cidade de Campina Grande, como bem

¹⁴⁹ Chama atenção que estes espaços de sociabilidades sejam exclusivos dos homens, visto que não encontramos nenhum indício do aparecimento de mulheres na Fruteira.

¹⁵⁰ PIMENTEL, Cristino, Op. Cit. 2001, p.17.

¹⁵¹ SOBRINHO, José Leite. Cristino Pimentel. *Revista Manaíra*, Campina Grande, nº 29, Outubro e Novembro de 1948, p.37.

¹⁵² Idem.

informa Vírginius da Gama e Melo em seu estudo sobre os cronistas campinenses, publicado na *Revista Campinense de Cultura*:

Dos cronistas que tiveram sempre sua vida ligada à cidade, sem dúvida, é Cristino Pimentel o mais representativo. Aliás, teria sido este, do ponto de vista mais ortodoxo da crônica, no que tem ela de popularidade e valor humano, o mais completo e mais expressivo cronista campinense, pois se Cristino escreve muitas vezes sobre as figuras mais opulentas ou mais destacadas na escala social, é inegável que o melhor dele, onde sua “pena corre mais leve”, como dizia Machado, é ao tratar do povo humilde, dos botadores de água, dos homens espirituosos, dos bêbados, dos bodegueiros antigos no seu comércio tão íntimo e tão estranho às vezes (...) ¹⁵³

Outro estudioso da obra do autor foi o historiador Fábio Gutemberg de Sousa, que realizou até o momento o estudo mais completo sobre a vida e a obra do cronista campinense: “Cristino Pimentel: Cidade e Civilização em Crônicas”, publicado em 2001. Para o historiador, as crônicas de Cristino chamam atenção do leitor por sua densidade e dimensão polêmica. Construtor e defensor de certo ideário de vida urbana, demarcado por um cosmopolitismo e um progressismo, podemos perceber, a partir das leituras, os desejos e anseios de uma modernização na cidade de Campina Grande, bem como uma representação sagrada do tempo de suas ações junto “A Fruteira”. ¹⁵⁴

“A Fruteira” não foi apenas representada pelo seu idealizador através de crônicas demarcadas pelo “discurso da saudade”, como o próprio Cristino cantou. Outros poetas e cronistas também procuraram criar representações sobre este círculo intelectual, evidenciando aspectos já salientados por nós anteriormente. Trazemos dois exemplos. O primeiro é uma crônica de Amaury Vasconcelos. O segundo, um poema de Ronaldo Cunha Lima.

Vejamos as duas referências:

A Fruteira, cadinho onde da evocação do álcool, no bate-papo, da cana pura, da cerveja aloirada, do vinho santo, do conhaque Macieira ou São João da Barra e Alcatrão, o tira gosto de inocentes avoadoras, limões ou laranjas, e tudo boêmia de versos, frases universais de literatura, tudo no puro e no chulo, num Clube de Bolinhas, ao ritmo de gargalhadas estrídulas. Dali, no beco do 31, germinaram-se no Clube Literário de Campina Grande. ¹⁵⁵

A Fruteira do Cristino

¹⁵³ MELO, Vírginius de Gama e. Cronistas de Campina. *Revista Campinense de Cultura*. Ano 1, nº 2, dezembro de 1964. p.60.

¹⁵⁴ SOUSA, Fábio Gutemberg R.B. de. Op. Cit, 2005, p.133.

¹⁵⁵ VASCONCELOS, Amaury. Prefácio. In: PIMENTEL, Cristino. *Mais um mergulho na História Campinense*. Campina Grande: Edições Caravela, 2001, p.08.

por contraste do destino,
não tinha frutas da terra,
mas tinha frutos do mar:
caranguejo e pitu.
Fruta mesmo, tinha a gosto:
laranja, lima e caju.¹⁵⁶

Tanto Amaury Vasconcelos, quanto Ronaldo Cunha Lima evidenciam a boemia literária, o “universo étílico” presente neste círculo intelectual. Até as frutas citadas encaminham para um cenário da experiência do consumo do álcool. No caso específico do poema, percebemos a ironia mais eminente, mais forte, visto que o poeta refere-se apenas a frutas que servem como “tira-gosto”.

Percebe-se, desta forma, claramente que *A Fruteira* se coloca como um lugar de boemia na cidade de Campina Grande, sendo um fenômeno típico da experiência urbana. Para o historiador Diogo de Castro Oliveira, foi a modernidade que possibilitou que o boêmio viesse à lume¹⁵⁷. Porém, segundo o mesmo autor há diferenças entre o que seja boemia e boemia literária:

Aqui faço a separação entre a boemia e a boêmia literária por dois motivos óbvios: o primeiro é que a boemia, com seus marginais, prostitutas, conspiradores e estudantes, podem marcar uma época, mas nem sempre deixa um legado ou vestígios para a bateia do historiador; segundo, como pesquisador dos epifenômenos culturais, cabe-me buscar compreender e realçar o transcurso do imaginário, ou seja, o crescimento funcional do espírito no processo de conhecimento numa época de rupturas tão drásticas com o passado e com a tradição.¹⁵⁸

Na soma da “visão étlica” idealizada por Amaury Vasconcelos e Ronaldo Cunha Lima, temos ainda a representação criada pelo jornalista José Leite Sobrinho:

A FRUTEIRA DE CRISTINO. Quanta mocidade não tem passado por suas portas. Quanta geração não tem ido lá, diariamente, beber o vinho da ciência, provar do elixir do Fausto. Naquelas mezinhas, mudas e frias, quantos dramas da vida não se desenrolaram. Quantas obras primas não escreveu o poeta ou o enamorado. Lá, vamos encontrar desde o democrata AGUARDENTE, ao vinho MADEIRA, passando pelo real CAVALO BRANCO; do DOCE DE MAMÃO, a GELADA DE MARACUJÁ; do POETA ao HOMEM de negócios, da SATIRA POLITICA, a ANEDOTA que divertia. Sobretudo, bila o espírito moço e folgado de Cristino animado com sua verve ou acalmando os exaltados com sua autoridade de padre de

¹⁵⁶ LIMA, Ronaldo Cunha. *A Fruteira*. In: *Roteiro Sentimental: fragmentos humanos e urbanos de Campina Grande*. João Pessoa: GRAFSET, 2001, p.206.

¹⁵⁷ OLIVEIRA, Diogo de Castro. *Onosarquistas e Patafísicos: a boemia literária no Rio de Janeiro fim-de-siècle*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008, pp.29-30

¹⁵⁸ *Ibidem*, p.32.

nós todos. Após, os seus fregueses, somos os seus filhinhos, como ele mesmo diz.¹⁵⁹

Todavia, “A Fruteira” não foi apenas um espaço atuante de uma boemia literária, mas um lugar de homens humildes, trabalhadores e “vagabundos” de Campina Grande, o que salienta a presença de outra boemia que não necessariamente passava pela experiência demarcada pelas práticas literárias. A Fruteira acolhia também “um bando alegre de humildes boêmios”¹⁶⁰. Muitos deles com apelidos jocosos. Cristino se refere nestas palavras:

Assim é que tínhamos: Zé Cavalo, contador de enredos de fita de cinema, Bageiro, Chinês, Cirilo Jacaré, Leôncio, Mister Roque, Lelô, Gorila, Pequeno Relógio, Birunga, João Saborné, Gordinho, Cícero Ruim, Tempero, Canção, Rosbaque, Rasteiro e muitos outros a que o vício punha os nomes.¹⁶¹

Além de um lugar que possuiu um conjunto de representações que evidenciam como um espaço de boemia, de amizade, de consumo de bebidas alcoólicas, há outro aspecto em que “A Fruteira” pode se enquadrar. O de um espaço de mobilização, de confrontação política, de polêmicas lideradas pelo seu idealizador. Entre os debates acalorados dos freqüentadores deste círculo intelectual, havia uma prática comum bastante utilizada por Cristino Pimentel, o chamado “Jornal Falado”, que era “(...) composto de uma só frase, do proprietário, apregoando as ‘virtudes’ do ‘bate-papo’ Primoroso ou de um político e pensador de talento”¹⁶². Segundo Cristino o jornal “Palavra do Dia”, era um “jornal de uma só frase, escrito a giz, de apologia ou sarcasmo aos mandantes da cidade”¹⁶³. O cronista cita um exemplo em uma de suas crônicas sobre como se constituía a prática cultural:

Em 1947, na campanha em que saiu prefeito da cidade o dr. Elpídio de Almeida, a “Palavra do Dia” anunciava, fazendo soar um gongo, a marcha das apurações da eleição, o que atraía para a taberna grande número de pessoas interessadas em saber qual o candidato vencedor. Houve bebedeira e prosa com fartura quando foi proclamada a derrota do senhor Veneziano Vital do Rego. Nesse dia, a “Fruteira” fartou-se, contentou-se e vibrou de alegria. Festejava a vitória do melhor contra o bom (...)¹⁶⁴

¹⁵⁹ SOBRINHO, José Leite. Op. Cit. Outubro e Novembro de 1948, p.38.

¹⁶⁰ PIMENTEL, Cristino, Op. Cit. 2001, p.75.

¹⁶¹ Idem.

¹⁶² Ibidem, p.74.

¹⁶³ Ibidem.

¹⁶⁴ Ibidem.

Cansado de tantos anos de trabalho junto ao comércio, Cristino Pimentel decide fechar as portas da *Fruteira* de forma definitiva no ano de 1953. Todavia, sua despedida não foi realizada de maneira convencional, pois o cronista decide realizar uma ampla festa, que mobilizou um número considerável de pessoas, das mais diversas classes sociais da cidade de Campina Grande. “Anunciei aos meus fregueses e aos meus amigos que no dia 1 de março encerraria, definitivamente, a minha carreira comercial com uma festa em que todos poderiam comer e beber de graça o estoque restante do estabelecimento. Assim aconteceu”.¹⁶⁵

Às 4 horas da tarde do dia de sábado iniciava-se a festa, tendo terminado apenas no domingo, 1º de março de 1953, às 14 horas. “Foram sacrificados perus, galinhas, frangos, para o repasto; até pebas e pombinhas torradas com toucinho, ovos de touro, bacalhau, lombinhos de fígado, quartos de carneiro e porco (...)”¹⁶⁶, escreveu Cristino, em uma de suas “crônicas da saudade”. Além disso, na ocasião, houve a apresentação da orquestra da Rádio Borborema.¹⁶⁷

O próprio Cristino Pimentel publicou no seu livro “Abrindo o Livro do Passado” dois registros fotográficos da ocasião da despedida da “Fruteira”, ocorrida no dia 1 de Março e que podem ser considerados como marcas ou indícios de práticas sociais específicas deste círculo intelectual. Uma fotografia traz o ângulo externo e outra registra o ângulo interno do estabelecimento.

Vejamos o primeiro registro:

¹⁶⁵ PIMENTEL, Cristino. Op. Cit. 2011, p.154.

¹⁶⁶ Idem, p.156.

¹⁶⁷ Com o fim da Fruteira, Cristino Pimentel vendeu o ponto comercial, localizado no Beco 31, ao seu primo Geraldo Pimentel. O lugar continuou sendo um lugar de encontros de boêmios, porém sem a presença massificada de intelectuais. Ver: DINOÁ, Ronaldo. *Memórias de Campina Grande*. Volume 2. João Pessoa: a União, 1993.

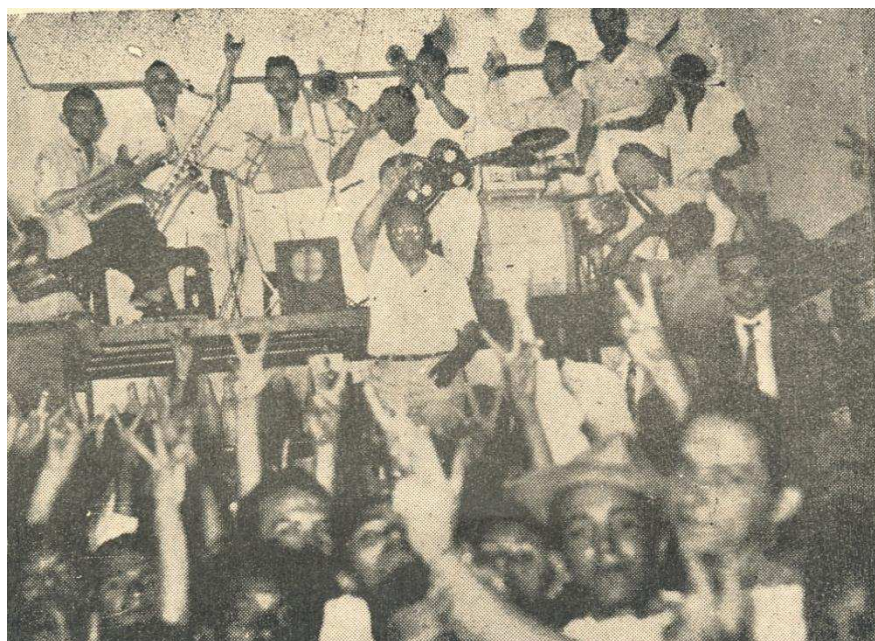


ILUSTRAÇÃO 1

Ambiente interno da festa de despedida da Fruteira de Cristino Pimentel em março de 1953.
Fonte: PIMENTEL, Cristino. *Abrindo o livro do Passado*. João Pessoa: Teone, 1956, s/p.

A foto traz três planos. No primeiro, temos diversos populares, notadamente homens, de idades e classes sociais diferentes, com suas mãos levantadas em forma de “v”, que representam a primeira vista, com gesto de simpatia e reciprocidade, além de vitória. Em um segundo plano, temos no centro da fotografia Cristino Pimentel, afastado do fotógrafo, porém em um lugar de destaque, com gestos semelhantes aos outros personagens. Num terceiro plano, próximo a Cristino, temos a Orquestra da Rádio Borborema, constituída por homens com seus instrumentos musicais.

Um primeiro aspecto a tratar da fotografia é a descontração, expressada nos rostos de praticamente todos os sujeitos captados pelo fotógrafo. Apesar da descontração, pelos indícios, a foto parece à primeira vista planejada, mesmo caracterizada pela espontaneidade dos gestos dos personagens.

Temos a segunda fotografia, trazendo agora um registro da parte externa de *A Fruteira*:



ILUSTRAÇÃO 2

Ambiente externo da festa de despedida da Fruteira de Cristino Pimentel em março de 1953.
Fonte: PIMENTEL, Cristino. *Abrindo o livro do Passado*. João Pessoa: Teone, 1956, s/p.

Nesta segunda fotografia temos o perfil dos personagens que estiveram presentes na festa de despedida de A Fruteira. No primeiro plano, há cerca de duas dezenas de homens, vestidos de maneira simples, jovens e velhos. Alguns poucos levantam as mãos, gesticulando um “v” (semelhante à primeira fotografia). Em um segundo plano, identificamos o quadro da entrada principal de A Fruteira, com seus traços arquitetônicos simples, e bem no centro uma placa com o nome: *A Fruteira*, com a informação ao lado: Fundado em 1 de Março de 1928.

Um aspecto que chama muita atenção de toda esta festa de despedida foi a produção de uma *Ata de Encerramento da Fruteira*, produzida por alguns dos freqüentadores do estabelecimento, e que trouxe como marca, uma sátira dos emblemas e gestos deste círculo intelectual informal e que demarcaram certas práticas boêmias na cidade. O texto foi produzido enquanto uma estratégia lúdica. Vejamos o documento:

ATA DE ENCERRAMENTO

A 1º de março do ano da graça de 1953, primeiro dia do horário velho, e em que se completa 25 anos de “a Fruteira”; os comandos sanitários, desta e de outras terras, presentes o dia cuja, resolveram não considerar os protestos do senhores pais e filhos, de senhores de engenho e solidários com o “fruteiro-mor” Cristino Pimentel, encerraram as atividades “pedicaníferas”, em virtude do que as seguintes determinações:

1º - Acabar com o estoque, porque de graça beber é melhor que pagando;

2º - Lacrar a registradora para que alguém bem intencionado não se deixe tornar “pagão”;

3º - Convocar os carros da Polícia para entrega ao domicílio, acompanhado de uma comissão para que, solidariamente, apanhará da cara metade do “decujos”, para que ele não apanhe sozinho;

4º - Determinar o máximo rigor na observância dos deveres sociais, não devendo de forma alguma alguém deixar para outro o que ainda possa servir para si;

5º - Dispor tudo de tal maneira de que o Cristino não tenha que vender, no dia seguinte;

6º - Compromisso solene, de não responsabilizar ao “fruteiro-mor” por qualquer intoxicação que alguém venha a sofrer, por maior ou menor quantidade ingerida.

E, por estarem conformes, subscrevem esta ata de encerramento das atividades comerciais de “A Fruteira” com votos vencidos do Sindicato dos Pés de Cana.

Campina Grande, 1-3-1953. ¹⁶⁸

Estão presentes no documento, traços evidentes das práticas boêmias. Assinaram a ata 150 frequentadores do estabelecimento, alguns deles intelectuais, que presenciaram a importância deste círculo, a exemplo de Virgínius da Gama e Melo (na época um jovem jornalista e amantes das letras), Adabel Rocha, Egídio de Oliveira Lima, Epitácio Soares, etc. Além da ata, houve ainda espaço para produções de glosas, bem à moda da época, como a produzida pelo poeta popular Severino de Branco, dedicada à Fruteira:

Mote
Sempre existiu alegria
N’A Fruteira de Cristino.

Glosa
Um centro de boemia
Cheio de grande fulgor,
Sempre houve bom humor,
Sempre existiu alegria
O plebeu e o granfino
E o dr. Zeferino
Com sua franca bondade
Formando sociedade
N’A Fruteira de Cristino ¹⁶⁹.

¹⁶⁸ Ibidem, p.155-156.

¹⁶⁹ Ibidem, p.157.

Desta forma, concluímos o relato histórico sobre a Fruteira de Cristino Pimentel, um círculo intelectual demarcado pela experiência boêmia de seus frequentadores. Intelectuais, que entrelaçados pela amizade criaram o hábito do encontro informal, regado ao consumo de bebidas alcoólicas e que tiveram na figura de Cristino, “o cronista da cidade”, uma figura central e irradiadora.

1.3.3. DO “CALDO DE CANA DO HORTÊNSIO” AO CENTRO CAMPINENSE DE CULTURA: JUVENTUDE E IDEOLOGIAS

Hortênsio de Sousa Ribeiro nasceu em Campina Grande em 31 de janeiro de 1885 e faleceu na mesma cidade em 16 de agosto de 1961, aos 76 anos de idade. Advogado, jornalista e cronista, concluiu o curso de preparatório no Grêmio de Instrução de Campina Grande. Matriculou-se na Faculdade de Direito do Recife em 1903, aos 18 anos, não chegando a concluir os exames no fim do ano por motivo de doença. Voltou à faculdade, mas interrompeu novamente os estudos. Em 1914, transferiu-se para a Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, colando grau em 1918. Veio a exercer suas atividades na terra natal. Com sólida formação humanística, ingressou no magistério e no jornalismo.¹⁷⁰

Conhecido como o “Francês do Cariri”¹⁷¹, fundou em Campina Grande no ano de 1923, a *Gazeta do Sertão*, numa segunda fase¹⁷². Além disso, colaborou durante anos nos jornais da capital. Foi sócio fundador da Academia Paraibana de Letras em 1941 (o único representante de Campina Grande), juntamente com Coriolano de Medeiros, Horácio de Almeida, entre outros. Sua produção literária, constituída de crônicas, artigos e ensaios é disperso por jornais e revistas, a exemplo: *A Imprensa*, *Voz da Borborema*, *A União*, etc.

¹⁷⁰ Ver perfil do autor na obra: JOFFILY, Irineu et alli. In: *Antologia de Autores Campinenses*. Campina Grande: Comissão Cultural do Centenário, 1964, p.30.

¹⁷¹ Apelido dado pelo jornalista paraibano Orris Barbosa quando da atuação de Hortênsio de Sousa Ribeiro na capital do estado, na época chamada ainda de Cidade da Parahyba. Uma referência direta a *francofilia* do personagem, ou seja, o seu amor á cultura francesa. Ver: ANDRADE, José Lopes de. Um grande paraibano. In: RIBEIRO, Hortensio de Sousa. *Vultos e Fatos*. João Pessoa: A União, 1979.p.14.

¹⁷² A primeira fase da *Gazeta de Sertão* é referente aos anos de 1889 a 1891, quando dos editores Irineu Joffily e Francisco Retumba. A segunda fase correspondente justamente aos anos de 1923 a 1924, sob a direção de Hortensio de Sousa Ribeiro. Houve ainda uma terceira fase, de 1981 a 1988, na direção de Edvaldo de Sousa do O.

Segundo Cristino Pimentel, “O Dr. Hortêncio Ribeiro escrevia sobre a marcha ascendente da cidade cuja evolução e crescimento acompanhou e sentiu”¹⁷³. Hortêncio foi um entusiasta das transformações urbanas e do ideário progressista, em ascensão no momento. Suas crônicas, por outro lado, caracterizaram-se também pela predileção em perfilar personagens conhecidos da política, das artes, do comércio e da medicina, na Paraíba, muitos deles, fizeram parte do seu círculo de amizade, a exemplo do ex-presidente Epiácio Pessoa e do médico Dr. Chateaubriand.

Foi protagonista de boa parte das atividades intelectuais do município de Campina Grande, participando ativamente dos círculos que foram se formando ao longo da primeira metade do século XX. Na década de 1930, intensificou suas atividades, fazendo dos seus escritórios de advocacia, localizados na principal rua do município, a Maciel Pinheiro, um reduto de intelectuais ansiosos por divulgarem suas leituras e pensamentos.

De um grupo de jovens intelectuais que se reuniam corriqueiramente em um escritório, caracterizado pela informalidade, o círculo transformou-se, em 1938, no *Centro Campinense de Cultura*, uma instituição cultural, que recebeu apoio governamental da época, tendo como presidente o próprio Hortêncio de Sousa Ribeiro.

Estudantes, jornalistas, funcionários públicos, percebiam em Hortêncio Ribeiro numa espécie de liderança intelectual. O cronista acabou aglomerando ao redor de si, forte influência principalmente entre os jovens, interessados em debates intelectuais, de maneira informal. Tanto é que, devido ao hábito de consumir o caldo de cana, acabou-se por tornar um espaço chamado de “Caldo de Cana do Hortêncio”.

Segundo o escritor José Lopes de Andrade, o cronista Hortêncio de Sousa Ribeiro vivenciou várias fases de sua vida intelectual, entre elas aquela correspondente ao chamado “Caldo de Cana”, onde houve a fase da constituição do círculo intelectual campinense. Vejamos:

O Hortêncio jornalista (fase das “Notas” diárias na “Imprensa”); o Hortêncio boêmio (fase do “Castelo” Vigny, na Av. João da Mata, em Campina Grande, e na Rua Direita, hoje Duque de Caxias, na capital); o Hortêncio do “Caldo de cana” (fase semi-boêmia, semi-criadora, vivida em dois escritórios de advocacia que manteve na rua Maciel Pinheiro, em Campina Grande).¹⁷⁴

¹⁷³ PIMENTEL, Cristino. Op. Cit. 2001, p. 79.

¹⁷⁴ ANDRADE, José Lopes de. Op. Cit. 1979, p.14.

Nesta fase, de semi-boemia, como afirma Lopes de Andrade, que seria na década de 1930, quando “formava ele, com Severino Pimentel, Mauro Luna e Generino Maciel, o ponto mais alto do movimento literário do interior da Paraíba (...) com reflexos na capital do estado e do país”.¹⁷⁵

Tendo características de um boêmio literário, Hortênsio Ribeiro participou ativamente das rodas e redutos culturais da cidade de Campina Grande e João Pessoa (na década de 1920 ainda chamada de Cidade de Parahyba), vendo na necessidade de sociabilidade literária uma forma de articular-se enquanto intelectual, principalmente entre as décadas de 1930 e 1950.

O político e escritor paraibano Ernani Satyro, ao residir em Campina Grande entre os anos de 1940 e 1945 (que nesta época atuava como advogado), chegou a freqüentar as reuniões no escritório de advocacia de Hortênsio Ribeiro¹⁷⁶. Homem de letras, Satyro teve uma atuação que pode ser considerada como destacada em Campina Grande, se relacionando de maneira marcante com letrados da época¹⁷⁷. Em trechos retirados em *Discurso da Câmara dos Deputados*¹⁷⁸, percebemos como era o cenário de tais encontros ocorridos no círculo liderado por Hortênsio. De acordo com Ernani Satyro: “O seu escritório, em Campina Grande, era o ponto onde se reuniam moços e velhos, ansiosos de uma conversa inteligente, de um ensinamento, de uma confissão. Era um escritório de advocacia, onde do que menos se falava era de dinheiro”.¹⁷⁹

A prática informal do “salão literário” de Hortênsio se deu na década de 1930, quando o cronista decidiu residir definitivamente no município. Antes disso, graças aos seus problemas de saúde e obrigações profissionais, ele havia residido na capital paraibana ou passado temporadas em municípios menores. Todavia, podemos compreender que houve um momento em que o “Caldo de Cana do Hortensio” se transformou num círculo intelectual formal, contendo desta forma todos os mecanismos institucionais, como estatuto, membros, regimento, diretoria, etc., dando um “ar sério” aos encontros informais de fim de semana.

¹⁷⁵ Idem.

¹⁷⁶ SATYRO, Ernani. Hortensio Ribeiro. In: RIBEIRO, Hortensio. *Vultos e fatos*. João Pessoa: A União, 1979, p-9-12.

¹⁷⁷ Sua experiência no relacionamento com estes intelectuais campinenses acabou inspirando parte dos seus personagens, no romance *Mariana*, publicada pela Editora José Olympio, no ano de 1957, ambientado em Campina Grande.

¹⁷⁸ O Discurso intitulado “Hortensio Ribeiro”, em homenagem ao cronista, na ocasião de sua morte em 1961, foi publicado primeiramente no jornal *Tribuna do Povo* (Rio de Janeiro), além de pertencer ao volume *Vultos e Fatos*, coletânea de crônicas de Hortensio Ribeiro publicado pela Secretaria de Educação do Estado da Paraíba no ano de 1979.

¹⁷⁹ SATYRO, Ernani, Op. Cit. 1979, p.10.

Segundo Ernani Satyro, “A esse escritório, nos momentos de humildade, que eram os mais constantes, ele chamava de “meu caldo de cana””¹⁸⁰. Abaixo, o mesmo autor esclarece: “Nos momentos de vaidade, uma vaidade, se pode assim dizer, ingênua e impessoal, o “caldo de cana” tomava outro nome, ousado e pretensioso. Era o “Centro Campinense de Cultura””¹⁸¹.

Mas, quem seriam os personagens deste círculo, que titubeou entre a formalidade e a informalidade? Quais as práticas literárias exercidas neste lugar? O mesmo Ernani Satyro descreve os sujeitos que deram vida ao ambiente de sociabilidade intelectual, esclarecendo inclusive o jogo de amizades e simpatias entre os homens que freqüentavam o “O Caldo de Cana” na década de 1940, sendo alguns também membros fundadores da fase que chamamos de *Centro Campinense de Cultura*:

Nele buscavam apoio todos os namorados das letras, os seduzidos da ciência, os enfeitiçados do futuro. A esses, considerava os associados. Mas o centro de cultura era ele; era o estímulo de sua presença. Exerceu uma influência de que talvez não tenha tido a consciência devida. Sem poder relembrar todos os que iam ali, de várias idades e tendências, a falar de literatura, história, filosofia, direito ou mesmo de nada, simplesmente do cotidiano, da vida um dos outros, mencionarei os nomes de Lino Fernandes, Mauro Luna, poeta e vernaculista, Elísio Nepomuceno, este talvez o mais chegado a Hortensio, Ascendino Moura, o mais chegado a mim, Hiaty Leal, Raimundo Viana, Rubens Saldanha, crítico de arte genial, tão cedo mergulhado no infortúnio e na morte, Verniaud Wanderley, o prefeito renovador e desabusado, com a picareta a derrubar, para reconstruir, a cidade de Hortensio Ribeiro, Lopes de Andrade, Carlos Agra, Acácio Figueiredo, mestre da advocacia e da correção moral. Quantos outros!¹⁸²

“O centro de cultura era ele; era o estímulo de sua presença”¹⁸³. A afirmação de Ernani Satyro enfatiza a importância de Hortensio como centro catalisador das ações intelectuais deste círculo. Em texto publicado no jornal *Voz da Borborema*, de 22 de Dezembro de 1937, podemos acompanhar o início do processo de transformação do “caldo de cana” em “centro de cultura”. Hortensio de Sousa Ribeiro assim proclama esta liderança através de uma crônica intitulada: *Ergamos o nível intelectual campinense instituindo entre nós um centro de cultura*

Conclamar a mocidade e a juventude de Campina Grande para que essa primavera sagrada, que se compõe daqueles que ainda não dobraram o cabo da desesperança, se decidam os moços a se reunir uma vez por semana, num ambiente iluminado, com janelas abertas para o ar livre e que olhem para o

¹⁸⁰ Idem.

¹⁸¹ Ibidem, p.10-11.

¹⁸² Ibidem, p.11.

¹⁸³ Ibidem.

firmamento estrelado, numa sala adquirida mesmo a título, de empréstimo, mas onde se fale, palestre e discorra história, poesia, artes técnicas, indústrias e ciências.¹⁸⁴

Hortensio Ribeiro se coloca como um líder de uma geração, sendo o mais experiente de um grupo que, segundo ele, era formado pela diversidade, mas que se caracterizava pela juventude, a exemplo de Tácio Honório, Emílio Farias, Carlos Agra, Aduino Rocha, Yati Leal, Elias Araújo, Paulo Vieira, Lopes de Andrade, Murilo Buarque, Mauro Luna, Luiz Gomes, Silva Andrade, João Ayres, Félix de Oliveira, Levy Borborema, Cristino Pimentel, Ennio Azevedo, Antonio Telha, João Mendes de Sousa, Severino Pimentel e tantos outros.

Jornalistas, advogados, professores, comerciantes, funcionários públicos, políticos, mas principalmente estudantes, estes eram os perfis dos sujeitos que freqüentaram o “Caldo de Cana” e deram um passo importante para a criação do “Centro Campinense de Cultura”. Além disso, chama atenção, a semelhança entre o Gabinete de Leitura 7 de Setembro e a “Fruteira”: a ausência de mulheres nestes círculos intelectuais.

Entre os freqüentadores do Caldo de Cana do Hortensio, além dos já citados intelectuais locais, que eram assíduos freqüentadores destas reuniões informais, outros nomes, de outros lugares, em visita a Campina Grande, também freqüentavam o círculo intelectual. Um caso interessante foi a presença constante no início da década de 1950, do crítico de arte Rubem Navarro, paraibano de Campina Grande, porém radicado no Rio de Janeiro, desde a década de 1940, onde conseguiu um invejável reconhecimento como crítico de dança, teatro e arte, especializando-se em arte barroca brasileira. Sua vinda para a Paraíba seria motivada por problemas de saúde, que o levou à morte no ano de 1955.¹⁸⁵

Um exemplo das formas de sociabilidade que eram possibilitadas no *Caldo de Cana* foram expressas numa crônica de Lopes de Andrade intitulada “Um Companheiro Ideal”, referindo-se à morte do comerciante e dramaturgo Lino Fernandes de Azevedo. O cronista explica como conheceu o personagem em questão e enfatiza as amizades criadas através do convívio:

Vim a conhecer o Cel. Lino Fernandes, como durante muito tempo foi chamado pelos seus conterrâneos, em reuniões no antigo “caldo de cana”,

¹⁸⁴ RIBEIRO, Hortensio. Ergamos o nível intelectual campinense instituindo entre nós um centro de cultura. *Voz da Borborema*, Ano I, Nº 47, de 22 de Dezembro de 1937, p.1.

¹⁸⁵ NAVARRA, Rubem. *Jornal de Arte*. Campina Grande: Edições da Comissão Cultural do Município, 1966.

apelido pelo qual o também já falecido escritor Hortêncio de Souza Ribeiro designava seu escritório de advocacia, na Maciel Pinheiro.

Amigos de Longa data, Hortêncio Ribeiro e Lino Fernandes formavam um par de homens da velha estirpe campinense, testemunhas de acontecimentos políticos e sociais que, sem o depoimento verbal de cada um, talvez não tivessem sido recolhidos pela história local.¹⁸⁶

Lopes de Andrade ainda salienta que “havia uma diferença de idade de mais de uma geração” entre ele e Lino Fernandes de Azevedo, mas que isso nunca encontrou nada que “tivesse perturbado pelo ranço do passado ou ousadias o futuro”¹⁸⁷. Com este depoimento, percebe-se a diversidade dos frequentadores do “Caldo de Cana”, que iam de jovens, como Lopes de Andrade, até experientes homens de letras, como Lino Fernandes de Azevedo.

No final de 1937, Hortensio Ribeiro criava a necessidade da “mocidade campinense” possuir um lugar que propiciasse debates sobre literatura, filosofia, poesia, etc., que centralizasse as atividades intelectuais do município. Seu pensamento, em grau fortemente associativo, é bastante inspirado na sua própria formação humanística, no qual a ausência de instituições literárias era considerado um atraso para a lógica civilizatória. Desta forma, o cronista lança as bases para a formação “de um centro de cultura e estudos que tenha por desiderato soerguer o nosso nível espiritual, nosso sentimento estético e o nosso espírito histórico”.¹⁸⁸

“Sentimento estético” e “espírito histórico”, que serão os lemas principais do Centro Campinense de Cultura, criado no dia 25 de Março de 1938, no salão da recém inaugurada Biblioteca Municipal, na ocasião da eleição da seguinte diretoria: Presidente – Dr. Hortensio de Souza Ribeiro; Secretário – acadêmico Honório de Melo; orador – Dr. Carlos Agra; vice-dito: João Mendes; tesoureiro: Raimundo Viana. Contudo, a inauguração do *Centro Campinense de Cultura* se deu apenas no mês de Abril (no dia 6), quando foi realizada uma grande festa, com a presença de autoridades políticas, como o prefeito Bento Figueiredo. Na ocasião, Hortensio Ribeiro fez um “elogio histórico” ao Patriarca da Independência do Brasil, José Bonifácio de Andrade e Silva, em comemoração do 1º centenário de sua morte.¹⁸⁹

¹⁸⁶ ANDRADE, José Lopes de. Um companheiro ideal. In: *Uma militância na imprensa*. Organização: José Octávio de Arruda e Melo e Ana Maria Gonçalves dos Santos Pereira. João Pessoa: Bolsa de Mercadorias da Paraíba, 1985, p.140.

¹⁸⁷ Idem.

¹⁸⁸ RIBEIRO, Hortensio. O nível intelectual campinense instituindo entre nós um centro de cultura. *Voz da Borborema*, Ano I, Nº 47, 22 de Dezembro de 1937, p.1.

¹⁸⁹ Centro Campinense de Cultura. *Voz da Borborema*, Ano II, Nº 21, 30 de Março de 1938, p.3.

No número 24, de 9 de Abril de 1938, o jornal *Voz da Borborema* publica as solenidades do primeiro centenário de morte de José Bonifácio, ocorrendo assim a fundação solene do “Centro Campinense de Cultura”, nova associação campinense, que segundo a matéria “tem como objetivo entre outras finalidades cultivar a memória dos homens que em nossa pátria se notabilizaram por serviços inestimáveis e extraordinários”.¹⁹⁰

O evento, ocorrido no dia 6 de Abril, no salão nobre da “União dos Moços Católicos”, demarcou bem as funções que um círculo intelectual teria naquele momento em Campina Grande. Uma associação que se prestasse à valorização de uma memória dos “grandes e gloriosos nomes da História brasileira”, a exemplo de José Bonifácio de Andrade e Silva e Tiradentes, ou datas comemorativas como o cinquentenário da abolição ou os 150 anos do início da Revolução Francesa.

Palestras, conferências, debates, estes seriam as várias práticas literárias dimensionadas pelo *Centro Campinense de Cultura*. É comum encontrarmos eventos como “semanas culturais”, promovidas pela entidade, como o ocorrido no mês junino de 1938, quando vários dos membros produziram temáticas relacionadas ao período. Neste sentido, temas e autores desenvolveram as seguintes conferências no salão da Biblioteca Municipal: *Por que é festejado o São João no Brasil?* (Honorio de Melo), *A Culinária Sanjonesca* (Raimundo Viana), *O Milho de São João* (Nanci Rodrigues), *O Folclore do senhor São João* (Lopes de Andrade) e *Superstições da noite de São João* (Hiaty Leal). Mesmo com um perfil elitista, o evento relata outra dimensão deste círculo intelectual, uma tentativa de diálogo com as expressões culturais locais, como a data comemorativa do São João.¹⁹¹

Interligados com estas comemorações referentes às datas e à glorificação de personagens históricos, não podemos negar as ligações ideológicas do *Centro Campinense de Cultura* com o poder local e conseqüentemente com o Estado Novo, que a partir de 1937 esquematizou seus tentáculos em várias instâncias da sociedade. Uma prova categórica das ligações do *Centro Campinense de Cultura* com a ideologia do Estado Novo foi a publicação do “Catecismo do Estado Novo”, no jornal *Voz da*

¹⁹⁰ As solenidades do primeiro centenário de morte de José Bonifácio entre nós. *Voz da Borborema*, Ano II, nº24, 9 de Abril de 1938, p.1.

¹⁹¹ A Semanal de Quarta-feira do Centro Campinense de Cultura. *Voz da Borborema*, Ano II, nº39, 4 de junho de 1938, p.4.

Borborema, em 6 de maio de 1939. Como subtópico a matéria trazia: “Do Departamento de Propaganda e Cultura do Centro Campinense de Cultura”.¹⁹²

O texto refere-se às três pessoas do Estado Novo (semelhança da trindade católica): Forças Armadas, Chefe do Governo Nacional e corporação de Ministros, “Pessoas distintas que encarnam, respectivamente, os espíritos de guerreiro, sacerdote e profeta”¹⁹³. Mais à frente, a glorificação do regime fica ainda mais visível, quando o autor pergunta: “O Estado Novo erra como o homem? Não. Ele se integra em tudo. É onisciente. E o é, por obra do espírito orgânico do Governo; isto é, por intermédio da terceira pessoa (os ministros doutrinadores), a quem compete a prédica da nova política do Brasil”.¹⁹⁴

Esta evidência é clara, como percebemos, que os eventos cívicos do *Centro Campinense de Cultura*, possuíam apoios institucionais da prefeitura, na época dirigida por Bento Figueiredo, irmão do interventor Argemiro de Figueiredo, nome forte do sistema do Estado Novo no estado da Paraíba. O exemplo que podemos trazer é a festa de Centenário de Floriano Peixoto, ocorrida no dia 30 de abril de 1939, no Fórum Municipal, visto como um homem patriótico, que foi capaz de conter num momento de grande agitação “a onda de anarquia que tentou subverter a República”.¹⁹⁵

A palestra realizada por Hortênsio Ribeiro faria parte de uma obediência ao programa traçado pelo Governo Nacional, que previa as comemorações e homenagens aos sujeitos que o regime considerava como heróis da pátria, a exemplo do próprio ex-presidente Floriano Peixoto, respeitado por muitos como sendo exemplo de um governo soberano e forte, mesmo que amparado pela violência e a repressão.

O fato de tantos intelectuais compactuarem com o Estado Novo não é novidade na história brasileira. Em vários estados da federação, não foram poucos os nomes importantes, que apoiaram e serviram aos sistemas ditatoriais ou foram simpatizantes das ideologias totalitárias. O próprio Hortensio Ribeiro fez parte destes movimentos integralistas na Paraíba durante a década de 1930. A prova é a publicação de uma fotografia ao lado do líder maior e fundador da Ação Integralista Brasileira, Plínio Salgado e outros comandos nacionais, como Thiers Martins Moreira e lideranças locais, como Pedro Baptista, responsável pela difusão do integralismo no estado.

¹⁹² Catecismo do Estado Novo. *Voz da Borborema*, Ano III, nº31, 6 de Maio de 1939, p.8.

¹⁹³ Idem.

¹⁹⁴ Ibidem.

¹⁹⁵ O Centenário de Floriano. *Voz da Borborema*, Ano III, nº29, 29 de abril de 1939, p.1.



ILUSTRAÇÃO 3

Visita de comitiva Integralista à cidade de Campina Grande na década de 1930.
Fonte: Razões do nosso Integralismo. João Pessoa: Tipografia São Paulo, 1934.

Na Paraíba, existiram grupos integralistas, a exemplo da Ação Integralista Brasileira, seção estadual, que em 1934 publicou o folheto *Razões do nosso integralismo (carta á província da Paraíba do Norte)*. A fotografia acima foi publicada juntamente com este escrito, sendo uma imagem que documenta “a primeira caravana integralista que visitou a província de Paraíba do Norte”.¹⁹⁶

A fotografia tirada pelo poeta e fotógrafo Euclides Vilar, em seu estúdio traz da esquerda para a direita os seguintes nomes: Hermes Barcelos, A. Bucão Judice, Hortensio Ribeiro, Plinio Salgado, Pedro Baptista, Thiere Martins Moreira e A. R. de Valle. Dos sete homens, quatro deles estão com os braços cruzados. Aparentemente ambos não trajavam as roupas características do movimento¹⁹⁷, nem se utilizavam dos símbolos integralistas durante a captação da fotografia.

Ao relatar as experiências dos intelectuais brasileiros neste mesmo período Mônica Pimenta Velloso afirma que

É a partir da década de 30 que eles passam sistematicamente a direcionar sua atuação para o âmbito do Estado, tendendo a identificá-lo como representação superior da idéia de nação. Percebendo a sociedade civil como um corpo conflituoso, indefeso e fragmentado, os intelectuais corporificaram

¹⁹⁶ *Razões do nosso integralismo (carta á província da Paraíba do Norte)*. João Pessoa: Tipografia São Paulo, 1934.

¹⁹⁷ As camisas e capacetes eram verde-oliva, as calças eram pretas ou brancas e as gravatas pretas.

a idéia de ordem, organização, unidade. Assim, ele é o cérebro capaz de coordenar e fazer funcionar harmoniosamente todo o organismo social.¹⁹⁸

Ainda segundo Mônica Pimenta Velloso foi durante o período do Estado Novo (1937-1945) que essa matriz autoritária de pensamento vai conferir os contornos mais definidos, passando as elites intelectuais das mais diversas correntes a identificar o Estado como cerne da nacionalidade brasileira.¹⁹⁹

Desta forma, concluímos que entre os anos finais da década de 1930, encontramos dezenas de referências a atuações do *Centro Campinense de Cultura*, na organização mensal de palestras e conferências, onde se debatiam temas relacionados à história e à literatura brasileira e mundial, em especial relacionados a questões de civismo, enfocando datas e personagens que consideravam importantes para a trajetória da humanidade. Chegando à década de 1940, com a extinção do jornal *Voz da Borborema*, não mais encontramos notícias sobre este círculo intelectual. Contudo, parece que o hábito de encontros informais no “Caldo de Cana” do Hortênsio se mantiveram ininterruptamente, durante vários anos, como podemos observar através do relato de Ernani Satyro, que freqüentou “o caldo” durante a primeira metade da década de 1940.

Desta forma, compreendemos que nas décadas de 1930 e 1940, os Círculos Intelectuais tiveram na figura de Hortênsio de Sousa Ribeiro, o seu principal agente, uma espécie de arregimentador cultural que conseguiu aglutinar um bom número de intelectuais, seja enquanto anfitrião do “Caldo de Cana”, ou como presidente do “Centro Campinense de Cultura”, instituição esta que procurou difundir um ideal de civismo e de amor ao conhecimento da história pátria, seguindo os parâmetros ideológicos do Estado Novo.

1.3.4. DA ACADEMIA DAS ESQUINAS À ACADEMIA DOS SIMPLES: (IN)FORMALIDADE E VIDA NOTURNA

“*Uma fotografia Histórica da Literatura Campinense*”, é o título da reportagem publicada na *Revista Manaíra*, de Campina Grande, em junho de 1951, escrita pelo

¹⁹⁸ VELLOSO, Mônica Pimenta. Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília. *O Brasil republicano: o tempo do nacional estatismo, do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. Volume 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p.148.

¹⁹⁹ Idem.

poeta e jornalista Egídio de Oliveira Lima²⁰⁰. Devido a esta matéria conseguimos obter informações relevantes sobre alguns capítulos da história intelectual de Campina Grande na primeira metade do século XX, em especial sobre a “Academia das Esquinas” e a “Academia dos Simples”, dois atuantes círculos intelectuais campinenses entre as décadas de 1930 e 1940 que possuíam trajetórias entrelaçadas pelos mesmos personagens e lugares.

A *Academia das Esquinas* iniciou sua trajetória no ano de 1937, na Rua Santo Antonio, nº 37, através de Egídio de Oliveira Lima e Antonio Mangabeira, na época ambos com 31 e 32 anos respectivamente e envolvidos em atividades literárias e comerciais na cidade de Campina Grande. Residentes próximos à Ponte de Santo Antônio, companheiros de “ida e volta” ao trabalho, os dois idealizaram nestas caminhadas diárias a fundação de uma academia de letras em Campina Grande. Apesar de estarem envolvidos com o comércio e a indústria da cidade, exercendo funções de vendedores e/ou contabilistas, eles possuíam certas aptidões literárias, em especial com a poesia. Desta forma, com a proposta, ambos acabaram convidando outros jovens com os mesmos interesses, a exemplo de Inácio Rocha e Lira Flores, que deram início ao círculo informal, como poderemos perceber.²⁰¹

Segundo Egídio de Oliveira Lima, na Academia das Esquinas (assim como demonstra o próprio nome do círculo), a informalidade foi um traço bastante forte, visto que os encontros entre os intelectuais que faziam parte do grupo ocorriam quase sempre ao ar livre, à noite, nas esquinas das principais ruas do centro de Campina Grande, a exemplo do Café Irapurú, do Correio Velho e da Confeitaria Petrópolis (principalmente no primeiro estabelecimento, pertencente ao comerciante Manoel Dias de Lima).²⁰²

Assim como outros centros do país e do mundo, os cafés funcionavam como microsociedades, espaços para relações de sociabilidades entre as elites campinenses; alguns, devido a circunstâncias específicas, tornaram-se espaços privilegiados dos intelectuais, erigindo-se em centros de circulação de ideias, de preocupações sociais, culturais, artísticas e políticas da época, como foi nos cafés Irapurú e Petrópolis, que em determinados períodos, sobremaneira nas décadas de 1930 e 1940.

²⁰⁰ Egídio de Oliveira Lima (1904-1965) – Jornalista, Cordelista e Funcionário Público. Foi editor das revistas *Manáira* e *Arius*, em Campina Grande, nos anos 1940 e 1950. Colaborou em diversos órgãos de imprensa e associações literárias. É autor do livro: *Folhetos de Cordel* (Editora da UFPB, 1978) e de vários cordéis.

²⁰¹ LIMA, Egídio de Oliveira. Uma fotografia Histórica da Literatura Campinense. *Revista Manáira*, Campina Grande, Ano XII, nº 66, Junho de 1951, p.16.

²⁰² Idem.

Os cafés, na verdade, funcionavam como espaço de afetividade, onde os amigos confraternizavam, trabalhavam e trocavam ideias sobre o cotidiano e a cidade. Ao investigar a funcionalidade e o papel dos cafés no Rio de Janeiro, no início do século XX, Mônica Pimenta Velloso afirma que “os cafés se apresentam como o local onde os intelectuais conseguem exercer a criatividade, dando vazão à sua sensibilidade artística, tão sacrificada no horário de trabalho”.²⁰³

A informalidade, portanto, foi um traço característico da *Academia das Esquinas*. Ao observarmos a afirmação de Egídio de Oliveira Lima, este aspecto da naturalidade e da informalidade fica ainda mais claro: “Teria de ser uma sociedade nômade, sem sede nem estatutos, porém com um limitado número de sócios. Uma espécie de rede de comunicação literária e nada mais”²⁰⁴. Ou seja, por estas características é possível percebermos o grau de naturalidade da *Academia das Esquinas*, cuja amizade e necessidade do debate intelectual eram os centros aglutinadores. Porém, ao mesmo tempo, seus membros eram restritos, no que se refere à quantidade e implicitamente ao grau de afetividade entre os participantes do círculo intelectual.

Apesar da informalidade, está presente em diversos aspectos do círculo intelectual, além da ideia de sócio (que quebra um pouco com a forma não-associativa do círculo intelectual), chama atenção o fato de que a *Academia das Esquinas*, dias depois de sua criação, já revelaria uma liderança, visto que Egídio de Oliveira Lima e Antonio Mangabeira entregaram ao poeta Murilo Buarque a presidência do grupo. O ato, de acordo com a reportagem, “foi presenciado pelo cantor popular Lira Flores que passou a ser, também, um dos associados daquela entidade”²⁰⁵. Portanto, mesmo com evidências que a colocam como um círculo intelectual informal, algumas de suas práticas demarcam experiências ligadas ao modo formal de organização.

Conhecido como o “burilador de caveiras”, Murilo Buarque nasceu na cidade de Palmares, interior de Pernambuco, em 21 de agosto de 1903. Veio a residir em Campina Grande, cidade conhecida pelos “bons ares” da serra, em 1924, a conselho médico, pois possuía problemas respiratórios graves. Poeta conhecido na maioria dos círculos intelectuais campinenses da época, não é de estranhar que sua liderança tenha sido colocada como justificativa para organizar as sessões da *Academia dos Simples*, graças

²⁰³ VELLOSO, Mônica Pimenta. Op. Cit. 1996, p.47.

²⁰⁴ LIMA, Egídio de Oliveira, Op. Cit. Junho de 1951, p.16.

²⁰⁵ Idem.

à sua importância para os agentes do campo literário local. Entre as décadas de 1930 e 1950, seu nome era recorrentemente citado nos círculos intelectuais e na imprensa paraibana. Autor de uma pequena plaquete de poemas, filosofia de Judas, lançado pela Livraria Campinense em 1940, este foi telegrafista em Campina Grande e João Pessoa. Em matéria publicada no mesmo número da *Revista Manaíra*, assinada por Egídio de Oliveira Lima, é possível visualizarmos a empolgação do jornalista ao descrever a importância do “burilador de caveiras”:

Murilo Buarque da Mata nome estimado e grande, é um exímio sonetista, perfeito improvisador de trovas, orador espontâneo, bom cronista e ótimo jornalista. Conhecido em toda a América Latina pela manifestação de seus sentimentos poéticos. Murilo Buarque, tem tido em revistas de países vizinhos, a versão de seus belíssimos poemas.²⁰⁶

Demonstrando o lado fragmentado e momentâneo dos círculos intelectuais campinenses neste início do século XX, a *Academia das Esquinas* deixa de existir nos anos finais da década de 1930 para, em seu lugar, ser criado, segundo Egídio de Oliveira Lima, a *Academia dos Simples* no ano de 1940 com a mesma base dos frequentadores do primeiro círculo intelectual.

Fundada no *Café Azul*, de propriedade de Lau do Ó, localizada na Rua Cardoso Vieira, centro de Campina Grande, no ano de 1940, a “Academia dos Simples” tem entre suas características a formalidade, passado pelo fato do grupo ser constituído com estatutos e membros filiados ao círculo intelectual. De acordo com Egídio de Oliveira Lima, estiveram presentes na criação da *Academia dos Simples*, os intelectuais “Epitácio Soares, Anésio Leão, Mauro Luna e outras pessoas que bem poderiam dar à reunião um cunho mais duradouro e feliz”²⁰⁷. Ainda segundo a reportagem a primeira ata da Academia dos Simples foi elaborada por: Félix de Sousa Araújo, Epitácio Soares, Antonio Mangabeira, Egídio de Oliveira Lima, Inácio Menezes Rocha e José de Nóbrega Simões, na residência deste, no bairro de Bodocongó, em Campina Grande, numa segunda reunião.

Todavia, um fato paradigmático ocorreu logo após a primeira reunião no Café Azul. Seguimos a narração de Egídio Lima: “Quando esse pessoal debandou, os sócios Mangabeira, Epitácio, Inácio e Egídio dirigiram-se ao Foto de Euclides Vilar onde

²⁰⁶ LIMA, Egídio de Oliveira. Murilo Buarque, o Pincelador de “caveiras”. *Revista Manaíra*, Campina Grande, s/n, Junho de 1950, p.5.

²⁰⁷ LIMA, Egídio de Oliveira, Op. Cit. Junho de 1951, p.17.

tiraram uma fotografia em conjunto para significar a eternização da primeira fotografia histórica da literatura campinense”²⁰⁸



ILUSTRAÇÃO 4:

Grupo de intelectuais campinenses fundadores da Academia dos Simples em 1940. Antonio Mangabeira, Epitácio Soares, Inácio Rocha e Egídio de Lima.

Fonte: *Revista Manaíra*, Campina Grande, Ano XII, nº 66, Junho de 1951, p.16.

A fotografia acabou sendo utilizada como ilustração para a reportagem intitulada “*Uma fotografia Histórica da Literatura Campinense*”, da autoria de Egídio de Oliveira Lima e significou, de acordo com o jornalista, uma imagem-símbolo da história da literatura de Campina Grande.

A fotografia, como vemos, traz quatro homens. São eles: Antonio Mangabeira, Epitácio Soares, Inácio Rocha e Egídio Lima de Oliveira. Dois deles sentados em cadeiras, num primeiro plano, vestidos de branco (Inácio Rocha e Egídio Lima) e outros dois, em pé, em segundo plano, olhando fixamente para a câmara, vestidos de preto (Antonio Mangabeira e Epitácio Soares). Os quatro têm em suas mãos materiais

²⁰⁸ Idem.

impressos, como jornais e revistas e chama ainda atenção a elegância dos personagens na cena.

Captada no estúdio pertencente ao fotógrafo Euclides Vilar, a imagem pode ser considerada como um “emblema da produção literária campinense”, trazendo, no seu âmago, os anseios e os desejos de jovens escritores na necessidade de se firmarem enquanto intelectuais na cidade de Campina Grande, nas décadas de 1940 e 1950. Segundo a nossa leitura, a fotografia representa também a “imagem” que os intelectuais campinenses gostariam de passar para a posteridade, da seriedade, da elegância, do hábito da leitura constante, bem como de informar que o seu gesto naquele momento representaria um acontecimento importante não só para os envolvidos, mas para todo o município de Campina Grande.

O uso do recurso moderno, como a fotografia, traduziria também os anseios de modernidade, bem como traduziriam a sofisticação daquele momento. Posada, os elementos como a elegância das vestimentas, o hábito da leitura “cristalizado”, enfatizam as intencionalidades dos quatro homens diante do quadro intelectual do período no município.

Outro aspecto que devemos observar é que o texto publicado na *Revista Manaíra* parece atestar a curta vida que teria a Academia dos Simples, pois Egidio Lima afirma categoricamente que muitas das reuniões ocorriam de “maneiras rápidas e pouco felizes”. E mais, a leitura que fazemos da fotografia afirma o caráter breve e isolado destas seções, que em muitas vezes os círculos intelectuais campinenses se caracterizaram, visto que apenas quatro dos membros da *Academia dos Simples* estiveram presentes na captação da fotografia. Por que motivo os outros fundadores não participaram do ritual?

O uso da imagem fotográfica, neste sentido, significou não apenas para estes quatro intelectuais a necessidade de registrar o momento como *um acontecimento paradigmático*, único, referencial, como pretendeu passar também o título da reportagem, mais exemplifica o caráter breve e fragmentado destas realizações literárias.

Outro dado retratado na trajetória da Academia dos Simples foi uma denúncia que a entidade sofreu no início da década de 1940. Segundo Aílton Elisário, em relato publicado na internet, utilizando-se de uma referência do cronista Severino Machado,

Vigorava no país a ditadura getulista e por uma denúncia infundada chegou à cidade um escalão da polícia de censura, com a missão de investigar as origens e a finalidade da academia que pelo nome cheirava a povo, a massa. Pedro d’Aragão, comerciante, homem íntegro, maçom, fez a defesa dos acadêmicos “suspeitos”, alegando que eram simples jovens, inteligentes e pacíficos, ao que retrucando, a autoridade policial disse que eles estavam sendo investigados “justamente porque são pessoas simples, mas cabeças pensantes, inteligentes”. Não deu em nada a investigação.²⁰⁹

Até os dias de hoje não se soube quem foi o delator. Pouco tempo depois a *Academia dos Simples* deixou de funcionar. Brevidade esta que podemos evidenciar com outros pequenos relatos, como o do autor de *Datas Campinenses*, Epaminondas Câmara, que segundo em suas notas, em 1941 teria surgido a *Academia dos Simples* sendo “organizada por diversos intelectuais conterrâneos e presidida pelo poeta Murilo Buarque”²¹⁰, que realizou durante dois anos diversas sessões literárias. Portanto, segundo as poucas fontes que conseguimos sistematizar, a instituição teria deixado de funcionar em 1943. Para Egídio Lima, tal ato só foi possível graças às desavenças entre os membros deste círculo intelectual.

1.3.5. CLUBE LITERÁRIO DE CAMPINA GRANDE: LEGITIMAÇÕES E CONFLITOS

Uma cidade como a nossa, grande no empório comercial, grande pelos seus 75 mil habitantes, pela situação geográfica, pelo seu clima e pela independência financeira, deve, também, ser grande no seu grau de cultura, porque sem este bálsamo, uma sociedade não é sã, não aparece no cenário para o drama da civilização, que marcha com ardor em todos os quadrantes do universo.²¹¹

A justificativa do poeta Adabel Rocha pode ser considerada um senso comum entre os intelectuais campinenses. Entre as décadas de 1930 e 1950 não foram poucos os escritores e jornalistas proclamando a necessidade de Campina Grande se tornar uma cidade da cultura. Uma cidade não apenas reconhecida pela atividade comercial e industrial, mas pela produção literária e artística. Essa busca por um grau de cultura significativo fica ainda mais evidente quando percebemos a trajetória efêmera de muitas das associações literárias que foram sendo criadas ao longo da primeira metade do século XX.

²⁰⁹ ELISÁRIO, Ailton. Academia dos Simples. In: http://paraibaonline.com.br/index.php/colonistas_inc/3/203, acessado em 22 de fevereiro de 2012.

²¹⁰ CÂMARA, Epaminondas, Op.Cit. 1998, p.136.

²¹¹ ROCHA, Adabel. Vida do clube literário campinense. *O Rebate*, Ano XX, Nº 766, 4 de Outubro de 1949, p.7

Desta forma, não foi diferente a tentativa coletiva de se fundar em Campina Grande uma associação que permitisse unificar os escritores da cidade com o propósito máximo de colocar a cidade símbolo do trabalho, como cidade das letras, da cultura, da literatura.

Na mesma reportagem que citamos no tópico anterior, colhida das páginas da *Revista Manaíra*, de junho de 1951, temos uma espécie de entendimento do que seria, segundo Egídio de Oliveira Lima, uma espécie de continuidade dos círculos intelectuais de Campina Grande: “Extinta, a Academia dos Simples, por motivo de uma desavença geral entre os associados, surgiu o Clube Literário de Campina Grande, que teve, além do comparecimento de todos os antigos elementos daquelas duas instituições a presença de alguns intelectuais pernambucanos e cearenses”.²¹²

Fundado em 31 de Agosto de 1947, na *Fruteira de Cristino Pimentel*, no Beco 31, centro da cidade, o *Clube Literário de Campina Grande* foi idealizado por um grupo de escritores de Campina Grande, que seria uma instituição que assumiria a posição semelhante a uma Academia de Letras²¹³, um “refúgio” para os interessados nas artes, na cultura e na literatura. Seu primeiro presidente foi o poeta pernambucano Zeferino Lima.²¹⁴

Sendo um círculo intelectual formal, entre suas características está a concepção de um quadro burocrático e hierarquizado de membros, escolhidos por núcleo inicial de fundadores entre 1947 e 1950. Os membros da instituição vêm das escolhas dos patronos. Cristino Pimentel, como ex-presidente da associação literária, relata quem eram os sujeitos que lhe deram vida e seus respectivos homenageados:

O Clube Literário de Campina Grande organizou o quadro dos seus patronos, num total de 30 e, em várias sessões, bem concorridas e muito brilhantes, empossaram diversos dos seus portadores: Zeferino Lima, na cadeira de Augusto dos Anjos; Adauto Barreto, na de Joaquim Nabuco; José Leite Sobrinho, na de Álvares de Azevedo; Elísio Nepomuceno, na de Mauro Luna; Artur Sobreira, na de Pereira da Silva; Nilo Tavares, na de Emilio de Menezes; Nóbrega Simões, na de Olavo Bilac; Cristino Pimentel, na de Severino Pimentel; João Sales, na de Joaquim Manoel de Macedo. Foi uma festa de clarões em que a literatura, em Campina Grande, fez realçar o talento e o espírito de alguns dos seus filhos de pensamento.²¹⁵

²¹² LIMA, Egídio de Oliveira de, Op.Cit. 1951, p.17. O jornalista faz referência aos pernambucanos Zeferino Lima e Nilo Tavares e ao cearense João Sales.

²¹³ A Academia de Letras de Campina Grande só seria fundada em abril de 1981.

²¹⁴ Zeferino Lima foi um poeta pernambucano. Veio a residir em Campina Grande em 1937. Formado em Odontologia na Faculdade do Recife, foi um dos intelectuais mais atuantes em Campina Grande entre as décadas de 1940 e 1950.

²¹⁵ PIMENTEL, Cristino, Op.Cit. 2001, p.75.

O perfil destes sujeitos que fundaram o *Clube Literário de Campina Grande* demarcam certos lugares de poder já especificados em outros círculos intelectuais no município. Primeiramente, eram todos homens (não há nenhuma referência à participação feminina nesta instituição), membros de uma classe letrada da cidade (salvo algumas exceções). São jornalistas, funcionários públicos, juristas, professores, envolvidos direta ou indiretamente na produção literária, todavia poucos deles chegaram a publicar livros, com exceção de alguns como o próprio Cristino Pimentel, o primeiro a realizar este feito no ano de 1950.

Apesar de fundada nas dependências da famosa Fruteira, tendo as suas primeiras reuniões ocorridas neste mesmo lugar, o *Clube Literário de Campina Grande* ganharia uma sede social ainda nos primeiros anos de seu funcionamento. Localizada na Rua Afonso Campos, nº 30, centro, esta sociedade literária teve entre os seus presidentes nomes como Zeferino Lima, Cristino Pimentel, Raimundo Menezes e Aduino Barreto.

216

Os jornais de Campina Grande acompanharam a trajetória da entidade, relatando as suas ações e muitas vezes seus problemas cotidianos, como as intrigas entre os membros ou os próprios intelectuais que combatiam o Clube Literário, como foi o caso do historiador Epaminondas Câmara. O fato é que vários dos membros da instituição eram jornalistas, e faziam questão de divulgar as suas atividades ligadas ao mundo literário local.

Entre as ações do Clube Literário, publicadas na imprensa campinense, destacam-se as posses dos membros, das novas diretorias, as conferências, as tertúlias, as homenagens, ocorridas entre 1947 e 1953. No jornal *Correio Campinense*, de 28 de Agosto de 1949, é possível termos as exatas dimensões desses eventos. Na notícia, temos uma sessão magna, como parte das homenagens comemorativas do centenário de Joaquim Nabuco. Na ocasião, foi colocado um “retrato do grande abolicionista na galeria dos seus patronos”. Nabuco era o patrono da cadeira número 29 do *Clube Literário de Campina Grande*, cujo ocupante foi o jornalista Aduino Barreto, que na época era o presidente do clube.²¹⁷

Além da exposição do retrato do homenageado, “os clubistas” (como eram chamados) Epitácio Soares e Antonio Mangabeira leram as poesias publicadas no *Diário de Pernambuco*, intituladas “Epopéia a Nabuco”, de Hercílio Celso, e “Ode a

²¹⁶ *Anuário de Campina Grande*. Organização: Lino Gomes Filho. Campina Grande: s/e, 1950, s/p.

²¹⁷ Clube Literário de Campina Grande. *Correio Campinense*, Ano I, nº1, de 28 de Agosto de 1949, p.4.

Joaquim Nabuco”, de Austro Costa. Raimundo Menezes, também membro do Clube Literário, leu outro poema, intitulado “Ode a Joaquim Nabuco”, de João Baudel Pessoa. Declararam versos ainda “os clubistas” Raymundo Asfora, Elisio Nepomuceno, Antônio Mangabeira e Zeferino Lima.²¹⁸

No jornal *O Rebate*, de junho de 1950, encontramos várias matérias, como a festa em homenagem ao escritor Cristino Pimentel, que neste mesmo ano publicou sua primeira obra literária, *Dois Poetas* (lançada pela Livraria Pedrosa)²¹⁹, ou da posse da nova diretoria, presidente foi eleito o próprio cronista. Olhando o quadro dos membros da diretoria, é perceptível que as modificações foram pequenas durante os primeiros anos de atuação do Clube Literário. Vejamos a diretoria eleita no ano de 1950: “Cristino Pimentel, presidente; Zeferino Lima, vice-dito; J. Leite Sobrinho, secretário geral; Antonio Mangabeira, 1º secretário; Egídio Lima, 2º dito; Raimundo N. de Menezes, tesoureiro; jornalista Luiz Gil, vice-dito e Aduino Barreto, orador”.²²⁰

Em ocasiões como esta, a visita de escritores e jornalistas de outros Estados eram bem comuns, principalmente das federações de Pernambuco e Ceará, o que explica a afirmação da *Revista Manaíra* no início deste tópico sobre a importância de escritores de outras localidades. No caso específico da posse de Cristino Pimentel, houve a visita do poeta Zé da Luz, autor de *Brasil Caboclo*, eleito sócio benemérito. Algumas práticas literárias também podem ser compreendidas, como a “Hora da Arte”, sessão em que os presentes poderiam declamar seus poemas: “Na Hora de Arte, declamaram: José P. Guimarães, Antonio Mangabeira, Raimundo N. de Menezes. Zeferino Lima e Aduino Barreto, sonetos de suas autorias e de outros conterrâneos”.²²¹

No que se refere aos conflitos que permeavam os intelectuais do *Clube Literário de Campina Grande*, já nos referimos à oposição assumida pelo historiador Epaminondas Câmara, na *Revista Manaíra*, em junho de 1951. Segundo a matéria, “Epaminondas Câmara endereçou uma carta ao presidente do Clube, que constou da ata do dia, pedindo a exclusão definitiva de seu nome daquela sociedade literária por que não desejava fazer parte desse núcleo”²²². Parece que a crítica do autor de “Datas campinenses”, foi direcionada ao lado demasiado financeiro da instituição. Na mesma

²¹⁸ Idem.

²¹⁹ PIMENTEL, Cristino. Op. Cit. 1950.

²²⁰ Festa em homenagem ao escritor Cristino Pimentel. Participação do Clube Literário de Campina Grande – discursos – notas. *O Rebate*, nº833, 21 de junho de 1950, p.1.

²²¹ Idem.

²²² LIMA, Egidio de Oliveira. Op.Cit. 1951, p.17.

matéria, o repórter afirma: “Tudo ficou esclarecido que o Clube só tinha um objetivo: “Agrupar todos os homens de letras da cidade rainha”.²²³

O fato é que entre 1950 e 1951, Epaminondas Câmara combateu na imprensa o *Clube Literário de Campina Grande*. Não se referindo diretamente à instituição, o historiador afirmou em um artigo na mesma revista que “Não temos uma instituição cultural digna deste nome ou, noutras palavras, nenhuma com raízes profundas no meio ambiente. E as tentativas vitoriosas sofrem a influência dissolvente e deletéria”²²⁴. Abaixo, critica mais uma vez a oposição entre o progresso material e o progresso espiritual: “E se os homens intelectualmente capazes, deduzidas as pequenas e honrosas exceções, só se preocupam com assuntos e misteres que dizem respeito diretamente às finanças e. etc. etc. que podem esperar dos mediócras?”²²⁵

Epaminondas Câmara, durante a sua trajetória de intelectual, envolveu-se em muitas discussões e debates, de ordem ideológica, religiosa e política; sempre polêmico, agia de acordo com sua extrema religiosidade, principalmente no intuito de combater o socialismo e o comunismo. São bem conhecidas suas discussões nas páginas do jornal católico *A Imprensa*, de João Pessoa, e periódicos campinenses, com os jornalistas Luis Gomes da Silva e Arlindo Correia (sobre sua oposição à influência do comunismo na imprensa campinense)²²⁶ e seus debates com o ex-prefeito de Alagoa Nova e escritor Arlindo Colaço, conhecido pelo seu combate ao catolicismo.²²⁷

Mas voltando à experiência do *Clube Literário de Campina Grande*, as representações jornalísticas e literárias sobre a instituição podem ser divididas em duas lógicas de pensamento. A primeira sobre a necessidade de uma associação como esta, no que se refere ao seu papel cultural entre os intelectuais campinenses, exaltando os seus princípios e ações: “Como sabemos, nos Templos das letras, é onde pousam os princípios sociais da raça humana, onde são encontrados os bálsamos com que se eternizam e se consagram os homens e as nações”²²⁸, afirmou Adabel Rocha. A

²²³ Idem.

²²⁴ CÂMARA, Epaminondas. Advertência. *Revista Manaíra*, Ano X, dezembro de 1949, p.22.

²²⁵ Idem.

²²⁶ Canalhice. *A Frente*, Ano I, nº2, 20 de maio de 1934, p.1; GOMES, Luis. Carta fechada ao sr. Epaminondas Câmara. *A Frente*, Ano I, nº3, 16 de junho de 1934, p.2; CÂMARA, Epaminondas. Pruridos de Obsedado. *A Imprensa*, nº 494, João Pessoa, 5 de agosto de 1933, p.5.

²²⁷ Fazendeiro, de família Espírita, Arlindo Colaço foi prefeito da cidade de Alagoa Nova durante alguns anos. Publicou vários livros criticando a religião católica entre as décadas de 1930 e 1950, sendo combatida principalmente por membros da Igreja Católica através do jornal *A Imprensa*. Ver COLAÇO, Arlindo. *Nesse passo eles vão até Honolulu*. Alagoa Nova: s/e, 1950; e COLAÇO, Arlindo. *Queremos Revolução*. Alagoa Nova: s/e, 1950.

²²⁸ ROCHA, Adabel. Op. Cit. 4 de Outubro de 1949, p.7.

segunda, clama contra as dificuldades de se manter uma instituição como esta, referenciando as necessidades da ajuda do poder público.

No ano de 1950, a Câmara de Vereadores votou uma verba de quinhentos cruzeiros mensais para o aluguel da sala acadêmica e outra de cinco mil cruzeiros para móveis e utensílios da mesma entidade. Este financiamento estava constando nas verbas orçamentárias de 1951 da Prefeitura Municipal de Campina Grande. O auxílio lei n. 160 de 12 de dezembro de 1950 e a subvenção lei número 161 de 19 de dezembro de 1950 serviram de amparo orçamentário ao *Clube Literário de Campina Grande*. Todavia, não se tem notícias sobre a liberação destes financiamentos.²²⁹

Além da ausência de apoio da Prefeitura, o fato é que o *Clube Literário de Campina Grande* vivenciou algumas más gestões. Um exemplo foi a presidência de Cristino Pimentel, que desde o início demonstrou fragilidade quanto às suas funções, pois perguntado sobre qual seria o seu programa durante uma entrevista ao jornal *O Momento* assim respondeu:

“Programas não tenho”, afirmou Cristino Pimentel ao repórter que o procurou entrevistar acerca do seu plano de atividades à frente do “Clube Literário de Campina Grande”, para cuja presidência foi eleito e há bem pouco empossado. Mas o repórter não se deu por satisfeito e provocou o autor de “Dois Poetas” com novas perguntas.

Será V.S. um presidente sem programas?

- Sim. Geralmente os programas não são cumpridos. Além do mais tudo irá depender da colaboração franca e decidida dos meus companheiros de diretoria e demais sócios contribuintes, pontuais com o seu concurso.²³⁰

No número seguinte do mesmo periódico, encontramos um artigo sobre a repercussão da entrevista e dúvidas foram colocadas sobre a importância destas instituições. Desta forma, nos perguntamos: como uma gestão não tem programas ao assumir a presidência? Em artigo, os editores do jornal enfatizam que a atual presidência provavelmente não deverá realizar muitos empreendimentos:

Vivendo os seus dias áureos nas suas gestões de Zeferino Lima e Aduino Barreto, dois intelectuais de fibra e muita capacidade, ambos estudiosos e preparados, com um largo tirocínio adquirido no habitual convívio dos meios intelectuais do Recife, o Clube Literário, assim mesmo, não passou da posse de oito sócios, os dois presidentes, cujas festas de consagração às suas

²²⁹ O mais interessante é observar que um ano antes, o jornalista Adabel Rocha, afirmou através do jornal *O Rebate*, ao tentar definir o que seria o *Clube Literário de Campina Grande* as seguintes palavras: “Não. Os componentes deste templo sagrado são homens pobres, pacíficos, conformados com a posição de humildes, e sem pretensões de grandezas e assaltos aos erários públicos” (idem)

²³⁰ Na presidência do Clube Literário o autor de Dois poetas. *O Momento*, Ano I, nº 1, 17 de setembro de 1950, p.7.

cadeiras, pelo brilho invejável de que se revestiram, pelo apoio moral das autoridades, dos intelectuais da terra e do povo campinense, ainda vivem na memória de todos nós. Assim mesmo, com dois baluartes de tão máscula enfiatura, o Clube Literário de Campina Grande foi arrefecendo o seu entusiasmo. Vieram as dissensões, depois o afastamento de vários clubistas, culminando com a realização de sessões habituais às quintas-féias com a presença máxima de 5 sócios, e nem mais uma festa de brilho e de realce, a não ser morosas e fatigantes reuniões de homenagens a figuras pouco conhecidas.²³¹

Os editores do jornal chegam a questionar a qualidade dos escritores que foram admitidos como membros do Clube Literário, que “vive pelo que foi e para não fechar as suas portas resolveu acolher em suas fileiras rapazes sem méritos intelectuais e sem preparo algum, salvo raríssimas exceções”²³². Os repórteres questionam as sessões literárias que eram atividades corriqueiras da associação: “vem o Sr. Cristino declarar à reportagem que “as sessões voltarão” porque elas estão no “próprio programa” do Clube. Mas, perguntamos nós: sessões de quem? Ou o cronista da cidade pensa que fazer sessões literárias é reunir seis ou oito intelectuais e sem preparo algum”.²³³

O certo é que depois de 1950, a situação administrativa do *Clube Literário de Campina Grande* não melhorou. A justificativa, mais uma vez caiu no argumento da total indiferença “às coisas do espírito”, em oposição ao desenvolvimento econômico do município. Em “Notas sobre o “Clube Literário”, o secretário “eterno” da entidade J. Leite Sobrinho refere-se com estas palavras: “Em todos os setores de sua vida, Campina Grande vive intensamente. Só a literatura é que se arrasta com dificuldade, sempre impulsionada por meia dúzia de esforçados. Isto, não é novidade, pois vem de há muitos anos, quando – “um fardo de algodão valia mais que um dúzia de intelectuais”.²³⁴

J. Leite Sobrinho ainda salienta que “Diversos centros de cultura, foram fundados por uns e enterrados por outros. Passados os anos de retraimento, voltavam os primeiros a reunir-se, para tertúlias literárias, até que apareciam os outros, e vinha o sono eterno de um sonho”²³⁵. Para o jornalista, o “Clube Literário de Campina Grande conseguiu o impossível, estando hoje mais firme do que nos primeiros passos dados nessa opulenta terra de liberdade e do algodão”.²³⁶

No jornal *O Globo*, de Campina Grande, o Clube Literário ganha uma matéria sobre as comemorações dos seus cinco anos de existência:

²³¹ Uma Entrevista. *O Momento*, Ano I, nº 2, 24 de setembro de 1950, p.5.

²³² Idem.

²³³ Ibidem.

²³⁴ SOBRINHO, José Leite, Op.Cit. 1950, p.2.

²³⁵ Idem.

²³⁶ Ibidem.

Não deixa de ser um grande motivo de orgulho para as letras paraibanas, o transcurso desta data, porque o Club Literário mau grado todas as campanhas de descrédito levantadas contra seu nome, conseguiu sair vitorioso e muito embora com um reduzido número de associados, logrou absoluto êxito, transpondo as fronteiras estaduais. Se tivesse recebido as dotações orçamentárias votadas, pela câmara de vereadores, estaria hoje em melhores condições, oferecendo assim uma instalação adequada da Biblioteca “Irineu Pinto”.

Contudo, cinco anos de vida de uma sociedade literária, entre nós, já é alguma coisa de notável, porque das muitas fundadas, somente o “silogeu” campinense conseguiu manter-se de pé e assim manterá, estamos certos, porque para isso trabalham os seus diretores.²³⁷

Uma semana depois, outro periódico, o *Jornal de Campina* noticia: “A prefeitura não paga ao Clube”, fazendo referência à posse da nova diretoria. Porém, o que chama atenção na matéria é o relato sobre as ligações da Prefeitura e o Clube Literário de Campina Grande, ainda fazendo referência à verba para a ajuda da instituição:

O clube tem reunido as figuras mais expressivas de nosso mundo literário. Tem sede e biblioteca “Irineu Pinto”. A câmara dos Vereadores subvencionou o Clube e o prefeito sancionou a Lei. Entretanto, não pagou. Esta a literatura campinense sem dinheiro. E sem dinheiro, pouca literatura sobrevive... Não queremos dizer que o Prefeito deva sustentar os poetas, mas pagar o que deve ao Clube é uma obrigação de direito em face da Lei aprovada pela Câmara e sancionada pelo próprio Prefeito.²³⁸

A partir de 1953, ano limite de nossa delimitação, encontramos poucas referências ao Clube Literário, em jornais e revistas do município de Campina Grande. Não sabemos ao certo em qual ano ocorreu o término das atividades deste círculo intelectual. As dificuldades de ordem econômica, somada “ao desapego” às questões intelectuais da cidade e aos conflitos internos, fizeram provavelmente do *Clube Literário de Campina Grande* uma associação com poucas atuações na década de 1950. A última alusão ao Clube que encontramos entre as fontes pesquisadas foi uma carta publicada na revista da *Academia de Letras de Campina Grande*, remetida por José Leite Sobrinho ao cronista Cristino Pimentel, no dia 27 de maio de 1956, no qual o primeiro se coloca como membro da associação.²³⁹

Sendo assim, podemos perceber que o *Clube Literário de Campina Grande* pode ser considerado como uma espécie de antecessor da Academia de Letras de Campina Grande, trazendo uma “formalidade nos gestos”, um modo acadêmico nas normas, bem

²³⁷ Clube Literário de Campina Grande. *O Globo*, Ano I, Nº 8, 1º de setembro de 1952, p.4.

²³⁸ A prefeitura não paga ao Clube. *Jornal de Campina*, Ano I, Nº 7, de 14 de Setembro de 1952, p.3.

²³⁹ SOBRINHO, José Leite. Carta a Cristino Pimentel. *Revista da Academia de Letras de Campina Grande*, Ano XIII, nº6, outubro de 2008, pp.190-192.

típico das academias literárias. Sua trajetória, cheia de contratempos e conflitos, realça o caráter fragmentário da experiência dos círculos intelectuais em Campina Grande, na tentativa de organização de um quadro institucional da atividade literária na cidade nos anos de 1940 e 1950.

1.4. DAS TENTATIVAS DE CONSOLIDAÇÃO DOS CÍRCULOS INTELLECTUAIS CAMPINENSES: PANORAMA DAS REDES DE SOCIABILIDADE

A história intelectual de Campina Grande, pensada através dos seus principais círculos intelectuais atuantes entre os anos de 1913 e 1953, demonstra muito bem as dificuldades de organização dos letrados locais. Marcados pela experiência pragmática do comércio e do processo de industrialização, no qual a maioria da população estava envolvida, direta ou indiretamente, as questões perpassadas pelo campo intelectual não obtiveram uma repercussão considerável na cidade conhecida como “capital do trabalho”. A luta constante, portanto, de vários homens de letras, a exemplo, de Cristino Pimentel, José Leite Sobrinho e Hortênsio Ribeiro, em formular espaços e práticas de difusão, discussão e produção literária, podem ser exemplificadas em vários periódicos campinenses, como resistências muitas vezes isoladas que não conseguiram se firmar como experiências profícuas.

A formação de círculos intelectuais neste mesmo período, formais ou informais, possuiu algumas características em comum. A primeira delas é a *efemeridade*. Sendo o ponto culminante na interpretação de praticamente todos os espaços de sociabilidades formados neste período caracterizado pela modernização. Mesmo os mais contínuos, como o *Gabinete de Leitura 7 de Setembro (1913-1935)* e a *Fruteira de Cristino Pimentel (1928-1953)*, se observarmos bem, tiveram seus momentos áureos em anos específicos e outros momentos de intensa crise e conseqüentemente diluição. Em vários casos, as experiências nos círculos intelectuais não duraram mais do que três anos, como foi no círculo intelectual *Academia dos Simples*.

Os círculos intelectuais informais, apesar de alguns casos efêmeros de suas realizações, foram os mais *dinâmicos*, no que se referem às ações coletivas. Sem as amarras do formalismo e tendo a naturalidade como ponto fundamental de suas práticas culturais. Eles conseguiram, independentemente das descontinuidades, se sobressaírem como espaços privilegiados de sociabilidade intelectual. A *Fruteira de Cristino*

Pimentel e o *Caldo de Cana de Hortênsio* são exemplos de como a continuidade das relações de amizade, renderam mais experiências contínuas ao passar dos anos, do que as obrigações e protocolos dos círculos intelectuais formais.

Além da efemeridade, outra característica dos círculos intelectuais campinenses, já salientadas em alguns pontos de nossa narrativa, é a quase *total ausência feminina nestes espaços de sociabilidade intelectual*. Não encontramos indícios sobre a atuação efetiva de mulheres nos encontros informais nos bares e cafés, muito menos fazendo parte da direção administrativa destas associações literárias, a não ser em determinadas práticas literárias, como conferências, horas literárias²⁴⁰ e jornais falados, caso, por exemplo, de algumas ações realizadas no *Gabinete de Leitura 7 de Setembro* e no *Centro Campinense de Cultura*.

Tal constatação não quer dizer que não existiram mulheres intelectuais na cidade de Campina Grande e, pelo contrário, encontramos muitos registros de suas publicações, principalmente a partir da década de 1940, em jornais e revistas. Nomes como Iracema Marinho, Heloisa Bezerra, Apolônia Vilar, Maria do Carmo Araújo Lima, Nair de Gusmão, entre outras escritoras, principalmente poetizas, podem ser citadas como exemplos da presença feminina na literatura campinense. Todavia, é impossível negar que a atividade intelectual realizada na primeira metade do século XX, não só em Campina Grande, era majoritariamente masculina. Em parte, pelo papel imposto à mulher naquela sociedade, vista como “sexo afetivo”²⁴¹, como se referiu Hortênsio de Sousa Ribeiro, ou como “dona de casa”²⁴², como intitulou o papel principal da mulher, o cronista Cristino Pimentel.

Além da efemeridade destes círculos, da ausência feminina nos quadros dos membros e freqüentadores, identificamos ainda outra característica geral, que acreditamos ser algo importante na lógica de termos as trajetórias destes espaços de sociabilidade intelectual: *o civismo e o nacionalismo*. Em alguns dos círculos intelectuais campinenses, como no caso do *Gabinete de Leitura 7 de Setembro* e do *Centro Campinense de Cultura*, isso fica bastante evidente, através de suas práticas direcionadas às homenagens e aos chamados heróis nacionais e símbolos pátrios.

²⁴⁰ Sinônimo na primeira metade do século XX de sarau literário, no qual havia momentos de leituras de textos de natureza diversos, principalmente poesia.

²⁴¹ RIBEIRO, Hortensio. Analice Caldas. In: *Vultos e fatos*. João Pessoa: A União, 1979, p.57.

²⁴² PIMENTEL, Cristino. Mulher, dona de casa. *Idade Nova*, Campina Grande, Ano I, nº16, fevereiro de 1938, pp.78-79.

Marca presente em muitos dos movimentos políticos e culturais da primeira metade do século XX, não é à toa que determinadas instituições, em épocas ideologicamente formatadas pelas sensibilidades políticas, não ficassem de fora dos debates sobre a identidade nacional e o nacionalismo, ou mesmo das constituições ideológicas, que invadiram a realidade local, como os movimentos comunistas e integralistas.

No caso do *Gabinete de Leitura 7 de Setembro*, na segunda década do século XX, a mudança da forma de organização do estado do monarquismo para ao republicanismo, era ainda muito latente, sendo muitos intelectuais críticos da República e admiradores da Monarquia que chegara ao fim no ano de 1889. No caso específico do *Centro Campinense de Cultura*, identificamos relações diretas da instituição com a ideologia do Estado Novo. Na década de 1930, diante de um quadro conflituoso entre os comunistas e simpatizante das bandeiras totalitárias, diversos intelectuais demonstraram simpatias aos governos mais repressivos e centralizadores. Neste caso, o debate sobre o civismo e o nacionalismo estava bastante em voga, num Brasil marcado pela formação de uma identidade nacional.

Portanto, de maneira geral, dentro da lógica das redes de sociabilidades possibilitadas na primeira metade do século XX, estas foram as principais características que identificamos nos círculos intelectuais de Campina Grande. Uma experiência múltipla, diferenciada, demarcada por um universo de muitos personagens e lugares, além de valores e idéias que circularam por uma cidade que teve uma cultura letrada praticamente constituída à margem do crescimento comercial.

CAPÍTULO 2

A PALAVRA IMPRESSA (I): LIVRARIAS, BIBLIOTECAS E LIVROS

2.1. CIDADE E CULTURA IMPRESSA: A TRADIÇÃO INTELECTUAL DOS LETRADOS

Um dos aspectos que mais representam a tradição intelectual de uma cidade são os conjuntos de materiais impressos publicados ao longo de sua trajetória urbana. Nas páginas dos jornais, revistas, livros, anuários, almanaques, folhetos, entre outros suportes impressos, entendemos que foram definidos os diversos caminhos que seus habitantes (notadamente sua elite letrada) deliberaram para si mesmos e para o núcleo urbano no qual habitaram. Esse conjunto de artefatos impressos, tão diversos, em formatos e linguagens, têm sua própria historicidade e demarcaram ao longo dos anos, as diferentes práticas culturais evidenciadas pelos seus intelectuais.

Jean François Sirinelli, ao observar os caminhos referentes à construção de uma história dos intelectuais, relatou a necessidade do historiador deste campo historiográfico pesquisar de maneira longa e ingrata, pela “exegese de textos” e, particularmente, de textos impressos, pois eles são suportes privilegiados, em cuja gênese, circulação e transmissão, os intelectuais desempenharam um papel decisivo ²⁴³. Portanto, para um historiador dos intelectuais ou do campo da história intelectual, a construção de uma história social e cultural da comunicação impressa, é primordial, pois objetiva compreender como as ideias foram sendo transmitidas por vias impressas e como o contato com a palavra impressa afetou o pensamento e o comportamento da humanidade. ²⁴⁴

Desta forma, a cultura impressa ou do impresso, como bem definiu Roger Chartier, perpassa diversos campos de saberes históricos, segmentos específicos, mas com conexões claras que nos colocam em contato no que se refere à materialidade de textos, nos seus processos de escrita, divulgação, circulação e consumo, estando implicada assim uma história do livro, da leitura, da imprensa, da comunicação escrita, da tipografia, da biblioteca, da livraria, entre outros campos semelhantes, que entrelaçados caminham para uma visível compreensão da difusão do conhecimento ao longo dos séculos. ²⁴⁵

Como forma de compreender os meios de circulação e publicação do livro, este capítulo pretende desenvolver uma história da comunicação impressa da cidade de

²⁴³ SIRINELLI, Jean François, Op.Cit. 2003, p.245.

²⁴⁴ DARNTON, Robert. Op. Cit. 2010, p.122.

²⁴⁵ CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Tradução: Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, 1990, p.121.

Campina Grande, analisando o universo de livrarias, bibliotecas e publicações em forma de livros e plaquetes lançadas pelos intelectuais campinenses a partir de nossa delimitação temporal: entre os anos de 1913 e 1953.

Para facilitar nossa incursão pela história da cultura impressa em Campina Grande, dividimos este capítulo em dois momentos complementares. No primeiro momento, desenvolvemos uma história dos principais lugares de circulação dos livros e outros suportes impressos (como livrarias e bibliotecas). Em um segundo momento, realizamos um estudo sobre as condições que possibilitaram as publicações dos intelectuais campinenses (livros e plaquetes), em suas escolhas temáticas, de gênero literário, etc.²⁴⁶

Assim, trata-se aqui de investigar os suportes, suas intervenções gráficas, cartografando os lugares de circulação e de consumo dos livros em Campina Grande. Tais atividades simbólicas procuraram evidenciar as formas e as bases de transmissão do escrito, os modos de inscrição, registro e comunicação dos discursos, dialogando com o conceito de “cultura gráfica”, desenvolvida pelo filólogo italiano Armando Petrucci, recepcionada pelo historiador francês Roger Chartier. Segundo o pesquisador italiano, o conjunto dos objetos escritos e das práticas de que são provenientes em um determinado tempo e lugar são denominados de cultura gráfica. Desta forma, “O processo de publicação, seja lá qual foi sua modalidade, é sempre um processo coletivo que requer numerosos atores e não separa a materialidade do texto da textualidade do livro”.²⁴⁷

Portanto, nosso caminho, neste segundo capítulo, é perpassar a intenção de inventariar e analisar a configuração material de livros, como forma de compreendermos as particularidades formais e tipográficas, produzindo um perfil da cultura impressa campinense na lógica da atuação dos intelectuais no campo de produção literária local.

²⁴⁶ Além dos livros, em Campina Grande circulavam com certa regularidade e abundância os chamados folhetos de cordéis, que também compreendem o que chamamos de cultura impressa. Porém, devido ao grande número destes folhetos, optamos por delimitar os suportes, escolhendo os livros, as plaquetes, além dos jornais, revistas, anuários, almanaques e álbuns industriais e comerciais.

²⁴⁷ CHARTIER, Roger. *Inscrição e Apagar. Cultura escrita e literatura (séculos XI-XVIII)*. Tradução: Luzmara Ferreira. São Paulo: Editora UNESP, 2007, p.13.

2.2. AS FORMAS E OS LUGARES DE CIRCULAÇÃO DO LIVRO: LIVRARIAS E BIBLIOTECAS

Durante o século XIX, ao analisar a historiografia campinense, encontramos poucas referências sobre a formação de uma cultura impressa em Campina Grande. O marco, indiscutivelmente, foi a criação do primeiro jornal local, a *Gazeta do Sertão*, dirigido por Irineu Joffily²⁴⁸ e Francisco Retumba²⁴⁹, que funcionou entre os anos de 1888 e 1891 e da qual temos informações sobre a atuação do tipógrafo Tito Enrique da Silva, provavelmente o primeiro da cidade, localizado na Praça Municipal, nº21, centro de Campina Grande.²⁵⁰

Excetuando a *Gazeta do Sertão*, não encontramos na historiografia campinense alusões a tipografias ou até mesmo livrarias ou bibliotecas que funcionaram ao longo século XIX. Diante disso, podemos perceber que durante muitos anos Campina Grande sofreu no que se refere às condições limitadas para a circulação de livros e à formação de leitores. As diferenças locais e culturais, acrescentadas à distância de outros centros comerciais, onde os meios de produção e de circulação do impresso já estavam mais bem definidos, inviabilizaram a constituição de uma cidade com alguns resquícios de uma cultura impressa neste período.

Tal realidade não foi uma experiência exclusiva de Campina Grande. Em vários municípios do Brasil, a ausência de leitores e livros se manifestou como uma marca profunda do analfabetismo predominante neste período. Mesmo Recife, cidade mais bem estruturada da região Nordeste, possuiu dificuldades no que se refere à formação de uma cultura impressa ao longo do século XIX. Flávio Weinstein Teixeira, ao relatar a experiência da capital pernambucana, explicita os problemas quase insuportáveis que a

²⁴⁸ Irineu Cecliliano Pereira Joffily nasceu em Pocinhos, então distrito de Campina Grande, em 1843, falecendo na mesma cidade no ano de 1902. Formado em Direito pela Faculdade do Recife, foi juiz municipal e membro da Câmara Municipal de Campina Grande, bem como Deputado Provincial e Geral por várias vezes consecutivas, até ser cassado com a Proclamação da República, em 1889. Publicou no Rio de Janeiro seguintes livros de natureza histórica: *Notas sobre a Paraíba* (com prefácio de Capistrano de Abreu) em 1892 e *Sinopse de Sesmarias*, em 1894.

²⁴⁹ Francisco Soares da Silva Retumba Filho nasceu em 1856. Ainda jovem, foi morar na Europa, formando-se na França em Engenharia de Minas. Voltando à Paraíba foi convidado pelo Presidente da Província a preparar um estudo sobre os recursos econômicos do Estado. Viajou pelo interior durante muito tempo, estudando a sua viabilidade, e chegando à conclusão que o maior obstáculo ao desenvolvimento do Estado era a inexistência de meios de comunicação entre as cidades do interior. Em agosto de 1861 ele apresentou um rico e vasto relatório sobre o estudo realizado. Esse trabalho está publicado na Revista do IHGP, vol. IV, p. 164. Francisco Soares da Silva Retumba, sendo rico e idealista, logo se associou a Irineu Joffily na criação do jornal *A Gazeta do Sertão*; ambos destacaram-se como brilhantes articulistas. Retumba morreu, misteriosamente, no Recife, no dia 3 de dezembro de 1890.

²⁵⁰ RIBEIRO, Hortensio. A imprensa em Campina Grande (I). In: *Vultos e Fatos*. João Pessoa: A União, 1979, p.191.

elite intelectual tinha em tornar consumível aquilo que produzia do ponto de vista literário, jornalístico, filosófico: “Iletramento, custos elevados, distribuição problemática, grande distância em relação aos maiores centros consumidores, falta de hábito de leitura, tudo se somava a fim de tornar a edição de livros aventura pouco convidativa”.²⁵¹

Mesmo no século XX, estas dificuldades em grande parte se mantiveram, todavia, em cidades como Campina Grande e em que o comércio e a indústria se manifestaram de maneira mais intensa em comparação com outras localidades. A circulação de artefatos impressos aumentou consideravelmente, e espaços como livrarias, bibliotecas e tipografias foram se formando paulatinamente, mesmo que de maneira tímida para um público mínimo de alfabetizados.

Como uma maneira de compreendermos primeiramente os espaços privilegiados de circulação de impressos, vamos produzir uma história das formas e lugares de circulação do livro na cidade de Campina Grande no que se refere às principais livrarias e bibliotecas que funcionaram no município entre os anos de 1913 e 1953²⁵². Desta forma, serão historicizadas as livrarias: *Campinense*, *Moderna*, *Vilar*, *Pedrosa e Casa Brazil*, bem como a *Biblioteca Municipal*, e algumas outras pequenas bibliotecas de instituições e associações criadas dentro de nossa delimitação temporal, bem como indicaremos algumas referências a algumas bibliotecas particulares importantes, como a pertencente ao advogado e jornalista Hortensio de Sousa Ribeiro, considerada paradigmática quanto às relações existentes entre livros e intelectuais. Juntos, todos estes lugares foram alguns dos principais meios de circulação do livro em Campina Grande e, portanto, da cultura impressa do município.

2.2.1. LIVRARIAS: DA IMPRESSÃO AO COMÉRCIO

As livrarias brasileiras até a primeira metade do século XX não exerciam as funções específicas na comercialização de livros, prestando serviços de papelaria e tipografia, além de algumas venderem variados produtos de uso doméstico (à

²⁵¹ TEIXEIRA, Flavio Weinstein. *O Movimento e a linha: presença do Teatro do estudante e do Gráfico Amador no Recife (1946-1964)*. Recife: Editora da UFPE, 2007, p. 198.

²⁵² As fontes não nos permitiram uma incursão sobre a história das tipografias existentes em Campina Grande. Mesmo sabendo da existência de várias, como a Campinense, a Moderna, a Cantuária, a Cruzeiro, a Barreto, apenas aquelas que se dedicaram a atividade de comercialização foi possível historicizar.

semelhança de empórios), como velas, chocolates, porcelanas, chás, objetos litúrgicos, de fotografia, entre outros.²⁵³

No caso específico de Campina Grande, tal realidade era semelhante, contudo não encontramos registros de livrarias especializadas na venda de artigos de uso domésticos, mas sim no comércio de livros e de serviços ligados à papelaria e à tipografia. Entre as livrarias que atuaram na cidade de Campina Grande na primeira metade do século XX, no processo de venda e produção de artefatos impressos destacaremos nesta secção: *a Livraria Moderna, a Livraria Campinense, a Livraria Vilar, a Livraria Pedrosa e a Casa Brazil*. Todas elas, acreditamos, centralizaram o processo de comercialização e em alguns casos também o de produção de artefatos impressos para o uso no comércio e divulgação de produções intelectuais, como livros, folhetos e jornais.

Nenhuma destas livrarias citadas dedicou-se exclusivamente ao comércio de livros, atuando no ramo de papelaria, sobretudo na venda de todo tipo de material concernente à cultura escrita, desde lápis, papel, canetas, tinteiros, carimbos, revistas, jornais, brinquedos, material escolar e fotográfico. Os livros disputavam assim espaço nas estantes com outros objetos, além de serem comercializados no interior das próprias casas tipográficas.

Algumas das livrarias referidas acima também foram importantes redutos de sociabilidade intelectual em suas épocas (caso principalmente da *Livraria Pedrosa*). Portanto, poderiam ser considerados, sob certo aspecto, como círculos intelectuais (conceito já proposto por nós no primeiro capítulo desta dissertação). Entretanto, acreditamos que mais do que lugares de convivência entre letrados, estas livrarias se constituíram formalmente no que se refere à sua função primordial, enquanto espaços predominantes de impressão, vendagem e divulgação de livros.

Não sabemos quais foram as primeiras livrarias atuantes na cidade de Campina Grande no século XIX, ou mesmo antes, visto que não encontramos referência alguma em nossas fontes sobre os lugares de comércio do livro neste período. Realidade compreensível, visto que durante o período oitocentista Campina Grande não possuía traços econômicos e culturais que viabilizassem um empreendimento como uma livraria. Os poucos letrados residentes na cidade provavelmente mantinham contatos com livros através de compras em outros centros comerciais, a exemplo do Recife.

²⁵³ MACHADO, Ubiratan. *Pequeno Guia Histórico das Livrarias Brasileiras*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008, p.19.

O século XIX, segundo Felipe Matos, é visto pela historiografia nacional como o momento em que a cultura impressa consolidou-se no Brasil²⁵⁴. Por outro lado, os indícios que temos nos levam a pensar que experiência de consolidação ocorresse em Campina Grande a partir da terceira década do século XX, época da proliferação dos gabinetes tipográficos, do aumento do comércio de livros, da fundação de bibliotecas públicas e particulares, de sociedades e academias de letras, de institutos, colégios, entre outras instituições relacionadas à cultura letrada.

Na transição do século XIX para o século XX os livros eram poucos difundidos nas cidades do interior do Brasil. Sua circulação se dava nos grandes centros, principalmente nas capitais dos estados federativos cujos cursos universitários faziam parte da realidade do ambiente, a exemplo do Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador e Recife.

Enquanto objeto de convívio e consumo “de poucos” na sociedade, os “(...) livros representavam importante bem simbólico a ocupar lugar privilegiado no interior das residências, nas estantes, nos gabinetes de trabalho, muitas vezes protegidos à chave nos armários de portinholas envidraçadas”²⁵⁵. Em escritórios, gabinetes e bibliotecas, os letrados nestes pequenos redutos travavam uma relação íntima com estes objetos, viabilizando aquisições principalmente através de encomendas ou quando viajavam para os grandes centros. No caso de Campina Grande, o Recife era o pouso principal destes intelectuais, ansiosos por terem contato com os lançamentos exaltados nos jornais.

A primeira livraria atuante que temos notícia em Campina Grande foi a *Livraria Campinense*. Sua fundação, não se sabe ao certo, mas Epaminondas Câmara indica o ano de 1913, pertencente ao comerciante Getúlio Amaral²⁵⁶. Em 1915, chegou a pertencer a Lino Fernandes de Azevedo (o mesmo idealizador do *Gabinete de Leitura 7 de Setembro*). Por outro lado, um ano depois, os comerciantes Tertuliano de Barros e José Ramos, tornaram-se sócios e adquiriram o empreendimento. Localizado na Praça Epitácio Pessoa, 34, centro de Campina Grande, suas ações se davam na venda e na confecção de livros e outros materiais impressos, além de atividades de papelaria, principalmente no comércio de materiais de escritório.²⁵⁷

²⁵⁴ MATOS, Felipe. *Sob os auspícios da livraria Rosa: redutos literários e circulação de cultura letrada em Florianópolis*. Dissertação de Mestrado em História. Florianópolis: UFSC, 2008, p.19.

²⁵⁵ Idem.

²⁵⁶ CÂMARA, Epaminondas, Op.Cit. 1998, p.85.

²⁵⁷ Tertuliano Barros. José de Barros Ramos. *Álbum Industrial e Comercial de Campina Grande*. Organização de José Barros do Amaral. Parahyba: Imprensa Industrial, 1925, s/p.

De acordo com reportagem publicada no *Álbum Industrial e Comercial de Campina Grande*, organizado por José Barros do Amaral em 1925, é possível encontrarmos alguns rastros da importância da livraria no município nas primeiras décadas do século XX, bem como a função estratégica de um dos seus proprietários, o comerciante José Barros Ramos:

Em Campina Grande, um dos bons elementos do seu progresso, é insofismavelmente a “Livraria”. Parecerá original esta afirmativa... mas, para os que conhecem o grande benefício valor da instrução e sabem que em Campina Grande a “Livraria Campinense” tem introduzido algumas toneladas de livros, nos dez anos de sua existência...para esses não há nenhuma dúvida que ela tem sido, de fato, um elemento propulsor do desenvolvimento de nossa terra.²⁵⁸

O autor do texto intitula ainda José Barros Ramos, sócio gerente da livraria, como “o Garnier de Campina Grande”²⁵⁹, deixando bem claro que “O meio intelectual de Campina Grande sabe a dedicada solicitude de José Ramos em importar para sua livraria as últimas e melhores novidades literárias produzidas no país”²⁶⁰. E ainda declara a matéria que estas novidades trazem “Obras dos grandes escritores antigos: livros ultimamente editados, produção dos jovens escritores, tudo que existe nas boas livrarias do Norte e do Sul (...)”.²⁶¹

O fato de chamar de José Barros Ramos como “Garnier de Campina Grande”, destaca a importância da “secção tipográfica da livraria”, onde eram executados “trabalhos perfeitos e, ultimamente, foi confeccionado um belo livro – Horas de Enlevo, poesias do estro científico de Mauro Luna”²⁶². Chama atenção o fato do estabelecimento, às vezes, ser identificado com o selo da *Tipografia Campinense ou da Livraria Campinense*, e outras vezes com o nome de *Barros & Ramos Editores*, caso da publicação do livro de versos de Mauro Luna²⁶³. Por tudo isso, é inquestionável o valor da livraria para a história da cultura impressa de Campina Grande: na comercialização de livros e revistas e na prestação de serviços de papelaria e tipografia.

²⁵⁸ Idem.

²⁵⁹ Referência ao livreiro e editor francês *Baptiste Louis Garnier*, fundador da Livraria e da Editora mais importante do Rio de Janeiro entre a segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do século XX. Ponto de encontro dos intelectuais do período, a exemplo de Machado de Assis e José de Alencar. Sua fama era nacional, chegando a publicar boa parte dos medalhões da literatura brasileira da época. Ver MACHADO, Ubiratan. Op.Cit. 2008, p.45.

²⁶⁰ Tertuliano Barros. José de Barros Ramos. Op. Cit. 1925, s/p.

²⁶¹ Idem.

²⁶² Ibidem.

²⁶³ LUNA, Mauro. *Horas de Enlevo*. Campina Grande: Barros & Ramos, 1924.

Como afirmamos, em determinadas épocas, as livrarias se tornavam espécies de círculos de intelectuais, redutos de letrados com ânsias de socializarem seus conhecimentos. Foi o caso da *Livraria Campinense* na década de 1920. Na *Revista Manaíra*, de maio/junho de 1949, o jornalista Egídio de Oliveira Lima relembra o local e suas práticas de convívio com outros intelectuais: “A Livraria Campinense de T. Barros & Ramos (...) era anfiteatro das reuniões dos intelectuais citadinos enquanto a loja de tecidos de Lino Gomes reunia, diariamente os vultos políticos e as inteligências salientes nas discussões de uns e nos elogios de outros assuntos”²⁶⁴. A extinção da *Livraria Campinense* teria se dado no ano de 1933; por outro lado, ainda encontramos algumas notas publicadas em jornais ao longo da década de 1930 e livros e plaquetes publicados na década de 1940. Segundo os indícios, a firma se dissolveu com o fim da sociedade dos dois comerciantes.²⁶⁵

Entre os anos de 1920 e 1930, estabeleceram-se em Campina Grande outras três importantes livrarias; aliás, duas livrarias, a *Moderna e a Vilar*, e a *Casa Brazil*, que se especializou enquanto distribuidora de periódicos (notadamente revistas ilustradas cariocas). Ambas, acreditamos, constituíram-se, juntamente com a *Livraria Campinense*, as expoentes quanto à circulação de materiais impressos na cidade nas primeiras três décadas do século XX.

As informações caminham para que a inauguração da *Livraria Moderna* tenha ocorrido, provavelmente, na segunda metade da década de 1920, tendo como empreendedor o Sr. José Faustino Cavalcanti, mais conhecido como Yoyô Cavalcante, comerciante, contador e assíduo personagem nos antigos carnavais campinenses. Localizada na Rua Monsenhor Sales, número 29, centro de Campina Grande, a *Livraria Moderna* se destacou nos serviços de venda de livros, de papelaria e de tipografia. Durante a nossa pesquisa, pudemos visualizar algumas de suas estratégias de propaganda presentes em periódicos, bem como conhecer alguns dos títulos que se destacavam no mercado da época, como a nota presente no primeiro número do jornal *Evolução*, de Junho de 1934:

A venda na Livraria Moderna:
Napoleão por Emilio Ludwig
Joseph Fouché por Stefan Zweig

²⁶⁴ LIMA, Egídio de Oliveira. Campina e um mestre de três gerações. *Revista Manaíra*, Ano X, nº63, maio e junho de 1949, p.15.

²⁶⁵ DINOÁ, Ronaldo. Terto Barros. In: *Memórias de Campina Grande*. Volume 1. João Pessoa: A União, 1993, p.51.

Com o slogan de “*A mais bem organizada livraria da cidade*”, não sabemos quando a *Livraria Moderna* deixou de funcionar, mas encontramos publicidades do estabelecimento até o ano de 1953, limite de nossa delimitação temporal de pesquisa. Neste sentido, acreditamos que a livraria deva ter funcionado até o início da década de 1960 em Campina Grande, quando não encontramos mais referências a livros publicados pelo selo da tipografia.

Em mais uma propaganda, no primeiro número do jornal *Praça de Campina*, encontramos o seguinte texto, que nos demonstram as estratégias publicitárias de ambas as livrarias no que concerne às vendas e serviços prestados:

LIVRARIA MODERNA

A mais bem organizada livraria da cidade

Recebe diariamente do sul do país as últimas novidades em
Literatura – ciência – direito – socialismo – pedagogia – etc.

Executa com arte e perfeição qualquer serviço tipográfico.
Em tudo que seja concernente a escritório é a que melhor serve.

José Faustino & Filhos
Rua Monsenhor Sales, 29 – Caixa Postal, 46
Campina Grande
Os preços de seus livros são da “casa editora”.²⁶⁷

Temos assim, a venda de títulos das mais variadas áreas do conhecimento (chama atenção o fato da denominação Socialismo, como gênero ou categoria, uma espécie de sinônimo, na época, de sociologia) e os serviços de tipografia e de escritório. Acreditamos que este último serviço, devido ao intenso comércio que Campina Grande possuía entre as décadas de 1920 e 1940 foi o principal campo de atuação de mercado da *Livraria Moderna*, assim como das outras livrarias.²⁶⁸

Ainda nos anos 1930, o fotógrafo e poeta Euclides Vilar funda em Campina Grande a *Livraria Vilar*. O estabelecimento acaba sendo reconhecido não apenas pela venda de livros, mas principalmente de artefatos fotográficos e outros materiais, como

²⁶⁶ A venda na Livraria Moderna. *Evolução*, Ano I, nº1, de 17 de Junho de 1934, p.2.

²⁶⁷ Livraria Moderna. *Praça de Campina*, Ano I, nº1, de 30 de Setembro de 1934, p.2.

²⁶⁸ Ao observarmos os materiais impressos publicados em Campina Grande, entre ensaios, poemas, relatórios, pareceres, estudos, em plaquetes, folhetos e livros, identificamos um número considerável de publicações de relatórios técnicos ou pareceres jurídicos, do que propriamente obra de cunho literário. Este aspecto será tratado mais a frente, neste mesmo capítulo.

cordéis e revistas. Seu proprietário foi um leitor e colecionador voraz de impressos e um dos principais fotógrafos de Campina Grande.

Editor do *Almanaque de Campina Grande*, publicado em sua primeira versão no ano de 1933, pela Tipografia da Livraria Campinense, Euclides Vilar vivenciou as precárias condições de seu empreendimento intelectual, unindo-se ao amigo comerciante Lebarre para criar a *Livraria Vilar*, localizada na Rua Cardoso Vieira, número 19, centro de Campina Grande. Foi na Tipografia Vilar que Euclides editou o segundo número do almanaque para o ano de 1934. A iniciativa tipográfica não logrou êxito como imaginaram seus empreendedores. Poucos anos depois as ações no campo impresso quase levariam à falência o poeta e fotógrafo Vilar, que voltou a focalizar apenas suas atividades na área da fotografia.²⁶⁹

Dos lugares de circulação dos objetos impressos (livros, jornais, revistas, etc.), chama atenção as várias alusões na imprensa de Campina Grande ao estabelecimento comercial *Casa Brazil*, principalmente a partir da década de 1930. De todas as livrarias, foi a maior anunciadora de suas atividades comercializadas por meio da publicidade em jornais, seja como vendedora de livros e periódicos, ou como agenciadora de revistas, além de serviços de papelaria e tipografia.

Pertencente à Cícero Brazil, a *Casa Brazil* localizava-se na Rua Cardoso Vieira, número 41, centro de Campina Grande; todavia, possuía uma filial na Rua Maciel Pinheiro, no *Líder Bar*, ponto estratégico onde se acumulava parte da elite econômica e intelectual da cidade. Em uma das matérias publicadas na imprensa campinense, comprovamos os meios de divulgação dos materiais impressos na comercialização no estabelecimento:

A CASA BRASIL, livraria, papelaria e tipografia, teve a gentileza de remeter-nos os últimos números das revistas cariocas; Fon-Fon, O Malho, Carêta, Jornal das Moças, Tico-Tico e A Noite Ilustrada, que vem repletas de ilustrações dos fatos mais recentes ocorridos no Rio e S. Paulo e no resto do mundo.

A CASA BRASIL, vem de receber, também, um sortimento magnífico de novidades literárias, científicas e religiosas, editadas pelas casa mais importantes do sul do país.

As pessoas que lêem e devem ler, recomendamos procurar a CASA BRASIL, na rua Cardozo Vieira, e a sua filial junto ao Líder Bar, na Maciel Pinheiro.²⁷⁰

²⁶⁹ PIMENTEL, Cristino. A morte do poeta Euclides Vilar. In: *Pedaços da História de Campina Grande*. Campina Grande: Livraria Pedrosa, 1958, p-257-268; AZEVEDO, Antídio de. Euclides Vilar. *Revista Ariús*, Ano III, 30 de Janeiro de 1955, p.3

²⁷⁰ Casa Brazil. *Voz da Borborema*, Ano I, Nº 6, 04 de Agosto de 1937, p.5.

Entre as atividades ligadas ao impresso, foi enquanto agência de jornais e revistas que a *Casa Brazil* se especializou na cidade de Campina Grande, na difusão de revistas de variedades “do sul do país” – algumas lembradas até hoje como *A Careta*, a *Revista da Semana*, a *Fon Fon*, o *Jornal das Moças*, *A Noite Ilustrada*, *Vida Doméstica*, *O Malho*, *Suplemento Juvenil*, entre outras.

De todas as livrarias, não há dúvida que a mais importante da história de Campina Grande foi a *Livraria Pedrosa*. Fundada no ano de 1946, pelo livreiro e poeta José Pedrosa, sua atuação marcou o imaginário de muitos letrados campinenses, sendo isto expresso em crônicas, reportagens e relatos de memórias, espalhados em livros ao longo da segunda metade do século XX.

Localizada na Rua Maciel Pinheiro, 262, a *Livraria Pedrosa*, já no final década da 1940, realizava as atividades de livraria, papelaria, tipografia e pautaço. Em 1949, a empresa estruturou uma oficina gráfica, “com máquina automática ultramoderna ‘Heidelberg’”²⁷¹, o que possibilitou a sua entrada no mercado de publicação de livros na região. No mesmo ano, publicou “Província, essa esquecida”, livro de Lopes de Andrade; um ano depois, em 1950, saiu “Dois poetas”, obra de Cristino Pimentel²⁷². Ao longo das décadas de 1950 e 1960 intensificaram-se suas publicações, com dezenas de livros, relatórios e plaquetes publicadas.

Conhecida pelo seu slogan: “Faça do livro o seu melhor amigo”, já nos finais da década de 1940, José Pedrosa inovou no modo de divulgação de seu estabelecimento, produzindo um programa na *Rádio Borborema*, aos domingos, às 18 horas, apresentados pelos jornalistas Gil Gonçalves e Hilton Mota. O programa trazia informações sobre os lançamentos do mercado, além de comentários sobre autores e editoras, expondo de maneira atraente aspectos das narrativas e poemas dos livros enfocados.²⁷³

Nascido na cidade pernambucana de Timbaúba, no dia 02 de janeiro de 1914, José Cavalcanti Pedrosa veio junto com sua família para Campina Grande, em 1925. Iniciou as suas atividades no comércio de livros, trabalhando na *Livraria Moderna*, de

²⁷¹ Faça do livro o seu melhor amigo: Livraria Pedrosa. *Revista Ariús*, Ano I, nº1, 10 de outubro de 1952, p.28.

²⁷² ANDRADE, José Lopes de. *Província, essa esquecida*. Campina Grande: Livraria Pedrosa, 1949; PIMENTEL, Cristino. *Dois poetas*. Campina Grande: Livraria Pedrosa, 1950.

²⁷³ FILHO, Francisco Maria. *Faço do seu livro o seu melhor amigo. Homenagem a José Pedrosa, o livreiro de Campina*. Campina Grande; Prefeitura Municipal, 2003, p.6

propriedade de seu tio Yoyô Cavalcanti, no ano de 1933. A livraria já referenciada nesta mesma narrativa funcionava no antigo Beco do 31.²⁷⁴

Pedrosa em pouco tempo torna-se gerente da citada firma. Com conhecimentos adquiridos com a experiência da *Livraria Moderna*, fundou a *Livraria Pedrosa*. Com a ampliação do mercado, indo além da venda de livros, em 1953, inaugura o Edifício do Livro²⁷⁵, considerado um importante marco e empreendimento na área das artes e da literatura em Campina Grande.

Em 1949, houve um avanço considerável da Livraria Pedrosa. Em uma longa reportagem publicada no jornal *O Rebate*, de 4 de outubro de 1949, intitulada: “Livraria Pedrosa: a serviço da educação e da cultura em Campina Grande”, temos um impressionante relato estatístico do comércio de livros no município. Logo de início o redator afirma: “A estatística prova com números maravilhosos que o progresso de Campina Grande é todo setor de sua vida econômica social e intelectual”²⁷⁶. E escreve com toda a empolgação: “Na atividade comercial, Campina suplanta várias capitais do nordeste, pelo dinamismo no trabalho e pelo arrojo de sua indústria, sendo este uma consequência única de iniciativa privada, que não poupa esforços pelo engrandecimento da terra”.²⁷⁷

Dentro de um ideário progressista, temos ainda a afirmativa do autor da reportagem: “Na vida sociocultural, dia a dia aumenta o seu conceito como cidade civilizada e progressista”²⁷⁸. Tal contexto teria a grande colaboração de José Pedrosa, com a criação da Livraria anos atrás. Baseado no relato do próprio livreiro, a reportagem salienta que no ano de 1933, “Campina Grande (...) era uma lástima em se falando sobre o movimento do livro, em literatura, direito e medicina e mesmo didático”²⁷⁹. Na concepção de Pedrosa, haveria “um verdadeiro desprezo por aquele comércio, um descaso que causava tristeza”.²⁸⁰

²⁷⁴ Idem.

²⁷⁵ Ocorrido em Março de 1953, o Edifício do Livro, localizado na Rua Maciel Pinheiro, foi considerado um dos prédios mais modernos do centro de Campina Grande no período. Em estilo *art déco*, semelhante a um ferro de passar, sua inauguração foi um considerado uma grande festa. Ver: Inaugurada a Livraria Pedrosa. *Jornal de Campina*, Ano I, nº25, Abril de 1953, p.7.

²⁷⁶ A Livraria Pedrosa: a serviço da educação e da cultura em Campina Grande. *O Rebate*, Ano XIX, nº766, 4 de outubro de 1949, p.3.

²⁷⁷ Idem.

²⁷⁸ Ibidem.

²⁷⁹ Ibidem.

²⁸⁰ Ibidem.

Partindo para um relato que prioriza a estatística, a reportagem procura revelar o aumento considerável no comércio do livro na cidade ao longo das décadas de 1930 e 1940:

Vejamos o que dizem os algarismos: do ano de 1934 ao ano de 1940, foram vendidos em Campina 3.456 livros de vários assuntos e especialidades.

De 1940 a 1945, houve um aumento aproximadamente 2.000 volumes, foram vendidos 5.780.

De 1946 até junho deste ano de 1949, três anos apenas de atividade da Livraria Pedrosa, foram vendidos em seus balcões 9.876 livros de literatura, direito e medicina e mais 12.500 didáticos, perfazendo o total de 21.876 volumes em menos de três anos completos.²⁸¹

Não sabemos, ao certo, de onde vieram estes dados que alimentaram a reportagem, apesar de desconfiarmos que foram trazidos pelo próprio José Pedrosa através de relatórios da época em que era gerente da *Livraria Moderna* e comparados com os dados do momento da matéria, quando de sua atuação como proprietário da Livraria Pedrosa. Por isso, acreditamos que estes dados não são compostos pelos números de vendas em livros de outras livrarias, como a *Campinense*, *Casa Brazil*, *Livraria Vilar* e outros estabelecimentos que também negociavam com o livro nestas mesmas décadas.

Chama atenção, ainda na mesma reportagem, um tópico intitulado “Secção Comercial”, no qual o repórter do jornal *O Rebate* enfatiza a importância para o desenvolvimento regional da atuação econômica da *Livraria Pedrosa*, nos servindo uma fala de Nilo Pereira, escritor e jornalista, secretário do governador de Pernambuco no período Barbosa Lima Sobrinho:

Em sua estada em Campina Grande o Dr. Nilo Pereira, (...) fez uma visita especial a Livraria Pedrosa da qual teve a mais lisonjeira impressão. Na Folha da Manhã de 27-9-1949 assim se expressou o ilustre homem de letras: “Campina Grande é um centro de estudos, de pesquisa, de interesse cultural, como nem toda parte se encontra. A Livraria Pedrosa merece um registro especial como núcleo de convergência dos intelectuais da terra e pelo estímulo que, vem trazendo aos escritores e poetas, sendo uma editora em bom começo. Lopes de Andrade editou na Pedrosa seu discurso de posse na Academia Paraibana de Letras. Visitei as instalações da Livraria Pedrosa; e posso dizer que se trata de um empreendimento á altura do meio, ali terá que nascer uma grande editora; e será o veiculo natural de expansão da cultura campinense.”²⁸²

Como ilustrações da reportagem, identificamos duas imagens das dependências da *Livraria Pedrosa* nos anos finais da década de 1940. Na primeira fotografia, temos a

²⁸¹ Ibidem.

²⁸² Ibidem.

parte gráfica, interna, no qual homens e mulheres realizam atividades ligadas ao setor tipográfico, como os manejos dos tipos móveis, organizando os materiais, a exemplo de folhas avulsas e outros suportes impressos.



ILUSTRAÇÃO 5

Sessão tipográfica da Livraria Pedrosa em 1949.

Fonte: O Rebate, Ano XIX, nº766, 4 de outubro de 1949, p.3.

Numa segunda fotografia, temos a secção comercial, constituída por seis pessoas (4 homens e 2 mulheres), sendo ao redor um número considerável de livros, extremamente bem organizados. Balcões e estantes lotados dos mais variados títulos. Quase no centro do registro identificamos José Pedrosa, ao lado de sua equipe de trabalho, muitos deles bem jovens.

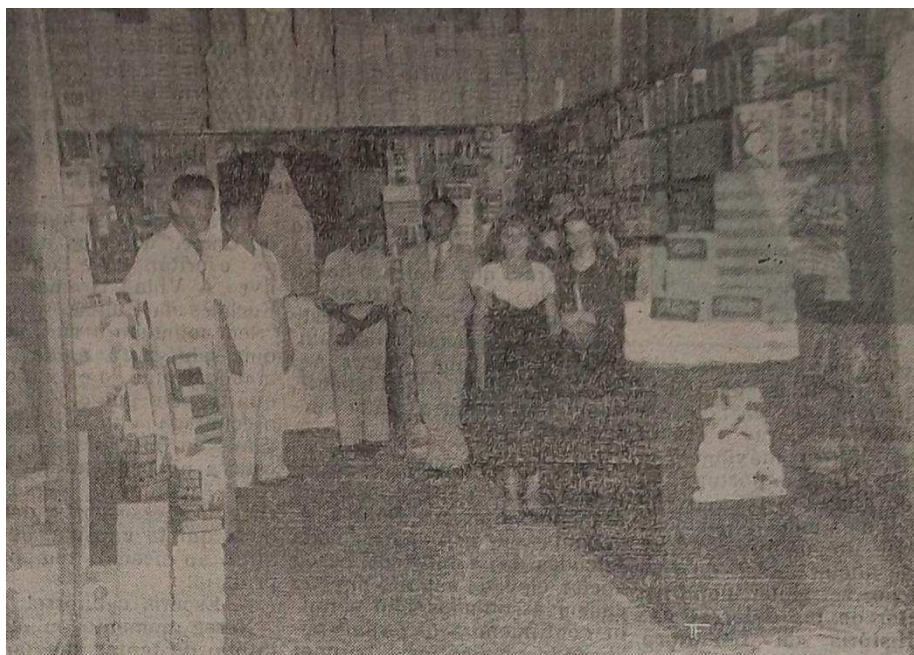


ILUSTRAÇÃO 6:

Sessão comercial da Livraria Pedrosa em 1949.

Fonte: *O Rebate*, Ano XIX, nº766, 4 de outubro de 1949, p.3.

Além de ser um sucesso na comercialização de livros, a *Livraria Pedrosa* ficou bastante conhecida por ser um reduto de intelectuais durante várias décadas em Campina Grande. Foi lá que nomes como Raymundo Asfora, Cristino Pimentel, Nilo Tavares, entre outros, criaram ou aumentaram os seus laços de amizade, envolvendo-se em debates acalorados sobre literatura, política, filosofia, etc. Em cinco décadas de atuação, que vão de 1946 a 1999, a livraria acolheu também a presença de importantes lançamentos de obras dos mais consagrados autores nacionais, como Jorge Amado, Gilberto Freyre, Juarez Távora, José Conde, Mauro Motta, entre outros.²⁸³

Além das livrarias citadas, existiram outros espaços de comercialização de artefatos impressos, a exemplo da *Livraria Cruzeiro*²⁸⁴ e da agência *O Mundial*²⁸⁵, que negociavam com romances, carimbos, periódicos, entre outros materiais de escritório. Possivelmente, outros tantos lugares chegaram a oportunizar a venda destes produtos impressos e muitos funcionaram por poucos anos; algumas deixaram de existir

²⁸³ FILHO, Francisco Maria, Op. Cit. 2003, p.11.

²⁸⁴ Em entrevista a professora e membro da Academia de Letras de Campina Grande, Leônia Leão revelou que nas décadas de 1940 e 1950, quando estudante havia em Campina Grande a Livraria Cruzeiro, localizada no centro da cidade. Ver MELO, Josemir Camilo de; GAUDÊNCIO, Bruno Rafael de Albuquerque. A dama da academia: uma metabiografia de Leônia Leão. In: *Anais da XXV Simpósio Nacional de História*. Fortaleza, 2008.

²⁸⁵ Identificamos em alguns periódicos, a exemplo da revista *Shimmy*, pertencentes ao fotógrafo e poeta Euclides Vilar, carimbos desta agência localizada na Rua Cardozo Vieira, 27, sendo responsável Irineu da Fonseca, na qual se vendia loterias, revistas, figurinos, jornais, romances, artigos escolares, artigos de escritórios, cartões postais, carimbos de borrachas e estampas.

puramente por questões financeiras, por não se sustentarem devido disputas de mercado - outras por questões ideológicas, a exemplo da *Livraria do Povo*, instalada em Campina Grande por Félix Araújo, em 1946, no saguão do edifício do Banco do Comércio, na Rua João Pessoa. Devido a atuação do jornalista e poeta no Partido Comunista Brasileiro (PCB) em Campina Grande, em uma manhã do mesmo ano o estabelecimento foi encontrado invadido e destruído, estantes quebradas e livros queimados.²⁸⁶

2.2.2. BIBLIOTECAS: ASSOCIAÇÕES E POLÍTICAS MUNICIPAIS

Não temos, até então, como descobrir quais e quantas bibliotecas públicas ou pertencentes a associações chegaram a funcionar na cidade de Campina Grande na primeira metade do século XX. Podemos conjecturar que desde o século XIX (ou talvez antes) havia algumas bibliotecas particulares, principalmente por parte dos letrados da cidade, a maioria “doutores” formados pela Faculdade de Direito do Recife, como foi o caso do historiador e jornalista Irineu Joffily e do jurista Afonso Campos, ou autodidatas, como Lino Gomes da Silva.

Segundo Epaminondas Câmara, a primeira biblioteca pública da cidade de Campina Grande teria sido a do *Gabinete de Leitura 7 de Setembro*, fundada no ano de 1913 e que funcionou até o ano de 1935. Entretanto, na mesma referência o autor de *Datas Campinenses*, ao descrever as despesas de Campina Grande fixadas pela Assembléia Provincial do ano de 1889, identificou uma verba de 300\$ para biblioteca e aula noturna²⁸⁷. Portanto, acreditamos que já no século XIX a cidade já comportava, pelo menos, uma biblioteca escolar.

Além do *Gabinete de Leitura 7 de Setembro*, várias outras associações criaram suas próprias bibliotecas. Em certos casos, para uso exclusivo dos seus associados. Temos registros de bibliotecas em associações recreativas, clubes de futebol e de órgãos representativos de estudantes. Podemos citar como exemplo, a Biblioteca da Maçonaria, a “*Arlindo Correia*” (inaugurada em 1928), a “*Biblioteca Irineu Pinto*”, ligada ao Clube Literário de Campina Grande (fundada no final dos anos 1940), a “*Biblioteca Edson Sales*”, do Centro Estudantil Campinense (fundada na década de 1950) e a

²⁸⁶ CAVALCANTE NETO, Faustino Teatino. *O PCB paraibano no imaginário social: o caso Félix Araújo na fase da “redemocratização” (1945-1953)*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Sociedade. Campina Grande: UEPB, 2006, s/p.

²⁸⁷ Idem, p.61.

“*Biblioteca Mauro Luna*”, ligada à União Universitária Campinense (criada também na década de 1950).

Uma das mais importantes bibliotecas campinenses foi a *Biblioteca Antenor Navarro*, ligada à *Sociedade Beneficente dos Artistas*, associação criada em 1929, cuja biblioteca foi fundada no ano de 1932. Com um perfil filantrópico, relacionado à formação do trabalhador do comércio e das atividades domésticas das mulheres, a biblioteca possuiu um acervo específico para este grupo social. No ano de 1935, a biblioteca incorporou definitivamente os exemplares pertencentes ao acervo da Biblioteca do *Gabinete de Leitura 7 de Setembro* quando do fechamento desta última instituição.

Em matéria da ocasião da fundação da *Biblioteca Antenor Navarro*, em junho de 1932 é possível compreendermos o perfil que estava sendo idealizado para atender ao público da *Sociedade Beneficente dos Artistas*, muito próxima da estrutura de um *Gabinete de Leitura 7 de Setembro*, no qual os sócios poderiam tomar emprestados exemplares de seu acervo:

A Sociedade B. dos Artistas resolveu fundar um gabinete de leitura, criando a sua biblioteca pública, para instrução popular dos que gostam de leituras.

Faz um apelo a todos quantos quiserem cooperar na realização deste certame educativo. A sociedade campinense, estamos certos, saberá corresponder, enviando á sede social livros, jornais, revistas, mapas, ofertas que sirvam para a mesma finalidade.

Nesses louvores a tão operosa sociedade, que tanto serviços vai prestando a seus sócios e á educação do proletariado campinense.²⁸⁸

A Biblioteca Municipal de Campina Grande só seria fundada em março de 1938, durante o governo do Prefeito Bento Figueiredo. Nas páginas do jornal *Voz da Borborema*, pertencente ao irmão de Bento, o advogado Acácio Figueiredo, foi possível, durante os meses de março e dezembro deste mesmo ano, sermos informados sobre as condições que possibilitaram a criação da Biblioteca, em meio a um conjunto de políticas ligadas à ideologia do Estado Novo, quando a família Figueiredo dominava o quadro político da Paraíba, tendo como líder o interventor federal Argemiro de Figueiredo, irmão dos dois nomes citados acima.

No jornal *Voz da Borborema*, de 9 de Março de 1938, temos uma matéria descritiva sobre a inauguração da Biblioteca Municipal de Campina Grande, onde é perceptível a

²⁸⁸ Biblioteca Pública Antenor Navarro. *Comércio de Campina*, Ano I, nº 13, 13 de Junho de 1932, p.3.

performance do jogo político da família no ato, traduzindo o discurso populista e de intenções no qual sobressaiu certo “personalismo” presente na época:

Por decreto divulgado em nossa edição de hoje, o prefeito Bento Figueiredo, houve por bem brindar a sua terra com a fundação de uma biblioteca pública (...).

A nova instituição, que vem merecendo os aplausos de toda a nossa gente culta, será solenemente inaugurada hoje mesmo, às 16 horas, em homenagem a data natalícia do ilustre campinense que tão sabiamente vem governando a Paraíba.

É uma homenagem, realmente, expressiva e condigna prestada, neste dia tão significativa para Campina Grande, ao Sr. Interventor Federal, visto como a maior satisfação de s.excia. tem sido sempre ver realizadas obras que tenham por escopo o bem dos seus conterrâneos.

Incalculável é o proveito que resulta, num meio como o nosso, de uma instituição dessa natureza. Não só proporciona horas de sadio deleite, como oferece, aos espíritos ávidos de conhecimentos, todo o elemento necessário a sua elevação cultural

Animado dessa convicção e inflamado de entusiasmo em face dela, é que o prefeito Bento de Figueiredo, num gesto que muito o recomenda ao apreço daqueles que não são alheios as coisas da inteligência, fundou a Biblioteca Municipal e com um carinho todo especial para com a mesma, envida esforços no sentido de incentivar o seu desenvolvimento.

É de ver, pois, que a culta população de Campina Grande, que tão bem compreende a magnitude dessa nobre idealidade, dispense a Biblioteca Municipal todo o seu apoio, concorrendo assim para que ela se torne opulenta a corresponda plenamente a sua finalidade.

Deixamos vasada, aqui, a expressão sincera do nosso entusiasmo, em face do gesto tão bem compreendido do Sr. Bento Figueiredo.²⁸⁹

Entusiasmo que aparecerá também nas matérias subseqüentes não só no jornal *A Voz da Borborema*, mas também no Jornal *A União* (órgão oficial do governo estadual), da época. Intelectuais “rasgam” elogios em artigos de opinião, com o intenso programa de implementação na cidade, de “lugares de cultura”, como a Biblioteca Municipal.

Destaque também para a publicação das listas de doações de livros para a nova biblioteca dos letrados campinenses. Com a campanha do jornal *Voz da Borborema*, temos assim centenas de títulos dos mais diversos campos dos saberes, sendo doados e descritos no periódico, não havendo nenhuma informação sobre a aquisição da parte da prefeitura de obras para a biblioteca. Nesse termo, livrarias como *a Campinense e a Moderna*, assim como intelectuais, a exemplo de Hortensio Ribeiro, Adauto Rocha, Epaminondas Câmara, “homens da igreja”, como o padre Odilon Pedrosa, foram alguns dos doadores. O perfil destes livros doados são quase sempre delineados por gêneros literários como biografias, coletâneas de conferências e discursos, livros de moral e

²⁸⁹ Bibliotheca Municipal. *Voz da Borborema*, Ano II, Nº15, de 9 de Março de 1938, p.1.

cívico ou religiosos. Identificamos pouquíssimas obras de natureza literária ou recreativa, como romances ou coletâneas de contos ou poemas.

Depois deste destaque no ano de 1938, possibilitado pelo jogo político presente no período, quase não encontramos nenhuma referência à Biblioteca Municipal, em periódicos da cidade, ao longo da década de 1940. Por outro lado, entre 1950 e 1953, detectamos campanhas realizadas por jovens através de dezenas de artigos publicados em jornais, como *O Momento*, *O Globo*, *Jornal de Estudante*, com intensas reclamações sobre o abandono do estabelecimento, no descaso com as obras e com a ausência de público.

No jornal *O Momento*, encontramos uma matéria queixando-se da ausência de frequentadores na Biblioteca Municipal de Campina Grande:

Ainda a semana que passou, estivemos em visita a nossa casa de leitura. Ambiente frio, depois estudantes apenas folheando uma velha revista. E nada mais. Aproximamo-nos dá senhorinha que tem a si a tarefa de dirigir os destinos da biblioteca pública da cidade. Solicitamos o livro de frequência e os nossos olhos puderam constatar diária na biblioteca, que não ultrapassa a 22 pessoas.²⁹⁰

O autor do texto, possivelmente um estudante, prega então a necessidade de novos livros: “Na nossa visita muitas coisas verificamos estar necessitando a biblioteca. Os livros são os mesmos de há 5 anos, o que é lamentável para uma biblioteca de uma cidade como Campina Grande”²⁹¹. E critica a gestão do prefeito da época Elpídio de Almeida, que “bem que poderia dar outro aspecto à biblioteca, ampliando-a consideravelmente, a fim de que a frequência seja melhorada”.²⁹²

Entre julho e agosto de 1952, identificamos a intensificação da campanha com o objetivo de melhorar as condições da Biblioteca Municipal, que veio do “seio dos estudantes”, na época um grupo social bastante participativo nos debates políticos e culturais da cidade, principalmente através do Centro Estudantal Campinense²⁹³, espécie

²⁹⁰ Destino de nossas Bibliotecas. *O Momento*. Ano I, nº 2, de 24 de setembro de 1950, p.7.

²⁹¹ Idem.

²⁹² Ibidem.

²⁹³ Associação representativa dos estudantes de Campina Grande fundado em 1935. Segundo o jornal *Formação*, de outubro de 1953, órgão oficial da instituição, “O Centro, através de sua vida, toda mesclada de lutas incansáveis e glórias consecutivas, tem sido para a mocidade, uma centelha viva, um candelabro efervescente, uma tocha acesa, por onde a juventude se guia e se orienta”. (p.3)

de Grêmio Estudantil. Exemplo temos do jornalista e estudante Josué Silvestre²⁹⁴, em matéria intitulada *É o seguinte*, publicada em três números do jornal *O Globo*:

A nossa Biblioteca Municipal, vive quase que completamente abandonada pelos poderes públicos, vindo a tornar-se desorganizada e quase desértica de leitores. Há muito tempo, diversos estudantes lutam para que os prefeitos se interessem pela biblioteca; são inúteis porém, todas as tentativas. O que vemos ali, são livros velhos, uns sem capa, alguns faltando capítulos, outros que mais parecem casas de insetos, que livros. Deficiente também, é a presença de livros didáticos, que são apenas uns 50 entre centenas de exemplares de outras matérias. Os livros mais novos que encontramos, datam de 1945. É uma calamidade. Era muito mais certo se a biblioteca fosse classificada como “museu”.²⁹⁵

O discurso assemelha-se ao antes citado aqui, adicionado à ênfase da constatação das péssimas condições e da qualidade do acervo da Biblioteca, considerado terrivelmente ultrapassado. Segundo Josué Silvestre “O jornal recebido, é apenas o órgão oficial do estado, e apesar disso, passam-se dias e semanas sem que apareça um só exemplar”²⁹⁶. No final do primeiro artigo, vem mais uma crítica ao prefeito da época, Elpídio de Almeida: “Com estes comentários, esperamos que o Sr. Prefeito Municipal reconheça a necessidade dos estudantes e atenda os seus rogos, transformando a biblioteca numa BIBLIOTECA”.²⁹⁷

No segundo artigo, publicado uma semana depois, Josué Silvestre enfatiza com críticas duras “a mentalidade campinense”, indo em direção à ausência de um público leitor, segundo ele muito mais preocupados em questões de ordem material, do que espirituais e/ou intelectuais:

Atesta o livro de presença mantido pela nossa Biblioteca Pública Municipal, que a principio, nos dias em que ela se fundou, era grande a afluência do povo aquele ambiente. Com o correr dos tempos o número de leitores foi diminuindo, chegando, atualmente 20 e no máximo 30 visitas diárias, incluindo-se nesses números, cinco funcionários, que diariamente dão o seu expediente de 8 às 11 e de 12 às 22 horas, distraíndo-se com os livros e recebendo com cordialidade os leitores que ali se dirigem.

Habitam Campina Grande 85 mil almas; estudantes há 3 mil, aproximadamente. Mas, cadê a nossa mocidade colegial? Será esses jovens limitam-se unicamente a fazer os currículos nos colégios, onde estudam?

Em nossa terra já está comprovado o descaso pelas coisas do espírito; estantes repletas de livros na Biblioteca Municipal, servindo de

²⁹⁴ Josué Silvestre (1937- Jornalista e Escritor. Natural de Carpina, Pernambuco (1937), veio residir em Campina Grande no ano de 1944. Foi Presidente do Grêmio Literário Machado de Assis nos anos 1950, sendo editor nesta instituição da revista *Plêide*. É autor de alguns livros, com destaque para *Lutas de Vida e de Morte* (1982).

²⁹⁵ SYLVESTRE, Josué. *É o seguinte*. *O Globo*, Ano I, nº 1, 7 de Julho de 1952, p.4.

²⁹⁶ *Idem*.

²⁹⁷ *Ibidem*.

alimento para as traças; as moscas sujando autores ilustres, quando suas obras deveriam ser devoradas pelos olhos da nossa mocidade.

Daí, alguém já ter dito: “letras em Campina Grande, só, Letras Promissórias”²⁹⁸

Já no terceiro artigo, Josué Silvestre volta o seu olhar com uma revolta evidente contra o prefeito Elpídio de Almeida, gestor público que aparentemente intencionava fechar a Biblioteca Municipal por problemas financeiros graves na Prefeitura:

Como prometemos no número anterior que voltaríamos a falar sobre a Biblioteca, estamos novamente abordando este tão importante assunto.

No governo do Dr. Elpídio de Almeida, todos devem saber que a renda do município era muito inferior a atual. A prefeitura vivia atarefada com os problemas da maternidade, da luz e outros menores, entretanto, a mesma prefeitura mantinha na biblioteca, três funcionários que se sucediam em cada expediente, isto é, o 1º., o 2º e o noturno.

Agora, porém, os impostos aumentaram, as obrigações da prefeitura são as mesmas (os diminuíram), e diz o Sr. Prefeito que não tem dinheiro para melhorar a biblioteca. E ainda mais, não pode manter ali nem ao menos uma funcionaria.

Na semana passada, aconselhado por um dos “inteligentes” vereadores da nossa cidade, queria fechar a biblioteca; o que não fez, graças a interferência do acadêmico Raimundo Asfora.

Francamente senhores! Não compreendemos como pode ser isso; os outros constroem, este quer destruir.

O Sr. Prefeito, tem dinheiro para fazer reportagens fotográficas de todos os lances da sua “grandiosa administração”, não tem dinheiro para comprar livros e colocar na biblioteca.

A verba que foi empregada naqueles retratos, já daria para comprar mais de uma dezena de livros, para a mocidade estudiosa estivesse evoluindo na cultura e no saber.

Se o Sr. Prefeito quer amor o povo, eis um pedido de uma parte do mesmo. Suspenda as reportagens, e empregue o dinheiro correspondente na aquisição de livros. Este é o nosso desejo.²⁹⁹

Aguçando ainda mais a crítica à gestão de Elpídio de Almeida, temos o artigo de José Leite Sobrinho no mesmo jornal. Diante da campanha para a melhoria da Biblioteca, o jornalista assegura que “Uma cidade como Campina Grande, já era para ter, em prédio próprio, com todo conforto, uma boa biblioteca e o arquivo municipal, porque só assim os que desejarem dados administrativos teriam uma fonte certa para procurá-los”³⁰⁰. E arremata: “Enquanto se gasta dinheiro com pequenas coisas de pouca utilidade, fica esquecido o devido resguardamento do patrimônio histórico e evolutivo de nossa cidade”.³⁰¹

No que se refere às bibliotecas particulares, poucos podemos evidenciar quanto a sua historicidade, visto que raros intelectuais escreveram sobre elas, à exceção do

²⁹⁸ Ibidem.

²⁹⁹ SILVESTRE, Josué. É o seguinte. *O Globo*, Ano I, Nº 3, 28 de Julho de 1952, p.3.

³⁰⁰ SOBRINHO, José Leite. Biblioteca, livros e traças. *O Globo*. Ano I, Nº 4, 04 de Agosto de 1952, p.4.

³⁰¹ Idem.

cronista Cristino Pimentel, que fazia questão de exibir em fotografias e relatos de memórias os livros que possuía em seu gabinete. São crônicas no qual o autor do “Abrindo do Passado” refere-se a títulos e autores que havia lido no momento, citando trechos de filósofos e escritores franceses. Outros, como Hortensio Ribeiro, possuíam uma considerável biblioteca particular, boa parte dela constituída de títulos em língua francesa³⁰². Em nossa pesquisa, encontramos uma dezena deles, que fazem parte atualmente do acervo da Biblioteca Central da Universidade Estadual da Paraíba. Aliás, estes livros faziam parte do cenário do famoso “Caldo de Cana”, já relatado aqui enquanto círculo intelectual, no primeiro capítulo desta dissertação.

Sabemos que muitos outros intelectuais campinenses possuíam seus gabinetes de trabalho e escritórios, repletos de livros e outros suportes impressos, porém, poucos deles expunham os títulos, expressavam opiniões sobre autores ou como e onde obtiveram seus acervos particulares. Epaminondas Câmara, Hortensio Ribeiro, Cristino Pimentel, José Lopes de Andrade são alguns exemplos, portanto, de intelectuais que constituíram seus acervos pessoais através de aquisições em livrarias e agências distribuidoras, ou mesmo em viagens para outros centros, onde havia uma maior diversidade de títulos e autores. Estes acervos, infelizmente, foram dissolvidos, sendo impossíveis de serem reconstituídos.

2.3. OS ESCRITORES DA CIDADE: UMA CARTOGRAFIA DE AUTORES E TÍTULOS

A noção de campo de produção cultural, produzido pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu, pode ser compreendido como um espaço social onde estão situados os que produzem obras, entre escritores, poetas, jornalistas etc, e o valor intrínseco destas mesmas obras, em relações recíprocas no transcurso de suas atividades. O conceito passa pela concepção de que todo campo tem seus “dominantes e seus dominados, seus conservadores e sua vanguarda, suas lutas subversivas e seus mecanismos de

³⁰² Uma característica dos intelectuais campinenses é a francofilia, um amor dedicado a cultura francesa, a literatura principalmente. Em várias fontes encontramos referências aos hábitos e a literatura francesa nas fontes por nós trabalhadas. De todos os francofilistas campinenses, Hortensio Ribeiro é o mais destacado, chegando a ser conhecido como o “francês do Cariri”. Ver: GAUDENCIO, Bruno Rafael de Albuquerque. *Intelectuais à francesa. In: Lugares de Influência, espaços de cultura: os intelectuais campinenses nas trilhas e nos trilhos do Recife*. Monografia de História. Campina Grande: UEPB, 2009, pp. 61-75

reprodução”³⁰³. Portanto, há segundo Pierre Bourdieu uma aproximação entre o campo literário e o campo político, visto que, para o sociólogo, tanto um campo como o outro, trata entre suas práticas de uma questão de poder: “Aqui como em outros lugares observam-se relações de força, estratégias, interesses, etc.”.³⁰⁴

Estas relações de força podem ser exemplificadas, muitas vezes, nas próprias regras que são criadas para a publicação, por exemplo, quando um autor consagrado faz comentários positivos ou um prefácio elogioso a um livro de estreia de jovem escritor ainda desconhecido. A estratégia existiu e implicou certos interesses políticos internos dentro do próprio campo. Esta estratégia está ligada à questão do reconhecimento de uma obra e da entrada de seu autor por parte do campo literário. Nas palavras de Pierre Bourdieu:

O campo literário é simultaneamente um campo de forças e um campo de lutas que visa transformar ou conservar a relação de forças estabelecida: cada um dos agentes investe a força (o capital) que adquiriu pelas lutas anteriores em estratégias que dependem, quanto à orientação, da posição desse agente nas relações de força, isto é, de seu capital específico.³⁰⁵

O capital simbólico, citado acima, seria o capital de reconhecimento ou de consagração, institucionalizado ou não, que os diferentes agentes e instituições conseguiram acumular no decorrer das lutas anteriores, ao preço de um trabalho e de estratégias específicas. O campo seria então um conceito que relaciona as bases de relação entre os indivíduos e seus mesmos, pois o campo de produção cultural é um espaço social que reúne diferentes grupos de literatos, romancistas e poetas que mantêm relações determinadas entre si e também com o campo do poder, pois ninguém pode se colocar fora de um campo literário. Mesmo aqueles que vão de encontro às regras estabelecidas das letras, se encontram dentro de um campo diverso e de negação das unidades intelectuais formais.

A teoria do campo literário de Pierre Bourdieu pode ser vista como uma tentativa de evidenciar que ali onde pensávamos que havia um sujeito livre, agindo na combinação com sua pretensão mais imediata, na verdade, o que existe é um espaço de forças estruturado que molda a capacidade de ação e de decisão de quem dele faz parte. É, pois, contra certa concepção de *autonomia do sujeito* que Pierre Bourdieu se insurge

³⁰³ BOURDIEU, Pierre. O Campo Intelectual: um mundo à parte. In: *Coisas Ditas*. Tradução: Cássia Silveira e Denise Pegorin. São Paulo: Brasiliense, 2004, p.170.

³⁰⁴ Idem.

³⁰⁵ Ibidem, p.172.

de modo enfático. E, ao longo de seu trajeto intelectual, ele elegeu sucessivos objetos onde seria admissível detectar a validade de uma subjacente rede de relações coagindo os sujeitos: a educação, a moda, a televisão, a produção intelectual e artística de uma época etc.³⁰⁶

Desta forma, para pensarmos “os lugares” ocupados pelos escritores de Campina Grande, entre os anos de 1913 e 1953, no que se refere às suas formas de incursão na literatura e outras áreas de saber, tendo como foco a questão da cultura impressa, seguimos as diretrizes de Pierre Bourdieu, pensando as diferentes posições dos intelectuais no campo de produção literária local,

tais como estas podem ser definidas levando-se em conta não só o gênero praticado, a categoria nesse gênero, identificada através de lugares de publicações (editora, revista, galeria, etc.) e dos índices de consagração, ou simplesmente, da antiguidade de entrada no jogo, mas também os indicadores mais exteriores, como a origem social e geográfica, que se reproduzem suas posições ocupadas no interior do campo, correspondem as posições tomadas no espaço dos modos de expressão das formas literárias e artísticas (alexandrino ou um outro metro, rima ou verso livre, soneto ou balada, etc.), dos temas e, evidentemente, de todos os tipos de índices formais mais sutis que a análise literária tradicional há muito tempo assinalou. Em outros termos, para ler adequadamente uma obra na singularidade de sua textualidade, é preciso tê-la consciente ou inconsciente na sua intertextualidade, isto é, através do sistema de desvios pela qual ela se situa no espaço das obras contemporâneas (...).³⁰⁷

Portanto, seguindo as veredas indicativas do sociólogo Pierre Bourdieu procuraremos pensar os gêneros e as formas literárias praticadas, os lugares de publicação, a origem social e geográfica de alguns dos escritores campinenses, no que se refere aos índices de consagração de ambos, dentro do campo literário local, para refletirmos sobre a cultura impressa de Campina Grande, tendo por mote as estratégias de publicações em forma de livros.³⁰⁸

Com isso, longe de enunciar num solo institucional neutro e estável, qualquer escritor alimenta sua obra com um caráter radicalmente problemático de sua própria pertinência ao campo literário e à sociedade na qual se inclui. Situados numa cidade do

³⁰⁶ Ver MARTINS, Maurício Vieira. Bourdieu e o fenômeno estético: ganhos e limites de seu conceito de campo literário. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo, Vol 19, nº56, 2004, p.63-151.

³⁰⁷ BOURDIEU, Pierre, Op. Cit. 2004, p.177.

³⁰⁸ Neste levantamento de títulos e autores escolhemos os livros e as plaquetes publicados em Campina Grande ou por escritores campinenses em outros centros, como o Recife, João Pessoa e Rio de Janeiro, no período de 1913 a 1953. Não tivemos condições de estabelecer um estudo sobre a cultura impressa campinense elencando a publicações em forma de folhetos de cordéis, muito difundidos na cidade de Campina Grande, em especial em espaços como a feira, onde poetas de várias outras regiões comercializavam seus produtos.

interior da Paraíba no início do século XX, vários escritores se formaram, publicando poemas, contos, ensaios, na maioria das vezes em periódicos locais, sendo poucos, portanto, que chegaram a publicar textos em formato de livros, como perceberemos a seguir.

Entre 1913 e 1953, identificamos mais de 80 livros ou plaquetes, publicados por autores sendo oriundos ou radicados em Campina Grande, entre cronistas, poetas, advogados, ensaístas, historiadores (nenhum ficcionista), que produziram suas obras e provocaram, em alguns casos, repercussões no campo de produção literária no Estado da Paraíba, sendo poucos que repercutiram em outras regiões do Brasil, exceções feitas ao poeta Zé da Luz e ao ensaísta Lopes de Andrade. Todavia, tais repercussões nos parecem, à primeira vista, isoladas, diríamos momentâneas, e com pouco respaldo contínuo em nível nacional.

QUADRO 1:

Lista dos livros e plaquetes publicados em Campina Grande ou de autoria de escritores campinenses lançados entre os anos de 1913 e 1953

TÍTULO	AUTOR	CIDADE/EDITORIA	ANO	GÊNERO ÁREA DE CONHECIMENTO
Agravo cível da Comarca de Areia	Antônio Pessoa de Sá	Paraíba: Tipografia Brasil	1920	Direito
Horas de Enlêvo	Mauro Luna	Campina Grande: Barros & Ramos	1924	Poesia
Embargos ao Acordo ordinária da comarca de Campina Grande)	Acácio Figueiredo	Campina Grande: Livraria Campinense	1925	Direito
Ação de Dano Resultante da Incêndio Casual	Antônio Pessoa de Sá	Paraíba: Tipografia Brasil	1925	Direito
Razões de Apelação	Otávio Amorim	Recife: Tipografia Comercial	1927	Direito
Natimorta	Estefânia Mangabeira de Barros	Campina Grande: Tipografia Cantuária	1928	Poesia
Apelação Cível da Comarca de Campina Grande	Antônio Pessoa de Sá	Paraíba: Empresa Gráfica Nordeste	1928	Direito
Ação de Acidente de Trabalho –	Otávio Amorim	Campina Grande: s/e.	1930	Direito

Razões de apelação					
Ação criminal: termo do Ingá	Joaquim José de Oliveira Lima	Campina Grande: Tipografia Casa Brasil	1930		Direito
Falsa Imputação de mandato: razões de defesa	Otávio Amorim	Campina Grande: Livraria Campinense	1931		Direito
Em defesa de uma Memória – O ex-presidente João Suassuna perante os Tribunais Revolucionários	Antônio Pessoa de Sá e Fernando Carneiro da Cunha	João Pessoa: Tipografia da Livraria São Paulo	1931		Direito e História
Ação Ordinária de investigação de Paternidade ilegítima	Antônio Pessoa de Sá e Fernando Carneiro da Cunha Nóbrega	João Pessoa: Casa Record	1932		Direito
O Interdito na Prática	Otávio Amorim	Campina Grande: Tipografia Cantuária	1933		Direito
A luz e a saúde	J. Romualdo Costa	Campina Grande: Livraria Campinense	1933		Medicina
Razões Finais na Ação de Investigação de Paternidade e Petição de Herança, movida por Lino Torres Brasil e outros, no termo de Taperoá	Antonio Ovídio de Araújo Pereira e Abdias da Silva Campos	Campina Grande: Livraria Moderna	1934		Direito
Um erro judiciário. Questões de Direito Comercial	Otávio Amorim	Campina Grande: Livraria Campinense	1934		Direito
Ação de investigação de paternidade e petição de herança	José Tavares Cavalcanti.	Campina Grande: Typografia da Liv. Campinense	1934		Direito
Aplicação indevida da teoria da responsabilidade civil	Otávio Amorim	Campina Grande: Livraria Moderna.	s/d		Direito
Habeas-corpos a favor do deputado Antonio Vital do Rêgo e outros	Otávio Amorim	Campina Grande: s/e	s/d		Direito
Gritos d'alma	Anésio Leão	João Pessoa: Imprensa Oficial	1935		Poesia
Razões finais em	João	Campina Grande:	1935		Direito

crime de calúnia apresentadas por Anfrísio Alves Brindeiro	Minervino Dutra de Almeida	Livraria Campinense.			
Diretrizes do Governo (discurso de posse da Paraíba)	Argemiro de Figueiredo	João Pessoa: Imprensa Oficial	1935		Política
A Inelegibilidade do Dr. Vergniaud Borborema Wanderley ao cargo de Prefeito do Município de Campina Grande (Arquição apresentada por Lafaiete Cavalcanti)	José de Oliveira Pinto	Campina Grande: Empresa Nordestina	1935		Direito
Brasil Caboclô	Zé da Luz	João Pessoa: Imprensa Oficial	1936		Poesia
Ação de reivindicação de paternidade e anulação de registro	Paulino de Oliveira Barros	Campina Grande: Livraria Moderna	1936		Direito
Fala o Dr. Otávio Amorim em defesa de nossa lavoura algodoeira	Otávio Amorim	João Pessoa: e/d	1936		Direito
Diretrizes de Governo (Plataforma do Governador da Paraíba)	Argemiro de Figueiredo	João Pessoa: Imprensa Oficial	1936		Política
Discurso a Paraíba	Argemiro de Figueiredo	João Pessoa: Imprensa Oficial	1936		Política
Ação Rescisória	Acácio Figueiredo	Campina Grande: Livraria Campinense	1937		Direito
Discurso proferido ao Microfone da PRI-4, Rádio Difusora da Paraíba	Argemiro de Figueiredo	João Pessoa: Imprensa Oficial	1937		Política
Ação de reivindicação de imóveis	José de Oliveira Pinto	Campina Grande: s/e	1937		Direito
Sertão Brabo	Zé da Luz	João Pessoa: Imprensa Oficial	1938		Poesia
Estado Atual da Pecuária Nordestina	Luis Fernando Ribeiro	Campina Grande: Livraria Moderna.	1938		Agricultura
Saneamento de	José Fernal	Campina Grande:	1938		Administração

Campina Grande		Imprensa Oficial			Pública
Realizações do governo de Figueiredo	Argemiro de Figueiredo	João Departamento Estatística e Publicidade	Pessoa: de e	1938	Política
Cinco anos de cirurgia	Vital Rolim	Campina Grande/João	Pessoa: Imprensa Oficial	1938	Medicina
Um caso de concorrência desleal	José de Oliveira Pinto	Recife: Manhã	Diário da	1938	Direito
Necessidades do Município	Bento de Figueiredo	João Pessoa: Oficial.	Imprensa	1939	Administração Pública
Filosofia de Judas	Murilo Buarque	Campina Grande: Livraria Campinense		1940	Poesia
Apelação civil da comarca de Patos	Acácio Figueiredo	Campina Grande: Tipografia Campinense		1940	Direito
Reivindicações de Títulos cambiais	Otávio Amorim	Campina Grande: s/e		1940	Direito
Ação ordinária de cobrança	Acácio Figueiredo e Álvaro Gaudêncio de Queiroz	Campina Grande: s/e		1941	Direito
Investigação de Paternidade	Ascendino Moura	Ingá: s/e		1941	Direito
Presunção de legitimidade de Filiação e eficácia da sentença apelada	José de Oliveira Pinto	Campina Grande: s/e		1941	Direito
Os Alicerces de Campina Grande: Esboço Histórico do Povoado e da Vila	Epaminond as Câmara	Campina Grande: Livraria Moderna		1943	Historiografia
Breve Discurso sobre a Sociedade e as Secas do Nordeste	Lopes de Andrade	Campina Grande: Liv. Cruzeiro		1943	Ensaio Sociológico
Sentença	Antonio Gabínio da Costa Machado	Campina Grande: Tipografia d'O Rebate		1943	Direito
Concluintes de 1943 (Ginásio de Patos)	Argemiro de Figueiredo	Campina Grande: s/e	s/d		Discurso
Tabela de cálculo dos impostos de vendas e consignações	José Gil Gonçalves	Campina Grande: s/e.		1944	Contabilidade
Vendas e	José Gil	João Pessoa: G.		1944	Vendas

consignação e Indústria Profissão	e	Gonçalves	Petrucci			
Meio Século de Labor	de	Tertuliano Pereira Barros	João Pessoa: A União	1945		Memórias
Estudo Genealógico da Família Uchôa	da	Boulanger Uchôa	Recife: Jornal do Comércio	1945		Genealogia
Tamar – poemas em prosa		Félix Araújo	João Pessoa: A União	1945		Poesia
Acuso (resposta ao Governador do Estado)	do	Félix Araújo	Campina Grande: s/e	s/d		Política
Areia e a Abolição da Escravatura – O Apostolado de Manoel da Silva		Elpídio de Almeida	Recife: Jornal do Comércio	1946		Historiografia
Razões de Habeas – corpus		José Correia Lima	Campina Grande: Livraria Pedrosa	1946		Direito
Discurso		Elpídio de Almeida	Campina Grande: Livraria Pedrosa	s/d		Política
Datas Campinenses		Epaminondas as Câmara	João Pessoa: Imprensa Oficial	1947		Historiografia
Deputado Argemiro de Figueiredo – sua administração e sua política (discurso proferido na sessão de 19 de maio de 1947)		Argemiro de Figueiredo	João Pessoa: e/d	1947		Política
Considerações Gerais sobre o Plano de Eletrificação de Campina Grande		João Rolim Cabral	Campina Grande: Livraria Pedrosa	1947		Administração Pública
Introdução á Sociologia Secas	das	José Lopes de Andrade	Rio de Janeiro: A Noite	1948		Ensaio Sociológico
A Província, essa esquecida		José Lopes de Andrade	Campina Grande: Livraria Pedrosa	1949		Discurso
Brasil Caboclô (2ª edição)		Zé da Luz	Rio de Janeiro: O Cruzeiro.	1949		Poesia
Em Defesa do Criatório	do	Plínio Lemos	Rio de Janeiro: Imprensa Nacional.	1949		Política
Um erro judiciário que ainda pode ser corrigido		Agnelo Amorim Filho	Campina Grande: Livraria Moderna.	1949		Direito
Carta Pastoral de		Anselmo	Salvador: Mensageiro	1949		Religião

D.Frei Anselmo Pietrulla, Bispo de Campina Grande, saudando seus diocesanos	Pietrulla	da Fé			
Súmula da jurisprudência que disciplina a matéria (interpretação do art.178, &9º, N° V. Letra B. do Código Civil, em função do art. 1.132.	Otávio Amorim	Campina Grande:	1949.	Direito	Livraria Pedrosa.
Dois Poetas	Cristino Pimentel	Campina Grande:	1950	Ensaio Literário	Livraria Pedrosa
Instituto & Aposentadoria e Pensões dos Agrários	Plínio Lemos	Rio de Janeiro:	1950	Política	Imprensa Nacional
A dignidade contra a infâmia: razões de recurso de revista	Sebastião Cavalcanti Neto e José Correia Lima	Campina Grande:	s/e 1950	Direito	
O Homem Marginal do Nordeste	José Lopes de Andrade	Rio de Janeiro:	1950	Ensaio Sociológico	A Noite
Vida e Luta de um Pracinha	Nílson Costa	Campina Grande:	s/d 1950	Memórias	
Aplicação indevida da teoria da responsabilidade Civil objetiva. Campina Grande	Agnello Amorim Filho	Campina Grande:	1951	Direito	Livraria Pedrosa
Recurso extraordinário N° 21.347.	Acácio Figueiredo	Campina Grande:	1952	Direito	Tipografia Barreto
Forma e Efeito das Migrações do Nordeste	José Lopes de Andrade	João Pessoa:	1952	Ensaio Sociológico	A União
Responsabilidade Civil (culpa “in vigilando” e “in eligendo”)	José Correia Lima	Campina Grande:	1953	Direito	Tipografia Barreto
Discursos	Petrônio Figueiredo	Campina Grande:	1953	Política	Livraria Moderna
Sôbre o Indivisualismo	Antonio Lucena	Campina Grande:	1952	Direito e Filosofia	Livraria Pedrosa
Embargos de nulidade e Infringentes do Julgado N° 232 (Comarca de Esperança)	Manuel Figueiredo	Campina Grande:	s/e 1953	Direito	

Pela Municipal	Câmara	Manuel Figueiredo	Campina Grande: s/e	1953	Direito
Pedaços História da Paraíba	da	Cristino Pimentel	João Pessoa: Teone.	1953	Crônicas
Sonhos de Poeta		Adabel Rocha	Campina Grande: Tipografia Barreto	1953	Poesia

Depois de termos realizado uma avaliação dos lugares e formas de circulação do livro e da leitura na cidade de Campina Grande, historicizando algumas das principais livrarias e bibliotecas do município, pretendemos produzir, dentro da linha de investigação da cultura impressa, uma cartografia dos autores e publicações da cidade, tentando compreender assim quais foram as regras de legitimação e as estratégias de reconhecimento social dos escritores campinenses na primeira metade do século XX, no que se refere aos “modos de publicação” e das maneiras como foram repercutidas algumas destas obras no campo literário local.

Como forma de melhor organizar esta “cartografia das produções literárias dos escritores campinenses”, com o intuito de investigar a natureza dos textos, as formas de publicação e as repercussões no campo literário local, dividimos esta análise em duas categorias a partir dos gêneros literários clássicos: *poesia e prosa*. Tal divisão é explicada por uma necessidade metodológica (e diríamos também didática), para melhor compreensão das atuações dos escritores locais, e pelo fato da constatação do grande número de poetas atuantes em Campina Grande durante a nossa delimitação, apesar dos poucos que chegaram a publicar em formato de livro. No que se refere à relação dos prosadores, estes mais numerosos quanto à publicação de seus escritos em livros, investigamos os escritores que publicaram livros não ficcionais (crônicas, ensaios sociológicos, estudos historiográficos etc. – gêneros prediletos dos escritores locais), além dos documentos oficiais (relatórios, estatutos, etc.), dentro da nossa delimitação temporal.

Sabemos das dificuldades que era a publicação de livros no Brasil do início do século XX. Somados a detalhes mais técnicos como os gastos elevados de impressão, a ausência de editoras, tínhamos algumas gráficas e tipografias, muitas vezes especializadas apenas em serviços menores e menos arriscados financeiramente. As poucas livrarias, bibliotecas, formavam um quadro da restrição da cultura impressa campinense neste período, o que explica o pouco número de escritores que ousaram a publicar suas obras em forma de livros.

2.3.1. OS POETAS: ABUNDÂNCIA NUMÉRICA E LIRISMO CONSTANTE

Chama atenção, ao tomarmos conhecimento das produções literárias na imprensa campinense, o grande número de poetas que atuaram em Campina Grande dentro de nossa delimitação temporal. Este número considerável de “versejadores”, entre homens e mulheres, conservadores ou vanguardistas, por outro lado, não correspondeu ao número de publicações em forma de livros. Na realidade, a imprensa, através de jornais, revistas, anuários e almanaques, foram os suportes privilegiados dos poetas campinenses.

No que se refere à notabilidade destes poetas no campo literário local, alguns nomes se destacaram, sendo exaltados por suas aptidões sentimentais e/ou gramaticais, como foi Mauro Luna (que chegou a membro da Academia Paraibana de Letras), Murilo Buarque (para muitos considerado um dos melhores poetas de sua época), Severino Pimentel (conhecido por sua emotividade), Anésio Leão (citado como um sonetista de primeira linha), Euclides Vilar (reconhecido nacionalmente como charadista) e Félix Araújo (célebre como orador).

O juízo estético das publicações nos jornais, revistas e outros suportes impressos indica que quase não havia rigores analíticos. A amizade, a empatia, o status social, o pertencimento ao mesmo círculo intelectual se sobressaíam quanto aos critérios para publicação de um poema em um periódico, anuário ou almanaque surgido. O mesmo podemos afirmar em relação àqueles que chegaram a publicar em livro, como veremos em alguns casos.

Praticamente não havia o hábito da crítica literária no jornalismo de Campina Grande nas primeiras décadas do século XX. O “resenhismo”, ou simplesmente o comentário em forma de nota (tão criticado nos dias atuais), eram a tônica quando se pensava em análise poética, bem como outros gêneros literários. Na realidade, a crítica de arte e literária só conquistaria um lugar específico a partir da década de 1950, quando o jornalismo campinense começou a absorver as novas e modernas transformações da imprensa brasileira.

De maneira geral, a poesia publicada em Campina Grande foi demarcada por um forte lirismo conservador de herança parnasiana e simbolista, que se manteve presente durante várias décadas, mesmo com a ascensão da literatura e da poesia moderna no

Brasil e no mundo. Houve, sim, algumas adesões de ordem “transformadora da linguagem”, principalmente a partir da década de 1930 (aspecto que iremos tratar no quarto capítulo desta dissertação). Entretanto, se sobressaiu de maneira geral uma poesia lírica, pautada na sentimentalidade e em temas ligados ao romantismo como o amor e a morte, e no formato clássico do soneto.

Além do soneto, considerado o ideal quanto à “formatividade do poema”, outra tradição bastante popular da poesia eram chamados “as glosas” e “as epigramas”, muito difundidas na imprensa campinense. Nomes como Severino Pimentel, Lino Gomes da Silva e Bernardo Cintura³⁰⁹ foram alguns dos poetas especialistas neste tipo de gênero, principalmente na década de 1920 em Campina Grande.

Mas quais seriam os poetas que chegaram a publicar livros de poesia em Campina Grande nas primeiras cinco décadas do século XX? Que formas literárias foram praticadas? Quais os lugares de publicação e as origens sociais e geográficas de ambos?

Como forma de avaliarmos e desenvolvermos uma cartografia dos autores e títulos publicados no campo literário campinense, no que se refere à cultura impressa possibilitada na cidade, identificamos apenas sete autores em seis obras publicadas, entre os anos de 1913 e 1953. São eles, por ordem cronológica de publicação: Mauro Luna (1924), Estefânia Mangabeira de Barros (1928), Anésio Leão (1935), Zé da Luz (1936 e 1938), Murilo Buarque (1940), Félix Araújo (1945) e Adabel Rocha (1953).

Mauro Luna publicou em 1924 o primeiro livro do gênero poesia na cidade: *Horas de Enlevo*, pela editora *Barros & Ramos (da Livraria Campinense)*³¹⁰; já o segundo veio das mãos de uma mulher, a católica Estefânia Mangabeira de Barros, autora de *Natimorta*, que saiu em 1928, pela Tipografia Cantuária³¹¹; Anésio Leão, em 1935, lança *Gritos d'alma*, obra pouco conhecida e impressa na Imprensa Oficial do estado³¹²; Zé da Luz, poeta popular, muitas vezes esquecido, visto que residiu e se notabilizou muito mais no Rio de Janeiro do que em Campina Grande (onde chegou a

³⁰⁹ Laurindo Pereira de Souza era o nome verdadeiro de Bernardo Cintura. Segundo Cristino Pimentel, que lhe dedicou um texto no livro *Dois Poetas*, de 1950, é de Bernardo Cintura esta quadra: "Eu ando caçando a dita,/e a dita não me aparece,/quando eu desço, a dita sobe,/quando eu subo, a dita desce". Bernardo Cintura, que nasceu em Teixeira, PB, em 1849, morreu em 1924, com 75 anos de idade.

³¹⁰ LUNA, Mauro, Op. Cit. 1924.

³¹¹ BARROS, Estefânia Mangabeira de. *Natimorta*. Campina Grande: Tipografia Cantuária, 1928.

³¹² LEÃO, Anésio. *Gritos d'alma*. João Pessoa: Imprensa Oficial, 1935.

morar alguns anos), - autor do clássico *Brasil Caboclo*, de 1936³¹³ e do menos conhecido *Sertão Brabo*, de 1938³¹⁴; Murilo Buarque, autor da plaquete *Filosofia de Judas*, que saiu pela Livraria Campinense no ano de 1940³¹⁵; Félix Araújo, que em 1945 lança em Campina Grande *Tamar*³¹⁶; e por último temos Adabel Rocha, com *Sonhos de Poeta*, livro saído pela Tipografia Barreto, em 1953.³¹⁷

O livro *Horas de Enlevo*, de Mauro Luna, desde o início da década de 1920 vinha sendo anunciado na imprensa de Campina Grande como um grande acontecimento editorial, cercado de expectativa por muitos letrados. Nascido em Campina Grande, no dia 27 de julho de 1897, Mauro Luna colaborou em praticamente todos dos principais jornais e revistas da cidade, chegando a ser editor de alguns, a exemplo da *Renascença*, com apenas 18 anos de idade. Foi professor de diversas disciplinas, como Contabilidade e Língua Portuguesa, nos principais colégios campinenses. Na década de 1920, já era bastante reconhecido pela sua atuação como poeta e jornalista. Vejamos o que relata a reportagem do jornal *Gazeta do Sertão* de 22 de Março de 1924:

Como outrora em Roma, na “Livraria Aviranus”, copiavam os escribas os papiros dos poetas do tempo, andam agora compositores tipográficos, na Livraria do Ramos (a campinense), dia e noite a trabalhar na fatura do inspirado poema de Mauro Luna – “Horas de Enlevo”.

A vocação estética do poeta campinense cedo madrugou, para usarmos de uma velha imagem, como quem tinha jornada larga que fazer, talhado que esta o estro de Mauro Luna, desde o seu berço aurifulgente e sonoro, para destinos imorais.

Não mentiram as previsões dos que julgam com simpatia, ao vaticinar a Mauro Luna um lugar de destaque entre os nossos brilhantes rimadores, entendendo-se esta expressão em termos hábeis, conforme querem os juristas.

É interessante apreciar, como logo mais o faremos, a gênese, formação e evolução deste mavioso poeta, que enobrece as nossas letras mofinas.

Com ser esplendida, a sua poesia tem formas varias e dispares aspectos.

Do soneto alexandrino, que o autor das “Horas de Enlevo” maneja com maestria, ao soneto hendecassílabo, passando pela trova de sete sílabas, o seu livro, prestes a sair das oficinas da “Livraria Campinense”, nos apresenta um resumo da nossa vida inquieta, no que esta pode manifestar de harmonioso e elegíaco.

E acima de tudo, Mauro Luna é um poeta conceituoso e imaginativo.

³¹³ SILVA, Severino Andrade da (Zé da Luz). *Brasil Caboclo*. João Pessoa: Imprensa Oficial, 1936.

³¹⁴ SILVA, Severino Andrade da (Zé da Luz). *Sertão Brabo*. Parahyba do Norte, Imprensa Oficial da Parahyba, 1938.

³¹⁵ BUARQUE, Murilo. *Filosofia de Judas*. Campina Grande: Livraria Campinense, 1940.

³¹⁶ ARAÚJO, Félix. *Tamar*. João Pessoa: A União, 1945.

³¹⁷ ROCHA, Adabel. *Sonhos de poeta*. Campina Grande: Tipografia Barreto, 1953.

Com vagar e momento diremos desse livro de versos – que ficará na história das nossas letras, como o “debute”, no mundo estético, de um filho de Campina Grande, criticando CUM STUDIO ET SINE IRA as “Horas de Enlevo”, cujos editores ilustres são os srs. T. Barros & Ramos, e ao qual poema estão reservados os mais legítimos aplausos³¹⁸.

Um ano antes, no mês de novembro, os editores do poeta Mauro Luna expõem no jornal *O Clarão* os motivos da não publicação do livro tão esperado, a mudança de nome, e deixam claro ainda os problemas de ordem material do empreendimento editorial que estava por nascer, realizado pela tipografia ligada aos sócios Barros & Ramos:

A publicação do anunciado livro de Mauro Luna, que, conforme foi divulgado, teria ensanchas ainda este ano, não pode ser levada a efeito, por motivos justificáveis. Apesar de nosso esforço, no sentido de apressar a vinda de certo material, que pedimos na praça de S. Paulo, para fazermos um trabalho perfeito, só agora nos acaba de chegar a referida encomenda. Isto nos leva a afirmar, não só ao público, como ao amigo Mauro Luna, que em todo correr do próximo trimestre, estará pronto o trabalho em questão.

Aproveitamos o ensejo para declarar que o poeta, prescindindo do título que tinha em mente, desde longa data, dar ao seu livro, resolveu substituí-lo por outro, mais compatível com a sua mesma esthesia: chamarse-á “Horas de Enlevo”. Este título, realmente é, o que, no seu misticíssimo atraente, melhor pode traduzir, os surtos emotivos do apreciado cultor da rima.

Aguarde o público, portanto, mui brevemente, o livro de Mauro Luna.

Campina Grande, 22 de Novembro de 1923.
T. Barros & Ramos.³¹⁹

Enfim, em maio de 1924 chega ao público campinense a referida obra: *Horas de Enlevo*, constituída por cerca de 50 poemas do autor, que à época tinha apenas 27 anos de idade, mas que já se firmava no campo de produção literária local. No prefácio, os editores justificam a demora da publicação e enfatizam ainda mais as qualidades do poeta Mauro Luna no que se refere ao seu estilo já consolidado:

Entregamos, enfim, as mãos do público, as HORAS DE ENLEVO de Mauro Luna. Era para termos feitos há já, seguramente, uns cinco ou seis meses. Motivos, porém, alheios a nossa vontade, e á vontade do autor, impediram a realização desse desejo. Isto nos acabrunhou sobremodo. Mas, lutando com afinco, eis que chegamos á consecução do ideal colimado.

No concernente ao valor literário desta obra, aliás, na sua mor parte, já coroada de bom êxito em jornais e revistas, escusamo-nos de emitir o mais ligeiro huizo, mesmo porque nos fallece autoridade para assunto de tal natureza. A crítica conscienciosa fica o encargo de apreciar, em conjunto, o livro do poeta campinense e fazer a devida justiça.

³¹⁸ Um poeta campinense: as horas de enlevo de Mauro Luna. *Gazeta do Sertão*, Ano II, nº 15, de 22 de Março de 1924, p.1.

³¹⁹ Livro em preparo: ao público. *O Clarão*, Ano II, nº2, 2 de dezembro de 1923, p.2.

Quanto á parte material, posemos todo empenho em dar-lhe uma feição moderna, procurando de preferência, a simplicidade. Assim, pois, ali esta o nosso trabalho, o primeiro, alias, que no gênero se edita nesta cidade e que esperamos corresponderá a expectativa pública.

Será um estímulo muito valioso e promissor de novos frutos, dada a florescência intelectual do meio ambiente.

Os editores.³²⁰

Segundo as fontes que levantamos, o livro teve certa repercussão, não só entre os letrados campinenses, mas também na imprensa da capital (na época chamada cidade da Parahyba), além do livro merecer elogios de nomes reconhecidos do cenário intelectual brasileiro da época, a exemplo do Conde Afonso Celso (membro da Academia Brasileira de Letras), que “chamou de belos” os versos do livro *Horas de Enlevo*; Raul Machado, poeta e jurista paraibano radicado no Rio de Janeiro, que relatou ser os versos de Mauro Luna “rijamente trabalhados” e “perfeitos quanto à linguagem”, além de Xavier Pinheiro, então presidente da Academia Fluminense de Letras, que publicou “honrosa crônica sobre o livro” na famosa revista *O Malho*, transcrevendo o soneto Girassol, “que afirma só ser suplantado no Brasil pelo igual nome, de autoria de Emilio de Menezes. Tal foi a sua fascinação pelo referido poema, que o estampou no seu livro *Musa da Flora*, posteriormente publicado”.³²¹

Chama ainda atenção uma espécie de carta publicada no jornal *Gazeta do Sertão* de 17 de Maio de 1924, no qual Lino Gomes da Silva (poucos meses antes de sua morte) endossa as qualidades de poeta de Mauro Luna, agradecendo o envio da obra recém publicada. Entendemos que o relato, vindo de um dos mais velhos literatos em atividade em Campina Grande, procura dentro das regras de legitimação repassar e consolidar o nome daquele jovem poeta, que fora o primeiro a publicar uma obra desta natureza em sua época:

Caríssimo Mauro, com infindável prazer acabo de receber, com uma dedicatória mais que honrosa para mim, o seu iluminado livro de versos – Horas de Enlevo – que devorei dentro de 4 horas friorentas de uma dessas noites invernosas.

Mauro, quisera eu ter competência para fazer a crítica justa do teu formoso livro de versos; mas, não a tenho; e por isto mesmo, não devo apreciá-lo pelo lado da correção do português, perfeição de sentido, medição dos versos, suas tônicas, elisão de palavras, etc. etc.

No entanto, esta falta de competência, não me exime de falar da naturalidade da beleza com que o jovem poeta lapida os seus versos, dando-lhes tons ora divinos, ora doces e ora de verdadeiro enlevo.

³²⁰ Os editores. In: LUNA, Mauro. *Horas de Enlevo*. Campina Grande: Barros & Ramos, 1924.

³²¹ DINOÁ, Ronaldo. O professor Mauro Luna. In: *Memórias de Campina Grande*. Volume 1. João Pessoa: A União, 1993, p.242.

Dos teus versos, Mauro, alguns me despertaram a atenção com muito simpatia, como vejam: - a voz do coração – no campo – filosofia de um cão.

Prossegue , meu caro patrício, que a gloria te espera.

Do teu

Lino Gomes ³²²

Passadas décadas, a própria historiografia paraibana compreendeu os valores literários presentes na obra de Mauro Luna, que morreria em novembro de 1953, membro da Academia Paraibana de Letras, porém, sem publicar uma segunda obra. A prova da manutenção da memória de Mauro Luna, enquanto poeta que se firmou dentro da produção literária local, é o fato de que o livro “Horas de Enlevo” ganhou duas outras edições, uma em 1964, nas comemorações do Centenário de Campina Grande, e outra mais recente, através das edições Caravela, em 1999. ³²³

De acordo com nossas pesquisas, o segundo livro de versos a ser lançado em Campina Grande veio das mãos da poetisa católica Estefânia Mangabeira de Barros. Nascida na cidade de Macaíba, Rio Grande do Norte, no dia 16 de Janeiro de 1894, formou-se pela Escola Normal de Belém do Pará e passou a residir em Currais Novos, no Seridó potiguar. Morou ainda em várias outras cidades a partir da década de 1920, entre elas Natal, Campina Grande, João Pessoa e, finalmente, Belo Horizonte, onde faleceu no ano de 1974.

Em Campina Grande fez parte da “Ala Feminina de Campina Grande”, período de militância religiosa, contexto na qual publicou o seu livreto *Natimorta*, em 1928³²⁴. Como poetisa sacra, versificou inúmeros temas bíblicos, tendo escrito para as revistas *Voz Missionária*, *SAF em Revista* e para os jornais *Rosa de Saron* e *Batista Mineiro*. Além de “*Natimorta*”, deixou inéditas várias outras produções: “*Lírios Roxos*”, “*Luzes Pálidas*”, “*Flagelos*”, “*Vaga-lume*”.

O terceiro livro de poesia a ser publicado em livro em Campina Grande foi da autoria do Anésio Leão, no ano de 1935, com o volume *Gritos d'alma*, editado pela Imprensa Oficial do estado. Nascido em 24 de março de 1900 em Campina Grande, filho de Pedro Ferreira Leão e Francisca Tavares Leão, começando seus estudos no Externato Campinense do professor Pedro Otávio, todavia não chegando a terminar o curso primário. Mesmo sendo autodidata, seu conhecimento na área da gramática

³²² GOMES, Lino. Ao jovem poeta Mauro Luna. *Gazeta do Sertão*, Ano II, nº 21, de 17 de Maio de 1924, p.3.

³²³ LUNA, Mauro. *Horas de Enlevo*. 2º Edição. Campina Grande: Comissão Cultural do Centenário, 1964; LUNA, Mauro. *Horas de Enlevo*. 3º Edição. Campina Grande: Edições Caravela, 1999.

³²⁴ BARROS, Estefânia Mangabeira de. *Natimorta*. Campina Grande: Tipografia Cantuária, 1928.

portuguesa, fez com que publicasse em 1958 o livro “Aulas de Português”³²⁵, além do volume *Gritos d’alma*.

Em 1920, fundou em Campina Grande o “Instituto São Sebastião” para meninos e meninas (uma novidade à época), no tempo em que os estudos eram divididos entre os dois gêneros. A partir de 1928, optaria por uma vida “cigana”, indo morar em várias localidades do Nordeste, a exemplo de Patos e outros municípios dos estados do Rio Grande do Norte, de Pernambuco e da Bahia, quando Anézio Leão enveredou também na política, sendo vereador na cidade de Feira de Santana.³²⁶

Como poeta publicou diversos sonetos (seu gênero preferido), em dezenas de periódicos, entre jornais, revistas, almanaques, anuários e jornais de festas. Sua poesia é demarcada pelo cuidado formal, pela técnica apurada e temas que recaem ao universal, como o amor, a morte e a amizade, muitas vezes numa abordagem em que prevalece a angústia e a intranqüilidade existencial.

Diferentemente de Mauro Luna, a poesia de Anézio Leão não conseguiu uma repercussão no campo literário campinense no período em que foi lançado em livro. Não encontramos uma referência na imprensa, nem avaliações em periódicos de outras cidades. O fato é que Anésio, devido à sua “vida nômade” de professor, não conseguiu estreitar relações e vínculos afetivos com os intelectuais locais na década de 1930. Sua obra, portanto, pouco teve visibilidade naquele período, seja de ordem local (Campina Grande), seja de ordem regional (Paraíba), algo que só aconteceria na década de 1960, quando o poeta voltaria a residir em Campina Grande, tornando-se também vereador no município.³²⁷

Outro autor que chegou a ser publicado no gênero foi Severino de Andrade Silva, conhecido nacionalmente como Zé da Luz. Natural de Itabaiana, Paraíba, onde nasceu no ano de 1914, o poeta veio a residir em Campina Grande na década de 1930. Alfaiate de profissão, foi um dos mais importantes poetas populares brasileiros, conquistando notoriedade nacional, graças aos elogios recebidos de “medalhões” da literatura brasileira. Sua obra foi bastante cultuada não só no Rio de Janeiro, cidade em

³²⁵ Leão, Anésio. *Aulas de Português*. Campina Grande: Edição do Autor, 1958.

³²⁶ LEÃO, Leônia. Discurso de posse da professora Leônia Leão, na cadeira nº3, da Academia Campinense de Letras. In: *Revista da Academia de Letras de Campina Grande*. Ano I, nº1, outubro de 1993.

³²⁷ Idem.

que viveu até o fim dos seus dias, mas em todo o Brasil, onde suas apresentações eram bastante disputadas, principalmente no Norte-Nordeste.³²⁸

Publicou, em 1936, a primeira edição da obra *Brasil Caboclo*, aqui mesmo em Campina Grande. Todavia a repercussão de sua “poesia matuta” se deu em todo o país. Dois nomes importantes da literatura brasileira na época “puxaram o coro” no Rio de Janeiro sobre as qualidades do poeta Zé da Luz. São eles: o poeta pernambucano Manoel Bandeira e o romancista paraibano José Lins do Rêgo. Vejamos o que diz o primeiro escritor:

Há uma categoria de poetas intermediários entre a poesia culta da cidade e a poesia dos improvisadores sertanejos. Mas, até agora só o grande Catulo revelará força no gênero. Estava sozinho.

Agora surge Zé da Luz, que merece um lugar de destaque ao lado do autor de “Terra Cabida”. Não lhe falta nem imaginação nem sensibilidade e brilho verbal.

Manoel Bandeira, Rio de Janeiro, Maio de 1937.³²⁹

A comparação com Catulo da Paixão Cearense³³⁰ parece ser a linha principal de raciocínio da maioria dos principais comentadores da época. Nome forte da literatura brasileira, Catulo foi durante tempo o paradigma de uma poesia popular, com arrojados recursos de estilo. Surgido duas décadas depois, as comparações são ressaltadas pelo romancista José Lins do Rêgo, que diz: “Os poemas de Zé da Luz são de uma espontaneidade e de uma força poética que nos arrastam à terra e ao homem do sertão do Nordeste. A Parahyba deu ao Brasil um Catulo Cearense que irá longe”.³³¹

E assim foram outros nomes do jornalismo carioca e nordestino, que viram em Zé da Luz, com seu *Brasil Caboclo*, um viés único na literatura brasileira. Exaltam-se ainda um discurso sobre a capacidade de representar as mazelas do Nordeste, de uma analogia exótica, mas que fazia parte de uma identidade nacional: “Produto do meio trazendo nas cordas da lira um pedaço da alma da gente sofredora do Nordeste

³²⁸ Zé da Luz e sua próxima excursão ao Norte do Paiz. *Voz da Borborema*, Ano I, nº11, 25 de agosto de 1937, p.2.

³²⁹ BANDEIRA, Manoel. “Brasil Caboclo”. In: SILVA, Severino de Andrade. *Sertão Brabo*. João Pessoa: Imprensa Oficial da Paraíba, 1938, pp.121-122.

³³⁰ Catulo da Paixão Cearense nasceu em outubro de 1863, em São Luiz, Estado do Maranhão. Depois residiu no Ceará e no Rio de Janeiro. Aos 19 anos interrompeu os estudos e abraçou com o violão, instrumento naquela época repellido dos lares mais modestos. Moralizou o violão levando-o aos salões mais nobres da capital. Teve composições e parceiros ligados a Anacleto Medeiros, Ernesto Nazareth, Chiquinha da Silva, Francisco Braga e outros. Catulo morreu aos 83 anos de idade, em maio de 1946.

³³¹ REGO, José Lins do. “Brasil Caboclo”. In: SILVA, Severino de Andrade. *Sertão Brabo*. João Pessoa: Imprensa Oficial da Paraíba, 1938, p.122.

flagelado, Zé da luz é o tipo do versejador espontâneo, que traduz em toda a plenitude o que a sua alma sente, com encantadora simplicidade”.³³²

Zé da Luz saiu de Campina Grande, passando alguns meses no Rio de Janeiro, na década de 1930. Sua volta pode ser considerada como vitoriosa, viajando pelas mais diversas regiões do Brasil, realizando apresentações bem humoradas sobre o matuto nordestino, destrinchando sensibilidades amorosas e ricas de imagens de um *Brasil Caboclo* ainda desconhecido da maioria da nação. Neste mesmo contexto, em 1939, o livro ganharia uma segunda edição pela editora da revista *O Cruzeiro*, que tinha como proprietário o paraibano Assis Chateaubriand. A apresentação da obra foi realizada por Manoel Bandeira.

Todavia, um ano antes, Zé da Luz, já reconhecido como um novo valor da literatura brasileira, graças ao respaldo das avaliações positivas empreendidas por nomes como Lins do Rêgo e Manoel Bandeira, afirmando-se no campo literário nacional, publica seu segundo livro: *Sertão Brabo*, de 1938. À semelhança do primeiro livro, temos “poemas matutos”, mas por outro lado o conteúdo passa por abordagens que privilegiam o jogo político do Estado Novo, com elogios na época ao Interventor do Estado da Paraíba Argemiro de Figueiredo e ao prefeito de Campina Grande, Bento Figueiredo. Publicado pela *Imprensa Oficial do Estado da Paraíba*, na própria apresentação identificamos claramente as intenções do poeta com a publicação da obra:

Razões deste livro

Antes de abrires a cancela que dá entrada para o meu SERTÃO BRABO, permita dizer o que levou a trazer a publicidade este punhado de redondilhas que adiante se encontram.

Quando em outubro de 33 escrevi o meu primeiro verso errado, jamais pensei em publicar em livro. O estímulo de amigos, porém, fez com que 3 anos mais tarde, entregasse ao Brasil 16 poematos, enfeixados num opúsculo que denominei – Brasil Caboclo.

Vieram as primeiras críticas firmadas por penas de valor da imprensa indígena. Excursionei por 4 capitais do Norte. Depois demandei a Capital da República, vendo com surpresa para mim, os meus despreziosos versos merecerem a crítica severa e autorizada de intelectuais do Norte e do Sul.

Esgotada que foi a edição de 2 milheiros de Brasil Caboclo, achei por bem lançar um segundo livro, que é o SERTÃO BRABO.

Dali, dizer ao amigo leitor que este novo livro não encerra nenhuma vaidade do seu modesto autor. E sim, uma espécie de retribuição a acolhida amiga que mereci dos meus patrícios com a publicação do primeiro.

Que a bondade dos críticos e a benevolência do leitor, recebam e julguem SERTÃO BRABO.

³³² Maio Poppe, trecho de uma crônica publicada na Revista Fon-Fon, Rio de Janeiro, maio de 1937. Ver: SILVA, Severino de Andrade, 1938, p.123.

Zé da Luz

Campina Grande, Setembro de 1937.³³³

As razões, do livro *Sertão Brabo* estariam ligadas à retribuição, à ajuda dada na publicação do primeiro livro, *Brasil Caboclo*, bancado possivelmente pelos mesmos personagens que o poeta elogia na confecção dos poemas que se fazem presentes na coletânea. No poema *O Grande Gunvernadó*, há uma explicação que diz: “Declamado no Cine-Theatro REX, quando do regresso do Exmo. Governador Argemiro de Figueiredo do Sul do País”. Vejamos no emblemático poema:

De munto longe...de riba,
Das terra do meu sertão,
Cum a maió saxtifação
Eu acabo de chegá.

Eu não vim prá Parahiba
Prá vim vê casa caiada,
Nem as cabôca marvada
Qui mora na capitá.

Eu ricunheço, apois não.
Qui o sertanejo na praça
Só faz papé de paiáça,
Só serve de mangação.

Eu só fiz essa viáge,
Prá vim vê as homenáge
Qui o povo da capitá.
Ofréce ao governadó
Adispois qui ele vortou
Da Capitá Federá³³⁴.

O poeta inicia, portanto, relatando o seu intuito, sua ida à Capital para homenagear o governador Argemiro de Figueiredo, e arremata representando a importância do personagem no quadro político estadual (em especial no que se refere à agricultura), ressaltando que existiria uma Paraíba antes do governador citado e outra depois:

E tombem prá agradicê
As grande amimoração
Qui ele fez cumo gunvêrno
Na vida da adricutúra
Da sua terra natá.
Tudo hoje é deferente,
Hoje tudo ta mudado,

³³³ SILVA, Severino Andrade da, Op. Cit. 1938, p.1.

³³⁴ Idem, p.15.

Na vida daquela gente
Qui labora nos roçado ³³⁵.

O fato de Argemiro de Figueiredo tornar-se interventor é colocado pelo poeta como um acontecimento histórico para toda a Paraíba que demarcaria as temporalidades do quadro político do estado, pois antes:

O pobre trabaiaidô
Incoivarava um roçado,
Ou mio, um “ispogêro”,
E ante dele queimado
Tinha de hi ao rendero
Pidi dinheiro imprestado ³³⁶.

Depois da ascensão política de Argemiro de Figueiredo, a realidade se transformaria de forma definitiva, o agricultor já não enfrentava as mesmas dificuldades e mazelas; pelo contrário, o homem do campo ganhara agora um aliado, o equipamento moderno, que o ajudaria na “lida da roça”, empreendendo transformações significativas na sua realidade:

Mas hoje isso passou,
Graças á Deus e tombem,
Graça a bondade qui tem
O nosso gunvernadô.

Foi tão grande os binifiço
Qui ele mandou inspaiaá,
Qui se eu fosse dizê tudo
Não haverá de acabá

Ele mandou imprestá
Pru conta do seu istado,
As maquina prá trabaiaá
Mais ligêro nos roçado ³³⁷.

Numa época de valorização da cultura brasileira, *Brasil Caboclo* se coloca como uma obra com um intuito máximo: expressar aquilo que é mais próximo da identidade regional, do nordeste folclórico, exótico e único no que se refere à constituição de uma identidade nacional. Já *Sertão Brabo* é uma obra que traz uma dimensão mais local, enfatiza temas e personagens da Paraíba (inclusive há um poema em homenagem a Campina Grande chamado *Imagé de Campina*). Todavia, ambos fazem parte de um jogo

³³⁵ Ibidem, p.16.

³³⁶ Ibidem.

³³⁷ Ibidem, p.17.

ideológico muito forte. Segundo Ângela de Castro Gomes, existiria uma política colocada em prática pelo Estado Novo, que seria repetida pelos estados da federação, de valorização da memória, no qual a poesia matuta se adequaria muito bem:

Se o “espírito nacional” está nos costumes, na raça, na língua e na memória, devendo todos ser recuperados e valorizados, há duas concepções de passado sendo propostos e convivendo neste discurso. A de um passado ligado à cultura popular e que, manifestando-se através de um conjunto de tradições, convive com o presente, sendo a-histórico e referindo-se a uma idéia de tempo não datado; a de um passado histórico, ligado a uma idéia de tempo linear, cronológico, datado e referido à memória de fatos e personagens únicos, existentes numa sucessão á qual é vedado conviver com o presente.

338

Neste tempo que exalta os personagens, o presente permanece ancorado no passado como tradição. Durante os anos do Estado Novo, faz-se um esforço consciente para redescobrir o passado histórico enquanto realidade ascendente e possível de compreensão. Um passado histórico que não podia, como a tradição, coexistir com o presente, mas que era fonte de explicação para o novo. Neste sentido, Argemiro de Figueiredo é exaltado no poema de Zé da Luz como este novo, modelo de mudança que está sendo empreendido no hoje.

Outra questão é o fato de como Zé da Luz se enquadrou enquanto intelectual, muito bem relacionado não só no campo literário brasileiro da época (na relação que trava com os escritores afamados do período, com a imprensa cultural carioca e paraibana), mas no próprio campo político, se beneficiando das amizades institucionais num contexto das políticas culturais do Estado Novo.

O quarto poeta a ser publicado em Campina Grande foi Murilo Buarque, já salientado aqui no capítulo sobre os círculos literários de Campina Grande como presidente da Academia dos Simples. Conhecido como sonetista, sua poesia é marcada pelos rigores do formalismo parnasiano. O sentimentalismo é outro elemento no jogo dos seus versos.

O quinto poeta foi Félix Araújo, que lançou em livro no ano de 1945 a obra *Tamar*, uma prosa poética escrita pelo autor quando ele tinha apenas 18 anos, no ano de 1940. Publicada pela editora do jornal *A União*, a obra é demarcada por um forte romantismo.

³³⁸ GOMES, Ângela de Castro, Op. Cit. 1996, p.143.

Félix de Sousa Araújo nasceu em Cabaceiras, Paraíba, em setembro de 1922. Depois de curta estada em João Pessoa e de regressar da Europa, onde fora incorporado à Força Expedicionária Brasileira (FEB), em 1944, veio residir definitivamente em Campina Grande. Segundo Faustino Cavalcante Neto, em 1937, aos quinze anos, estreou na imprensa no jornal *Voz da Borborema*, na época em que era estudante do Colégio PIO XI. No ano seguinte, seus artigos o fizeram receber uma carta elogiosa do principal crítico literário da época, o carioca Alceu de Amoroso Lima, conhecido pelo pseudônimo de Tristão de Ataíde. Poeta, jornalista e político, Félix Araújo teve sua trajetória em todo o Estado conhecida, no ano de 1953, quando foi assassinado por questões políticas.³³⁹

A historiografia campinense é profundamente marcada por este acontecimento, pois são vários os textos, entre crônicas, artigos, dissertações, teses e livros, que formam um arquivo lançado na segunda metade do século XX em homenagem, principalmente ao personagem político, e poucas vezes com abordagem sobre o sujeito poético.

A obra é prefaciada pelo líder comunista e amigo de Félix Araújo, o jovem Baldomiro Souto³⁴⁰, espécie de disciplinador do pensamento social que já se desenvolvia naquele momento no poeta. Fica bem claro quando analisamos o prefácio que Baldomiro Souto, tentando a todo custo enfatizar o lado social e diríamos comunista do autor de *Tamar*: “Félix Araújo é um jovem poeta de Cabaceiras, cidadezinha do interior paraibano, situada numa zona do Cariri, freqüentemente castigada pelas secas”³⁴¹. E relata: “As suas primeiras manifestações literárias revelam, claramente, os pendores de uma vocação que se iniciou, nas letras, como intérprete da angústia silenciosa dos taboleiros do Nordeste, exprimindo, em linguagem poética o drama telúrico que os rodeava”.³⁴²

Segundo Baldomiro Souto “Às vezes, o poeta se detinha contemplando os campos estiolados, as legiões de retirantes a ameaçar a tranqüilidade dos latifúndios incultos, intensificando a sua angústia diante de um rio seco...”³⁴³. Todavia, ao lermos, não encontramos estes rastros deixados pelo prefaciador, visto que o poema em si traduz mais angústias existenciais e amorosas do que preocupações sociais e políticas. Em

³³⁹ CALVANCANTE NETO, Faustino Teatino, Op. Cit. 2006, p.95.

³⁴⁰ Baldomiro Souto (1925-1946). Poeta, jornalista e militante político. Faleceu misteriosamente aos 21 anos de idade na praia de Tambaú.

³⁴¹ SOUTO, Baldomiro. Prefácio. In: *Obra Poética*. Campina Grande: Edições Comissão Cultural do Centenário, 1964, p.25.

³⁴² Idem.

³⁴³ Ibidem.

certo momento, o autor do prefácio rende-se ao contra-argumento, afirmando ao leitor as seguintes palavras:

Tranqüilizai-vos senhores que amais demasiadamente a vossa sacratíssima Ordem, fonte sonora de honrarias, comodismo e prosperidade. Tranquilizavai-vos. “Tamar” é um livro inocentíssimo. Apenas isto: uma profissão de fé no Amor. Uma história romântica e triste, contada em alguns poemas em prosa. Aqui o autor não fez obra de combate social.³⁴⁴

Jovem, Félix Araújo falece prematuramente no ano de 1953, vítima de um atentado ocorrido na calçada da câmara municipal de Campina Grande, deixando outros poemas e crônicas que foram publicados postumamente no volume *Obra Poética*, da Comissão Cultural do Centenário, em 1964, ganhando respaldo no que se refere à manutenção de sua memória enquanto político e poeta.

No ano da morte de Félix Araújo, sai pela Tipografia Barreto, de Campina Grande, a última obra publicada na cidade no gênero poesia que tivemos notícia dentro de nossa delimitação temporal, o livro *Sonhos de Poeta*, de Adabel Rocha. Natural de Bananeiras (Paraíba), onde nasceu em 19 de novembro de 1915, veio para Campina Grande no ano de 1938, colaborando de forma intensa na imprensa paraibana, em especial no jornal *Voz da Borborema*, com ensaios de natureza estética e literária. Foi oficial da Polícia Militar do estado e membro efetivo do Clube Literário de Campina Grande na década de 1950.

Enganam-se os que acham que foram apenas estes livros que foram idealizados para publicação em Campina Grande entre os anos de 1913 e 1953. Muitos poetas campinenses planejaram um dia publicar seus livros de forma impressa. Há registros, que podemos exemplificar. Euclides Vilar chegou a organizar o volume *Meus Enigmas*³⁴⁵, mas morreu antes de ter seu sonho realizado; o livreiro José Pedrosa, chegou a lançar alguns poemas em jornais e revistas, mas que por pura timidez nunca quis ser publicado em livro, para alguns, chamado de *poemas pedrosianos*, mesmo sendo dono da editora pertencente à Livraria Pedrosa³⁴⁶; Antonio Mangabeira, morreu sem editar sua *Antologia das Mães Brasileiras*; e outros, que preparavam seus manuscritos, mas por questões financeiras ou por uma opção pessoal não concretizaram

³⁴⁴ Ibidem, p.27.

³⁴⁵ Ver FIGUEIREDO JÚNIOR, Paulo Matias. *Fotografia e Desenvolvimento Social: um recorte da realidade*. Campina Grande: EDUEPB, 2005.

³⁴⁶ PIMENTEL, Cristino, 2001, p.73.

tais objetivos. Alguns, como foi o caso do poeta Antonio Telha, tiveram ainda suas produções publicadas em livro postumamente.³⁴⁷

Outro caso que chama atenção quanto à questão da publicação em livro foi o poeta Severino Pimentel, que chegou a escrever uma obra: *Asneiras em Flor*. Segundo Cristino Pimentel, “A simplicidade e quanto de boêmio havia na alma de Severino Pimentel, acham-se revelados no título que escolheu para o seu livro: ASNEIRAS EM FLOR, que não chegou a publicar, mas por não dar importância às jóias que com arte lapidou do que pela falta de recursos monetários”.³⁴⁸

Portanto, no que se refere à cultura impressa e à publicação de livros de poesia, alguns aspectos devem ser destacados. (1) a dificuldade de publicação em formato de livro, principalmente por ser um investimento caro e pela ausência quase total de uma cultura tipográfica, com uma rede mínima de editoras, gráficas e distribuidoras; (2) os periódicos enquanto verdadeiros celeiros de poetas, visto que acreditamos que os jornais e revistas, constituídos pelas amizades literárias, foram as válvulas de escape destas produções.

2.3.2. OS PROSADORES: LITERATURA E MUNDO SOCIAL

Diferentemente dos poetas, os prosadores campinenses publicaram um bom número de produções em formato de livros. Encontramos uma variada quantidade de juristas, historiadores, memorialistas, cronistas, ensaístas, além de relatórios e boletins de natureza institucional que colaboraram para a trajetória da cultura impressa na primeira metade do século XX. Geralmente os autores publicavam por gráficas e editoras locais e em alguns casos em outros centros como o Recife (nas Oficinas Gráficas do Jornal do Comércio), - poucos tiveram o privilégio de terem seus livros visibilizados pelo mercado editorial brasileiro, sendo lançados no Rio de Janeiro e/ou São Paulo. Podemos citar como exemplo de detentor deste privilégio o escritor e sociólogo José Lopes de Andrade, que graças às redes de articulações que possibilitou com escritores e editores reconhecidos nacionalmente, publicou algumas de suas obras por editoras do Rio de Janeiro.

Chamam atenção de imediato a ausência de publicações ficcionais na história da produção literária campinense, mesmo na imprensa local. Raros são os contos em

³⁴⁷ TELHA, Antonio. *A Obra Poética de Telha*. Campina Grande: s/e, 1987.

³⁴⁸ PIMENTEL, Cristino, Op. Cit. 1950, p.7.

revistas e jornais e não temos notícias sobre tentativas de romances que chegaram a ser publicados³⁴⁹. Portanto, no que se refere à história da produção do livro em Campina Grande, predominam os “intelectuais-cronistas” ou “intelectuais memorialistas”, os “intelectuais-juristas”, que se dedicaram à produção do conhecimento histórico, sociológico e criminal, em enfoques específicos, sobretudo em relação à própria trajetória do município.

Devido ao número de livros publicados em prosa, destacaremos apenas algumas obras e autores, como forma de justificar a opção por uma preocupação muito mais recorrente com as questões sociológicas, historiográficas, do que literárias. Dividimos em categorias ou funções dentro do processo de escrita, como os juristas, os historiadores, os cronistas, os memorialistas e os ensaístas sociais e literários, como forma de facilitar a formulação da cartografia dos escritores e publicações campinenses.

Dentro da cultura impressa que foi empreendida em Campina Grande identificamos um número significativo de registros de juristas que publicaram em forma de *plaquettes*, suas atuações no campo jurídico, detalhando casos, leis, ou reformas constitucionais como forma de explicar ao público leitor, ou mesmo para configurar suas atuações enquanto pensadores, aumentando seu “status” na sociedade em que estavam inseridos.

Temos como exemplos principais os juristas Otávio Amorim³⁵⁰, Acácio Figueiredo³⁵¹ e José Tavares Cavalcanti³⁵². O primeiro com a publicação de diversas pequenas obras: *Razões de Apelação*, de 1927³⁵³; *Ação de acidente de Trabalho*, de 1930³⁵⁴; *Falsa Imputação de Mandato*, de 1931³⁵⁵, *O Interdito da Prática*, de 1933³⁵⁶;

³⁴⁹ Os primeiros romancistas que temos notícia em Campina Grande foram os escritores Severino Bezerra de Carvalho e Ricardo Soares. O primeiro na década de 1960, com o romance “Memórias de Cascurindo Vespa” (1964) e o segundo na década de 1970, com os romances “Nadir” (1975) e “Absurdo” (1979).

³⁵⁰ Nasceu em Barra de Santana, distrito na época da cidade de Cabaceiras, Paraíba, em janeiro de 1897. Formou-se pela faculdade de Direito do Recife, em 1925. Além de advogado, exerceu cargos políticos, como Deputado Estadual pelo estado da Paraíba. Foi considerado por muitos, um dos melhores juristas do seu tempo. Ver perfil no: JOFFILY, Irineu et alli. 1964, p.76.

³⁵¹ Nasceu em Campina Grande em outubro de 1893. Formado em Direito pela faculdade de Direito do Recife. Veio advogar em sua terra natal. Exerceu atividades jornalísticas também, sendo fundador do jornal Voz da Borborema, em 1937. Foi deputado estadual por várias vezes e federal em 1928. Faleceu em janeiro de 1959.

³⁵² Nasceu em Campina Grande em julho de 1907. Formado em Direito pela Faculdade do Recife em 1931. Dedicou-se não apenas advocacia, mas também ao jornalismo. Em 1934 eleger-se Deputado Estadual á constituinte de 1934. Em pleno exercício de suas atividades, faleceu num acidente de automóvel, a caminho de João Pessoa em março de 1935. Ver: JOFFILY, Irineu et alli. Op. Cit, 1964, p.126.

³⁵³ AMORIM, Otávio. *Razões de Apelação*. Recife: Tipografia Comercial, 1927.

³⁵⁴ AMORIM, Otávio. *Ação de Acidente de Trabalho*. Campina Grande: s/e, 1930.

³⁵⁵ AMORIM, Otávio. *Falsa Imputação de mandato*. Campina Grande: Livraria Campinense, 1931.

³⁵⁶ AMORIM, Otávio. *O Interdito na Prática*. Campina Grande: Tip. Cantuária, 1933.

Um erro judiciário, de 1934³⁵⁷; *Fala o Dr. Otávio Amorim em defesa de nossa lavoura algodoeira*, de 1936³⁵⁸; *Súmula da jurisprudência que disciplina a matéria*, de 1949³⁵⁹; além de duas plaquetes sem identificação de data: *Aplicação indevida da teoria da responsabilidade civil*³⁶⁰ e *Habeas-corpos a favor do deputado Antonio Vital do Rêgo e outros*³⁶¹. Todas estas plaquetes foram impressas na maioria das vezes nas tipografias Campinense, Cantuária e Moderna. Acácio Figueiredo publicou as seguintes plaquetes jurídicas: *Embargos ao Acordo (ação ordinária da comarca de Campina Grande)*, de 1925³⁶², *Ação Rescisória*, de 1937³⁶³, *Apelação civil da comarca de Patos*, de 1940³⁶⁴ e “Recurso extraordinário N° 21.347”³⁶⁵. Já José Tavares Cavalcanti publicou a obra *Ação de investigação de paternidade e petição de herança*, no ano de 1934³⁶⁶. Outros exemplos de autores são os advogados: Antônio Pessoa de Sá, Fernando Carneiro da Cunha Nóbrega, Joaquim José de Oliveira Lima, Antonio Ovídio de Araújo, Abdias da Silva Campos, João Minervino Dutra de Almeida, José de Oliveira Pinto, Paulino Oliveira de Barros, Álvaro Gaudêncio de Queiroz, Ascendino Moura, Antonio Gabínio da Costa Machado, José Correia Lima, Sebastião Cavalcanti Neto, Agnello Amorim Neto, Antonio Lucena e Manuel Figueiredo³⁶⁷. Geralmente, estes casos traziam algumas

³⁵⁷ AMORIM, Otávio. *Um erro judiciário*. Campina Grande: Livraria Campinense, 1934.

³⁵⁸ AMORIM, Otávio. *Fala o Dr. Otávio Amorim em defesa de nossa lavoura algodoeira*. João Pessoa: s/e, 1936.

³⁵⁹ AMORIM, Otávio. *Súmula da jurisprudência que disciplina a matéria*. Campina Grande: Livraria Pedrosa, 1949.

³⁶⁰ AMORIM, Otávio. *Aplicação indevida da teoria da responsabilidade civil*. Campina Grande: Livraria Moderna, s/d.

³⁶¹ AMORIM, Otávio. *Habeas-corpos a favor do deputado Antonio Vital do Rêgo e outros*. Campina Grande: s/e, s/d.

³⁶² FIGUEIREDO, Acácio. *Embargos ao Acordo (ação ordinária da comarca de Campina Grande)*. Campina Grande: Livraria Campinense, 1925.

³⁶³ FIGUEIREDO, Acácio. *Ação restrita*. Campina Grande: Livraria Campinense, 1937.

³⁶⁴ FIGUEIREDO, Acácio. *Apelação civil da Comarca de Patos*. Campina Grande: Tipografia Campinense, 1940.

³⁶⁵ FIGUEIREDO, Acácio. *Recurso extraordinário N° 21.347*. Campina Grande: Tipografia Barreto, 1952.

³⁶⁶ CAVALCANTI, José Tavares. *Ação de investigação de paternidade e petição de herança*. Campina Grande: Typografia da Liv. Campinense, 1934.

³⁶⁷ Ver: SÁ, Antônio Pessoa de. *Agravo cível da Comarca de Areia*. Paraíba: Tipografia Brasil, 1920; SÁ, Antônio Pessoa de. *Ação de Dano Resultante do Incêndio Casual*. Paraíba: Tipografia Brasil, 1925; SÁ, Antônio Pessoa de. *Apelação Cível da Comarca de Campina Grande*. Paraíba: Empresa Gráfica Nordeste, 1928; LIMA, Joaquim José de Oliveira. *Ação criminal: termo do Ingá*. Campina Grande: Tipografia Casa Brasil, 1930; SÁ, Antônio Pessoa de e NÓBREGA, Fernando Carneiro da Cunha. *Em defesa de uma Memória – O ex-presidente João Suassuna perante os Tribunais Revolucionários*. João Pessoa: Tipografia da Livraria São Paulo, 1931; SÁ, Antônio Pessoa de e NÓBREGA, Fernando Carneiro da Cunha. *Ação Ordinária de investigação de Paternidade ilegítima*. João Pessoa: Casa Record, 1932; PEREIRA, Antonio Ovídio de Araújo e CAMPOS, Abdias da Silva. *Razões Finais na Ação de Investigação de Paternidade e Petição de Herança, movida por Lino Torres Brasil e outros, no termo de Taperoá*. Campina Grande: Livraria Moderna, 1934; ALMEIDA, João Minervino Dutra de. *Razões finais em crime de calúnia apresentadas por Anfrísio Alves Brindeiro*. Campina Grande: Livraria Campinense, 1935; PINTO, José de Oliveira. *A Inelegibilidade do Dr. Vergniaud Borborema Wanderley ao cargo de*

repercussões no âmbito da cidade e alimentavam ainda mais o capital social e cultural destes advogados.

Entre os escritores de Campina Grande não há dúvida que o nome de Epaminondas Câmara se destaca pela sua atuação no campo da cultura impressa local. O autor se inclui na categoria dos escritores que produziram obras de natureza histórica. Dentro de nossa delimitação, encontramos duas publicações suas em forma de livros: *Os Alicerces de Campina Grande*, de 1943³⁶⁸, e o mais conhecido, *Datas Campinenses*, de 1947³⁶⁹. Obras clássicas da historiografia campinense.

Nascido no município de Esperança, Paraíba, em junho de 1900, Epaminondas Câmara veio para Campina Grande em 1920. Técnico de contabilidade, exerceu a profissão de contador no Banco Auxiliar do Povo, empregando as horas vagas em pesquisas sobre a história de Campina Grande, além de atuar de maneira marcante como ideólogo da igreja católica na imprensa paraibana. Colaborou durante anos em jornais e revistas católicas (onde chegou a ser um dos fundadores da revista *Idade Nova*). Contudo foi no jornal *A Imprensa* que se destacou, sendo responsável por crônicas e artigos relacionados a Campina Grande entre as décadas de 1930 e 1940.³⁷⁰

Aliás, foi no jornal *A Imprensa* que Epaminondas produziu de forma contínua através de folhetins os seus estudos mais consistentes sobre a História da Campina Grande e do catolicismo na Paraíba. Publicou no periódico *Síntese histórica de Campina Grande* (constituída de 46 folhetins, em 1938), *Evolução social de Campina*

Prefeito do Município de Campina Grande (Arquição apresentada por Lafaiete Cavalcanti). Campina Grande: Empresa Nordeste, 1935; BARROS, Paulino Oliveira de. *Ação de reivindicação de paternidade e anulação de registro*. Campina Grande: Livraria Moderna, 1936; PINTO, José de Oliveira. *Ação de reivindicação de imóveis*. Campina Grande: e/e, 1937; PINTO, José de Oliveira. *Um caso de concorrência desleal*. Recife: Diário da Manhã, 1938; FIGUEIREDO, Acácio e QUEIROZ, Álvaro Gaudêncio de. *Ação ordinária de cobrança*. Campina Grande: s/e, 1941; MOURA, Ascendino. *Investigação de Paternidade*. Ingá:s/e, 1941; PINTO, José de Oliveira. *Presunção de legitimidade de Filiação e eficácia da sentença apelada*. Campina Grande: s/e, 1941; MACHADO, Antonio Gabínio da Costa. *Sentença*. Campina Grande: Tipografia d'O Rebate, 1943. LIMA, José Correia. *Razões de Habeas – corpus*. Campina Grande: Livraria Pedrosa, 1946; AMORIM FILHO, Agnelo. *Um erro judiciário que ainda pode ser corrigido*. Campina Grande: Moderna, 1949; CAVALCANTI NETO, Sebastião e LIMA, José Correia. *A dignidade contra a infâmia: razões de recurso de revista*. Campina Grande: s/e, 1950; AMORIM FILHO, Agnelo. *Aplicação indevida da teoria da responsabilidade Civil objetiva*. Campina Grande. Campina Grande: Livraria Pedrosa, 1951; LIMA, José Correia. *Responsabilidade Civil (culpa “in vigilando” e “in eligendo”)*. Campina Grande: Tipografia Barreto, 1953; FIGUEIREDO, Manuel. *Embargos de nulidade e Infringentes do Julgado Nº 232 (Comarca de Esperança)*. Campina Grande: s/e, 1953; FIGUEIREDO, Manuel. *Pela Câmara Municipal*. Campina Grande: s/e, 1953.

³⁶⁸ CÂMARA, Epaminondas. *Os Alicerces de Campina Grande: Esboço Histórico do Povoado e da Vila*. Campina Grande: Livraria Moderna, 1943.

³⁶⁹ CÂMARA, Epaminondas. *Datas Campinenses*. João Pessoa: Imprensa Oficial, 1947.

³⁷⁰ SOARES, Antonio. Epaminondas: O Homem, As obras e a obra. In: CÂMARA, Epaminondas. *Datas Campinenses*. Campina Grande: Edições Caravela, 1998, pp.13-16. PIMENTEL, Cristino. Op.Cit. 2001, pp.37-41.

Grande (quatro folhetins, em 1941), *Municípios e Freguesias da Paraíba* (em 49 folhetins, em 1946), e *A Evolução do Catolicismo na Paraíba (sem informações)*, quase todos eles estudos que viraram livros na década de 1990, através das edições Caravela.

371

Contudo, em forma de livro, Epaminondas Câmara estreou em 1943, com a obra: *Os Alicerces de Campina Grande: Esboço histórico-social do povoado e da vila de 1697 a 1864*, publicada pela Tipografia da Livraria Moderna, de Campina Grande³⁷². A obra traça uma trajetória de Campina Grande, de vila até tornar-se cidade, no século XIX, sendo o primeiro registro contínuo sobre a história do município em formato livro. A obra ganhou uma segunda edição recente, pelas Edições Caravela.

Em 1947, já membro da Academia Paraibana de Letras, onde assume o lugar do poeta Mauro Luna (dois anos antes), Epaminondas Câmara publica a sua segunda obra, *Datas Campinenses*, pela Imprensa Oficial da Paraíba. O historiador demonstrou sua perspicácia na busca de organizar dados sobre a história campinense, ensaiando reflexões que até hoje possuem sua relevância no campo da historiografia local, sendo uma fonte importante para os historiadores das gerações seguintes.

Na apresentação do livro, podemos obter uma exata noção do propósito de Epaminondas Câmara: “Este livro não é propriamente a História de Campina Grande. Apenas a relação de datas dos principais acontecimentos da cidade e do município”³⁷³. Ironicamente ou não, o historiador reconhece o caráter enfadonho da obra, e sagazmente critica que “(...) o público tem-se decidido pelas narrativas meio romanceadas”³⁷⁴. Mesmo assim, o autor de *Datas Campinenses* define para quem ele redigiu a obra: para aqueles que “se preocupam com o progresso da cidade e do município e deles pouco sabem a tarefa de analisar não somente a curva do mesmo progresso, mas a ação dos homens que neles tiveram qualquer parcela de responsabilidade na orientação do povo e no destino das cousas”³⁷⁵.

Segundo Cristino Pimentel, o historiador Epaminondas morreu preparando um terceiro livro: “Pequena Enciclopédia Brasileira para uso dos católicos”. Depois de publicar os dois livros já citados, ficou desempregado do Banco Auxiliar do Povo. Em 1951, Epaminondas se desfez quase que totalmente de sua biblioteca, doando-a a

³⁷¹ SOARES, Antonio, Op. Cit. 1998, pp.13-16.

³⁷² Op. Cit. CÂMARA, Epaminondas, 1943.

³⁷³ CÂMARA, Epaminondas, Op. Cit. 1998, p.17.

³⁷⁴ Idem.

³⁷⁵ Ibidem.

biblioteca do Palácio Episcopal, organizada pelo Bispo da Diocese de Campina Grande, Dom Anselmo Pietrula. Em 1952, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde passou pouco tempo, voltando completamente desiludido.³⁷⁶

Outro nome da historiografia paraibana e campinense que chegou a publicar em livro, entre 1913 e 1953, sendo residente em Campina Grande, foi o médico e político Elpídio de Almeida. Porém, sua primeira obra não abordou a cidade onde residia (Campina Grande), mas sim sua terra natal (Areia), com o livro: *Areia e a Abolição da Escravatura: o apostolado de Manoel da Silva*, publicado em Recife pelas Oficinas Gráfica do Jornal do Comércio, no ano de 1946³⁷⁷. O livro foi fruto de uma conferência proferida no Teatro Minerva em Areia, a 18 de maio de 1946, dia comemorativo do primeiro centenário da cidade. Atualmente, a abordagem do livro, apesar de conservadora, é reconhecida pelo pioneirismo no que se refere ao tema bastante caro nos dias atuais, como é caso da escravidão.

Nascido em Areia, Paraíba, em setembro de 1893, Elpídio de Almeida formou-se em Medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1918. Veio para Campina Grande em 1924, onde se dedicou inteiramente à profissão até 1947, quando se tornou prefeito de 1947 a 1951, e de 1955 a 1959. Foi ainda deputado federal. Apesar da publicação de *Areia e a Abolição da Escravatura*, foi com a obra *História de Campina Grande*, de 1962, que o autor se destacou na historiografia local, firmando o seu nome definitivamente na história da cidade³⁷⁸. Outra obra impressa de sua autoria foi *Discurso*.³⁷⁹

Diferentemente do estilo de Elpídio de Almeida (mas sóbrio e acadêmico), a forma de Epaminondas Câmara produzir o conhecimento histórico pode ser considerado muito próximo da crônica, ou mesmo do relato memorialístico factual. Algo não específico de sua produção naquele momento, pois já na primeira metade do século XX, a História de Campina Grande, em boa parte, foi produzida seguindo as regras espontâneas da crônica, do relato pessoal, como nos textos de Hortensio de Sousa Ribeiro e Cristino Pimentel, nos jornais e revistas em que colaboraram. O primeiro, um cronista que não chegou a publicar nenhum livro em vida. O segundo, o escritor mais publicado entre os intelectuais campinenses.

³⁷⁶ PIMENTEL, Cristino. Op. Cit. 2001, p.39.

³⁷⁷ ALMEIDA, Elpídio de. *Areia e a abolição da escravatura: o apostolado de Manoel da Silva*. Recife: Oficinas Gráfica do Jornal do Comércio, 1946.

³⁷⁸ ALMEIDA, Elpídio de. *História de Campina Grande*. Campina Grande: Livraria Pedrosa, 1962.

³⁷⁹ ALMEIDA, Elpídio de. *Discurso*. Campina Grande: Livraria Pedrosa. s/d.

Hortênsio Ribeiro era dono de um estilo clássico, enfocava personagens, ou acontecimentos da cidade, no sabor das circunstâncias, com sua erudição de leitor atento. Apesar disso, não acreditava na crônica como uma expressão literária, digna de ser imortalizada em livro. Já Cristino Pimentel, com toda sensibilidade e humanidade, a partir de 1950, começou sua trajetória de escritor de livros, acreditando na importância da divulgação impressa e inscrevendo seu nome com a mistura de relato memorialístico e crônica lírica.

O caminho de Cristino Pimentel como escritor iniciou-se em 1950, quando publica pela Editora da Livraria Pedrosa o livro *Dois Poetas*, constituídos de dois pequenos ensaios, ou melhor, um discurso de posse no Clube Literário de Campina Grande (sobre o poeta Severino Pimentel), e um curto perfil biográfico de Bernardo Cintura, poeta popular residente em Campina Grande nas décadas de 1930 e 1940³⁸⁰. O fato de publicar em sua terra uma obra literária foi sentido por Cristino como uma vitória pessoal, algo expressado em uma das crônicas presente no seu *Abrindo o Livro do Passado*:

Em 1950, no dia 13 de maio, solto o meu primeiro pássaro em letra de forma: “Dois Poetas”, editado pela Livraria Pedrosa. Trabalho que colheu dos críticos boa dose de elogios, muito embora tenha sido escrito com ingente esforço de espírito, pois o autor, autodidata, aprendeu a formar frases e a dispô-las em períodos lendo os bons autores e compondo artigos para um jornal de província, no próprio prédio de “A Fruteira”, como foi o “Correio de Campina”, cujo nome ainda está no frontão, jornal fundado em 1912 pelo então chefe político Cel. Cristiano Lauritzen.³⁸¹

O livro, como assegura Lopes de Andrade, prefaciador da obra, traz a marca do cronista já conhecido em Campina Grande, uma mistura “de Humberto de Campos e Frei Vicente de Salvador”, mas com “a vantagem de possuir deliciosos pecados mortais”. Para Lopes de Andrade, “(...) mesmo quando discursiva, com ares acadêmicos, Cristino Pimentel não deixa de ser cronista, agitando as cordas do humor, da graça e do mundanismo”³⁸². Com um estilo pedante, o sociólogo ainda declara:

Realmente, a crônica de Cristino Pimentel, de que a ‘Livraria Pedrosa’, se prepara para lançar o livro “Dois Poetas”, é pitoresca, alegre e... provocante. Nela são perfeitamente notáveis alguns pecados venais e outros

³⁸⁰ PIMENTEL, Cristino, Op. Cit. 1950.

³⁸¹ PIMENTEL, Cristino. Op. Cit. 2011, pp.149-150.

³⁸² LOPES, José Lopes de. Um cronista com alguns pecados mortais. *Correio das Artes*. João Pessoa, Ano I, nº4, 13 de Novembro de 1949, p.9.

mesmo mortais, como diria aquele seráfico cônsul salazarista, Manoel Anselmo, que pontificou, na crítica literária, alguns anos atrás, em Recife.

Mas, gentil, desembaraçado e malicioso, esse cronista de província é daqueles que nos enchem, gulosamente, todas as medidas da alma. Seu estilo, estoteante como uma montanha russa, tem tentações do arco da velha, seu bom humor, sua ruidosa alegria de viver, como seu moralismo de frade bonacheirão, excitam como um bom copo de vinho.³⁸³

Lopes de Andrade, ao mesmo tempo salienta que “por um lado, Cristino Pimentel não é nenhum “novo”, nem na idade nem nas concepções de sua literatura, embora tenha tudo aquilo que o meu amigo Ledo Ivo ainda há pouco proclamava faltar a quase todos os ‘novos’ e “novíssimos” em sadio e contagiante apetite pela vida”.³⁸⁴

O livro de certa forma caiu em esquecimento, em parte pelas repercussões de suas outras obras posteriores, publicadas na mesma década de 1950, principalmente *Abrindo o Livro do Passado*, considerado um marco do memorialismo campinense. O certo é que poucos sabem que foi com *Dois Poetas*, que se realizou a estreia de Cristino Pimentel enquanto escritor.

Em 1953, o cronista publica *Pedaços da História da Paraíba*, que sai pela recém lançada editora Teone, de João Pessoa³⁸⁵. Em nota Cristino Pimentel expressa as suas intenções com a obra, salientando as suas possíveis limitações enquanto escritor autodidata:

Com a mesma fé, com a mesma esperança com que lancei á publicidade, em 1950, o meu primeiro livro “Dois Poetas”, editado pelo livreiro José Pedrosa, cheio desse mesmo calor, confiado no espírito e no interesse que “Pedaços da História da Paraíba”, possa ou venha despertar, entrego-o aos leitores e aos críticos, não sem me penitenciar nem reconhecer que sou um verdadeiro atrevido, fazendo letras sem conhecer de letras.³⁸⁶

O cronista se penitencia se colocando num lugar de fragilidade, diante da atividade de escritor, mesmo demonstrando certa “ousadia”, pois segundo ele “Falta-me o principal cabedal, que é a escola, recurso indispensável para o sucesso de quem escreve”³⁸⁷. Por outro lado, ao produzir seu segundo livro, Cristino não parece se colocar no lugar de coitadinho, sem perceber as regras do campo literário não só em seu espaço (Campina Grande, Paraíba), pois a obra é dedicada aos escritores pernambucanos: Célio Meira, Mauro Mota, Tadeu Rocha e Nilo Pereira, - todos nomes

³⁸³ Idem.

³⁸⁴ Ibidem.

³⁸⁵ PIMENTEL, Cristino, Op. Cit. 1953.

³⁸⁶ PIMENTEL, Cristino. Nota. In: *Pedaços da História da Paraíba*. João Pessoa: Teone, 1953, s/p.

³⁸⁷ Idem.

destacados do cenário literário da época (principalmente o poeta Mauro Mota), e é prefaciado pelo amigo Manoel Otaviano, romancista paraibano com títulos publicados pela José Olympio, do Rio de Janeiro.

Além disso, na mesma nota introdutória, o autor ainda traz a informação a quem ele pretende que sejam os seus leitores em potencial: os seus amigos: “Entrego o meu livro aos meus amigos, confiante no seu estímulo, para que eu possa trabalhar com entusiasmo e avivar mais o meu espírito carecido de escola e de encorajamento, para prosseguir, ufano, no caminho em que me lancei, o caminho da literatura”.³⁸⁸

No ano de 1953, Cristino Pimentel já era reconhecido por ser um dos cronistas paraibanos mais combativos, expressava-se com recorrência em jornais, defendendo os seus pontos de vista. Além disso, com a aposentadoria, e o fechamento da Fruteira ocorrido no mesmo ano, o autor pode se dedicar com exclusividade à produção de suas crônicas, bem como à publicação de livros. Em 1956, publicaria *Abrindo o Livro do Passado*, vindo depois, em 1958, *Pedaços da História de Campina Grande*.

Entre os memorialistas campinenses, que se destacaram com publicações, chama atenção o nome do comerciante Terto Barros, o mesmo dono da Livraria Campinense, entre os anos de 1910 e 1930. Participante afetivo da primeira fase do Gabinete de Leitura 7 de Setembro, em 1945, o comerciante se lançava às letras, publicando *Meio Século de Labor*, pela editora *A União*. A obra, prefaciada pelo cronista Hortênsio de Sousa Ribeiro descreve a sua trajetória, relatando as suas atuações nas mais diferentes esferas do comércio campinense.

Numa mesma linha mais memorialística e publicada no mesmo ano de 1945, são lançados também em Campina Grande outras duas obras: “Estudo Genealógico da Família Uchôa”, de Boulanger Uchôa³⁸⁹, e “Vida e Luta de um Pracinha”, de Nílson Costa³⁹⁰. No caso de Boulanger Uchôa, seu relato visou desenvolver as origens de sua família no que se refere principalmente às raízes oriundas do estado da Paraíba. Já Nílson Costa descreve a sua experiência enquanto combatente durante a Segunda Guerra Mundial, - tema bastante caro naquela época.

De todos os prosadores citados, nenhum deles conseguiu o reconhecimento dentro do campo literário como José Lopes de Andrade. Precursor do modernismo, como veremos no quarto capítulo desta dissertação, nome forte nas esferas municipais,

³⁸⁸ Ibidem.

³⁸⁹ UCHÔA, Boulanger. *Estudo Genealógico da Família Uchôa*. Recife: Jornal do Comércio, 1945.

³⁹⁰ COSTA, Nílson. *Vida e Luta de um Pracinha*. Campina Grande: s/e, 1945.

estaduais e algumas vezes federal, autor de alguns estudos que chegaram a ser publicados por editoras de circulação nacional, como foi o caso de *Introdução a Sociologia das Secas*³⁹¹, de 1948 e *O Homem Marginal do Nordeste*, de 1950, os dois títulos lançados pelas Oficinas Gráficas do Jornal *A Noite*, do Rio de Janeiro.³⁹²

Além disso, publicou três plaquetes, *Breve Discurso sobre a Sociedade e as Secas do Nordeste*³⁹³, de 1943, impressa pelas Oficinas Gráficas da Livraria Cruzeiro, de Campina Grande; pela Livraria Pedrosa, lançou ainda a obra *Província, essa esquecida*, em 1949 (seu discurso de posse na Academia Paraibana de Letras) e 1952, publicou *Forma e Efeito das Migrações do Nordeste*, pela editora da União.³⁹⁴

José Lopes de Andrade nasceu em Queimadas, em junho de 1914. Jornalista, professor e funcionário público, colaborou em boa parte dos jornais paraibanos de sua época. Foi secretário da Prefeitura de Campina Grande na administração de Verniaud Wanderley e de Elpídio de Almeida, Chefe de Gabinete do governador José Américo de Almeida.³⁹⁵

Cursou História e Geografia na Faculdade de Filosofia da Paraíba, fazendo depois um curso de pós-graduação em Economia, na CEPAL, órgão da ONU. Segundo o próprio Lopes de Andrade, relatando a sua trajetória no campo das ciências humanas e sociais:

Em sociologia sou um autodidata. Escrevi um livro, *Introdução á sociologia das secas*, prefaciado por Gilberto Freyre, que foi traduzido em Frances e espanhol e que me deu esse apelido de sociólogo, que muitas pessoas, ainda hoje usam, mas eu não tenho nenhuma formação sociológica sistemática. Escrevi ainda algumas monografias, uma delas publicada em Paris a pedido do diretor dos Altos Estudos da Sorbonne. Esse trabalho trata das migrações do Nordeste e teve uma repercussão muito grande nos círculos intelectuais europeus e brasileiros.³⁹⁶

Seu relato autobiográfico endossa o lado vaidoso do escritor, que demonstrou ao longo de sua trajetória um traço de amizade com alguns dos principais escritores e intelectuais brasileiros de sua época. Um exemplo é a lista de nomes a qual dedica o livro “Província, essa esquecida”: Gilberto Freyre, Câmara Cascudo, Adonias Filho, Ascendino Leite, Ledo Ivo, Mauro Mota, Edson Régis, entre outros. O mesmo faz ao

³⁹¹ ANDRADE, José Lopes de. *Introdução a Sociologia das Secas*. Rio de Janeiro: A Noite, 1948.

³⁹² ANDRADE, José Lopes de. *O Homem Marginal do Nordeste*. Rio de Janeiro: A Noite, 1950.

³⁹³ ANDRADE, José Lopes de. *Breve Discurso sobre a Sociedade e as Secas do Nordeste*. Campina Grande: O Cruzeiro, 1943.

³⁹⁴ ANDRADE, José Lopes de. *Forma e efeito das migrações do Nordeste*. João Pessoa: A União, 1952.

³⁹⁵ ANDRADE, José Lopes de, Op. Cit. 1950, p.8.

³⁹⁶ ANDRADE, José Lopes de, Op. Cit. 1985, p.10

dedicar, em 1943, a plaquete *Breve Discurso sobre a Sociedade e as Secas do Nordeste*, referenciando Gilberto Freyre e Luis Delgado.

Uma amostra disso foi o fato do seu livro *Introdução a Sociologia das Secas*³⁹⁷ ter repercutido na imprensa carioca da época, chegando a ganhar uma crítica daquele que é considerado até hoje um dos maiores críticos literários brasileiros de todos os tempos, Alceu de Amoroso Lima, conhecido como Tristão de Ataíde:

Quando a *Introdução* apareceu em 1948, o ilustre sociólogo e crítico literário brasileiro Tristão do Ataíde, dedicou á obra todo um rodapé na edição de domingo, do *Correio da Manhã*. Apesar das divergências com o autor, a quem chamava de “um jovem cearense”, fez consagrada apreciação de todo o conjunto do livro, abrindo com a autoridade de seu nome um lugar definitivo para o mesmo na literatura nacional.³⁹⁸

Percebe-se mais uma vez o lado vaidoso de Lopes de Andrade em seu discurso ao referir-se a Tristão de Ataíde. Mesmo não se declarando sociólogo (como fez anteriormente), à maneira do seu mestre, Gilberto Freyre, o autor de *Introdução à Sociologia das Secas* representa dentro do campo literário o lugar de um escritor que procurou estratégias de consagração, dentro de uma esfera nacional, buscando relacionar-se com escritores reconhecidos, convidando-os para prefaciar seus livros, ou simplesmente travando amizade por meio de cartas, ou mesmo dedicando algumas de suas obras a eles.

De todos os seus títulos, uma das mais interessantes teses levantadas por Lopes de Andrade está presente no livro: *Província essa esquecida*, publicada em 1950, sendo o discurso de posse na Academia Paraibana de Letras, no dia 21 de abril de 1949, na cidade de João Pessoa. Segundo o autor, embasado em Eça de Queiroz, Gilberto Freyre e Capistrano de Abreu, o provincianismo seria uma característica fundamental para se pensar a tradição da literatura brasileira, “a idéia de enraizamento profundo à terra e as costumes comuns”, que estaria no núcleo do sistema nacional.³⁹⁹

Se observarmos bem, perceberemos que a obra de Lopes de Andrade segue realmente esta linha, uma fórmula cultural que pretende compreender as questões mais determinantes e íntimas da sociedade nordestina sem distanciar-se dos referenciais estrangeiros. Ao colocar referências tão diversas, como o filósofo Silvio Romero e

³⁹⁷ Em 2010 houve a publicação da segunda edição da obra. Ver LOPES DE ANDRADE, José. *Introdução a sociologia das secas*. 2ª Edição. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2010.

³⁹⁸ ANDRADE, José Lopes de, Op. Cit. 1985, p.9

³⁹⁹ ANDRADE, José Lopes de, Op. Cit. 1949, p.5.

ficcionista Gustavo Flaubert num mesmo sistema de pensamento, Lopes de Andrade procura alcançar os limites de suas preocupações, somando os modelos que produção que evidenciam uma abordagem sobre os valores regionais, mas com influências externas, como por exemplo, a literatura inglesa.⁴⁰⁰

No que se refere aos perfis e especificidades da cultura impressa campinense, publicados na cidade, é perceptível que em Campina Grande, reconhecida nacionalmente pelo pulsante crescimento econômico, as obras publicadas tenham um alto teor relacionado ao mundo prático, com temas direcionados à indústria, ao comércio, pecuária ou administração pública. Isso se comprova ao listarmos⁴⁰¹ o universo de livros e plaquetes publicadas na primeira metade do século XX. O que explica o bom número de publicações relacionadas à rede bancária, à medicina, à pecuária, à advocacia, entre outros temas, mais próximos ao universo do trabalho, distanciadas das questões literárias e estéticas. Tais publicações tiveram seu período áureo na década de 1930, sendo impressas quase sempre pelas tipografias das livrarias Campinense e Moderna.

QUADRO 2

Lista de documentos oficiais publicados em Campina Grande entre 1913 e 1953.

DOCUMENTOS OFICIAIS	AUTORIDADE OU INSTITUIÇÃO	CIDADE/EDITORIA	ANO
Reforma dos Estatutos do Gabinete de Leitura 7 de Setembro.	Gabinete de Leitura 7 de Setembro	Campina Grande: Tipografia Campinense.	1918
Banco Auxiliar do Povo. Relatório apresentado a Assembléia Geral dos Acionistas	Banco Auxiliar do Povo	Campina Grande: Livraria Campinense	1931
Boletim Oficial, nº 3 e 5. Administração Lafaiete Cavalcanti, 1931.	Administração Lafaiete Cavalcanti.		1931.
Boletim Oficial, nº 11 a 16.	Administração Lafaiete		1932.

⁴⁰⁰ Idem, pp.6-7.

⁴⁰¹ Estas listas só foram possíveis graças ao Acervo Átila Almeida (pertencente à UEPB) e ao acervo de obras raras da Biblioteca Municipal Félix Araújo, de Campina Grande.

Cavalcanti					
Banco dos Empregados do Comércio. Relatório apresentado a Assembléia Geral	Banco dos Empregados do Comércio	Campina Grande: 1933	Tipografia da Livraria Campinense		
Orçamento Municipal para 1934.	Administração Antonio Pereira de Almeida.	Campina Grande, 1933	Livraria Moderna,		
Orçamento Municipal para 1935.	Administração Antonio Pereira Diniz	Campina Grande, 1934.	Livraria Moderna,		
Campinense Clube: Relatório apresentado pelo Presidente Dr. Silvio Mota em assembléia Geral de 27-1-1935	Campinense Clube	Campina Grande: 1935	Livraria Moderna		
Boletim Oficial. Orçamento para 1935.	Administração Antonio Pereira Diniz	Campina Grande, 1935,	Typografia de O Rebate,		
A Gratidão de Campina Grande ao Interventor Argemiro de Figueiredo		João Pessoa: 1939	Departamento de Estatística		
Biblioteca Municipal de Campina Grande, fundada pelo Prefeito Bento Figueiredo e inaugurada no dia 9 de março de 1938.		João Pessoa: 1938	Imprensa Oficial.		
Homenagem da Colônia Portuguesa de Campina Grande ao Exmo. Sr. Dr. Mário Duarte, Cônsul de Portugal em Pernambuco		Campina Grande: s/e. 1946			
Relatório do Prefeito Elpídio de Almeida à câmara municipal.		Recife: 1949.	Jornal do Comercio		
Mensagem a Câmara	Plínio Lemos	Recife: 1953	Jornal do Comercio		

Municipal
referente ao
exercício de 1952,
pelo prefeito
Plínio Lemos.

Como exemplos da relação cultura impressa e economia, podemos citar a publicação das plaquetes como: “Banco Auxiliar do Povo. Relatório apresentado a Assembléia Geral dos Acionistas”, de 1931, publicado pela Tipografia da Livraria Campinense ⁴⁰²; “Banco dos Empregados do Comércio: Relatório apresentado a Assembléia Geral”, de 1933, lançado também pela Tipografia da Livraria Campinense ⁴⁰³; e “Tabela de cálculo dos impostos e consignações e Indústria e Profissão” ⁴⁰⁴ e “Vendas e consignação e Indústria e Profissão”, publicados por José Gil Gonçalves, em 1944, a primeira sem especificações sobre tipografia e a segunda por uma gráfica da capital ⁴⁰⁵. Ambas foram pequenas obras que expressam bem as necessidades de divulgar informações sobre o universo econômico do município, num contexto de crescimento e desenvolvimento da região.

Entre outros temas mais gerais, relacionados à economia do campo, encontramos obras como “Estado Atual da Pecuária Nordestina”, de Luis Fernando Ribeiro, publicado 1938, impresso pela Tipografia da Livraria Moderna⁴⁰⁶; e duas obras do político Plínio Lemos publicadas na Imprensa Nacional do Rio de Janeiro: “Em Defesa do Criatório”, de 1949⁴⁰⁷ e “Instituto & Aposentadoria e Pensões dos Agrários”, de 1950. ⁴⁰⁸

Sobre as publicações religiosas e filosóficas, encontramos os livros: “Carta Pastoral de Dom Frei Anselmo Pietrulla, Bispo de Campina Grande, saudando seus diocesanos”, publicada em 1949⁴⁰⁹ e “Sôbre o Indivisualismo”, de Antonio Lucena,

⁴⁰² *Banco Auxiliar do Povo. Relatório apresentado a Assembléia Geral dos Acionistas*. Campina Grande: Livraria Campinense, 1931.

⁴⁰³ *Banco dos Empregados do Comércio. Relatório apresentado a Assembléia Geral*. Campina Grande: Tipografia da Livraria Campinense, 1933.

⁴⁰⁴ GONÇALVES, José Gil. *Tabela de cálculo dos impostos e consignações e Indústria e Profissão*. Campina Grande: s/e, 1944.

⁴⁰⁵ GONÇALVES, José Gil. *Vendas e consignação e Indústria e Profissão*. João Pessoa: G. Petrucci, 1944.

⁴⁰⁶ RIBEIRO, Luis Fernando. *Estado Atual da Pecuária Nordestina*. Campina Grande: Moderna, 1938.

⁴⁰⁷ LEMOS, Plínio. *Em Defesa do Criatório*. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 1949.

⁴⁰⁸ LEMOS, Plínio. *Instituto & Aposentadoria e Pensões dos Agrários*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1950.

⁴⁰⁹ PIETRULLA, Anselmo. *Carta Pastoral de D.Frei Anselmo Pietrulla, Bispo de Campina Grande, saudando seus diocesanos*. Salvador: Mensageiro da Fé, 1949.

publicado pela Livraria Pedrosa em 1952⁴¹⁰. Já relacionado ao campo da medicina, temos “A luz e a saúde”, de Romualdo Costa, de 1933⁴¹¹ e “Cinco anos de cirurgia”, de Vital Rolim, lançado em 1938.⁴¹²

De característica mais institucional, administrativa e política encontramos quase que duas dezenas de obras, entre relatórios e boletins, contendo informações sobre a gestão de prefeitos e governadores. Neste contexto, foram publicadas: “Necessidades do Município”, plaquete do prefeito da época Bento Figueiredo, divulgado pela Imprensa Oficial, em 1939 e “A Gratidão de Campina Grande ao Interventor Argemiro de Figueiredo”, também publicado pela Imprensa Oficial, em 1939⁴¹³.

Aliás, Argemiro de Figueiredo durante a sua gestão como interventor do estado da Paraíba, na década de 1930, foi um dos autores que mais publicou textos institucionais: “Diretrizes do Governo (discurso de posse da Paraíba)”⁴¹⁴, “Diretrizes de Governo (Plataforma do Governador da Paraíba)”⁴¹⁵, “Discurso a Paraíba”⁴¹⁶, “Discurso proferido ao Microfone da PRI-4, Rádio Difusora da Paraíba”⁴¹⁷, “Realizações do governo Argemiro de Figueiredo”⁴¹⁸. Mesmo depois de sair do cargo de Governador, suas ações como Deputado e Senador continuaram sendo firmemente organizadas através de livros, em discursos, como “Concluientes de 1943 (Ginásio de Patos)”⁴¹⁹, “Deputado Argemiro de Figueiredo – sua administração e sua política (discurso proferido na sessão de 19 de maio de 1947)”⁴²⁰. Política, que também motivou algumas plaquetes combativas, como a produzida pelo poeta Félix Araújo, “Acuso (resposta ao Governador do Estado)”⁴²¹ e os “Discursos”, do deputado Petrônio Figueiredo.⁴²²

Entre estudos sobre os problemas ligados à questão do saneamento e da eletricidade em Campina Grande, identificamos duas plaquetes: “Saneamento de

⁴¹⁰ LUCENA, Antonio. *Sobre o Indivisualismo*. Campina Grande: Livraria Pedrosa, 1952.

⁴¹¹ COSTA, Romualdo. *A Luz e a saúde*. Campina Grande: Livraria Campinense, 1933.

⁴¹² ROLIM, Vital. *Cinco anos de cirurgia*. Campina Grande/João Pessoa: Imprensa Oficial, 1938.

⁴¹³ *A Gratidão de Campina Grande ao Interventor Argemiro de Figueiredo*. João Pessoa: Imprensa Oficial, 1939.

⁴¹⁴ *Diretrizes do Governo (discurso de posse da Paraíba)*. João Pessoa: Imprensa Oficial, 1935.

⁴¹⁵ *Diretrizes do Governo (Plataforma de Governo)*. João Pessoa: Imprensa Oficial, 1936.

⁴¹⁶ *Discurso a Paraíba*. João Pessoa: Imprensa Oficial, 1936.

⁴¹⁷ *Discurso proferido ao Microfone da PRI-4, Rádio Difusora da Paraíba*. João Pessoa: Imprensa Oficial, 1937.

⁴¹⁸ *Realizações do governo Argemiro de Figueiredo*. João Pessoa: Imprensa Oficial, 1938.

⁴¹⁹ FIGUEIREDO, Argemiro de. *Concluientes de 1943 (Ginásio de Patos)*. Campina Grande: s/e, s/d.

⁴²⁰ *Deputado Argemiro de Figueiredo – sua administração e sua política (discurso proferido na sessão de 19 de maio de 1947)*. João Pessoa: s/e, 1947.

⁴²¹ ARAÚJO, Félix. *Acuso (resposta ao Governador do Estado)*. Campina Grande: s/e. s/d.

⁴²² FIGUEIREDO, Petrônio. *Discursos*. Campina Grande: Livraria Moderna, 1953.

Campina Grande”, de José Fernal⁴²³ e “Considerações Gerais sobre o Plano de Eletrificação de Campina Grande”, de João Rolim Cabral.⁴²⁴

Ainda referentes à parte institucional e administrativa encontramos séries contínuas de boletins e relatórios oficiais da Prefeitura de Campina Grande, lançados na década de 1930, principalmente nas gestões de Lafaiete Cavalcanti, Plínio Lemos e Elpídio de Almeida.

Da Administração Lafaiete Cavalcanti identificamos publicações referentes aos anos de 1931⁴²⁵ e 1932⁴²⁶, além de boletins referentes aos governos posteriores, como os de Antonio Pereira de Almeida e Antonio Pereira Diniz, como o Boletim Oficial para o Orçamento de 1935, publicado pela Typografia do Jornal O Rebate, em 1935.⁴²⁷

Não há dúvida de que a relação publicação e publicidade da administração pública ganhou uma maior visibilidade durante o governo Bento de Figueiredo na década de 1930, em especial no período do Estado Novo. Já indicamos a existência da plaquete “Necessidades do Município”, de 1939, mas antes disso foi publicado um livreto intitulado “Biblioteca Municipal de Campina Grande, fundada pelo Prefeito Bento Figueiredo e inaugurada no dia 9 de março de 1938”, em 1938, na cidade de João Pessoa, assim como esta última pela Imprensa Oficial do Governo Estadual⁴²⁸.

Identificamos ainda os textos de natureza administrativa que foram divulgados de forma pública, como: “Relatório do Prefeito Elpídio de Almeida à câmara municipal”, de 1949⁴²⁹, e “Mensagem a Câmara Municipal referente ao exercício de 1952, pelo prefeito Plínio Lemos”, de 1953⁴³⁰. Os dois documentos foram impressos em Recife pelas Oficinas Gráficas do Jornal do Comércio.

⁴²³ FERNAL, José. *Saneamento de Campina Grande*. Campina Grande: Imprensa Oficial, 1938.

⁴²⁴ CABRAL, João Rolim. *Considerações Gerais sobre o Plano de Eletrificação de Campina Grande*. Campina Grande: Livraria Pedrosa, 1947.

⁴²⁵ *Boletim Oficial*, nº 3 e 5. Administração Lafaiete Cavalcanti, 1931.

⁴²⁶ *Boletim Oficial*, nº 11 a 16. Administração Lafaiete Cavalcanti, 1932.

⁴²⁷ *Orçamento municipal para 1934*. Campina Grande, Livraria Moderna, 1933; *Orçamento municipal para 1935*. Campina Grande, Livraria Moderna, 1934; *Boletim Oficial. Orçamento para 1935*. Campina Grande, Typografia de O Rebate, 1935.

⁴²⁸ *Biblioteca Municipal de Campina Grande, fundada pelo Prefeito Bento Figueiredo e inaugurada no dia 9 de março de 1938*. João Pessoa: Imprensa Oficial, 1938.

⁴²⁹ *Relatório do Prefeito Elpídio de Almeida à câmara municipal*. Recife: Jornal do Comercio, 1949.

⁴³⁰ *Mensagem a Câmara Municipal referente ao exercício de 1952, pelo prefeito Plínio Lemos*. Recife: Jornal do Comercio, 1953.

CAPÍTULO 3:

A PALAVRA IMPRESSA (II): JORNAIS, REVISTAS E OUTROS SUPORTES IMPRESSOS

3.1. AS FOLHAS DA CIDADE: DO “CORREIO DE CAMPINA” À “REVISTA ARIÚS”

A imprensa campinense não acompanhou o desenvolvimento da cidade. O progresso no setor comercial, industrial ou bancário, fez com que se transformasse no grande centro de atividades, conhecido em todo o mundo. Contudo, aqui sempre se lutou pelo jornalismo. Nos cem anos de vida de cidade, deve ter surgido em média, um jornal por ano. Muitos, de pouca duração; depois do primeiro número, não aparecia o segundo. Outros, iam um pouco além; um mês. E, outros, a um ano.⁴³¹

Foram estas as constatações do jornalista José Leite Sobrinho ao realizar um pequeno histórico da imprensa em Campina Grande, no ano de 1962, publicado no jornal *O Rebate*. O jornalismo campinense custou a se profissionalizar, se constituindo com muitas dificuldades de ordem técnica, econômica e logística, sendo caracterizado pela sua forma fragmentada e descontínua em diversos aspectos. Desta forma, à semelhança do livro, a imprensa em Campina Grande é cercada por problemas no que se refere ao desenvolvimento de uma cultura impressa.

Em nossa pesquisa arrolamos um pouco mais de 50 periódicos, entre jornais, revistas e outros suportes impressos em Campina Grande, no período de 1913 a 1953. Raros conseguiram certa continuidade na circulação, a maioria com uma periodicidade semanal ou mensal em alguns casos, com periodicidades maiores, exemplo de algumas revistas, mas com uma ausência de lógica sucessiva, inviabilizando a formação de um quadro estável de circulação.

Estas “folhas da cidade” possuíram perfis específicos de atuação, desenvolvendo no aspecto gráfico e ideológico suas opções enquanto suportes impressos. É neste sentido que pretendemos traçar a trajetória do periodismo na cidade de Campina Grande na primeira metade do século XX, procurando desta maneira compreender as regras de constituição da cultura impressa do município no que se refere ao periodismo.

“A imprensa é, a um só tempo, objeto e sujeito da história brasileira”⁴³², afirmaram Ana Luisa Martins e Tânia Regina de Luca, destacando a importância do periodismo na trajetória intelectual do nosso país. As mesmas historiadoras ainda salientaram que “não há como escrever a história da imprensa sem relacioná-la com a

⁴³¹ SOBRINHO, José Leite. Op. Cit. 1964, p.163.

⁴³² MARTINS, Ana Luisa; LUCA, Tânia Regina de. *Introdução: pelos caminhos da Imprensa no Brasil*. In: *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2011, p.8.

trajetória política, econômica, social e cultural do país”⁴³³. É esta trajetória que pretendemos realizar mediante o processo de confecção da história da imprensa em Campina Grande, na primeira metade do século XX, traçando um perfil dos principais periódicos da cidade.

O periodismo foi um gênero bastante popular no país, visto que até o início do século XX, sem haver casas editoriais em muitas cidades brasileiras, foi nas folhas baratas do jornal ou da revista que houve um espaço legitimador do impresso no país. Portanto, em Campina Grande, no quadro de uma cultura impressa na cidade, muito no que se refere ao processo de escrita e de publicação era centralizado no periodismo nos jornais e revistas que chegaram a circular. Aspecto que de certa maneira já identificamos no capítulo anterior, quando historicizamos os lugares de circulação do livro, bem como as publicações dos intelectuais em Campina Grande em formato de livros e plaquetes.

Por tudo isso, realizamos uma história da imprensa campinense, procurando reaver uma trajetória dos periódicos produzidos em Campina Grande, construindo um perfil temático, gráfico, ideológico e cultural destes jornais e revistas, identificando as relações entre o jornalismo impresso e produção literária, e ampliando no que concerne a analisar também outros suportes materiais de difusão de conhecimento, a exemplo dos almanaques, anuários e álbuns industriais e comerciais.

Ao pesquisarmos a cultura impressa em Campina Grande também procuramos listar os periódicos da cidade, todavia, mais do que isso, buscamos articulá-los com as questões políticas e ideológicas em evidência de cada época, centralizando nossa discussão a partir das práticas dos intelectuais que se envolveram na atividade jornalística.

3.1.1. OS JORNAIS: DIVERSIFICAÇÃO E SEGMENTAÇÃO DOS IMPRESSOS

Desde o começo deste trabalho, deixamos clara as imensas dificuldades da criação de uma cultura impressa na cidade de Campina Grande. Ao mesmo tempo, evidenciamos que houve dezenas de periódicos em funcionamento entre os anos 1913 e 1953, chegando à conclusão de que quase todas estas folhas circularam em poucos

⁴³³ Idem.

números, em periodicidades mínimas, com poucos deles chegando a se afirmar dentro do campo jornalístico e político da cidade, exceção feita aos jornais políticos e partidários, como o *Correio de Campina* (1912-1927) e *O Rebate* (1932-1963), que funcionaram durante décadas cada um.

Por outro lado, o “fazer jornais” tornou-se uma das atividades centrais de grêmios escolares, das associações recreativas, dançantes e artísticas de grupos literários no momento em que Campina Grande crescia em número de instituições e associações. O que explica, à primeira vista, o grande número de periódicos em meio ao processo de transformação das práticas culturais na cidade intensificadas principalmente a partir da década de 1930.

Novas formas de sociabilidade se impuseram, com jornais e revistas projetando sobre a cidade as demandas de diferentes grupos sociais e dando visibilidade a um processo de ocupação/ invenção dos lugares públicos. A imprensa constitui-se, assim, como um dos espaços de gestão e manifestação de novas significações e projetos sociais. Neste contexto, o lazer, o político, o literário, traduziram os temas destes anseios.

Com isso, o jornalismo vivenciou um processo de transformação bastante rápido, articulando-se estreitamente com a vida urbana. Para expandir seu público, as folhas e revistas, acolhendo os projetos, interesses e gostos das novas camadas urbanas, avançaram sobre terrenos anteriormente alheios ao universo da imprensa, o que pode explicar o bom número de jornais ligados a sindicatos, clubes literários, associações recreativas, escolas, etc.

A imprensa de Campina Grande inicia-se com a fundação do primeiro jornal da cidade: a *Gazeta do Sertão*, criado por Irineu Joffily e Francisco Retumba, em setembro de 1888. Impresso pelo tipógrafo Tito Silva, sua tiragem era de 800 exemplares, possuindo uma linha ideológica “que disseminou idéias progressistas como a da autonomia dos municípios, descentralização do poder, a defesa dos direitos humanos e o abolicionismo da escravatura”⁴³⁴. Graças a este perfil, diríamos questionador, o jornal acabou sendo perseguido, deixando de circular no ano de 1891, vítima de um empastelamento dos opositores. Jornal de feição liberal, inimigo dos partidários do então Partido Conservador. Em Campina Grande, esses adversários eram Alexandrino

⁴³⁴ ARAÚJO, Fátima, Op. Cit. 1986, p.82.

Cavalcanti, sogro de Cristiano Lauritzen, e correligionário, no palco provincial, os adversários seguiam o Barão de Abiaí.

Depois da *Gazeta do Sertão*, vieram os seguintes hebdomadários: *O Alfinete* (1889), *O Tempo* (1890), *O Campinense* (1892), *O Álbum* (1894), *Gazeta dos Artistas* (1894) e *O Echo* (1895). Esta é a primeira leva de periódicos campinenses, produzidos de maneira completamente artesanal e de circulação avulsa, com quase sem nenhuma infra-estrutura material, porém mantida por intelectuais, geralmente professores ou juristas. Segundo Fátima Araújo, o mais duradouro destes periódicos foi *O Echô*, que teria funcionado até o ano de 1905.⁴³⁵

A partir de 1905, já com as expectativas da construção da estrada de ferro, e da chegada do trem, ocorrido dois anos depois, outros jornais começaram a funcionar: *O Prelúdio* (1905), *O Campina Grande* (1909) e o *15 de Novembro* (1910). Dirigidos em sua maioria por estudantes de Direito da Faculdade do Recife, como Gilberto Leite, Protásio Sá e Antonio de Sá. Os dois últimos periódicos publicavam pequenas matérias, juntamente com poemas e outros textos de natureza literária. Neste contexto, as primeiras tipografias advindas principalmente do Recife já indicavam um crescimento do periodismo na cidade em comparação às experiências anteriores.

Todavia, é apenas em 1912 que o jornalismo campinense ganha o seu primeiro jornal com uma estrutura mais arrojada, o *Correio de Campina*, periódico pertencente ao grupo político ligado a Cristiano Lauritzen, dinamarquês radicado no Brasil, na época Prefeito de Campina Grande. Nomes como José Alves Sobrinho, Lino Fernandes de Azevedo (genro de Lauritzen), Severino Pimentel e Lino Gomes da Silva, formaram o grupo de intelectuais, ligados ao Partido Autonomista ou Conservador, dando sustentação ao jornal, com matérias, poemas e artigos de opinião. Com altos e baixos, o jornal teria funcionado até 1927.

O *Correio de Campina*, em suas páginas na década de 1910, destacava as representações do “ideário progressista e moderno” de Campina Grande sob forma de crônicas publicadas semanalmente. O jornal acompanhou durante quase duas décadas o crescimento da cidade ainda com características rurais em muitos aspectos, e interagiu com os grupos sociais através de textos que salientavam as questões políticas, sociais e culturais do município (notadamente os eventos da alta sociedade). Já trazia algumas

⁴³⁵ Idem, p.83.

propagandas em suas páginas, porém sua estrutura gráfica era precária em diversos aspectos.

Constatação também presente no aspecto gráfico dos jornais *O Proêmio* (1915-1917), *A Renascença* (1915), *O Democrata* (1916) e *A Razão* (1917-1919), títulos que foram lançados de maneira quase completamente artesanal. Estes periódicos citados foram mantidos, quase todos, pela própria tipografia do *Correio de Campina*, a exceção do jornal *A Razão*, pertencente ao grupo de oposição a Cristiano Lauritzen, sendo liderado por Afonso Campos e Salvino de Figueiredo (este último diretor do órgão).

Na realidade, durante os anos 10 do século XX havia um forte dualismo político na cidade de Campina Grande que havia sido constituído ainda no final do século XIX: de um lado, havia os chamados *autonomistas* (chamados também de ex-conservadores), liderados por Cristiano Lauritzen, tendo um núcleo forte de adesões políticas locais e regionais. Entre os intelectuais, nomes como Lino Gomes, Lino Fernandes de Azevedo e políticos como Jovino do Ò e seu filho Ernani Lauritzen. Do outro lado, na oposição, existiam os chamados republicanos liderados durante décadas entre os séculos XIX e XX por Irineu Joffily, Chateaubriand Bandeira de Melo e João Lourenço Porto, que na década de 1910 ganhava três novas lideranças: Afonso Campos, Salvino e Acácio Figueiredo.

O grupo situacionista tinha no jornal *Correio de Campina* o órgão para divulgar suas ações e projetos para a cidade naquele início de século. Já os oposicionistas, através do jornal *A Razão*, combatiam o governo municipal de Cristiano Lauritzen, evidenciando as falhas e perseguições do grupo que estava no poder desde o século XIX.

A ansiedade quanto à publicação se fazia sentir pela maneira pela qual eram apresentados estes periódicos no seu primeiro número. Exemplo era o editorial do jornal *O Proêmio*, que tinha como redator chefe o jornalista e poeta Bonifácio Câmara, que dizia: “Há muito tempo lutávamos para fundar este jornalzinho, porém eram tantos os empecilhos que se apresentavam que somente hoje, removidos em parte temos a grata satisfação de o trazer às mãos do publico”⁴³⁶. Mais abaixo, temos o objetivo do periódico: “A fundação de um periódico para tratar de tudo que diz respeito ao interesse da mocidade, já se fazia sentir em Campina”.⁴³⁷

⁴³⁶ O Proêmio. *O Proêmio*, Ano I, nº1, 3 de Março de 1915, p.1.

⁴³⁷ Idem.

No mesmo ano, a equipe de redatores também formada por jovens, Mauro Luna, Luiz Correia e Luiz Soares, todos com menos de 20 anos de idade, que ansiavam por um espaço, dão voz ao seu *A Renascença*, jornalzinho que possuía um perfil literário em muitos aspectos. O mais interessante é perceber a forma como estes jovens aprendizes de jornalistas se apresentavam depois de alguns meses de atuação do jornal, já se sentindo experientes:

A VIDA INTENSA da sociedade, caros leitores, dia a dia, vai exigindo dos jornais, num tal desenvolvimento, que o jornalismo é hoje uma das carreiras mais difíceis que há. Alhures, levado por fantasias, qualquer moço podia escrever ou fazer parte de um jornal, mas hoje o jornal deixou a revista a sua feição literária e embrenhou-se pelo Dédalo emaranhado das coisas sociais, tornando-se de fato um apontador, um mestre aqueles que lutam, que vivem, isso é, aqueles que trabalham.

Daí, ser a direção de um peso excessivo e o jornalismo uma árdua tarefa não raro semeada de dissabores.

É verdade que a medalha tem o seu reverso e este é a consideração e a prerrogativa gozadas pelos homens de imprensa.

Relativamente ao público quão difícil é o ser contentado; vejamos lá: o meu vizinho, em um desses dias declarou-me que dos jornais só lia a parte telegráfica; as gentis leitoras só se ocupam de modas e crônicas sociais.

Ora, assim vemos que o público é exigente e tem as suas predileções, que não podem ser contestadas.

Pessoas há que gostam de ler questões policiais; outras de artigos políticos, de música, dos fatos locais, da parte comercial e assim sucedem-se as seções de novidades estrangeiras, anúncios e até do pobre indicador.

Chovem no escritório reclamações as mais estultas e artigos de colaboração os mais desastrosos.

E o pobre jornalista qual novo Ahasvero, procurando satisfazer leitores e assinantes, vai numa luta do cotidiano, arrastando a sua cruz pela rua da amargura, passando as vezes até horas altas da noite esperando a volta do último repórter para redigir talvez uma notícia necrológica.⁴³⁸

Já na década de 1910 identificamos jornais com as práticas específicas de lazer e enfoques ligados ao tema do romantismo (ainda bastante em voga entre os jovens do período) e o humor. Exemplos que podemos trazer foram os jornais: *A Rolha* (1915), *O Martelo* (1915) e *O Democrata* (1916). Este último, por exemplo, que se auto intitulava um “*Órgão literário, crítico e noticioso*”, amparado pelo anonimato dos pseudônimos, os redatores do periódico divulgavam-no durante as apresentações dominicais das bandas sinfônicas em praça pública no início do século XX em Campina Grande, como forma de “fletar” com as moças presentes neste acontecimento social, as disputadas “retretas”.

⁴³⁸ A Vida Intensa. *A Renascença*. Ano I, Nº2, 12 de setembro de 1915, p.1.

Ainda na década de 1910, funcionou em Campina Grande entre os anos de 1916 e 1917, o informativo *O Gabinete*, lançado durante o aniversário de fundação do Gabinete de Leitura 7 de Setembro. Enquanto “lugar de letrados”, interessados na prática da leitura, o jornalzinho possuía a função de informar as atividades da instituição durante as gestões das diretorias eleitas. Dados sobre a biblioteca e ações cívicas eram os temas mais abordados. Em 1916, o Campinense Clube, um ano depois de ser fundado lança o único número do jornalzinho *O Campinense*.

Chegando o ano de 1920, surge nova leva de periódicos, como *A Lanterna* (1920), Quinzenário crítico, humorístico, charadístico, literário e noticioso, dirigido por Joaquim da Silveira; *O Clarão* (1922/1923), órgão do Instituto Olavo Bilac, do professor e poeta Mauro Luna; *O Lidador* (1922), primeiro jornal de “classes” da cidade, pertencente à Associação dos Empregados do Comércio Campinense; *O Sport* (1923), fundado pelo poeta José Malheiros, primeiro jornal desportivo de Campina Grande; *Gazeta do Sertão* (1923/1924), em sua segunda fase e desta vez dirigida pelo recém-formado em Direito no Rio de Janeiro Hortênsio de Sousa Ribeiro; *A Palavra* (1925), mais um órgão ligado ao Gabinete de Leitura 7 de Setembro e *O 31* (1926), periódico ligado ao Grêmio Renascença; *Treze*, jornalzinho ligado ao Treze futebol Clube, dirigido por Ernani Lauritzen.

QUADRO 3

Lista dos jornais publicados em Campina Grande entre 1913 e 1953 ⁴³⁹

TÍTULO	ANO	EDITORES/FUNDADORES
Correio de Campina	1912/1927	Diretor e Proprietário – Cristiano Lauritzen e depois Ernani Lauritzen.
O Proêmio	1915-1917	Diretor: José Bonifácio Câmara.
A Renascença	1915	Redatores: Mauro Luna, Luiz Correia, Manoel Ramos e Luiz Soares.
A Rolha	1915	Redatores: Antonio Bioca, José Rocha, Manoel Ramos e Luiz Correa
O Martelo	1915	Redatores: Antonio Bioca, José Rocha, Manoel Ramos e Luiz Correa.
O Democrata	1916	Redatores diversos.
O Campinense Clube	1916	
O Gabinete	1916/1917	
A Razão	1917/1919	Diretor Político: Coronel Salvino Figueiredo

⁴³⁹ O quadro traz os jornais que foram registrados em nossas pesquisas bibliográficas e nos acervos documentais por nós pesquisados. Possivelmente devem ter circulado na cidade outros periódicos, todavia, tentamos organizar um quadro que chegasse mais próximo dos jornais que foram lançados neste período.

A Lanterna	1920	Diretor: Joaquim Silveira
O Lidador	1922	
O Clarão	1922/1923	Diretor: Mauro Luna
O Sport	1923	Diretor: Luiz Alves. Redator Chefe: José Maciel.
Gazeta do Sertão	1923/1924	Diretor: Hortênsio de Sousa Ribeiro. Gerente: Luiz de França Alves.
O 31	1924/1926	
A Palavra	1925	
Treze	1928	Diretor: Ernani Lauritzen.
O Século	1928/1929	Diretor: Luis Gomes. Gerente: Thomaz da Cantuária
Brasil Novo	1931	Diretor: Tancredo de Carvalho. Redator Secretário: José Tavares Cavalcanti
O Rebate	1932-1963	Diretor: Luiz Gil de Figueiredo Diretor Gerente: Pedro de Aragão
Comércio de Campina	1932-1933	Diretores: Almeida Barreto e Alfredo Dantas
A Batalha	1934/1935	Diretor: Arlindo Correa da Silva. Redator chefe: Isidoro Aires de Castro. Gerente: Lino Gomes Filho
A Frente	1934	Diretor: Arlindo Correa da Silva. Redator chefe: Bianor de Freitas.
A.E.C. JORNAL	1934,1937	Diretor: Magalhães Cordeiro. Redator chefe: Arlindo Correa. Redatores: Antonio Moraes e Lopes de Andrade.
A Ordem	1934, 1949-1952.	Diretor 1º Fase: José Leite Sobrinho/ Diretor 2º Fase: Niltides Otacílio Vieira e Arthur Sobreira
Flâmula	1934	Comitê de redação: Antonio Moraes, José Brazil, Milton Coura e Lopes de Andrade
Praça de Campina	1934	Diretor: Luis Gomes. Diretor Político: Raimundo Viana.
O Farol	1934	Diretor: João Henriques de Araújo
Extra	1934-1936	Diretor: Elias de Araújo. Redator Chefe: Olavo Bilac Cruz. Secretário: Orlando Santos. Tesoureiro: Elieser de Araújo. Gerente: Beatriz Saldanha.
Evolução-Jornal	1934/1936	Redator Chefe: Olavo Bilac Cruz. Secretario: Orlando Santos. Tesoureiro: Eliezer de Araújo. Gerente: Beatriz Saldanha.
O Colegial	1935-1940	Diretor: Sebastião de Lira Ventura. Gerente: Adelino Barbosa.
O Paulistano	1935/1936	Comitê de Redação: Milton Coura, Lopes de Andrade e Francisco Lima
A Voz da Mocidade	1936	Diretor: José Fernandes Dantas
Formação	1936-1953	Diretor: Claudio Agra Porto
Voz da Borborema	1937/1939	Diretor: Acácio Figueiredo. Gerente: Elias Nepomuceno.
A Voz do Dia	1945-1946	Diretor: José Demétrio
Boletim	1949	
Correio Campinense	1949	Diretor: Osvaldo de Castro.
O Momento	1950	Diretor Responsável: Celso Rodrigues. Redator Chefe: Jayme Menezes. Redator Secretário: Nilo Tavares
O Esporte	1950	

O Paraibano	Batista	1950	
Tribuna Estudante	do	1951	Diretor Wallace de Figueiredo e Noaldo Dantas
O PIO XI		1952	
O Globo		1952	Diretor Responsável: Francisco Asfora. Redator Chefe: José Elmano Cavalcanti. Redator Secretário: Josué Silvestre. Gerente: Antonio Miranda
Jornal Campina	de	1952-1953	Diretores: William Tejo e Vírginius de Gama e Melo
Jornal Estudante	do	1953	Diretor: Nazário Pimentel. Redatores: Josué de Sylvestre e Ademar Martins.
O Marçon		1953	Diretor: José Leite Sobrinho
Tribuna Paraíba	da	1953	Milton Cabral e Adauto Barreto
O Informador		1953	Diretor: Lino Gomes Filho

Nessa década, as associações se multiplicaram, tendo muitas delas criado os seus próprios periódicos com o objetivo de comunicar-se com seus associados. No caso do Instituto Olavo Bilac, Mauro Luna, demonstrando o seu moderno método de ensino, enfatiza a motivação da criação deste jornalzinho: “Esta folha será publicada anualmente. Tem ela por objetivo difundir o gosto pelo estudo entre os alunos do Instituto Olavo Bilac”⁴⁴⁰. Como estratégia de estímulo, percebemos que Mauro Luna destaca os alunos mais dedicados, publicando textos e fotografias dos mesmos e divulgando notas e trechos de provas.

Já no final da década de 1920, os jornais já indicavam a intensificação dos debates ideológicos e culturais que marcariam a década de 1930, principalmente no campo político. O primeiro que identificamos com esta característica foi o jornal *O Século*, que funcionou entre 1928 e 1929, sendo dirigido pelo jornalista Luis Gomes da Silva que nasceu em Campina Grande em 1 de outubro de 1898, formou-se em Odontologia pela Faculdade do Recife em 1922. Todavia, pouco exerceu a profissão, dedicando-se intensamente ao jornalismo, sendo diretor de vários periódicos em Campina Grande e João Pessoa. Também chegou a ser redator do jornal *A União*.

No segundo número do jornal *O Século*, o intelectual Rodrigues de Carvalho (residente na capital do estado) comenta a chegada do novo jornal numa cidade do interior, enfatizando os dilemas inseridos neste processo:

⁴⁴⁰ LUNA, Mauro. O Clarão. *O Clarão*, Ano I, nº1, 3 de Dezembro de 1922, p.1.

Mais um jornal se publica em Campina Grande! Mais um exemplo de estímulo! Mais um motivo de rixas!

O jornal é comprovação de progresso, como o é a eletricidade; mas os inconvenientes da eletricidade pesam tanto quanto as utilidades.

As minhas felicitações a quem funda jornal em cidade ou capital de vida aldeia, são muito restritas. Não me derramo em aplausos porque os menores sacrifícios para os fundadores e cooperadores são os do dinheiro gasto inutilmente.

Isto não é uma ducha fria sobre o calor da mocidade de todas as Campinas do Brasil; mas um vago temor que envolve um vago conselho.

Publiquem-se gazetas nas localidades do interior, mas façam dos interesses do município e da Paraíba uma taboa de bater roupa limpa, nunca de bater roupa suja.

(...)

Rodrigues de Carvalho
Parahyba, Julho de 1928.⁴⁴¹

Percebe-se a lógica de pensamento que Rodrigues de Carvalho construiu, colocando a conquista de um jornal, semelhante à eletricidade, como comprovação de uma experiência moderna em uma cidade. Por outro lado, o mesmo autor enfatizou que estas mesmas conquistas materiais terminem com a mesma facilidade em que apareceram, sendo moldados de acordo com os interesses políticos do momento. O que nos faz refletir sobre o caráter superficial em que a cultura impressa campinense se inseriu naquele contexto.

Segundo Juarez Bahia, na esteira de Néelson Werneck Sodré, a imprensa brasileira passou por três fases distintas. A primeira fase começa em 1808, quando da chegada da família Real e a inauguração da imprensa Régia. A segunda fase inicia-se em 1880, sendo a fase da aventura industrial, da consolidação, quando o jornal toma características de empresa. A terceira teve seu marco a influência norte-americana na década de 1950, a chamada fase moderna.⁴⁴²

No caso específico da segunda fase, que vai de 1880 até o início da década de 1950, perceberemos claramente que Campina Grande não vivenciou numa mesma época as experiências dos centros culturais do país, como Rio de Janeiro e São Paulo. Para Juarez Bahia, nos anos finais do século XIX para os princípios do século a imprensa nacional passou pelo processo de mudança, de uma imprensa artesanal para uma imprensa industrial. Seriam características deste novo modo de jornalismo: a profissionalização dos jornalistas, o advento da propaganda como fonte de renda e organização específica, além da modernização da tipografia⁴⁴³. Tais realidades em

⁴⁴¹ CARVALHO, Rodrigues de. Vida jornalística. *O Século*. Ano I, Nº 2, 21 de Julho de 1928, p.1.

⁴⁴² BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica*. São Paulo: IBRASA, 1972.

⁴⁴³ Idem.

Campina Grande só seriam vivenciadas de maneira consistente, segundo a nossa compressão, a partir de 1957, quando da inauguração do *Diário da Borborema*, onde uma equipe de jornalistas estabeleceram uma forma profissional e moderna.

Tais reflexões foram necessárias para chegarmos à maneira muitas vezes homogênea dos historiadores quando refletem as transformações da imprensa ao longo do país, não percebendo as especificidades das experiências das regiões fora do eixo Rio de Janeiro e São Paulo, como foi o caso de Juarez Bahia. Este último autor, ao referir-se às alterações do jornalismo na década de 1930 chega a concluir que

O jornalismo já entrara numa faixa de operação industrial, abandonando a projeção boémia, ativista, idealista da primeira fase. O jornal diário, identificado com a visão individual de seu proprietário, não raro o principal redator e administrador, cede lugar ao jornal-empresa.⁴⁴⁴

Na realidade o que se percebe em Campina Grande na primeira metade do século XX, como veremos ainda mais adiante, é a identificação de um jornalismo boêmio, ativista e idealista, como salientou Juarez Bahia, fora dos padrões profissionais, feito de maneira artesanal, muitas vezes, com jornais produzidos à mão ou compostos de caixas, à maneira primitiva e prensados aos impulsos pedal ou braçal.

Com a “Revolução de 1930”, o Brasil passa por mudanças expressivas no quadro político. Os jornais campinenses acabam por expressar também estas mesmas transformações, pois assim como “a chegada de Getúlio Vargas ao poder implicou deslocamentos importantes no cenário da grande imprensa”⁴⁴⁵, também os pequenos periódicos das cidades do interior sofreram variações, principalmente no que se refere à ascensão das ideologias comunistas e integralistas. Neste contexto, dezenas de periódicos se multiplicaram, principalmente entre 1934 e 1937, período denominado pelos historiadores de constitucional.

Em 1931, os advogados e políticos José Tavares Cavalcanti e Octavio Amorim, convidam o jornalista Tancredo de Carvalho, vindo da cidade de Solânea, para fundar um jornal chamado simbolicamente de “Brasil Novo”. Nas palavras de Tancredo de Carvalho, “Campina Grande surgia como um centro que começava a dar os primeiros sinais de inquietação, mas faltava-lhe um jornal que a dispusesse a fazer uma campanha com essa patriótica finalidade”.⁴⁴⁶

⁴⁴⁴ Ibidem, p.68.

⁴⁴⁵ LUCA, Tânia Regina de, Op. Cit. 2010, p.169.

⁴⁴⁶ CARVALHO, Tancredo de. *Memórias de um brejeiro*. João Pessoa: Gráfica Júlio Costa, 1975, p.52.

No primeiro número podemos destacar as questões ideológicas fortes nas intenções da criação do periódico, bem como o contexto específico, pós-golpe de Getúlio Vargas, numa reivindicação por reformas políticas que possibilitassem um “Brasil verdadeiramente novo”:

Nosso Rumo

A inexistência de partidos políticos, nesta fase transitória da vida nacional, exclui logo a hipótese de ser Brasil Novo um órgão de feição partidária. Também não é uma obra de grupos de fins políticos. Surge por uma necessidade decorrente desse ambiente de reorganização, em que o povo espera dos governantes a aplicação positiva dos princípios que nortearam o movimento revolucionário de Outubro. Ora, não é possível uma aplicação rigorosa desses princípios, sem o concurso dos governados, e estes só na imprensa encontrarão o meio mais eficiente para manifestar os seus anseios e aspirações. Nossa folha, pois, procurará o mais possível refletir esses anseios e aspirações populares.

Nunca, talvez, no Brasil, a função da imprensa honesta foi tão necessária como agora. A normalidade constitucional, determinando a ausência de corpos legislativos, conferiu aos dirigentes uma autoridade ditatorial incompatível com as tendências democráticas do nosso povo, que sempre revelou profunda aversão a qualquer regime absolutista. (...).⁴⁴⁷

Em 1932, surgiram mais dois jornais, o *Comércio de Campina*, dirigido pelos professores e jornalistas Almeida Barreto e Alfredo Dantas; e *O Rebate*, que tinha como subtítulo: “Órgão proletário de interesse regionais”, fundado por Luiz Gil de Figueiredo, Pedro D’Aragão e Eurípides de Oliveira, o mesmo grupo que criou em 1929, a *Sociedade Beneficente dos Artistas*.

O Rebate foi um dos jornais mais duradouros da história da imprensa de Campina Grande, pois circulou até o início da década de 1960. As motivações de sua fundação nos parecem cercadas por um combate ao comunismo, na época, em ascendente interesse com a classe operária e com os intelectuais da época. Eurípides de Oliveira, em entrevista a Ronaldo Dinoá esclarece as motivações da criação da Sociedade Beneficente dos Artistas, o que acaba trazendo um indício sobre as motivações ideológicas do próprio jornal *O Rebate*: “(...) em 1929, o Partido Comunista estava organizado em Campina Grande, tinha sede e era muito freqüentado. Foi quando resolvi fazer campanha contra. Aproveitei uma dissidência e criei a Sociedade Beneficente dos Artistas”.⁴⁴⁸

⁴⁴⁷ Nosso rumo. *Brasil Novo*. Ano I, nº 1, 10 de janeiro de 1931, p.1.

⁴⁴⁸ DINOÁ, Ronaldo, Op. Cit. 1993, p.322.

Em 1934, somado às conquistas tipográficas do município, com a proclamação da nova Constituição do mesmo ano, multiplicaram-se os pequenos jornais em Campina Grande. Espírito de liberdade, que imperou até 1937, quando do Estado Novo, que diminuiu consideravelmente a liberdade de imprensa. Surgiram neste contexto: *Flâmula*, jornal de tendência vanguardista, editado por Antonio Moraes, Paulo Brazil e Lopes de Andrade; *Praça de Campina*, dirigido por Luis Gomes da Silva e Almeida Barreto, sendo um “Órgão de Defesa e propaganda comercial”; *A Batalha*, jornal de tendência comunista, dirigida por Arlindo Correa e Isidoro Aires, que funcionou de 1934 a 1935; *Extra*, que funcionou de 1934 a 1936, sendo dirigido por Elias de Araújo; *A Ordem*, órgão da Maçonaria, fundado por J. Leite Sobrinho e Zeferino Lima; *A Frente*, de Arlindo Correa e Bianor de Freitas, também com tendências comunistas; *O Farol*, dirigido por João Henriques de Araújo; *O Paulistano*, sob orientação dos jovens intelectuais Lopes de Andrade, Milton Coura e Francisco Lima, que circulou até 1936; *Evolução-Jornal*, “*Periódico independente e noticioso*”, ligado ao Instituto Pedagógico, dirigido por Olavo Bilac Cruz e Orlando Santos, que funcionou até o ano de 1936; *A. E. Jornal*, “*órgão da associação dos empregados do comércio*”, dirigido por Magalhães Cordeiro, com tendências socialistas.

A crença no ideário progressista se intensificou nas páginas destes jornais, a exemplo da *Praça de Campina*, de 30 de Setembro de 1934, que trouxe dentro de seu discurso ufanista seus objetivos, no que se refere às questões políticas que começavam a se expressar naquele momento:

Este jornal é para Campina. Nasce de uma necessidade inadiável de que se ressente a nossa terra, de um periódico que seja profundamente seu, que exalte a sua reconhecida importância econômico-financeira, que noticie todos os fatos de sua agitada vida da cidade cosmopolita, sem faciosismo, e, sobretudo tudo, *sans peur el sans reproche*.

Praça de campina, será pois um jornal, cujo titulo é a síntese de um programa, que diz muito alto de nossas tendências para o futuro cheio de grandeza, que está reservado a encantadora e altiva Rainha da Borborema.

Periódico político, comercial e independente, Praça de Campina será a voz do povo, ecoando na consciência dos homens que ainda simpatizam com o progresso desta região, que só agora vai viver para a gloria dos seus grandes e imperecíveis desígnios.⁴⁴⁹

De todos os jornais criados a partir de 1934, *A Batalha* e *A Frente*, se colocam enquanto periódicos ligados à classe operária na cidade de Campina Grande. O primeiro dizia ser “Órgão dos trabalhadores e dos interesses gerais”, o segundo “Órgão do

⁴⁴⁹ Pórtico. *Praça de Campina*, Ano I, Nº 1, 30 de Setembro de 1934, p.1.

Comitê dos sindicatos de operários de Campina Grande”. Ambos tiveram em suas páginas o combatente Arlindo Correia da Silva⁴⁵⁰, jornalista destacado que se envolveu em dezenas de debates ideológicos com outros intelectuais, geralmente ligados ao catolicismo ou ao integralismo. Exemplo que podemos trazer é um texto publicado em 16 de maio de 1935, *O integralismo na Paraíba*, no jornal *A Batalha*:

Não temos o intuito de defender o Integralismo, pois a sua defesa tem sido feita brilhantemente pelos Srs. Plínio Salgado, Gustavo Barroso, Miguel Reale e grande numero de outros escritores, seus adeptos. Também não nos move o intento de atacá-lo, pois essa tarefa vem sendo desempenhada por elevado numero de outros escritores, bastando citar o nome acatado do Sr. Macedo Soares, diretor do “Diário Carioca”.

Queremos tão somente localizar a indiferença com que os paraibanos estão olhando os camisas-verdes da terra.

Quer parecer-nos que é a capital de nosso estado a única dentre todas as outras a Federação que contar menor numero de adeptos do Sigma, e esta circunstancia é explicada por muitos dos nossos conterrâneos pelo ambiente de ordem e paz desfrutado pelos paraibanos no governo atual.

Outra razão, porem, encontramos para o caso.

Ninguém ignora que, para nuclear-se um movimento como o Integralismo, torna-se preciso que os seus orientadores gosem de uma certa simpatia por parte da população ou então de quem dirige essa população; e nós bem sabemos que o chefe do Integralismo entre nós, Sr. Pedro Batista, não tem requisitos necessários para gozar tais simpatias.

Aliás, quando aqui estive o Sr. Valdemar Pessoa, representando o Sr. Plínio Salgado, foi apresentado ao Sr. Pedro Batista o “bilhete azul”, tendo até um dos jornais da Capital noticiado o fato. (...).⁴⁵¹

No jornal *A Frente*, de 20 de maio de 1934, o mesmo Arlindo Correa⁴⁵² debate com Epaminondas Câmara, correspondente de Campina Grande no jornal católico *A Imprensa*, sobre críticas ao ateísmo do movimento sindical campinense:

Canalhice!

O correspondente do diário católico “A Imprensa”, desta cidade, de quando em vós, como piolho que se mete em costuras, aparece na faina ingrata de denegrir os que não rezam por sua cartilha e vizando melhorar a sua obra de fancaris.

Porém, ele deu um salto errado, e foi mergulhar no mesmo local quando de sua agressão covarde e brutal ao Sindicato dos Varejistas.

⁴⁵⁰ Cristino Pimentel relata quem era o diretor do jornal *A Batalha*, em uma de suas crônicas: “(...) Arlindo Correia, panfletário, chispante e verrumosa, servia ao povo em geral, com uma grande tendência para o social-comunismo, tendo a ajuda de Izidoro Aires, espírito irrequieto e vivo, que ao lado do companheiro Arlindo enchia-se de esperanças, sonhado com as idéias de Rousseau, de Lenine e Carlos Prestes, querendo romper os diques da desgraça que já naquele tempo afetava a vida dos seus conterrâneos com os erros e as incompreensões dos vis exploradores do erário público”. Ver: PIMENTEL, Cristino. Op. Cit. 2011, p.35.

⁴⁵¹ O integralismo na Paraíba. *A Batalha*, Ano I, nº29, 16 de Maio de 1935, p.3.

⁴⁵² O historiador Giscard Farias Agra destaca os conflitos que o jornalista Arlindo Correa protagonizou, em especial sobre a questão da pasteurização do leite em 1935 na cidade de Campina Grande. Ver AGRA, Giscard, Op. Cit. 2010, p.23-51.

Se as acusações e as ironias personalíssimas dirigidas aos diretores deste jornal, fossem articuladas por outrem, e não por um analfabeto em coisas socialistas, um fanático que vive a detratar de todos os sindicatos com o intuito preconcebido de ser o coveiro destas instituições, não nos afastaríamos da linguagem moderada e esclarecida.

No entanto ao rebatermos as infâmias atiradas a nossa porta, por um desmemoriado, um obsedado contra todos os homens de independência, temos a convicção absoluta de que a cuspeira de um tarado não alcançará a obra que estamos construindo para os intermeratos trabalhadores campinenses.(...).⁴⁵³

Entre 1935 e 1936, surgiram vários outros periódicos ligados aos principais colégios e órgãos representativos dos estudantes. Neste sentido, começam a disseminar pela cidade, sobretudo pelas escolas particulares da elite, os seguintes jornalinhos: *O Colegyal*, órgão da Academia D. Adauto, do Colégio PIO XI, criado em 1935, que circulou até o ano de 1939; um ano depois, sai *A Voz da Mocidade*, fundado por José Fernandes Dantas e *Formação*, periódico ligado ao Centro Estudantal Campinense, tendo Cláudio Agra Porto como diretor. Este último funcionou até a década de 1940, ressurgindo depois no ano de 1950, tendo como diretor o poeta Ronaldo Cunha Lima.

No jornal *Evolução-Jornal*, de 7 de agosto de 1935, encontramos um interessante artigo, intitulado “O Jornalismo em Campina Grande”, no qual o autor refere-se às dificuldades de implementar um jornalismo consciente na cidade, e destaca a importância das associações estudantis e filantrópicas para o desenvolvimento da imprensa da época:

Por ser a nossa cidade essencialmente comercial e industrial, nota-se, com tristeza, o indiferentismo votado por seu povo às letras, o que, infelizmente, a torna pequena ante outras menores como Caruaru e Garanhuns.

Não quero dizer com isso que não vivam aqui bons poetas, beletistas, jornalistas e ensaiadores de crítica até. Isto não. Aqui os há e muitos.

Refiro-me a outra parte que, por se achar mergulhada, absorvida em cálculos e antevisões de lucros comerciais, não se dá ao trabalho de ler o que os outros escrevem e muito menos ao de rabiscar duas palavras para os nossos pasquins.

Votando esse indiferentismo, deixa de comprar as pequenas e poucas folhas que circulam na cidade, resumidas, quase, em anúncios comerciais.

E é por esse motivo que não temos um bom jornal e porque os que aparecem, vez por outra, vivem vida efêmera.

Si não fosse o ingente sacrifício de uma plêiade de moços do Instituto Pedagógico e Colégio Pio XI e os interesses demonstrados por essas duas formidáveis instituições sociais que são a Maçonaria e Sociedade dos Artistas, de certo não teríamos aqui uma folha que trouxesse sempre algo de lenitivo aos nossos espíritos e fizesse a resenha de nossos acontecimentos e os de fora, sabidos já oito dias antes.

⁴⁵³ Canalhice! *A Frente*, ano I, nº 1, 20 de Maio de 1934, p.1

Com um pouco de bairrismo dos nossos homens do comercio e do povo em geral, jogando \$200 aos gazeteiros que apregoam nossas folhinhas, poderíamos ter, quem sabe, jornais a altura de nosso adentamento social e comercial, onde leríamos diariamente o que se passaria entre nós e estaríamos em dia com o resto do mundo por meio de um serviço telegráfico especial e mais outras inúmeras vantagens que a imprensa anos oferece.
Confiamos, contudo, no futuro.⁴⁵⁴

A matéria em questão nos parece paradigmática em várias dimensões. Primeiramente, por salientar as dificuldades de constituir uma cultura impressa em Campina Grande, justificando pela forma indiferente de uma elite econômica composta por uma mentalidade fortemente embasada no capitalismo, ou seja, nas práticas ligadas ao comércio e à indústria, principalmente no que se refere à exportação do algodão. Segundo, a matéria afirma categoricamente a importância fundamental que determinadas instituições culturais na década de 1930, como escolas e associações, tiveram na formação de leitores, na constituição de consumidores de artefatos impressos.

Se observarmos bem, tais instituições, como as citadas pela matéria, como o Instituto Pedagógico e o PIO XI, ou as associações, a exemplo da Maçonaria e a Sociedade Beneficente dos Artistas, são dirigidas pelos mesmos intelectuais que programaram boa parte dos periódicos em Campina Grande. Nomes como o do professor Alfredo Dantas e o jornalista Luiz Gil de Figueiredo, podem ser indicados como exemplos, como intelectuais que através de suas instituições culturais procuraram criar maneiras de aumentar um público leitor.

Em 1937, é criado em Campina Grande o jornal *A Voz da Borborema*, que depois do *Correio de Campina* e de *O Rebate*, acreditamos, foi o terceiro grande jornal do município na primeira metade do século XX. Surgido para “enaltecer” o grupo político ligado a Argemiro de Figueiredo, nomeado como interventor do estado da Paraíba em 1937, sua direção estava nas mãos de Acácio Figueiredo, irmão do governador, compactuando com a idéia fundamentada pelo Estado Novo.⁴⁵⁵

O semanário acabou sendo “porta voz” do governo do estado, dos valores e norteadores do Estado Novo, identificando claramente suas posições aos políticos como Argemiro de Figueiredo, além de José Américo de Almeida e Getúlio Vargas, contendo já naquela época modificações consideráveis na estrutura gráfica, com a publicação

⁴⁵⁴ O Jornalismo em Campina Grande. *Jornal Evolução*, Ano II, Nº9, de agosto de 1935, p.3.

⁴⁵⁵ Para compreender como este jornal foi sendo palco das exposições públicas e usos teatralizados dos políticos de Campina Grande e da Paraíba, em especial o governador Argemiro de Figueiredo, através de textos e fotografias veja: CABRAL FILHO, Severino. Op. Cit, 2007.

contínua de fotografias, informações através de agências internacionais, além de trazer as colaborações de alguns dos principais jornalistas campinenses, como Hortensio Ribeiro, Carlos Agra, Adauto Rocha, Mauro Luna e João Mendes de Sousa.

A imprensa periódica, na década de 1930, experimenta mesmo irregularmente um verdadeiro boom. O ambiente do jornalismo vive um clima de bastante otimismo em relação às décadas anteriores. Tornam-se freqüentes e concorridas as festas de batismo dos novos periódicos, realizadas com toda pompa nas confeitarias da moda ou nos parques da cidade, com a presença da classe jornalística, mas por outro lado, eram os jornais de Pernambuco, que atuavam de maneira mais constante, graças ao seu modelo industrial já presente desde o final do século XIX. Antonio Moraes lembra em uma crônica alguns tipos populares, como o gazeteiro *Zé do Povo*, que trabalhava vendendo os periódicos que circulavam no início da década de 1930:

Toda gente conhecia a voz de Zé Povo, quando ele passava, à noite, depois da chegada do trem, anunciando em voz alta, os nomes dos jornais que vinham do Recife: PROVINCIA! JORNAL DO RECIFE! DIÁRIO DE PERNAMBUCO! JORNAL PEQUENO! Aos domingos anunciava: O CORREIO DE CAMPINA.⁴⁵⁶

Vejamos a quantidade de nomes de jornais do estado de Pernambuco evocados pelo jornaleiro, e só o *Correio de Campina*, por último, citado, uma evidência forte da diferença da influência dos periódicos pernambucanos na cidade de Campina Grande em relação com os mesmos da própria cidade. Entre eles, destaque para os mais influentes do Nordeste, como os jornais *Diário de Pernambuco* e o *Jornal do Comércio*, que entre os anos 1940 e 1950 chegaram a possuir jornalistas correspondentes da cidade, a exemplo de João Souto e Epitácio Soares.

Mesmo com todo o crescimento quantitativo, o jornalismo campinense, diferentemente dos jornais pernambucanos, possuía um ritmo lento com relação à chegada do modelo comercial na imprensa. De acordo com Ana Luisa Martins e Tânia Regina de Luca: “(...) a chegada do século XX se impôs com seu cortejo sedutor de novidades prontamente trazidas para a criação da grande imprensa e a ampliação do parque gráfico”⁴⁵⁷, experiência vivenciada principalmente na região sul do país. Visto que em Campina Grande a imprensa se manteve em muitos aspectos com um modelo artesanal, principalmente nas pequenas folhas que surgiam com a mesma intensidade

⁴⁵⁶ MORAES, Antonio Pereira de. Tipos Populares. In: *Vi, ouvi e senti: crônicas da Vida campinense*. Campina Grande: s/editora, 1985, p.66.

⁴⁵⁷ MARTINS, Ana Luisa; LUCA, Tânia Regina de, Op. Cit. 2010, p.11.

com que desapareciam. De maneira geral, salvo poucas exceções, os jornais campinenses eram folhas impressas de quatro páginas, com duas a quatro colunas, constituídos por pequenos grupos, formado por 2 ou 3 sujeitos, com seus escritórios e redações, adaptados em suas casas, bares, escolas, sindicatos e associações diversas.

Com o advento da propaganda enquanto linguagem moderna, os periódicos campinenses não conseguiram se afirmar de maneira profissional. Mesmo assim, o desenvolvimento do mercado e da linguagem da propaganda colocou-se como uma pressão para a renovação/redefinição dos sentidos sociais e da linguagem da imprensa. Na cidade crescente, fabricantes e comerciantes, agentes de mercado em acelerado desenvolvimento, encontraram nos reclames o espaço de visibilidade para seus produtos e serviços, experiência esta que se intensificou principalmente na década de 1930. Em anúncios, a propaganda emergiu como uma importante referência à linguagem da cidade em formação.

No Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Pernambuco, em suas capitais e principais cidades do interior, a tipografia e seu conteúdo artesanal foi se desgastando enquanto modelo chegando à experiência de um jornalismo empresarial. No caso de Campina Grande, o jornal *A Voz da Borborema* já trazia algumas destas características, como a organização em setores bem definidos com redatores, fotógrafos, setor comercial, entre outros, funcionando até o ano de 1939.

Nas grandes capitais, o jornalista distanciou-se do tipógrafo, e a redação da gráfica. Todavia, tal realidade não foi à tônica em cidades como Campina Grande. O cronista Gonzaga Rodrigues, na década de 1950, um jovem estudante interessado em tornar-se jornalista, destaca a sua experiência diante de uma tipografia que ficava na própria redação do jornal *O Rebate*, em Campina Grande:

Meu primeiro deslumbramento com a técnica de impressão tinha ocorrido na oficina de *O Rebate*, jornal do professor Luiz Gil, de Campina Grande. Era impresso numa máquina Minerva de alimentação manual, duas páginas tamanho tablóide por cada cilindrada, e me fez mais contemporâneo do primeiro mundo, do desenvolvimento tecnológico do que, décadas depois, a descida à lua”.⁴⁵⁸

Com o desenvolvimento das artes gráficas cresce consideravelmente o número de tipografias na cidade. Todavia, destacam-se as oficinas gráficas do jornal *O Rebate*, e

⁴⁵⁸ RODRIGUES, Gonzaga. *Café Avelar: ponto de encontro perdido*. João Pessoa: Textoarte, 2003, pp.69-70.

a oficina gráfica do antigo jornal *Correio de Campina*, chamado a partir da década de 1930, de *Atelier Gráfico*.

Diferentemente da década de 1930, o número de jornais em funcionamento na década de 1940 diminuiu consideravelmente, principalmente as pequenas folhas. Uma das principais causas foi o aumento do preço do papel durante a Segunda Grande Guerra (1939-1945). Continuava a funcionar o jornal *O Rebate*, imperando nas ruas como o mais consumido na cidade. Surgiram ainda *A Voz do Dia*, jornal de orientação panfletaria, que funcionou de 1945 a 1946. Segundo Fátima Araújo, “Para alguns jornalistas campinenses, esta foi a primeira folha diária de Campina Grande; outros consideram como tal *A Batalha*, de 1934”.⁴⁵⁹

Passados alguns anos após a Segunda Guerra, tivemos um novo fôlego na cultura impressa campinense no que se refere à criação de novos jornais, mesmo com durações mínimas. Tivemos a fundação do jornal *Boletim*, em que saiu apenas um número no ano de 1949; o *Correio Campinense*, que funcionou no mesmo ano dirigido por Osvaldo de Castro; *O Momento*, de 1950, dirigido por uma equipe de jornalistas pernambucanos, entre eles: Celso Rodrigues, Jayme Menezes e Nilo Tavares; *O Esporte*, periódico ligado ao tema futebolístico, de 1950; *O Batista Paraibano*, órgão religioso ligado a Igreja Batista, de 1950; tivemos ainda o ressurgimento do jornal *Formação*, em 1953, órgão do Centro Estudantal Campinense e do jornal *A Ordem*, da loja Maçônica, que funcionou até 1953; *Tribuna do Estudante*, fundado por Wallace de Figueiredo, em 1951; *O Globo*, criado em 1952, sob a orientação de Francisco Asfora; *O Pio XI*, periódico do colégio do mesmo nome, fundado em 1952; *Jornal de Campina*, de 1952, tendo como diretores Wiliam Tejo e Vírginus da Gama e Melo; e a *Tribuna da Paraíba*, dirigidas por Milton Cabral e Adauto Barreto. Este último periódico, de acordo com Fátima Araújo foi o primeiro jornal composto em linotipo.⁴⁶⁰

Ainda no início da década de 1950, houve a volta do crescimento e da circulação dos materiais impressos. Desta vez com a experiência da inovação tecnológica e da melhor qualidade da produção textual, com o modelo norte-americano de jornalismo chegando no Brasil. Inovação tecnológica, com usos de ilustração diversificada, como charges, caricaturas, aumento das tiragens, melhor qualidade dos papéis, baixo custo do impresso.

⁴⁵⁹ ARAÚJO, Fátima, Op. Cit. 1986, pp.89-90.

⁴⁶⁰ Idem.

Desde o início, o jornalismo campinense teve a participação efetiva dos intelectuais na imprensa, sendo o jornal como lugar de afirmação da carreira de praticamente todos os escritores e como suporte principal de divulgação e circulação dos textos literários. Segundo Flora Sussenkind, ao relatar a experiência no sul do país: “Além de ampliar o número de interlocutores para o texto literário, a colaboração na imprensa se apresentava, no período, como a única trilha concreta em direção à profissionalização para os escritores”.⁴⁶¹

Discutindo a relação entre escritores e imprensa, Maria de Lourdes Eleutério concluiu que a modernização barateou sobremaneira o custo do impresso, tornando possível o lançamento de um sem-número deles, o que se fez acompanhar de novas oportunidades para os que desejassem sobreviver do trabalho da escrita. “Escrever na imprensa, tornou-se não apenas uma fonte de renda, mas também instrumento de legitimação, distinção e mesmo poder político”.⁴⁶²

Desta maneira, diante do quadro da imprensa campinense, conseguimos perceber o perfil do periodismo na cidade, em categorias como os *jornais políticos/partidários*, os *jornais sindicais/operários* (no campo popular, as vanguardas do movimento operário concebem a imprensa como instrumento fundamental de propaganda das idéias revolucionárias e de educação do proletário), *jornais estudantis/escolares* e os *jornais associativos/recreativos*, ligados a clubes e associações da cidade (futebol, lazer, literatura, etc.).

Temos ainda na cartografia das publicações campinenses, os chamados “jornais de festas”, publicados principalmente na Festa de Nossa Senhora da Conceição⁴⁶³, na semana correspondente entre o Natal e o Ano Novo, no mês de dezembro, no qual alguns intelectuais da cidade se juntavam para divulgar de maneira quase sempre humorística, os principais acontecimentos sobre os personagens da cidade.⁴⁶⁴

A natureza destas publicações eram sempre direcionadas a gêneros literários específicos como crônicas, poemas, cartas e envolviam quase sempre relações de conquista amorosa entre homens e mulheres, ou chacotas entre amigos, por meio de

⁴⁶¹ SUSSENKIND, Flora. *Cinematógrafo das Letras: leitura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p.74

⁴⁶² ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Imprensa a serviço do Progresso. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina de. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2011, p.94.

⁴⁶³ Além das festividades de Nossa Senhora da Conceição, as festas carnavalescas e juninas também circulavam estes tipos de folhetos.

⁴⁶⁴ Alguns destes jornalinhos, os mais contagiados pelo modernismo, serão avaliados, com mais rigor no quarto capítulo desta dissertação.

sátiras e críticas bem humoradas. Segundo Antonio Moraes, “Os jornalzinhos da festa eram aguardados com ansiedade, pois eram a sensação que agregava e divertia a todos, porque bulia com toda gente da sociedade” ⁴⁶⁵. E relatando quem eram os redatores destes periódicos o mesmo cronista relembra alguns títulos e intelectuais envolvidos:

Todos os jornais de festa eram disputados. Citaremos alguns: o “Pirilampo”, de Mauro Luna, Anésio Leão e Jaime Santiago; o “Vesper”, de José Maciel Malheiros e Tomaz Cantuária; “Morena”, de Elias Pereira de Araújo e Fernando Santos; “Boneco”, de Lopes de Andrade e Antonio Moraes; o “Detetive”, “Rindo” e outros. O “Vésper” trouxe uma inovação: era impresso em papel couchê especial, e publicava o cliclê de uma moça bonita, de destaque, diariamente, e o seu concurso de beleza oferecia prêmios de valor, como máquinas de costura, etc. Os colaboradores desses jornais de festa, além dos já citados, lembremos de mais alguns: Iracema Marinho, Zé da Luz, Lopes de Andrade e Milton Coura. ⁴⁶⁶

Portanto, chegamos ao fim da trajetória dos jornais produzidos em Campina Grande no período correspondente aos anos de 1913 e 1953, colaborando de forma aproximada com uma historicização da cultura impressa na cidade, deixando claro os problemas de ordem financeira e técnica que marcaram esta experiência, como a ausência de leitores e infra-estrutura e o caráter semi-profissional do jornalismo, no que se refere as relações entre mercado, produtores e consumidores.

QUADRO 4

Lista de Jornais de Festas publicados em Campina Grande entre 1913 e 1953

TITULO	ANO
O Novenário	1919-1922
O Chicote	1920
O Dominó	1920
O Pierrot	1920-1922
O Ipiranga	1922
O Bataclan	1923
O Novenal	1924-1928
O Pirilampo	1926- 1930
Festa Jornal	1928/1929
Vésper	1929-1934
O Papagaio	1929
O Tufão	1930
Morena	1932-1933
Garota	1933
O Riso	1935
Fagulha	1936
Oião	1936-1938

⁴⁶⁵ MORAES, Antonio, Op. Cit. 1985, p.43.

⁴⁶⁶ Idem.

Vitrine	1937-1939
O Bisturi	1938
Sinuca	1940
A Língua	1947
Rindo	1949
A Nora	1951
O Detetive	1950-1953
Disco Voador	1953-1956

3.1.2. AS REVISTAS: HORIZONTES DE POUCAS EXPERIMENTAÇÕES

Poucas foram as revistas elaboradas na cidade de Campina Grande pelos seus intelectuais na primeira metade do século XX. Diferentemente dos jornais, que, apesar de suas dificuldades técnicas e econômicas, germinaram com certa abundância na “Rainha da Borborema”, as revistas locais tiveram poucas experimentações editoriais. Em parte, acreditamos que tal condição se deu pelos altos custos financeiros que demandavam esta experiência, exigindo equipamentos específicos de impressão e ampla divulgação de material.

Contabilizamos, diante de nossa pesquisa, 9 títulos de revistas registrados, que chegaram a circular em Campina Grande entre os anos de 1913 e 1953, período de nossa delimitação. Boa parte delas manteve-se em pouco tempo em circulação e em muitos casos só conseguiram um ou dois números, e em praticamente todas as situações não excederam quatro anos de circulação. Neste sentido, identificamos as seguintes revistas: *Revista Campinense* (1920-1921), *Flores de Junho* (1924), *Evolução* (1931), *Ensaio* (1935), *Idade Nova* (1937-1940), *Folguedos de São João* (1941), *Treze Futebol Clube* (1952), *Medicina* (1951-1959), *Manáira* (1948-1951) e *Aríus* (1952-1955).

Em ambas as revistas, compreendemos que elas se enquadraram nas seguintes categorias ou modelos: o *modelo comemorativo* (criado no sentido de evidenciar uma data comemorativa ou um período exclusivo do ano, como no período junino); O *modelo de acompanhamento institucional* (que seria periódico criado para um público específico, de uma associação, religião ou escola) e o *modelo de variedades* (revistas mais amplas, com temas e públicos mais diversos).

Acreditamos que apenas na transição das décadas de 1940/1950, é que Campina Grande vivenciou a experiência de possuir no quadro de sua cultura impressa duas revistas modernas, como foi a *Manáira* e a *Aríus*. Ambas acabaram se destacando, com arrojos consideráveis de impressão, acabamento e conteúdo, bem próximas do modelo

das revistas semanais e ilustradas, sucessos na primeira metade do século XX no Brasil e em todo o mundo.

Aliás, estas revistas de variedades, de circulação nacional, obtiveram uma repercussão considerável em Campina Grande ao longo da primeira metade do século passado. Advindas principalmente dos estados do Rio de Janeiro e São Paulo, a exemplo da *Eu sei Tudo* (1917-1956), *Revista da Semana* (1906-1962), *A Vida Moderna* (1906-1929), *O Tico-Tico* (1905-1962), estes periódicos conseguiam uma significativa participação no mercado de impressos, chegando até o público campinense graças às bancas ou agências de distribuição, a exemplo da *Casa Brazil e O Mundial*, espaços que já nos referimos anteriormente, servindo a um público diversificado. A marca de todas elas era o entretenimento, criado a partir de informações leves e, sobretudo, apuro gráfico.

QUADRO 5

Lista das Revistas publicadas em Campina Grande entre 1913 e 1953

TÍTULO	ANO	EDITORES
Revista Campinense	1920/1921	Diversos colaboradores.
Flores de Junho	1924	Diversos colaboradores.
Revista Evolução	1931	Diretor: Alfredo Dantas. Redator Chefe: Almeida Barreto. Redator Gerente: Herundina Campêlo. Redatora Secretária: Tetê Campelo.
Idade Nova	1937-1940	Diretores: Epaminondas Câmara, Atília Xavier e Hildebrando Leal.
Folgueiras de São João	1941	Diretor: Egídio de Oliveira Lima
Medicina	1951-1959	
Treze Clube	Futebol 1953	
Revista Manaíra (Fase campinense)	1948-1951	Diretor: José Marques de Almeida.
Revista Aríus	1952/1955	Diretor Proprietário: Egídio de Oliveira Lima. Redator chefe: Antonio Quirino de Melo. Diretor Responsável: Raimundo de Menezes. Diretor secretário: Artur de Araújo Sobreira. Diretor Proprietário: Porfírio Alves.

Temos, assim, uma profusão de títulos e subtítulos que indicam um processo de aproximação com conteúdos e linguagens diferentes dos modelos sérios e sisudos de outros tempos. Enquetes, concursos, seções de fofocas, passatempos, jogos de montar, quadrinhos, caricatura, charges, eram algumas das linguagens encontradas nas páginas destas revistas de variedades, com títulos que agradavam a públicos específicos, como também públicos mais gerais.

O cronista Antonio Moraes relata o gosto por algumas destas revistas, em especial pela *Tico-Tico*, bastante popular entre as crianças do Brasil inteiro na primeira metade do século XX:

Eu gostava de ler e também me fascinavam as caricaturas e os desenhos. Pedi ao meu pai para fazer uma assinatura da revista infantil “O Tico-tico”, a primeira revista de quadrinhos que conheci; não era totalmente de quadrinhos, pois trazia muitas historinhas ilustradas. Para mim foi como descobrir um mundo de maravilhas. Eu que nada sabia daquelas leituras do segundo e terceiro livros de Felisberto de Carvalho. Passei a sentir outras emoções, como que desbravando um mundo de aventuras, com a leitura dos contos pátrios de Coelho Neto e poesias de Olavo Bilac, de Roberto Macedo, Eustórgio Wanderley e as poesias de Bastos Tigre e Leonor Posada.⁴⁶⁷

O mesmo leitor de infância se transforma num leitor de revistas de cinema na adolescência, o que indica outra prática e conquista moderna da época. Campina Grande, na década de 1930, já possuía dois grandes cinemas de natureza comercial: *O Capitólio e O Babilônia*. Antonio Moraes relata desta forma, em outra crônica, o apreço que teve quando do contato com revistas de cinema: “Aos dezesseis anos eu já era leitor de revistas de cinema. A “Cena muda” era uma revista bem ilustrada, e só tratava de filmes e artistas. Os meninos colecionavam os retratos dos artistas mais famosos, e era costume a troca e venda de fotos dos artistas”.⁴⁶⁸

Durante as nossas pesquisas encontramos ainda vários exemplares em arquivos da cidade que pertenceram a alguns intelectuais de Campina Grande, a exemplo de Euclides Vilar. Podemos citar as revistas *Vida Moderna e Shimmy*, periódicos cariocas que circularam entre as décadas de 1920 e 1930, com aparências arrojadas, modernas, demarcadas por ilustrações chamativas pelas cores. Identificamos números contínuos

⁴⁶⁷ MORAES, Antonio. O tico-tico. In: *Vi, ouvi e senti: Crônicas da vida campinense e outras narrativas*. Campina Grande: S/e, 1985, p.40.

⁴⁶⁸ Idem, *O Retrato*, 1985, p.39.

destas revistas (o que evidencia o caráter de colecionador de alguns destes letrados locais).⁴⁶⁹

Mas, voltemos ao quadro temático e gráfico das revistas oriundas de Campina Grande, demarcados pelo pouco alcance e continuidade nas publicações. A primeira revista de que temos notícia de circulação na cidade de Campina Grande foi a *Revista Campinense*, criada no ano de 1920, sendo um mensário ilustrado de Ciência, Indústria e Arte. Sua fundação demonstra os anseios de um grupo de letrados campinenses ligados ao *Gabinete de Leitura 7 de Setembro* em expor suas ideias e obras através de artefatos impressos, tendo como argumento o crescimento econômico de Campina Grande. O periódico traz alguns elementos, mesmo que poucos, de uma “modernidade” gráfica em suas páginas, a exemplo do uso de fotografias na capa e em várias de suas páginas internas, além de recursos e linguagens, como piadas, pequenos contos, etc. Foram alguns dos colaboradores da revista os principais nomes da literatura campinense da época, poetas como Mauro Luna e Júlio Maciel Malheiros, juristas como Generino Maciel, Acácio Figueiredo, entre outros.

Em 1924 é o ano de estreia da *Revista Flores de Junho*, um periódico de “sortes, humorismo, anedotas, literatura, etc.”, que só circulou apenas um único número, durante o São João de Campina Grande naquele ano, e que segundo o seu editorial “a idéia de dar à luz da publicidade uma revista que venha casar seus acordes com a alma popular que, numa eclosão de santa alegria, venha entoar um hino de amor e unção a primavera”⁴⁷⁰. Uma revista humorística, que trazia em suas páginas anedotas, contos, piadas, tendo entre os seus colaboradores jovens admiradores da literatura, como Cristino Pimentel, Altino Ventura, Anésio Leão, Murilo Buarque etc., a maioria poetas que expressaram seu romantismo em versos dedicados às moças da cidade.

Em 1931, o tenente Alfredo Dantas inaugura uma revista ligada ao Instituto Pedagógico (fundado em 1919), *Evolução*, cujo número inaugural saiu em setembro. Com capas coloridas, papel de ótima qualidade, a revista que circulou até o ano de 1932 trazia diversas matérias de alunos, fotografias, muitas propagandas, além de artigos de opinião, sobre civismo, educação e política. Dentro de um ideal revolucionário da época, provenientes da “Revolução de 1930”, encontramos dezenas de fotografias e

⁴⁶⁹ A constatação que estes periódicos pertencerem a Euclides Vilar foi devido ao uso de carimbos e assinaturas nas primeiras páginas, marcas, portanto de historicidade.

⁴⁷⁰ A razão desta revista. *Flores de Junho*, Ano I, nº1, Maio de 1924, s/p.

textos elogiosos aos “heróis” deste movimento político, a exemplo de José Américo de Almeida, Juarez Távora, etc.

Em um pomposo discurso, Alfredo Dantas produziu no primeiro editorial seguinte justificativa para a revista: “Não nos move interesse ímprobo, nem compensações amoedadas, ou queijandas veleidades. Um esmo único: - fazer algo de útil e agradável a bem da comunhão intelectual da terra em que vivemos”⁴⁷¹. Com poemas, contos e artigos de opinião, sua estrutura pode ser afirmada como tradicional, mas já trazia alguns elementos gráficos modernos, como o bom uso de imagens, que realçam as suas qualidades de conteúdo.

Uma revista que trouxe um perfil completamente diferenciado de todas que chegaram a circular em Campina Grande foi a *Ensaio*s, revista dirigida pelo jornalista e escritor Lopes de Andrade. O periódico, pelo que sabemos teve apenas dois números que circularam no ano de 1935. Com uma feição moderna, a revista enfeixou em seus dois números uma seleção de trabalhos ensaísticos “firmados por nomes locais e de fora”, segundo as notícias da época.⁴⁷²

Em 1937, *A União dos Moços Católicos de Campina Grande* funda a revista *Idade Nova*. Dirigida por Atília Xavier, Epaminondas Câmara e Hildebrando Leal, a revista continha diversos artigos de opinião, crônicas e informativos sobre a ação católica no município. Há claramente uma proposta ideológica de combate ao socialismo soviético e um direcionamento quanto à construção de uma identidade católica ligado ao ambiente de trabalho e familiar. O periódico funcionou até o ano de 1940.

Na década de 1940, encontramos apenas uma revista que chegou a circular, mesmo assim com apenas um número. Contudo, sabemos que na época a cultura impressa da cidade teve um desenvolvimento limitado, devido aos efeitos da Segunda Guerra Mundial, no que se refere as dificuldades ao comércio do papel. Desta forma, a única revista que chegou a circular nesta década em Campina Grande foi a revista *Fogueiras de São João*, editado em 1941, durante os festejos juninos daquele ano (semelhante a revista *Flores de Junho*). Noticiosa e humorística trazia em seu corpo textos de adivinhações, poemas e anedotas. Eram seus colaboradores: Elpídio de Almeida, Félix Araújo, Mauro Luna, Egídio de Lima, Euclides Vilar, entre outros.

⁴⁷¹ A nossa revista. *Evolução*. Ano I, Nº1, Setembro de 1931, p.9.

⁴⁷² Ensaio... *Evolução-Jornal*, Ano I, n º7, 1 de maio de 1935, p.2.

Já na década de 1950, de início identificamos duas pequenas revistas, *Medicina*, órgão da Sociedade de Medicina de Campina Grande e também vinculada à Sociedade de Medicina e Cirurgia da Paraíba, que funcionou até o ano de 1959; e *Treze Futebol Clube*, revistinha publicada no ano de 1952, sobre o tema das comemorações dos 27 anos da instituição esportiva.

Por fim, dentro do quadro da cultura impressa campinense, tivemos aquelas que consideramos as duas principais revistas da cidade publicadas durante a nossa delimitação temporal: a *Revista Manaíra* e a *Revista Ariús*. Com perfis gráficos e de conteúdo semelhantes, uma foi a continuidade da outra, sendo dirigidas pelo poeta e jornalista Egídio de Oliveira Lima. Profundamente inspiradas nos modelos modernos das revistas de variedades, ambas traziam um discurso de modernidade às letras campinenses, enfatizando aspectos da cidade em sua trajetória de progresso e civilização.

A *Revista Manaíra*, fundada na cidade de João Pessoa, no ano de 1939, foi transferida para Campina Grande, no ano de 1948, devido a iniciativa do industrial campinense José Marques de Almeida, dono da Indústria Têxtil Marques de Almeida. Bimestral, seu primeiro número campinense saiu em outubro/novembro daquele ano. Com uma produção gráfica impecável para a época, cheia de fotografias, textos longos e aprofundados sobre temas diversos, a revista teve a colaboração em massa dos intelectuais campinenses, a exemplo de Hortensio Ribeiro, Epaminondas Câmara, Aduino Barreto, Nilo Tavares, entre outros.

A revista, trazia visivelmente uma dimensão moderna para a cidade de Campina Grande no que se refere à cultura impressa da cidade. Pela primeira vez, o município possuía uma revista bem elaborada, semelhante aos outros suportes impressos advindos de outros centros.

Com o fim da *Revista Manaíra*, em 1951, com a justificativa da falta de patrocinadores, Egídio de Oliveira Lima deu continuidade ao seu plano editorial de produzir uma revista de qualidade gráfica na cidade de Campina Grande, inaugurando, em 1952, a *Revista Ariús*. Com capas que traziam artistas de cinema, o periódico, à semelhança da *Manaíra*, havia excelentes textos, sempre bem ilustrados com dezenas de fotografias. No primeiro número da revista, o jornalista Djalma Saldanha explica as necessidades das importantes cidades brasileiras terem as suas próprias revistas:

(...) A metrópole de todos os países do mundo tem centralizado a força intelectual do seu povo. As capitais sempre mantiveram o que há de melhor em requinte artístico.

Um fenômeno, entretanto, se tem observado no Brasil a descentralização metropolitana da vida artística, e, como é sabido, a libertação das províncias. Cada estado brasileiro tem procurado ser uma radícula da raiz mestra, a capital federal, explorando elementos originais e mantendo sua cor local. As revistas e os jornais literários sustentam sobrejamente essa tão conhecida tese.

A Paraíba, particularmente, também incide nessa revolução. Depois de várias revistas literárias de curta duração, inclusive *Manaíra*, que estacionou, vem de aparecer brevemente mais uma, intitulada *ARIUS*.

Arius será uma revista ao mesmo tempo literária e comercial, isto é, utilizando o meio-termo, conjugando o útil ao agradável, ficará com um pé no mundo objetivo e o outro no transcendente. Uma maneira inteligente e prática para assegurar sua vida. Seu fundador é o incansável Egídio Lima, diretor do *Manaíra*, e douto no assunto, portanto, Porque, antes de tudo, fazer revista não é fazer tijolo. *Arius* será mais uma confirmação da inteligência paraibana, e só mesmo Egídio Lima que é literato e poeta, afrontando todas as adversidades, poderá criá-la e mantê-la por indeterminado tempo, dando-lhe existência longa. Pois não lhe faltam gosto, inteligência e trabalho. É sem dúvida um idealista digno de lauréis, neste mundo venal em que tudo se mercantilizou. Além de tudo é poeta, a só um poeta é capaz de transfigurar todos os valores negativos.

A revista *Arius* será, indubitavelmente, recebida com uma salva de palmas por todos que ainda amam as coisas belas do espírito, assim como também o gosto comercial de nossa cidade terá o seu lugar.⁴⁷³

Chama atenção a escolha pelos nomes indígenas nos dois periódicos paraibanos: *Manaíra e Arius*. Na época, final da década de 1950, tornou-se bastante comum os meios de comunicação serem identificados com especificidades culturais de cada lugar, Rádio e Televisão Tupy, Rádio e Televisão Borborema, são exemplos mais recorrentes. Os valores regionais, em especial, a tradição dos grupos étnicos indígenas, naturais da região enfatizam o gosto destes intelectuais por esta moda.

3.2. ALMANAQUES, ANUÁRIOS E ÁLBUNS INDUSTRIAIS E COMERCIAIS: OUTROS CAMINHOS DA CULTURA IMPRESSA CAMPINENSE

Além dos jornais e revistas, outras formas de expressão da cultura do impresso nos quais se revelaram ao longo da primeira metade do século XX em Campina Grande, foram as publicações através de almanaques, anuários e álbuns indústrias e comerciais, que obtiveram repercussões positivas junto ao público da época, com acentuadas mudanças formais e editoriais e até o momento representam importantes fontes sobre a

⁴⁷³ SALDANHA, Djalma. Letras e Mundanismo. *Revista Arius*. Ano I, Nº1, 10 de Outubro de 1952, p.26.

história da cidade, pois seus conteúdos e imagens relataram aspectos significativos da economia, da sociedade, da política e da cultura de Campina Grande.

Entre 1913 e 1953, conseguimos catalogar a presença dos seguintes suportes que se encaixam nos modelos alternativos de uma cultura impressa: *Anuário de Campina Grande*, de 1925, organizado por João Mendes de Sousa e *Anuário de Campina Grande*, de 1950, dirigida por Lino Gomes Filho; *Álbum Industrial e Comercial*, de 1925, organizado por José Barros de Amaral; e os *Almanaques de Campina Grande*, de 1933 e 1934, organizados por Euclides Vilar.

Ambos possuíam características semelhantes enquanto artefatos impressos, pois serviam basicamente para informar sobre dados relacionados a serviços comerciais, industriais e públicos, sobre a história da cidade, tendo, em vários casos, seções de entretenimento, como jogos, charadas, caricaturas etc. ou seções de esoterismo, muitas vezes com adequações visuais arrojadas, contendo ilustrações diversas, entre fotografias e pinturas.

Na década de 1920, Campina Grande já havia conquistado o posto de uma cidade economicamente ativa, sendo a principal localidade na região do Planalto da Borborema. Graças à exportação do algodão, Campina Grande iniciara uma acumulação de capital considerável, e conquistas materiais foram sendo absorvidas com certa regularidade pela elite econômica. Neste sentido, artefatos impressos foram lançados nesta mesma década como forma de documentar estas conquistas, expondo para um público mais amplo os benefícios que o progresso vinha trazendo nas últimas décadas. Com isso, no ano de 1925 foram publicados o *Anuário de Campina Grande* e o *Álbum Industrial e Comercial de Campina Grande*.

Impresso nas oficinas gráficas do Jornal do Comércio, do Recife, e dirigido pelo jornalista João Mendes de Sousa, o *Anuário de Campina Grande* para o ano de 1926, foi um projeto coletivo e de difícil aplicabilidade, como podemos observar ao realizar a leitura do editorial, intitulado *Algumas Palavras*:

Quando em 1921 o paiz inteiro se preparava para a celebração do centenário de sua independência política, em sessão realizada no Gabinete de Leitura 7 de Setembro, desta cidade, alvitramos a idéia de ser publicado um livro que attestasse lá fora, o surto do nosso progresso e as nossas mais altas possibilidades, dado o extraordinário desenvolvimento commercial que se vem operando em nosso meio.⁴⁷⁴

⁴⁷⁴ MENDES, João. *Algumas Palavras. Anuário de Campina Grande*. Recife: Oficinas Gráficas do Jornal do Comércio, 1925, p.3.

O discurso enfático sobre o processo de crescimento econômico mistura-se à constatação das dificuldades de colocar em prática o projeto de publicar o Anuário, que durou 4 anos, desde sua proposta em 1921, até 1925, ano da publicação. João Mendes, ao relatar as condições que possibilitaram a impressão enfatiza “Calorosamente aprovada a ideia, iniciamos a confecção de um Álbum, lutando com as maiores dificuldades, pela descrença com que muitos proclamaram o insucesso do nosso desideratum”⁴⁷⁵. E prossegue relatando os poucos que acreditaram no empreendimento editorial: “E assim, convidamos vários amigos para colaborar conosco nesse empreendimento, notando infelizmente que todos, aos primeiros passos, retrocederam desanimados”⁴⁷⁶. Exceção apenas de José Pozillo, Luiz Gomes da Silva e José Barros Amaral que, aproveitando a ideia, publicou no mesmo ano o “Álbum Comercial e Industrial de Campina Grande”⁴⁷⁷.

A proposta, já no editorial, se coloca no âmbito de vangloriar os aspectos progressistas, já delineados naquele momento, com a comercialização do algodão. Segundo João Mendes, “(...) não almejamos glória nem renome; buscamos, apenas, dizer o que éramos, o que somos e o que seremos”⁴⁷⁸. Isso fica ainda mais claro quando percebemos os termos utilizados nos textos iniciais do Anuário, que enfatizam os aspectos históricos da cidade de Campina Grande. No texto “Campina Grande: seu comércio e seus surtos constantes de Progresso” são enfatizados muito bem, os jogos narrativos, que se tornaram constantes na imprensa campinense:

Dotado pela natureza de clima ameníssimo, sem o frio excessivo notado em Garanhuns, Pernambuco, ou Teixeira, neste Estado; ponto terminal de estrada de ferro que a põe em contato com dois Estados vizinhos, Campina Grande estava mesmo fadada a ser, na Parahyba, o que foi Carthago às margens plácidas do Mediterrâneo.⁴⁷⁹

O *Anuário de Campina Grande*, em suas mais de 400 páginas⁴⁸⁰, é constituído por uma diversidade enorme de textos, geralmente informativos e expositivos, sobre

⁴⁷⁵ Idem.

⁴⁷⁶ Ibidem.

⁴⁷⁷ Ibidem.

⁴⁷⁸ Ibidem.

⁴⁷⁹ Campina Grande: seu comércio e seus surtos constantes de Progresso. *Anuário de Campina Grande*. Recife: Oficinas Gráficas do Jornal do Comércio, 1925, p.15.

⁴⁸⁰ O pesquisador português Antonio Soares, ao estudar a história da produção literária de Campina Grande, identificou duas versões para o *Anuário de Campina Grande*, publicado no ano de 1925. Uma com 452 páginas e outra com 444 paginações. A hipótese que temos é que os editores mandaram realizar reimpressões, sendo a segunda realizada com modificações no conteúdo e nas propagandas. Ver SOARES, Antonio, Op. Cit. 2004, p.11.

questões históricas da cidade, artigos de opinião sobre economia e propagandas sobre associações recreativas, sindicatos e outras instituições importantes para a elite econômica e religiosa da época. Tudo com muitas ilustrações; ao todo, identificamos 84 fotografias, de personalidades ou edificações. Destaque para os intelectuais, membros da chamada “mentalidade campinense”, termo utilizado pelo próprio João Mendes de Sousa, em artigo com mesmo nome. Vejamos um destes conjuntos de imagens que foram publicadas no Anuário de 1925.



ILUSTRAÇÃO 7

Grupo de intelectuais campinenses da década de 1920.

Fonte: *Anuário de Campina Grande*. Recife: Oficinas Gráficas do Jornal do Comércio, 1925, s/p.

Percebam que a montagem das fotografias enfatiza a seriedade dos quatro intelectuais campinenses enfocados: Mario Gomes, Murilo Buarque, José Cavalcanti e Antonio Telha. Todos bem vestidos, trajando roupas distintas, sendo no caso de Antonio Telha, com uma beca que realça a questão de sua formação tanto de intelectual, como de acadêmico. Além das próprias fotografias, as legendas, com termos como “emérito poeta”, “intelectual dos mais lidos”, “apreciado intelectual”, repercutem na opção do editor em ressaltar a importância destes nomes para a cultura de Campina Grande.

Segundo Cristino Pimentel, o responsável pela publicação do *Anuário de Campina Grande*, João Mendes de Sousa, enriqueceu o meio intelectualizado da cidade, visto que o jornalista ressaltou como poucos a vida comercial, social e política da cidade. Nascido no Rio de Janeiro, em outubro de 1894, começou a residir em Campina no ano de 1918 para exercer a função de guarda-livros vindo do Recife. Seu falecimento, ocorrido em 1949, foi motivo de uma crônica do próprio Cristino Pimentel, que enfatizou suas qualidades, como a inteligência e a elegância.⁴⁸¹

No mesmo ano de 1925, José Barros de Amaral, comerciante, publica o *Álbum Industrial e Comercial de Campina Grande*. À semelhança do Anuário, o artefato impresso traz em suas páginas informações sobre a história de Campina Grande, dados sobre associações sindicais, comerciais e recreativas, mini biografias e um número considerável de poemas e fotografias, estes últimos vindos da máquina do fotógrafo J. Dias.⁴⁸²

O Álbum foi impresso na Imprensa Industrial, sem identificação sobre em qual cidade era a origem da tipografia, trazendo, na capa, uma dedicatória “ao honrado comércio de Pernambuco”, demonstrando desta forma a importância que os comerciantes do Recife tiveram na elaboração e no apoio financeiro na construção deste empreendimento editorial. Como proposta, o *Álbum Industrial e Comercial de Campina Grande* se afirmou como um suporte que visou divulgar, principalmente através de fotografias, as conquistas materiais do município de Campina Grande, expondo o plantel de prédios e parques, na cartografia urbana transformada pelas riquezas possibilitadas pelo comércio de algodão:

⁴⁸¹ PIMENTEL, Cristino. Op. Cit. 2011, p.11-25.

⁴⁸² Para mais informações sobre José Dias e outros fotógrafos atuantes em Campina Grande neste mesmo período ver FIGUEIREDO JÚNIOR, Paulo Matias. Op. Cit. 2006.

Muito activo tem sido o desenvolvimento comercial desta cidade que descança num dos galhos orientais da Borborema.

É praticado por grande número de firmas importadoras e exportadoras, salientando-se as que se dedicam ao comércio de algodão. Considerável é o movimento que se opera neste ramo, em nossa praça; mais de 15.000.000 de kilos de preciosa fibra são negociados no decorrer d'um anno comercial, havendo perspectiva de aumento interessante.⁴⁸³

Em relação aos almanaques, esse “livro periódico”, que segundo Nelson Werneck Sodré “era o livro de um país que não tinha ainda público para suportar a impressão de livros”⁴⁸⁴, ajuda a compreender a natureza da cultura impressa naqueles primeiros momentos de sua emergência e diversificação. Em Campina Grande, eles circularam intensamente no início do século, juntamente com os cordéis e outros folhetos da mesma natureza.

O almanaque é gênero antigo, que se confunde com a própria história dos impressos no ocidente desde o final do século XV⁴⁸⁵. Com o passar dos séculos, foi sendo identificado como sinônimo de publicações anuais, que trazem além do calendário do ano, incluindo informações gerais sobre recreação, literatura, humor, ciência, educação, comércio, astrologia, entre outras. Se no século XIX os Almanques eram sisudos em sua estrutura formal, pois se constituíam enquanto almanaques administrativos, comerciais e industriais, no século XX eles ganharam sessões culturais e de entretenimento⁴⁸⁶. De maneira geral eles traziam informações sobre a cidade, suas instituições, seus hábitos e espaços de cultura e entretenimento, estabelecimentos de ensino, associações recreativas, clubes de esporte. Ou seja, os almanaques se transformaram em verdadeiros guias da cidade.⁴⁸⁷

⁴⁸³ SILVEIRA, J.B. Notas sobre o comércio de Campina Grande. *Álbum Industrial e Comercial de Campina Grande*. Organização: José Barros do Amaral. Parahyba: Imprensa Industrial, 1925, s/n.

⁴⁸⁴ SODRÉ, Nélon Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1977, p.276.

⁴⁸⁵ DUTRA, Eliana de Freitas. *Rebeldes literários da República: História e Identidade Nacional no Almanaque Brasileiro Garnier (1903-1914)*. Belo Horizonte: editora UFMG, 2005, p.16.

⁴⁸⁶ De acordo com Eliana de Freitas Dutra “As modificações sofridas como gênero editorial e enquanto organização temática e textual guardam bem o impacto da Revolução Industrial, da aceleração do processo de urbanização, a progressão da alfabetização e da leitura, o advento, ainda que incipiente, de uma futura cultura de massas”. Idem, p.17.

⁴⁸⁷ CRUZ, Heloisa de Faria. *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana – 1890-1915*. São Paulo: EDUC, Fapensp; Imprensa Oficial, 2000, p.84.

QUADRO 6

Lista dos Anuários, Almanques e Álbuns industriais e comerciais publicados em Campina Grande entre 1913 e 1953.

TÍTULO	ORGANIZADOR	EDITORA/GRÁFICA	ANO
Anuário de Campina Grande. Para o ano de 1926	João Mendes de Sousa	Recife: Jornal do Comércio	1925
Álbum Industrial e Comercial de Campina Grande.	José B. do Amaral.	Parahyba: Industrial	Imp. 1925
Almanaque de Campina Grande. Para o ano de 1933	Euclides Vilar	Campina Grande: Liv. Campinense	1932
Almanaque de Campina Grande. Para o ano de 1934.	Euclides Vilar	Campina Grande: Liv. Vilar.	1933
Anuário de Campina Grande	Diretor: Lino Gomes Filho. Gerente: Epaminondas Pereira	Campina Grande: s/e.	1950

Em Campina Grande, entre os anos de 1913 e 1953, período de nossa delimitação, circularam dois números do *Almanaque de Campina Grande*, sendo ambos editados pelo poeta e fotógrafo paraibano Euclides Vilar, respectivamente nos anos de 1933 e 1934. Os dois volumes são valiosas expressões literárias da Campina Grande da época, trazendo textos dos mais diversos gêneros literários, como poemas, crônicas, artigos de opinião, charadas, perfis biográficos, entre outros.

Os dois exemplares se caracterizam por trazerem informações sobre Campina Grande, com dados históricos da mesma, além de uma grande quantidade de poemas, de escritores campinenses e de outros lugares do Brasil e até de outros países, como Portugal e Estados Unidos. Desta forma, há uma divisão clássica que foi produzida por Euclides Vilar no formato dos dois volumes. De um lado, uma sessão, intitulada *Comércio, profissão, Indústria, repartições públicas, colégios, sociedade, etc.* Noutra sessão, que seria uma parte *literária, histórica, recreativa, etc.* o que demonstra o domínio do organizador sobre as especificidades este gênero híbrido por natureza.

Euclides Vilar nasceu em Taperoá, estado da Paraíba, em 1896, falecendo em 1953, na cidade de Campina Grande. Poeta, fotógrafo, charadista conhecido não só no

Brasil, mas em Portugal, onde colaborou em praticamente todas as publicações do gênero. Cedo ainda, foi viver na cidade de Bonito, interior de Pernambuco, chegando a colaborar nos dois grandes anuários portugueses “Almanaque Luso-Brasileiro” e “Almanaque das Senhoras”, e no “Almanaque de Pernambuco”, sob o pseudônimo de Romeu do Prado. Fundou, dirigiu e editou o *Almanaque de Bonito*, em 1920, e foi redator do jornal “A Evolução” que circulava naquela cidade no mesmo período. Em 1931 ao transferir-se para Campina Grande, quando comprou “o Foto de Seu Dias” (fundando a *Foto Vilar*), a exemplo do que fizera no Bonito, publicou, nos anos de 1933 e 1934, o “Almanaque de Campina Grande”, no qual o escritor A.V. Datrinde, disse ser “um dos melhores até agora publicados no Brasil”.⁴⁸⁸

Segundo Heloisa de Faria Cruz “Numa sociedade em que o livro é artigo de luxo, confeccionados com capas de madrepérola, o almanaque aparece como espaço pioneiro de experimentação e primeiro esforço sistemático de ampliação dos círculos de difusão da cultura impressa”⁴⁸⁹. Mistura de diversos artefatos impressos da atualidade, que vão dos chamados eruditos e populares, para a autora

Os almanaques permaneceram com a feição de guias práticos, catálogos anuais de serviços e indicadores comerciais e de profissões da cidade, avós de nossos guias e catálogos de endereços e telefones modernos, sem adotar a forma de opúsculos e livretos populares sobre amor, saúde e outros temas cotidianos.⁴⁹⁰

Assim, como o *Anuário e o Álbum Industrial e Comercial de Campina Grande*, os *Almanaques* trazem um grande número de alusões e imagens do comércio e da indústria da cidade, possibilitando um painel visual considerável da cidade de Campina Grande. Ambos são marcados enquanto empreendimentos editoriais, que tiveram muitas

⁴⁸⁸ As suas “glórias” começaram em 1929, com o 2º lugar no “Almanaque de Pernambuco, alcançando o campeonato, no mesmo anuário, em 1931. Colaborando em quase todas as publicações de charadas do Brasil e de Portugal, conseguiu o 1º lugar em 1934, no “Almanaque do Estado da Paraíba”, em 1930 foi o campeão do “Almanaque Italo-Brasileiro”, posteriormente “Sul Americano”. No “Anuário Brasil-Portugal” arrebato o título máximo em 1941. Afora isso, obteve vários outros prêmios, em campeonatos charadísticos, como compositor. Uma legítima glorificação para Euclides Vilar foi a sua eleição no Rio de Janeiro, em 1948, para “Az” dos compositores do Campeonato Enigmático Brasileiro. Foi membro da Academia Charadística Luso-Brasileira e dirige a Tribu dos Tabajaras, grupo de decifreadores de que fazem parte Apolônia Vilar, Salustiano Bezerra, Josim Amil, Natália, Violeta, Topin e Aduato Barreto. Sócio fundador do Grêmio Charadístico do Norte e assíduo colaborador de “Norte Charadista”, assinou colaborações com o seu próprio nome e sob o pseudônimo de Romeu do Prado nas seguintes publicações: “Almanaque Sul Americano”, “Mensageiro da Fé”, “Almanaque do Ceará”, Brasil Portugal além das revistas Independência, Alterosa, O Malho, Eu sei Tudo, Brasil Enigmista, Sul América, Vida Capichaba, A Cigarra, Brasilidade e no jornal Folha do Norte. Ver AZEVEDO, Antídio de. Euclides Vilar. *Revista Arius*, 1952, p.3.

⁴⁸⁹ Idem, p.86.

⁴⁹⁰ Ibidem, p.87.

dificuldades de ocorrer, o que explica inclusive a ausência de continuidades destas atividades. A justificativa quase sempre a ausência de apoio financeiro, como podemos observar na carta de Euclides Vilar se dirige aos seus leitores, numa espécie de editorial:

Aos leitores

Sai um pouco tardiamente o Almanaque de Campina Grande. Dificuldades materiais quase invencíveis assim o determinaram; e só mesmo um esforço incomum poderia, como pode, evitar que deixasse de vir a lume.

Andei abarbadado com esse perigo, que me entristecia e causava desapontamento. Redobrei, porém, de esforços, ao ponto de montar com o meu amigo Odilon Lebarre, uma tipografia, contando que não deixasse o Almanaque de circular.

De modo que, vencida a primeira crise, desapareceu o maior obstáculo que se opunha a circulação deste anuário.

Dispõe ele, já agora, de uma tipografia de primeira ordem para a sua confecção e de certo não morrerá “do mal de poucos números”. Prosseguirá, sem interrupção, na sua rotina pelos anos além, satisfazendo, assim, ao desejo de quantos o receberam com palavras de aplausos e estímulos. Devo esta fineza a quase toda a imprensa que se ocupou do Almanaque de Campina Grande, a propósito de sua primeira edição, e, igualmente, a um numero avultadíssimo de confrades que lhe deram um acolhimento bem generoso.

Aí está o segundo numero. Obedece, precisamente, ao mesmo plano, que, si a alguns pode desagradar, conta, entretanto, com o antecipado beneplácito da maioria.

Espero, do comercio de Campina Grande, a boa vontade que sempre teve para comi as realizações tendentes a elevar, sob quaisquer aspectos, o nosso meio.

O “Almanaque”, não só ao lado literário e charadístico, mas, também, ao informativo, visando, sobretudo, o nosso incomparável surto comercial, dispensará sempre o seu melhor cuidado.

E assim penso que triunfará.

Euclides Vilar.⁴⁹¹

Em 1950, Lino Gomes Filho e Epaminondas Pereira publicam com apoio das “classes produtivas” de Campina Grande, entre comerciantes e industriais, uma segunda versão do *Anuário de Campina Grande*, desta vez, com um formato bem pouco recreativo ou literário. Suas páginas trazem praticamente informações pragmáticas, listas com endereços e telefones das principais lojas, industriais, escolas e instituições que funcionaram no período.

3.3. A CULTURA DO IMPRESSO: UMA REALIDADE PROBLEMÁTICA

Ao analisarmos a cultura impressa de maneira geral em Campina Grande no período correspondente aos anos de 1913 e 1953 podemos perceber as transformações

⁴⁹¹ VILAR, Euclides. Aos leitores. *Almanaque de Campina Grande*. Campina Grande: Livraria Vilar, 1933, s/p.

ocorridas no universo jornalístico e literário no que se refere aos modos de publicação e organização dos suportes impressos da cidade conhecida como “Rainha da Borborema”. Porém, tal realidade pode ser considerada como algo problemática em diversos aspectos.

De maneira geral, a experiência da cultura impressa campinense foi demarcada de maneira insípida no que se refere ao campo das atuações de bibliotecas e livrarias e na publicação de periódicos e livros. Isso se compararmos a outros setores produtivos, como o comércio, a indústria, ou até mesmo os setores educacionais. Limitações tecnológicas (modo quase artesanal de imprimir suportes impressos), número mínimo de leitores (boa parte da comunidade campinense permanecia analfabeto), pouco interesse comercial quanto ao mundo literário e cultural (poucos empreendedores se dedicaram ao mercado do livro e de periódicos), podem ser elencados como alguns das principais justificativas para este quadro limitado durante a primeira metade do século XX.

Excetuando alguns momentos específicos mais contundentes e contínuos, de evidente e importante desempenho cultural, quanto às formas e os modos da cultura impressa, a exemplo da atuação da *Livraria Pedrosa* (expoente na divulgação, publicação e comercialização de livro a partir dos anos 1940) e o respaldo do jornal *O Rebate* (com páginas dedicadas aos letrados locais durante décadas, a começar pelo ano de 1932), Campina Grande se manteve, na maioria das vezes, caracterizada por um universo limitado e fragmentado dentro das regras do campo de produção cultural. Com os exemplos citados podemos perceber o caráter isolado da cultura impressa local.

Podemos evidenciar como uma realidade problemática o universo da cultura impressa campinense, o fato das poucas bibliotecas e livrarias que se constituíram na cartografia comercial do município (listamos aqui menos de dez estabelecimentos, pouco para quatro décadas de estudo), a ausência de uma continuidade na publicação de periódicos (geralmente os jornais e revistas locais foram lançados de forma descontínua, sendo as rupturas bens comuns), o pequeno número de livros de natureza literária lançados, na primeira metade do século XX, na cidade de Campina Grande.

A publicação literária praticamente foi centralizada em jornais, revistas, anuários e almanaques, - poucos se aventuraram a expressar seus dons poéticos e/ou ficcionais em forma de livros, como vimos nas abordagens referentes às publicações impressas na cidade. A maioria dos livros principalmente se deu em forma de plaquetes ou folhetos,

sendo textos mais técnicos, pragmáticos, ligados as atividades econômicas, como o comércio, a indústria, a jurisprudência e a administração pública municipal.

Portanto, concluímos que “a palavra impressa” em Campina Grande, no que refere ao periodismo, ao livro e a literatura, enquanto experiência intelectual, entre os anos de 1913 e 1953, se deu sobre “o lema” da descontinuidade, da fragmentação, do isolamento, - das problemáticas e limitadas formas de difusão e consumo de suportes impressos.

Capítulo 4

A MODERNIDADE DAS LETRAS: REPERCUSSÕES MODERNISTAS

4.1. CAMPINA GRANDE E OS INTELLECTUAIS (ANTI)MODERNISTAS

Ser poeta

Ao Mauro Luna, amizade e admiração

Ser poeta é viver constantemente
Em busca da beleza e da ventura
Ser poeta é viver com amargura,
Recordando o passado eternamente.

Ser poeta é viver sempre contente,
Lutando pela musa com ternura...
Ser poeta é viver numa loucura
Fazendo versos em manhã ridente.

Ser poeta é viver abandonado,
Ser poeta é viver amargurado,
Ser poeta é viver todo esquecido...

Ser poeta é sonhar, sem ter sonhado,
É amar, mas sem nunca ser amado,
É morrer...é morrer, sem ter vivido!... ⁴⁹²

Iati Leal era ainda um jovem estudante do Instituto Pedagógico de Campina Grande, quando publicou o poema *Ser Poeta*, nas páginas da revista *Evolução*, organizada pelos professores Alfredo Dantas e Almeida Barreto, no ano de 1931. A escolha de um soneto para expressar sua concepção de poesia e também o seu ideário de poeta não foi por acaso. Formato preferido da época entre os poetas campinenses, o soneto, era considerado até a primeira metade do século XX, o nível mais próximo e exato da perfeição literária⁴⁹³. Além disso, outro elemento recai para nossa avaliação: a dedicatória, pois o jovem Iati Leal, destina o seu soneto ao poeta Mauro Luna (pela amizade e admiração), autor do livro *Horas de Enlevo*, exemplo de poeta parnasiano, “cultuador” de Olavo Bilac, ao ponto de possuir uma escola com este nome na década de 1920.

Pois bem, estamos diante de um poema que representa muito bem, o ideário poético do início do século XX na cidade de Campina Grande. Não por suas qualidades estéticas (rimas, ritmos), mas por sua formatação e abordagem lírica delineado por certo romantismo. Se visualizarmos boa parte dos poemas publicados na imprensa campinense, durante a primeira metade do século XX, perceberemos que a maioria terá

⁴⁹² LEAL, Iati. Ser poeta. *Evolução*, Ano I, nº2, Outubro de 1931, p.17.

⁴⁹³ BARROS, Eudes. A decadência do soneto. *Era Nova*. Ano IV, nº60, abril de 1924, s/p.

um direcionamento para temas semelhantes ao poema de Iati Leal, como a busca pela beleza, o coro da amargura, os desencantos com o amor, a dialética vida/morte.

Este “olhar romantizado” parece ser a tônica geral da produção literária campinense durante muitas décadas, mesmo antes, na década de 1910- como bem se referiu Giscard Agra, que percebeu nos intelectuais locais, uma leitura contemplativa sobre a natureza, relacionada à pureza, a inocência e a beleza.⁴⁹⁴

Em consonância com a ingenuidade romântica, prevalecerá em Campina Grande ainda um modelo do parnasianismo e do simbolismo, estilos de época que demarcaram a produção poética entre o século XIX e início do século XX no Brasil, principalmente a partir da década de 1920, com poetas como Mauro Luna, Anésio Leão e Murilo Buarque, se destacando, em poemas caracterizados pela sacralidade da forma, pelo respeito às regras de versificação, pelo preciosismo rítmico e vocabular, pelas rimas raras e pela preferência por estruturas fixas, como os sonetos.

Por outro lado, na mesma década da publicação do poema *Ser poeta*, de Iati leal, especificamente no ano de 1934, um grupo de jovens campinenses, publica um jornal chamado *Flâmula*, que significou, segundo as nossas pesquisas, a participação de Campina Grande no quadro da “revolução” modernista, iniciada no sul do Brasil na década de 1920. Estes jovens eram: José Lopes de Andrade, Antonio Moraes e José Brasil, que apoiados por outros tantos jovens utilizaram-se da imprensa campinense propagando a bandeira da transformação da literatura campinense, combatendo de forma acintosa a “tradição passadista”, a chamada poesia romântica, parnasiana e simbolista, e exaltando as expressões mais contemporâneas da época, como o romance regionalista e a poesia modernista.

Enquanto movimento o Modernismo internacionalmente falando acolheu o conjunto de transformações ligadas no campo das artes entre a década de 1870 e o início da Segunda Guerra, envolvendo a Europa e os Estados Unidos, criando linguagens e expressões artísticas que buscaram entender “o caos social” decorrente de uma mudança radical de referências e padrões civilizatórios. No caso específico do Brasil, o movimento modernista se instaurou nas primeiras décadas do século XX, transformando significativamente as artes nacionais, tendo como marco a *Semana de Arte Moderna*, ocorrida em fevereiro de 1922, na no Teatro Municipal de São Paulo, tendo como

⁴⁹⁴ AGRA, Giscard Farias, Op. Cit, 2010, p.86.

lideranças Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Tarsila do Amaral, entre outros artistas.

Movimento este que alargou a concepção literária de sua época, nas palavras de Humberto Hermenegildo de Araújo:

No que diz respeito à relação com o passado e com o presente, o movimento modernista caracterizou-se pela convivência, não sem atrito, de dois universos aparentemente distintos. O universo do passado, através da tradição literária, interferiria no processo de criação literária e também estava presente, através da tradição cultural, no dia-a-dia da sociedade brasileira. O universo do presente, por sua vez, sofria as interferências do passado enquanto se modificava ante a modernização da literatura, da cultura e da sociedade como um todo.⁴⁹⁵

Por outro lado, outros autores, a exemplo da historiadora Monica Pimenta Velloso procuraram minimizar a amplitude deste acontecimento paulistano, visto como caráter inaugural e um verdadeiro divisor de águas na história literária local, porém percebendo que alguns traços modernistas já existiam antes mesmo dos movimentos vanguardistas da década de 1920, principalmente no Rio de Janeiro.

Desta forma, assim como Monica Pimenta Velloso, compreendemos que a Semana de Arte Moderna de 1922 foi “um momento de confluência de idéias que vinham sendo esboçadas na dinâmica social”⁴⁹⁶, sendo um resultado de um pensar filosófico já inscrito na tradição cultural brasileira e que estaria presente desde o início do século XX, através, por exemplo, dos escritos de Graça Aranha, marcados por unidades de sentido de caráter de ruptura”⁴⁹⁷.

Desta forma, mesmo antes do caráter inaugural do movimento modernista paulistano existiram valores inovadores nas artes brasileiras, que estavam em sintonia com a arte moderna universal, a exemplo dos chamados “intelectuais humoristas”, que graças a sua proximidade com a propaganda e a caricatura, linguagens rápidas e diretas, inseriram diversas conexões com a modernidade nas letras nacionais.⁴⁹⁸

Alguns destes valores inovadores que podemos citar como exemplo foram os traços de humor e sátira presentes em caricaturas, característicos de vários periódicos na época no Brasil, em especial as revistas ilustradas de grande circulação. No caso específico de Campina Grande, identificamos estes mesmo traços, com dimensões

⁴⁹⁵ ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. Op. Cit. 1991, p.12.

⁴⁹⁶ VELLOSO, Mônica Pimenta, Op. Cit. 2010, p.25.

⁴⁹⁷ Idem.

⁴⁹⁸ VELLOSO, Mônica Pimenta, Op. Cit. 1996, p.75.

menores e de maneira um tanto tímida, em alguns jornais, principalmente os chamados *jornais de festas*, a exemplos de *Fagulha e Vitrine*, na década de 1930, demarcados por textos curtos e rápidos, abordagens humorísticas, que acreditamos serem compatíveis com o modernismo que já naquele momento vinha se sobressaindo.

Ao longo das décadas de 1920 e 1930, em diversos estados brasileiros, o modernismo se fez presente, seja enquanto movimento cultural, de inspiração paulistana ou carioca, tendo repercussões inclusive em diversas cidades de estados do Nordeste, sobretudo nas capitais, a exemplo de Recife (Pernambuco), Maceió (Alagoas), Salvador (Bahia), Natal (Rio Grande do Norte) e Cidade da Parahyba (Paraíba), esta última através da revista *Era Nova*, ainda na década de 1920.⁴⁹⁹

Entendemos que, assim como a capital da Paraíba, Campina Grande fez parte do contexto deste movimento cultural, a partir da década de 1930, repercutindo determinadas tendências na trajetória de mudanças literárias ocorridas no país, com a formação de grupos literários e a publicações de periódicos, que evidenciaram a literatura moderna na cidade, como o próprio jornal *Flâmula*, mesmo que de maneira tímida, descontínua e isolada, como perceberemos ao longo deste quarto capítulo.

Nesta lógica, compreendemos como repercussão os usos de idéias e valores em evidência num sentido estético procurando, desta forma, problematizar por quais maneiras os intelectuais de Campina Grande, a partir da década de 1930, expressaram suas opiniões e construíram suas “adesões” e “resistências” à chamada arte moderna, em seus escritos, seja por meio de livros ou publicações em periódicos, bem como foram recepcionando algumas marcas de modernismo no que se refere ao humor, em determinados suportes impressos, no âmbito literário.

Desta maneira, o propósito deste quarto capítulo é analisar como se deu a repercussão da literatura moderna entre os intelectuais na cidade de Campina Grande na primeira metade do século XX, procurando desta forma estudar as principais práticas literárias de ambos na imprensa, historicizando as transformações nas maneiras de produção literária entre os escritores campinenses, percebendo assim algumas “das adesões” e “das resistências” à literatura moderna, principalmente no gênero poesia, visto que não identificamos experiências ficcionais significativas entre os escritores campinenses, como observamos no segundo e terceiro capítulos desta dissertação. Tal

⁴⁹⁹ Exemplos são os estudos: AZEVEDO, Neroaldo Pontes de, Op. Cit. 1996; ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. Op. Cit. 1991; FERREIRA, Monalisa Valente. *Luva de brocado e chita: Modernismo Baiano na revista A Luva*. Dissertação de Mestrado em Letras. Campinas, SP: UNICAMP, 2004.

perspectiva se coloca como uma espécie de “estudo de caso”, uma forma de captar as maneiras do fazer literário, por meio de publicações em forma de livro ou na imprensa, na cidade de Campina Grande.

4.2. MODERNO, MODERNIDADE E MODERNISMO: O “PROVINCIANISMO COSMOPOLITA” DE CAMPINA GRANDE

Para pensarmos as repercussões do modernismo na cidade de Campina Grande na primeira metade do século XX, é necessário primeiramente compreendermos as diferenças entre as noções de moderno, modernidade e modernismo. Apesar dos três termos terem os mesmos radicais e uma série de analogias, acreditamos que há significativas dessemelhanças.

De acordo com Mônica Pimenta Velloso “os termos moderno, modernidade e modernismo são correlatos, mas não tem o mesmo significado. Frequentemente assumem caráter fronteiriço, devido ao incessante entrecruzamento de seus sentidos. Um termo esclarece a razão de ser do outro, iluminando-se reciprocamente”⁵⁰⁰. Todavia, é necessário entendê-los e rastrear seus sentidos a partir dos seus contextos de origem. Podemos começar pela natureza ambígua e esquivada do termo moderno.

É necessário entender a idéia de moderno sempre com base em um quadro de referências presidido pelas tradições. Para Mônica Pimenta Velloso “Ele é transitório por natureza; é aquilo que existe no presente. O moderno do ano passado seguramente não é o moderno deste ano”⁵⁰¹. Segundo Jacques Le Goff se de um lado o termo moderno aponta para a tomada de consciência de uma ruptura com o passado, por outro lado, o mesmo termo não carrega tantos sentidos como os seus semelhantes termos: novo e progresso.⁵⁰²

A cada época são criados novos olhares, inventos e denominações, que salientam a abrangência da denominação moderna em cada contexto. Segundo Haas Jauss o uso sistemático do termo remonta ao século XVI, no período da Renascença, no contexto do debate entre o antigo e o moderno. No entanto, desde o século V, estabeleceram

⁵⁰⁰ VELLOSO, Mônica. Op. Cit. 2010, p.11.

⁵⁰¹ Idem.

⁵⁰² LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Tradução: Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Suzana Ferreira Borges. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2005, p.185.

contrates entre visões de mundo distintas, já configurando tensões entre o passado e o presente.⁵⁰³

Quanto à modernidade, que possui uma semântica instável, é consenso para os historiadores que se deve ao poeta e crítico de artes francês Charles Baudelaire (1821-1867) o mérito de ter conferido a palavra *Modernité* o seu sentido definitivo, até hoje reconhecido pelos estudiosos da área:

A modernidade é passado/presente, integrando novidade e curiosidade à celebração do antigo. Logo, o antigo deixara de ser configurado como exemplo, modelo e paradigma para transfigurar-se historicidade do presente. A cosmovisão da modernité ocasionou, portanto, a constituição de uma dualidade, porém uma dualidade que se definia como harmonia.⁵⁰⁴

Num contexto da segunda metade do século XIX, Charles Baudelaire enfatizou as singularidades do moderno, como uma qualidade em si, e não como algo que contrastava com o passado, principalmente a partir do seu ensaio *O Pintor e a Vida Moderna* (1860-1863). Desta forma, o passado não se restringia mais ao que passou assim como o moderno deixava de ser mera atualidade.

Malcolm Bradbury e James McFarlane, ao procurar diferenciar a modernidade do moderno, chegam à conclusão que “A modernidade, na acepção usual da palavra, é algo que avança com os anos, acompanhando sua velocidade, como a curva ondulação de um barco; o moderno do ano passado não é o moderno deste ano”⁵⁰⁵. Sendo assim, entende-se a modernidade como uma consciência nova, uma condição recente da mente humana, condição esta, que a arte moderna explorou e vivenciou e à qual por vezes se opôs de maneira intensa.⁵⁰⁶

No mesmo contexto, temos a eclosão das diferenças entre a modernidade e o modernismo, que apesar de inseparáveis, constituem dois aspectos distintos do mundo moderno. Em síntese, os estudiosos acreditam que o conceito de modernidade constitui uma reação ambígua da cultura a agressão ao mundo industrial. Moldado durante o século XVIII, o termo foi extraído da sociologia, compreendendo a dissolução dos modos de organização das sociedades tradicionais, face à emergência da sociedade industrial, marcada pela revolução científica e tecnológica, presente na consolidação do capitalismo.

⁵⁰³ JAUSS, Hans Robert. Tradição literária e consciência atual da modernidade. In: OLINTO, Heidrum Krieger (Org.). *Histórias de literatura: as novas teorias alemãs*. São Paulo: Ática, 1996, p. 59.

⁵⁰⁴ VELLOSO, Mônica Pimenta, Op. Cit. 2010, p.16.

⁵⁰⁵ BRADBURY, Malcolm e MCFARLANE, James, Op.cit. 1989, p.15.

⁵⁰⁶ Idem.

No que se refere ao termo modernismo, entre o final do século XIX e o início do século XX, o mundo ocidental foi palco de significativas transformações estéticas, trazendo assim a imersão de uma “nova arte”, que possibilitou mudanças nas sensibilidades e numa brusca ruptura com toda uma tradição.

Presenciando uma crise cultural, o movimento modernista criou linguagens e expressões artísticas que buscavam entender “o caos social” decorrente de uma mudança radical de referências e padrões civilizatórios e ao mesmo tempo uma reação ao aumento do poder do dinheiro, dos ideais materialistas e da burguesia. A crise afetava, sobretudo, a autoconfiguração dos intelectuais e dos artistas. Para Malcolm Bradbury e James MacFarlane o modernismo foi a única arte que respondeu “À trama do nosso caos, tornando- se assim, a arte da modernização – por mais absoluta que possa ser a separação entre o artista e a sociedade, por mais oblíqua que possa ser seu gosto artístico”.⁵⁰⁷

Demarcada principalmente pelas três primeiras décadas do século XX, a literatura do modernismo foi uma “arte das cidades”, em especial, nas chamadas capitais culturais, a exemplo de Paris, Berlim e Londres. Centros de intercâmbio cultural, intelectual e estético, que foram cenários propícios ao desenvolvimento de uma atmosfera fervilhante de novas artes e idéias. É na cidade que as comunidades intelectuais se formaram e onde se encontraram as instituições literárias básicas, como editoras, patronos, bibliotecas, museus, livrarias, teatros, revistas, etc.

Malcolm Bradbury avalia a importância destas capitais culturais:

A tendência modernista está profundamente enraizada nas capitais culturais da Europa; essas capitais culturais, dizem-nos os sociólogos, são aquelas cidades que se apropriam de certas funções e se tornam centro de intercâmbio cultural, locais onde se preserva a tradição num determinado campo, onde se congregam as novidades significativas, onde se concentram os especialistas, onde as inovações, são mais prováveis”.⁵⁰⁸

O crítico literário Malcolm Bradbury ainda faz referência a um conceito bastante interessante, e que reformula a idéia de uma recepção modernista em cidades menores aos grandes centros, é a noção de *provincianismo cosmopolita*, apropriação realizada do autor da obra de Roger Shattuck. Este último estudou vilas cosmopolitas das artes,

⁵⁰⁷ Idem, p.19.

⁵⁰⁸ BRADBURY, Malcolm. As cidades do modernismo. In: BRADBURY, Malcolm; MCFARLANE, James (Org.). *Modernismo: Guia Geral*. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p.77.

boemias e congêneres, e percebeu que cidades menores podem tornar-se lugares de difusão da arte moderna.

É neste contexto, que trazemos para o centro da discussão, a questão da repercussão do modernismo na cidade de Campina Grande, principalmente a partir da década de 1930, à maneira de outras cidades do Brasil, uma repercussão da literatura moderna, bem como resistências e ataques a esta mesma literatura. Pensando a partir desta escala menor, de uma cidade ao mesmo tempo provinciana e cosmopolita, Campina Grande se apresenta como uma cidade comercial e que possui entre seus intelectuais um desejo por novidades culturais, de acompanhamento de tendências modernistas, mesmo que numa escala e intensidade menor, como veremos a seguir.

4.3. PISTAS PARA UMA MODERNIDADE: “OS JORNAIS DE FESTAS” ENTRE O HUMOR ESCRITO E O HUMOR GRÁFICO

O modernismo não foi um movimento que teve apenas uma raiz ou origem, no caso a paulistana, tendo o seu berço à cidade de São Paulo, através da Semana de Arte Moderna de 1922. O modernismo brasileiro foi sendo aglutinado em várias regiões ao mesmo tempo, com diversidades expressivas, que antecederam a própria premissa revolucionária dos paulistanos na década de 1920. Desta forma, compactuamos com a “idéia de que não existiu tão somente um, mas vários pensamentos modernos no Brasil no primeiro quartel do século passado”.⁵⁰⁹

Nesta lógica, seguimos as veredas indicadas pela historiadora Mônica Pimenta Velloso, repensando a idéia de modernidade em Campina Grande, tomando o humor como possível pista, numa tentativa de buscar outro caminho para compreender o modernismo fora do paradigma paulista. Para Mônica Pimenta Velloso houve um erro grave por parte da historiografia paulistana, impondo o paradigma de 1922 sobre a experiência modernista no Brasil, produzindo assim visões generalizantes, como a idéia de “pré-modernismo”, que seria a concepção de que o período correspondente as primeiras décadas do século XX é considerado uma espécie de premonição dos temas de 1922. Desta forma, para a historiadora “é mais convincente pensar 1922 como um

⁵⁰⁹ DUARTE, Rodrigo Aldeia. Modernidade e tradição nos modernismos do Rio e de São Paulo. *Meme – Revista de Humanidades*. Natal, V.4. Nº7, fev/mar. de 2003, p.80.

momento de confluência de idéias que vinham sendo esboçadas pela dinâmica social”.⁵¹⁰

Nesta lógica, acreditamos que a melhor maneira de pensarmos o processo de instauração do modernismo em Campina Grande é pensarmos como a idéia e os valores da modernidade foram sendo vivenciados, sentidos e postos em prática pelos intelectuais locais, compreendendo as dimensões sociais e culturais intrínsecas a este processo.

Para Monica Pimenta Velloso, no Rio de Janeiro, entre o final do século XIX e o início do século XX, um grupo de intelectuais (chamados de “intelectuais humoristas”), escritores, jornalistas e caricaturistas, entre eles, Bastos Tigre, Emílio de Menezes, Raul Pederneiras, através de revistas ricamente ilustradas conseguiram difundir alguns dos mecanismos modernistas, através principalmente do humor, em poemas e caricaturas, que antecederam muitos dos aspectos modernistas, como as práticas da síntese e do imprevisto, recursos altamente sofisticados.⁵¹¹

Nesta lógica, comparando a experiência carioca com a campinense, pudemos evidenciar que uma questão primordial para pensarmos o modernismo no âmbito de Campina Grande é a questão do humor, seja na forma de poemas e crônicas, seja através de caricaturas. Na cultura impressa da época, no Rio de Janeiro, foram às revistas ilustradas os espaços privilegiados de exposição de uma cultura modernista, onde o humor foi um traço predominante, principalmente através da caricatura. Em Campina Grande, identificamos estes mesmos traços de humor, de maneira mais “acanhada”, através dos chamados “jornais de festas”.

4.3.1. “OS INTELECTUAIS HUMORISTAS”: CAMPINA GRANDE E OS SEUS “JORNAIS DE FESTAS”

Durante a constituição do terceiro capítulo desta dissertação pudemos listar o grande número de jornais de festas que circularam em Campina Grande na primeira metade do século XX. Folhas muito bem recepcionadas na cidade, principalmente no período correspondente aos festejos de Nossa Senhora da Conceição, padroeira de Campina Grande, uma das festas mais esperadas na cidade durante o ano na primeira

⁵¹⁰ VELLOSO, Mônica Pimenta, Op. Cit. 1996, p.31.

⁵¹¹ Idem.

metade do século XX. Seu início se dava no dia 24 de dezembro e se estendia até o dia 1 de janeiro do ano seguinte.

A historiadora Regina Coelli Gomes Nascimento pinta a paisagem urbana quando da formação dos festejos do final do ano em Campina Grande, nas primeiras décadas do século XX, certificando-se do papel da igreja católica como instituição que organizava as ruas e as praças:

A festa era realizada na Avenida Floriano Peixoto, próximo a matriz onde os pavilhões, barracas e parques de diversão eram armadas. Inicialmente ocorriam as cerimônias religiosas, geralmente no final da tarde, depois o povo se espalhava pelas ruas para se divertir e aproveitar as novidades. Os moradores e visitantes procuravam as barracas com prendas e sorteios, roletas de jogos com prêmios, os arraiais, procuravam assistir aos desfiles ritualizados, concursos de beleza, dentre outras atrações que enchiam os olhos dos espectadores.⁵¹²

Para Regina Coelli Gomes Nascimento nas primeiras décadas do século XX houve um investimento da sociedade para definir os espaços destinados, à socialização e exibição dos signos modernos, que estavam caracterizados pela forma de vestir, de arrumar as residências, nas maneiras de se comportar:

Uma nova espacialidade passa a ser construída na cidade para circulação das pessoas que buscavam adotar estilos de comportamentos e costumes diferenciados dos modelos antigos marcado pelo isolamento nos sobrados. Nos novos espaços de sociabilidades instaurados por adultos, jovens e crianças passam a definir suas formas de ver e sentir a cidade. A vida passa a se desenrolar no passeio público, onde a população desfilava, passeava subjetivando através de gestos e atitudes sua condição social e econômica.⁵¹³

É neste cenário transformado pelas festividades da Padroeira, que os jornais de festa se colocavam como alternativas de exposição das novas sociabilidades modernas na cidade de Campina Grande, demonstrando o universo de relações interpessoais e intelectuais entre os habitantes. Produzidos pelos letrados campinenses, impressos de forma quase artesanal, em tipografias com poucos recursos técnicos, muitos destes jornalzinhos eram distribuídos diariamente de forma gratuita, registrando, através de notas, poemas, caricaturas, cartas, etc., os personagens e os espaços, principalmente da elite econômica e cultural da cidade.

⁵¹² NASCIMENTO, Regina Coelli Gomes. Festejos, folia e saudade – cartografias da festa da Padroeira de Campina Grande – PB. SOUSA, Antonio Clarindo de et alli (org). In: *Cultura e Cidades*. Campina Grande: EDUFCEG, 2009, p.56.

⁵¹³ Idem, p.58.

O primeiro jornal de festa que identificamos durante a nossa pesquisa foi *O Novenário*, que circulou em Campina Grande durante os festejos da Padroeira de 1919 a 1922. Quatro páginas diárias, contendo poemas, cartas, anúncios e notas informativas sobre os concursos de “beleza, elegância e gracilidade”. Aliás, geralmente os textos destes jornais assumiam um valor de “conquista”, de “flerte” entre os jovens campinenses, declarações de amor, em forma de cartas e poemas romantizados, alusões diretas ou anônimas. Como exemplo, temos duas quadrinhas do poeta Júlio Maciel intitulado: “Rimário”:

No mundo em que a dor floresce
Ninguém é feliz, ninguém:
Quem tem amores padece
E inda mais quem os não tem.

Só aos teus olhos, querida,
Olhos desta alma senhores,
Devo os prazeres da vida
E da vida devo as dores.⁵¹⁴

Além das declarações amor, sobram “ironias” quanto aos colegas da imprensa, aos jovens dedicados as letras, que dialogavam salientando as suas características pessoais e ações entre os dias da festa. No mesmo número citado identificamos sátiras aos “dotes literários” de Hortênsio de Sousa Ribeiro, Gilberto Leite, Generino Maciel e Mauro Luna, na época jovens entre 20 e 35 anos. Deste último, os editores do *Novenário*, ressaltam o lado poético do autor, afirmando que este havia publicado um livrinho chamado “jaculatórias”: “Orações em versos, preces libertinas, onde abundam o cheiro da luz, a febre misericordiosa e outros cogumelos lacrimosos. O seu autor, o conhecido tachigapho Mauro Luna, com a publicação dessas aventuras obteve do Clero diferentes encômios”.⁵¹⁵

Não escapavam também dos traços de humor escritos, nomes importantes do setor comerciário da época, da política, da educação e da medicina, como Dr. Chateaubriand Bandeira de Melo, Clementino Procópio e Severino Cruz. Este último, médico conceituado na cidade, recebe de presente a seguinte quadrinha humorística:

Meu deus! Esta dor não cessa
Quanto tormento! Ai! Jesus!
Acuda-me aqui, depressa,

⁵¹⁴ MACIEL, Julio. Rimário. *O Novenário*, Ano I, terceira fase, 29 de Novembro de 1920, p.3.

⁵¹⁵ *O Novenário*, Ano I, terceira fase, 29 de Novembro de 1920, p.3.

Durante as décadas de 1910 e 1920, identificamos quase duas dezenas de “jornais de festas”, não só apenas ligados aos festejos de Nossa Senhora da Conceição (durante o período natalino), mas também relacionados ao período carnavalesco e o junino. Porém, a grande maioria mesmo era produzido durante a época natalina, ou seja, no mês de dezembro, correspondente a festa da padroeira, onde milhares de pessoas participavam das atividades religiosas e lúdicas.

A estratégia quase sempre destes jornalzinhos eram o humor e a crítica social. Os títulos destes suportes impressos quase sempre eram chamativos e satíricos, sendo escolhidos pelos seus editores a partir de critérios que validavam aspectos picantes, desordeiros, jocosos, constrangedores. Muitos deles sugeriam já em seus nomes intenções de fiscalizar, de criticar, de controlar, os sentidos, como os olhos e a boca, a exemplo: *O Tufão (1930)*, *O Riso (1935)*, *Oiã (1936-1938)*, *O Bisturi (1938)*, *A Língua (1947)*, *Rindo (1949)*, *O Detetive (1950-1953)*.

Estes jornais de festa foram mais abundantes principalmente na década de 1930, quando houve a expansão da cultura impressa campinense, época de melhoria da qualidade das impressões, novos maquinários e crescimento de associações interessadas em difundir suas ideias através de periódicos. Realidade que mudará na década seguinte, a partir da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), no que refere as dificuldades em conseguir papel para impressão. De maneira geral a produção de periódicos em Campina Grande não passou neste período de meia dúzia de títulos, algo que só seria normalizado entre o final da década de 1940 e início da década de 1950.

O jornalzinho *O Biscuti*, por exemplo, começa a circular em 25 de dezembro de 1938, deixando de circular no dia 1 de janeiro de 1939. Numa espécie de editorial, os idealizadores do periódico expressaram de maneira direta a finalidade da publicação nas seguintes palavras:

Circula, hoje, no seu primeiro número, o Biscuti, jornalzinho que vinha sendo esperado ansiosamente pelo público, pelos jovens e pelas graciosas pequenas campinenses.

Não pretende O Bisturi fazer literatices infadonhas, e sim comentar as coisas festivas cheias de humorismo sadio, para deliciar o espírito da mocidade vibrante, tão encantadora dos momentos de alegria.

Escudado, como se vê, esse sentido de orientação, é que este periódico se propõe a vivenciar os acontecimentos ocorridos durante a quadra festiva, primando pelos assuntos sensacionais que possam atrair, vivamente, a curiosidade e a atenção de todos.⁵¹⁷

⁵¹⁶ Idem.

⁵¹⁷ O Bisturi na arena. *O Bisturi*, Ano I, Nº1, 25 de dezembro de 1938, p.1.

Jornalzinhos como *O Biscuti* são exemplos de estratégias de comunicação impressa criados pelos intelectuais de Campina Grande para um diálogo mais direto com outras classes sociais, com outros públicos, mais amplos. Geralmente, vinculados a um grupo social específico, os intelectuais, se relacionavam prioritariamente em espaços de sociabilidade intelectual, como vimos no primeiro capítulo, nos chamados círculos intelectuais, no diálogo mais direto com o universo literário, político, intelectual.

Ao publicarem em periódicos como estes, de ampla divulgação, com um público diverso, o intelectual se colocava próxima ao povo, colocando seus dons para uma causa popular, mesmo que relatando hábitos na maioria das vezes das elites locais econômicas⁵¹⁸. Fora do gabinete, nomes como Anésio Leão, José Pedrosa, Francisco Asfora, Antonio Moraes, Lopes de Andrade, José Maciel e tantos outros, conseguiram expressar a espontaneidade, a informalidade e o inconformismo diante das questões relacionadas à cidade e os seus personagens, quase sempre sobre a lógica do humor.

Daí a definição de “intelectuais humoristas”, respaldado pela historiadora Mônica Pimenta Velloso⁵¹⁹, homens de letras, que pela força do verbo e dos traços da caricatura conseguiram expressar críticas e sátiras à realidade local, a partir de uma linguagem telegráfica dos trocadilhos, chistes ou crônicas, indicando elementos da modernidade, num período de transformação social e cultural intensa, como foi nas décadas de 1920 e 1930.

Estes intelectuais humoristas, segundo Mônica Pimenta Velloso, seriam um misto de valente, irreverente, herói, justiceiro, vanguardista, objeto, de riso e troça, se destacando por sua multiplicidade de “eus”. Uma espécie de máscara é formulada por estes sujeitos, que escondiam muitas vezes a verdadeira identidade. É a ideia de pseudônimos, tão recorrente no universo intelectual, funcionando como recurso de uma representação teatral, estabelecendo muitas vezes os limites entre o homem sério e o humorista, códigos de solidariedade e proteção contra uma possível censura.

⁵¹⁸ Sabemos muito bem que os jornais de festas eram produções da elite para a elite, na maioria das vezes, todavia, devido à circulação de grupos sociais mais diversos, acreditamos que outras pessoas, de cidades diversas, letradas ou não, tinham contato com estas produções.

⁵¹⁹ VELLOSO, Mônica Pimenta, Op. Cit. 1996, p.57.

4.3.2. ESTES INTENSOS ANOS 30: OS JORNAIS “FAGULHA” E “VITRINE” NAS TRAMAS DO MODERNISMO

A cidade de Campina Grande na década de 1930 passou por uma grande transformação urbana, proveniente do seu crescimento econômico vertiginoso, causado em especial pela impulsão dos dividendos oriundos da exportação do algodão para países europeus e os Estados Unidos e pela importância fundamental da feira, aonde pessoas de diversas outras localidades vinham comercializar seus produtos. Segundo Epaminondas Câmara:

O comércio dilatou suas atividades pelo interior dos Estados vizinhos, e na cidade foram instalados armazéns por atacado, de tecidos, ferragens, miudezas, louças, material de saneamento, etc.etc. apareceram fábricas de gelo, mosaico, arame, estopa, tecidos grossos e sacaria, laticínios, móveis, calçados, etc.etc. Os bancos, pondo à margem os agiotas, fomentaram o crédito regional, influenciando de modo interessante na ida econômica do estado. Automóveis e caminhões invadiram as ruas e as rodovias, desaparecendo fatalmente os burros de carga e as “casas de rancho” de almocreves, e tornando a cidade o mais movimento centro de caminhões do Norte do Brasil.⁵²⁰

Neste lógica, de acordo com o mesmo Epaminondas Câmara, o meio social campinense foi modificado graças as instituições atuantes, a *Igreja Católica*, o *Rotary Clube*, a *Maçonaria* e o *Campinense Clube*. Ou seja, o autor de *Datas Campinenses* salienta a importância dos espaços de convivência das elites econômicas de Campina Grande, considerando que ambas definiram o perfil “civilizatório” desta cidade do interior da Paraíba. Não podemos esquecer também dos sindicatos e clubes, entidades mais populares e próximas de outras classes sociais, como a *Sociedade Beneficente dos Artistas* e o *Sindicato dos Empregados do Comércio*, também fundados no mesmo período.

É neste contexto, de impulso econômico e também associativo, nos anos finais da década de 1930, que surgiram dois jornais de festas diferenciados, que consideramos paradigmáticos quanto à concepção de conteúdos e recursos de linguagem, que nos permitem pensar questões sobre a repercussão do modernismo em Campina Grande nesta mesma década de 1930. São eles: “Fagulha” e “Vitrine”.

“Fagulha” foi um jornal de festas campinense criado em 1936, pelos jovens Levy Borborema, Paulo Brasil e Aduino Rocha. O periódico se diferencia dos jornais do

⁵²⁰ CÂMARA, Epaminondas, Op. Cit. 1998, p.135.

mesmo gênero pelos aspectos visuais, com usos contínuos de fotografias e caricaturas em suas páginas. Outro elemento forte são as atrativas propagandas publicadas, entrecruzando humor, poesia e imagens. Poemas em forma de epigramas satíricos, motes a moda popular, com críticas aos comportamentos locais, aforismos hilários sobre situações ou causos excêntricos, criados e recriados pelas personalidades da cidade de Campina Grande, geralmente homens, ligadas ao campo das letras e do comércio.

No quadro “Estilhaços”, bem ao gosto modernista, temos textos curtos e irônicos, espécies de aforismos, onde os editores expõem suas opiniões sobre muitos nomes das elites locais. Exemplos são as ironias traçadas nos seguintes textos: “As 3 coisas que mais adoro na vida: o amor, as mulheres e o Banco Auxiliar do Povo”⁵²¹, identificada como sendo do comerciante Terto Barros e “Não falo o português corretamente, mas banco um jornalista de fibra longa”⁵²², frase identificada como sendo da autoria do professor e jornalista Pedro d’Aragão.

Nas duas frases há toda uma apropriação de características de cada personagem, que envolvidas pelo humor e a sátira, ganham novos significados. Em Terto Barros, os editores ironizam o seu envolvimento desmedido com as questões financeiras, como homem extremamente preocupado com seus negócios, em formular fortunas, daí a referência ao Banco Auxiliar do Povo, importante lugar de créditos e empréstimos em Campina Grande⁵²³. Já em Pedro d’Aragão, um dos editores do jornal *O Rebate*, a sátira recai sobre a sua provável falta de domínio com a língua portuguesa, mesmo sendo professor e jornalista, o que para muitos seria uma enorme contradição.

Como já dissemos anteriormente é bem comum encontrarmos nas páginas dos jornais de festas de Campina Grande, a prática dos galanteios, com a publicação de poemas amorosos e concursos de beleza. Nesta lógica, “Fagulha” inova ao publicar as fotografias de várias moças, sendo elogiadas pelos jovens graças aos seus atributos físicos e morais. Expressões como “Ninfas das Ninfas”, “Filhas de Eva” e “Lendárias Helênicas” são usadas para definir as características destas mulheres, cobiçadas pelos homens da época.

Porém, de todos os recursos de linguagem, é a caricatura o elemento mais demonstrativo do modernismo presente neste jornalzinho. Segundo Mônica Pimenta

⁵²¹ Estilhaços. *Fagulha*, Ano I, nº2, 24 de Dezembro de 1936, p.3.

⁵²² Estilhaços. *Fagulha*. Ano I, nº3, 25 de Dezembro de 1936, p.3

⁵²³ Este aspecto fica ainda mais claro ao lermos o seu livro de memórias *Meio Século de Labor*, onde a preocupação financeira parece ser um traço marcante de sua personalidade. Ver: BARROS, Tertuliano. Op. Cit., 1945.

Velloso caricatura e modernidade estão intrinsecamente relacionadas, sendo um elemento para pensarmos as expressões do conflito de valores que ocorrem nas esferas públicas e privadas e o universo de valores objetivos e subjetivos, exteriores e interiores.⁵²⁴

Nesta lógica, os jornais de festa podem ser considerados como observadores da vida social. São mecanismos de controle e de exposição dos comportamentos, onde personagens são expostos em textos e traços satíricos, numa arte contínua de flagrar, captar e registrar o cotidiano da cidade a partir de um acontecimento marcante: a festa da padroeira. No caso específico de Campina Grande, durante este festejo, havia um aglomerado de pessoas, advindas dos mais diferentes lugares, dando, portanto, um significado ainda maior a estas práticas modernas:

Na modernidade, ocorre essa exposição forçada do indivíduo na esfera pública. Nada, nem ninguém, conseguem passar despercebido e ficar de fora do campo da observação social. A 'leitura dos outros' expõe e desvenda inevitavelmente a intimidade de cada um. Parte-se de um princípio taxativo: o que cada pessoa é aparece involuntariamente, tanto física quanto emocionalmente. Não há, portanto, como se livrar dessa leitura, que traz à superfície o universo recôndito das emoções e dos sentimentos.⁵²⁵

Com isso, encontramos no jornal "Fagulha", 7 caricaturas publicadas, entre estas que estão logo abaixo, dos intelectuais campinenses Luiz Gomes da Silva (jornalista e odontólogo) e Hortênsio de Sousa Ribeiro (advogado, jornalista e cronista). Infelizmente não conseguimos descobrir a identificação do caricaturista que os produziu.

⁵²⁴ VELLOSO, Mônica Pimenta. Op. Cit. 1996, p.96.

⁵²⁵ Idem.



Ilustração 8:

Caricatura de Luis Gomes da Silva

Fonte: *Fagulha*. Ano I, nº4, 25 de Dezembro de 1936, p.4.

Percebam que a caricatura de Luis Gomes da Silva expressa a elegância do personagem, com roupas e sapatos apurados. A cabeça desproporcional ao resto do corpo é um dos elementos clássicos de uma caricatura, com “os usos e abusos” de partes específicas da anatomia do personagem: saliências, exotismos, exageros, presentes no corpo do próprio caricaturado e (re)significados de acordo com as necessidades.

Vejamos o que diz o texto que acompanha a caricatura:

Vindo de J. Pessoa, onde foi expandir os seus “sonhos”, esteve ontem à noite, nos Pavilhões, o conhecido Tiradentes – Dr. Gargalhada.

“Fagulha”, procurando ouvir a respeito de assuntos bucais, entrevistou ali o Dr. Tenente, que vem sendo o algoz dental dos soldados do batalhão policial desta cidade.

Disse-lhe que fora também a Recife apresentar á sociedade odontológica a sua grande descoberta cirurgica que consiste em arrancar dentes sem “efetuar a substituição dos mesmos”, adiantando que “o individuo que não lava a boca, não tendo dentes, não sofrerá prisão de ventre”.

Terminando diz ainda o Dr. Tenente “além disso já estou procurando descobrir a adaptação de dentes de cavalo na boca de sujeitos bípedes para mastigar capim”

- José Fabio inventou a injeção de cuspo, porem eu, remata o dr. Biscoitinho, descobri a “desdentologia”.⁵²⁶

⁵²⁶ Furo de reportagem. *Fagulha*. Ano I, nº4, 25 de Dezembro de 1936, p.4.

Este texto possui, entre outros aspectos, ironias a atividade de dentista de Luiz Gomes da Silva (havendo inclusive uma referência a Tiradentes), onde o produtor da historinha ironiza a possível “eficiência” do personagem diante desta atividade profissional, ressaltando as suas mirabolantes pesquisas no campo da odontologia, profissão na verdade que pouco exerceu, pois se dedicou principalmente ao jornalismo. Termos como Dr. Gargalhada, Dr. Tenente, Dr. Biscoitinho, aumentam ainda mais o teor de “galhofa” da entrevista criada ou recriada pelos editores da “*Fagulha*”.

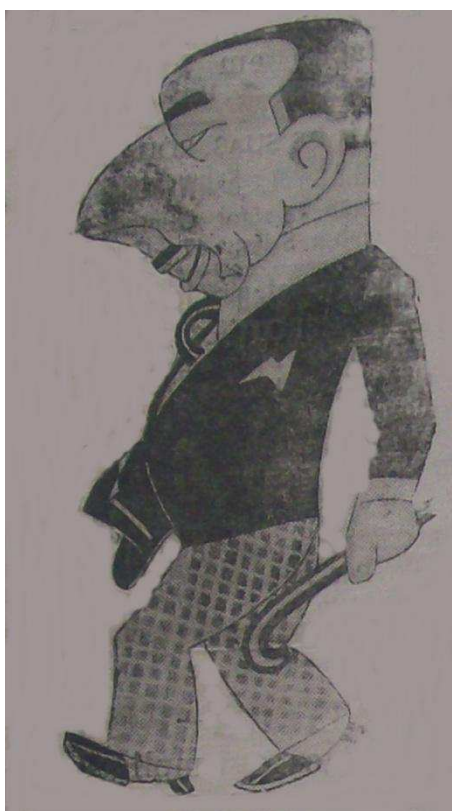


ILUSTRAÇÃO 9:

Caricatura de Hortensio de Sousa Ribeiro.

Fonte: Fagulha, Ano I, nº6, 27 de Dezembro de 1936, p.4.

Em relação à caricatura de Hortensio de Sousa Ribeiro temos o intelectual representado de forma elegante, com roupas, sapatos e outros adereços, a exemplo da bengala e do chapéu demonstrando refinamento. No aspecto “exagero”, a anatomia que sofre é o nariz, desenhado de forma grande propositalmente. No caso do texto que acompanha a caricatura, de vítima anterior, Luiz Gomes da Silva se transforma em algoz, visto que o próprio jornalista escreveu a narrativa que acompanha a caricatura,

expressando elementos satíricos através de uma historinha, que conjuntamente com a caricatura formam um painel cruel do que seria o personagem:

O Dr. Hortensio Ribeiro quando não usava “apara-brisa” no “pao da venta”, e usava bengala.

Falar em torno da personalidade esdrúxula do autor de NOTAS DO DIA é coisa muito seria, minha gente!...

Disem os seus futuros biógrafos que esse solteirão gostava de beber leite às manhãs (não sabemos em que parte) exclusivamente de uma velha vaca... Escutem a história...

Às 6 horas, metia-se no seu roupão cor de burro que se some, e lá se ia para o curral, engulir o leitinho gostoso dessa vaquinha a quem muito estimava de coração...

Os dias foram passando... e quando menos o velho filósofo pirrounista esperava, eis que não mais encontrou, no curral, a sua “ama de leite”.

Voltou para casa desconcertado...até choramingando. E lá não foi mais. Amuou-se.

O tempo foi passando...

Um dia ele soube que a sua “a miguinha” havia voltado para seu ponto...cedinho da manhã envergou o seu “beção”; acachapou um travesseiro na cabeça, e caminhou para o curral...

E o Dr. Hortensio, ao contemplar a vaca, sua predileta, exclamou, com os olhos rasos de copiosas lágrimas – “abençoa, minha mãe.”⁵²⁷

Referências como o fato de não ser casado até a aquela data, mesmo sendo um homem de certa idade (Mais de 40 anos), são ressaltados no texto, de maneira a ridicularizar o personagem. Mais ainda, o lado grotesco é destacado, ligando a prática de “beber leite de vaca”, a certa infantilidade ou desvio da normalidade padrão dos letrados, o que contrariaria com sua imponência e respeito. Tanto na caricatura, como no texto, o exagero é a marca forte, pois sabemos:

O homem é um ator que representa continuamente. As ruas da cidade são seu palco; as máscaras fisionômicas, o artifício que utiliza para esconder sua verdadeira personalidade. Essas idéias são extremamente familiares ao universo de nossos humoristas. Para estes, o traje é um dos elementos fundamentais para a composição do personagem que se deseja representar. Excentricidade, elegância, desmazelo, irreverência – são várias as facetas pelas quais o grupo se exprime e se impõe como tal.⁵²⁸

Os dois intelectuais retratados pelo caricaturista foram nomes bastante reconhecidos nos círculos intelectuais e políticos de Campina Grande na época. Hortensio de Sousa Ribeiro e Luis Gomes da Silva, portanto, podem ser considerados como membros de uma classe social mais vulnerável a sátiras, visto que muitas vezes o

⁵²⁷ GOMES, Lino. A vaquinha do Dr. Hortensio. *Fagulha*, Ano I, nº6, 27 de Dezembro de 1936, p.4.

⁵²⁸ VELLOSO, Mônica Pimenta. Op. Cit. 1996, p.96.

olhar dos “intelectuais humoristas” se volta principalmente para os seus semelhantes, ou seja, os próprios intelectuais, em especial aqueles que se destacavam no campo literário.

Já em relação ao jornal “Vitrine”, de acordo com Fátima Araújo, ele foi fundada pelos intelectuais José Pedrosa e Lopes de Andrade, em 1937, deixando de funcionar durante os fins de festa do ano de 1939⁵²⁹. Portanto, o jornalzinho funcionou durante duas Festas da Padroeira em dois anos consecutivos. Todavia, apesar das identificações realizadas por Fátima Araújo, nas páginas do periódico estão os pseudônimos de três editores: Plus-Ultra, Lizard e Ronald.

Na realidade, era bem comum o uso destas práticas de não identificação entre os intelectuais no Brasil e não seria diferente entre letrados campinenses. Acreditamos que tal escolha pelo uso dos pseudônimos se deveu ao fato que estes jornalzinhos, eram contaminados por códigos bastante próprios, como a sátira e o humor, o que faria destes intelectuais terem uma arma contra a censura, dando mais liberdade quanto às “cantadas” com as jovens, bem como as críticas sociais aos políticos ou mesmo as ironias contra os amigos ou conhecidos na cidade.

O leitor deste jornal de festa poderá desde o primeiro número, identificar as motivações que levaram estes intelectuais, no caso Lopes de Andrade e José Pedrosa, a elaboração do jornal *Vitrine*, no número correspondente a abertura, de 25 de dezembro de 1937. Vejamos o que diz a espécie de editorial do periódico:

Vitrine destina-se a tornar a festa da padroeira mais atraente. Em função da sua qualidade de Vitrine, terá que expor qualquer coisa de agradável aos olhos dos leitores. E aí se complementa a finalidade, que visa abrilhantar a festa, organizando a mais sensacional “big parade” da beleza de Campina Grande.⁵³⁰

O texto salienta os intuitos de conquistas dos editores, deixando claro que o jornal será uma vitrine para a expressão da diversidade feminina de Campina Grande: “partindo do princípio filosófico, de que existe alguma coisa superior a beleza, que é a variedade, *Vitrine* não terá preferências fixas, variando toda a noite, o sortimento de sua exposição (...)”.⁵³¹

Ao observarmos tais termos para um periódico, expressando valores de sedução e conquista feminina, devemos perceber que estamos falando de um grupo de jovens, que não estava inserido definitivamente no campo literário local e que esboçavam

⁵²⁹ ARAÚJO, Fátima, Op. Cit. 1986, p.380.

⁵³⁰ A finalidade. *Vitrine*, Ano I, nº1, 24 de Dezembro de 1937, p.1.

⁵³¹ Idem.

através da imprensa campinense, as suas primeiras produções literárias. Tanto Lopes de Andrade, como José Pedrosa, eram rapazes com apenas 23 anos de idade. Estratégias como o lançamento de um jornal de festa, podem ser definidas como um modo de serem mais reconhecidos, de ampliarem um público leitor de suas produções, na cidade de Campina Grande.

Longe de ser apenas um jornal com intuítos de conquistas femininas, de galanteios durante os dias de festa, *Vitrine* se tornou original em sua época principalmente, não pelos usos recorrentes, comuns a outros periódicos da época, como a publicação de crônicas, cartas, poemas, epigramas e propagandas, mas sim pela publicação de caricaturas, valorizando outros códigos de comunicação, com recursos gráficos, como poderemos observar.

Impresso nas oficinas da *Livraria Moderna* e publicada diariamente de 24 de dezembro de 1937 a 1 de janeiro de 1938 (1º fase), e depois de 24 de dezembro de 1938 a 1 de janeiro de 1939 (2º fase), a *Vitrine*, trouxe em suas páginas uma série de sátiras inteligentes, sobretudo enfocando personalidades do campo literário e político de Campina Grande da década de 1930.

O jornalzinho possuía uma estrutura definida, formulada a partir de sessões específicas, constituída por poemas, pequenas crônicas, aforismos e piadas. Podemos destacar as sessões “Estilhaços” (trechos de depoimentos de personalidade relatando aspectos da vida urbana), “Deixe ler sua mão” (uma interpretação sobre as possibilidades afetivas durante a festa), “Vi e anotei” (comentários sobre acontecimentos durante os dias de festa, como traições, bebedeiras, jogos políticos, etc.), “Mentira campinense” (sátira a determinados acontecimentos da cidade), “O que pensa da Mulher?” e o “O que pensa o Homem” (quadros em que os editores publicavam a opinião de letrado (a)s sobre o sexo oposto).

Porém, é na sessão “*Reminiscências*” do jornal *Vitrine* que encontramos sete caricaturas produzidas por um caricaturista que “se escondeu” através do pseudônimo de “Prijlo”. Não encontramos indícios sobre sua identificação, porém, temos que destacar seus evidentes dons na arte de produzir o gênero caricatura.

As caricaturas, na verdade, vem acompanhado de poemas satíricos sobre personalidades do universo religioso, político e comercial de Campina Grande, em espécie de enigmas ou charadas, para que os leitores possam identificar o personagem, numa junção entre texto e imagem, poema e caricatura. Vejamos a primeira caricatura:

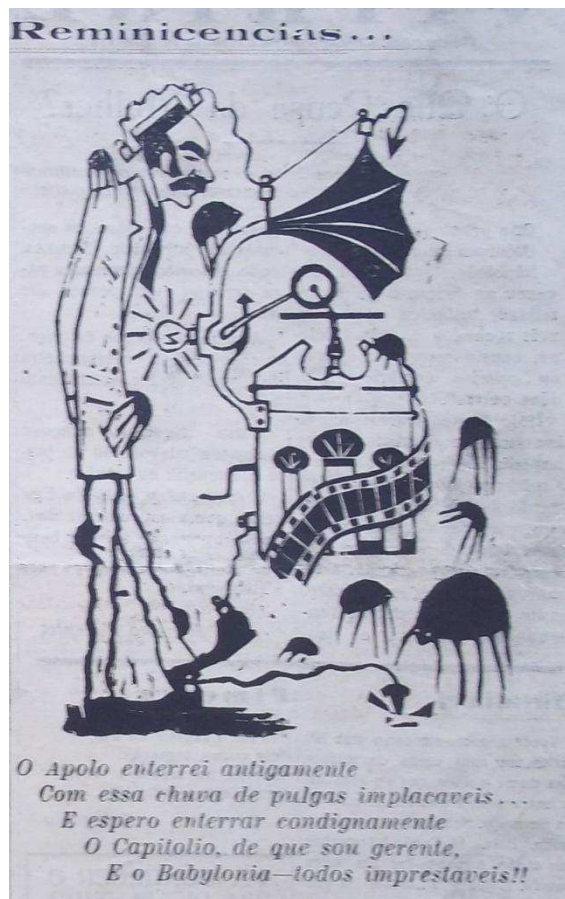


ILUSTRAÇÃO 10:

Caricatura sobre a situação dos cinemas de Campina Grande na década de 1930.
Fonte: Vitrine, Ano I, nº3, 23 de Dezembro de 1937, p.3.

A caricatura expressa primeiramente uma crítica a ausência de higienização nos cinemas de Campina Grande da época, no caso o *Capitólio* e o *Babilônia*, inaugurados na mesma década de 1930. As pulgas são as representações destes hábitos não muito higiênicos. Outro elemento importante é o atrelamento aos problemas estruturais referentes aos cinemas campinenses, a pessoa de Getúlio Cavalcanti, ex-gerente do Cine-Teatro Apolo e na época, 1937, gerente do Capitólio.

Na caricatura Getúlio Cavalcanti é representado como uma espécie de “amigo das pulgas”, sendo inclusive responsabilizado pelo fechamento do *Cine Teatro Apolo* e como gerente atual do *Capitólio* naquele ano de 1937, -segundo o caricaturista, poderia ser o responsável também pela praga neste novo espaço de lazer cinematográfico. É claro que há algo de exagerado nas intenções do caricaturista, pois sabemos que o *Cine Capitólio* era habitado pelas classes mais ricas da cidade, porém não deixa de ser uma crítica contundente sobre a situação dos cinemas em Campina Grande.⁵³²

⁵³² DINOÁ, Ronaldo. Op. Cit, 1993, p.461.

Numa segunda caricatura que destacamos, podemos observar uma abordagem sobre o personagem Paulo Brasil:

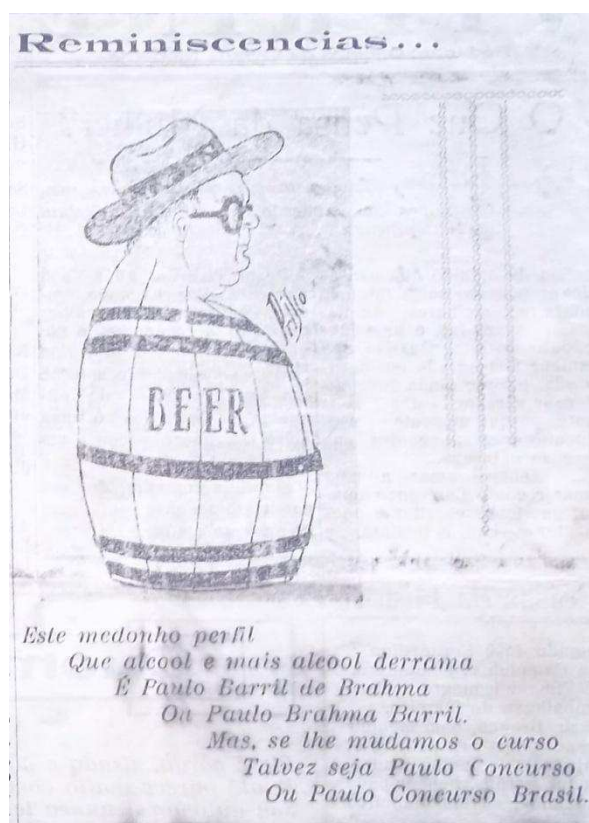


ILUSTRAÇÃO 11:

Caricatura de Paulo Brasil.

Fonte: *Vitrine*, Ano I, nº4, 24 de Dezembro de 1937, p.3.

Paulo Brasil foi um jovem natural de Guarabira, Paraíba, e que chegou a Campina Grande nos anos 1920. Na época a cidade não passava dos seus 15.000 habitantes. Entre as décadas de 1930 e 1940, tornou-se funcionário do DNOCS⁵³³ e do Fisco Estadual, mas foi como comerciante, sendo dono de padarias e mercadinhos no centro de Campina, que ficou conhecido na cidade na década de 1950.⁵³⁴

Na época da publicação da charge na *Vitrine*, Paulo Brasil era um assíduo freqüentador das festividades em Campina Grande, organizador de concursos de beleza, que chamavam atenção do público. Conhecido pela simpatia e a sociabilidade, seu nome era recorrentemente citado nos círculos boêmios, em vários jornais de festa, inclusive chegou a ser editor do jornal *Fagulha*, já discutido aqui neste capítulo.

Segundo Dalva Brasil, esposa do caricaturado, “Paulo era um homem de temperamento extrovertido, alegre, e essa capacidade de comunicação, (...) nunca me

⁵³³ DNOCS (Departamento Nacional de Obras Contra as Secas).

⁵³⁴ DINOÁ, Ronaldo. Op. Cit. 1993, pp.111-115.

incomodou”⁵³⁵. Todavia, nas palavras da esposa de Paulo Brasil, não há nenhuma referência ao lado boêmio do personagem nos anos anteriores ao casamento, ocorrido na década de 1940.

Na caricatura o corpo de Paulo Brasil é fundido com um barril de cerveja, da marca *Brahma*, bastante consumida na época e patrocinador de algumas atividades realizadas durante as festividades da Padroeira de Campina Grande, entre elas os concorridos concursos, da qual Paulo Brasil era um dos principais organizadores, o que explica a referência no poema. Os óculos, o chapéu, a gordura no corpo, tornaram-se elementos predominantes para composição da caricatura, dando a dimensão de humor e de sátira.

Desta forma, ao concluir nossa incursão, compreendemos que os jornais de festa, traziam alguns elementos inovadores, se comparado a outros periódicos semelhantes da época. O lado informal e amador, com usos de recursos de linguagens mais espontâneos, como a propaganda, a epigrama e a caricatura são exemplos como o modernismo, de certa forma, esteve presente no hábito dos intelectuais locais principalmente a partir da década de 1930. Se no Rio de Janeiro foram as revistas ilustradas em que o modernismo antecipou as transformações de linguagens, em Campina Grande, foram nos jornais de festa, que estas mesmas mudanças conseguiram timidamente espaços inovadores.

4.4. A VANGUARDA CULTURAL CAMPINENSE: UM MOVIMENTO ISOLADO?

Não queremos fracionar a importância da Semana de Arte Moderna, mas suas recepções na época de sua difusão em 1922 foram mínimas no contexto nacional. Só com o passar dos anos seus postulados conseguiram chegar a outros estados e cidades do Brasil. A resistência, acreditamos, foi muito mais forte do que o número de adeptos na primeira década do movimento.

Mais do que um ponto de partida, um coroamento, um resultado, a Semana de Arte de 1922 foi um ponto de convergência e aglutinação de forças que se vinham constituindo e forcejavam por manifestar-se. Houve a demarcação de revoltas e

⁵³⁵ Idem, p.113.

inconformismos contra os tabus e os postulados estabelecidos, dentro de uma inegável inquietação estética.⁵³⁶

Segundo o crítico literário Antonio Candido o Modernismo foi um

Movimento cultural brasileiro de entre as duas guerras, correspondente á fase em que a literatura, mantendo-se ainda muito larga no seu âmbito, coopera com os seus outros setores da vida intelectual no sentido da diferenciação das atribuições, de um lado; da criação de novos recursos expressivos de outro A inteligência tomou finalmente consciência da presença das massas como elemento construtivo da sociedade; isto, não apenas pelo desenvolvimento de sugestões de ordem sociológica, folclórica, literária, mas, sobretudo porque as novas condições da vida política e econômica pressupunham cada vez mais o advento das camadas populares.⁵³⁷

A partir desta perspectiva, pode-se pensar o modernismo como um movimento literário que ultrapassou, aprofundou e alargou o conceito de literatura vigente o Brasil. Nomes como Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral, Guilherme de Almeida, Anita Malfatti, Ronald de Carvalho, entre outros intelectuais, tornaram-se personagens diretos no campo literário brasileiro, sendo colocados como líderes de “abalos” consideráveis de transformação artísticos e culturais no Brasil.

De acordo com Afrânio Coutinho, a ideia central da Semana de Arte Moderna era “destruir”, “fazer escândalo”, para depois tornar-se um movimento cultural: “Rejeitava-se tudo o que constituísse patrimônio “passadista”: a ênfase oratória, a eloquência, o hieraticismo parnasiano, o culto das rimas ricas do metro perfeito e convencional, da linguagem classicizante e lusitanizante; advoga-se uma maior fidelidade á realidade brasileira”.⁵³⁸ Para o historiador da literatura houve, portanto, uma oposição ferrenha ao simbolismo e ao parnasianismo, estilos de época em voga no início do século XX no Brasil. Figuras como Olavo Bilac, Alberto de Oliveira e Coelho Neto, por exemplo, de enaltecidos dentro do campo literário nacional, tornam-se, pouco a pouco, vítimas de críticas sobre seus estilos, considerados “passadistas”, marcados pelo vício do palavreado empolado, de difícil compreensão.

⁵³⁶ Um exemplo disso são as observações trazidas por Ângela de Castro Gomes, no que se refere aos conflitos e competições sobre os possíveis percussores do movimento modernistas do Brasil nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro na década de 1920. Visto que depois da semana de arte moderna em São Paulo, foi no Rio de Janeiro, através de Sérgio Buarque de Holanda e Prudente de Moraes Neto, na revista *Estética*, que se encarregaram de conduzir o legado modernista. Ver GOMES, Ângela de Castro. *Essa Gente do Rio... Os intelectuais cariocas e o modernismo. Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, Vol.6, Nº11, 1993, pp.62-77.

⁵³⁷ CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ed. Nacional, 1976, p.134.

⁵³⁸ COUTINHO, Afrânio. *Introdução à literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, p.269.

Desta forma, a *Semana de Arte Moderna de 1922*, toma um caráter inaugural, e é considerado pela historiografia brasileira um verdadeiro “divisor de águas” na história literária, acionando vasta rede de representações, subjetividades, imaginários e práticas culturais no Brasil. Além de um sentido simbólico, a Semana tem um efeito normativo, ao reunir homens e textos em torno de uma designação, como um evento fundador, para uma geração modernista.

Toda esta movimentação, segundo Ângela de Castro Gomes, foi causada graças aos círculos de sociabilidades constituídas antes mesmo da Semana de Arte Moderna, principalmente nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, em confeitarias, livrarias e redações de jornais, formando grupos, liderados por nomes como Graça Aranha, que compactuavam com a ideia de transformação estética das artes brasileiras.⁵³⁹

Além disso, o modernismo não se restringiu apenas ao eixo Rio-São Paulo, sendo vivenciada por intelectuais de vários estados do Brasil, propiciando a composição de grupos em torno de discussões que provocaram movimentos, manifestos, revistas, jornais. Se pudéssemos compor um itinerário do modernismo, perceberíamos que o seu eixo inaugural se deu realmente entre as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. Nesta última houve um intenso movimento de renovação, já na primeira década do século XX, expressado principalmente através da revista *Estética* (1924-1925), editada pelos escritores Sérgio Buarque de Holanda e Prudente de Moraes Neto.

Minas Gerais também participou desta ascensão modernista na mesma década de 1920, compondo um movimento através de um conjunto de intelectuais de vanguarda residentes em Belo Horizonte, que tinham objetivos e vivências de renovação literária. Porém, o movimento modernista mineiro, segundo Fernando Dias, não teve na Semana de Arte Moderna uma repercussão imediata. Por outro lado, “(...) a vida e os escritos dos então jovens literatos de Minas, alguns se impressionaram com o acontecimento, mediante as informações que receberam algum tempo depois”.⁵⁴⁰

O fato é que houve um contato entre os modernistas mineiros e paulistas no ano de 1924, na cidade de Belo Horizonte. Isso de certa maneira evidenciou a importância da recepção da Semana de Arte Moderna de 1922, mesmo sendo dois anos depois deste marco estético. Para Fernando Dias o movimento modernista em Minas Gerais inicia-se como grupo em 1923, tendo entre os membros, Carlos Drummond de Andrade, mas só

⁵³⁹ GOMES, Ângela de Castro. Op. Cit. 1993, pp.62-77.

⁵⁴⁰ DIAS, Fernando Correia. *O Movimento Modernista em Minas: uma interpretação sociológica*. Brasília: Ebrasa, 1971, p.37.

ganha um sentido em 1924, justamente quando da caravana de intelectuais de São Paulo visita a capital mineira.⁵⁴¹

Passados dois anos após a *Semana de Arte Moderna*, a Região Sudeste, de certa forma, direciona os debates em relação às transformações modernistas no Brasil, em especial, a partir das lideranças de Mário e Oswald de Andrade em São Paulo; Graça Aranha, Sérgio Buarque de Holanda e Prudente de Moraes, Neto, no Rio de Janeiro, e Carlos Drummond de Andrade, em Minas Gerais.

De acordo com Ângela de Castro Gomes:

(...) se as idéias modernistas encontram nesse momento um ‘meio de aclimação’ favorável, ultrapassando os limites estreitos do “pequeno mundo” intelectual, é também neste segundo tempo que estas mesmas idéias começaram a ser “digeridas” por este “pequeno mundo”, donde o seu processo de multifacetamento e a preocupação e missão dos modernistas realizaram, eles mesmos, a crítica de sua produção.⁵⁴²

Além da Região Sudeste, não há como deixar de destacar a presença importantíssima do Nordeste e do Norte no processo de difusão do modernismo no Brasil, com destaque para os estados de Pernambuco, Pará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Alagoas e Bahia, ainda na primeira metade da década de 1920. Neste sentido, fica ainda mais claro a ideia de diversidade no âmbito da experiência modernista no Brasil colocada por Ângela de Castro Gomes e Mônica Velloso Pimenta, enfatizando a concepção de modernismos, e não apenas de um modernismo. Pois “O modernismo era feito de deslocamentos no espaço, no tempo, na mente. O modernismo era feito por cada um e pelos grupos que se formavam e articulavam”.⁵⁴³

Na realidade duas vertentes de ideias sacudiram a vida cultural do Nordeste na década de 1920: o *movimento modernista* e a “*pregação*” *regionalista*. A cidade do Recife, graças aos seus mecanismos de difusão artística (centro econômico e cultural da região), tornou-se através do modernismo de Joaquim Inojosa e do regionalismo de Gilberto Freyre um centro intelectual, receptivo e irradiador, das novas vertentes estéticas no Nordeste.

⁵⁴¹ Idem.

⁵⁴² GOMES, Ângela de Castro. Op. Cit., 1993, p.70.

⁵⁴³ Idem.

Em Pernambuco o escritor Joaquim Inojosa⁵⁴⁴ foi o responsável pela difusão do modernismo paulistano na região. Após visita a São Paulo em agosto de 1922, no qual conheceu vários artistas modernistas, entre eles Mário e Oswald de Andrade, Joaquim Inojosa começou a sua militância cultural com o objetivo de divulgar a chamada nova arte. Contudo, durante muito tempo o escritor pernambucano foi uma voz solitária. Entre 1922 e 1925, pouco mais de cinco ou seis escritores, em Pernambuco, aderiram ao chamado modernismo, e sofreram perseguições por parte dos chamados “passadistas”, aqueles autores mais apegados à tradição literária da época. Todavia, um convite realizado pela Revista *Era Nova*, da cidade da Paraíba, redimensionou consideravelmente a questão da recepção do modernismo no Nordeste.

A 15 de maio de 1924, o editorial da revista indica Joaquim Inojosa como representante do periódico em Pernambuco. *Era Nova*, que circulava desde 1921, acolhendo escritores “novos” e “consagrados”. Mais tarde, a 24 de fevereiro de 1924, é a própria revista que, em editorial, chamado “Renovação literária”, aplaude os esforços de renovação iniciados em São Paulo. Houve o convite, e, segundo Noroaldo Pontes de Azevedo veio na hora certa. Assim, em 5 de julho Joaquim Inojosa envia a Severino de Lucena e Sinésio Guimarães Sobrinho, diretores da *Era Nova*, uma longa carta, aceitando o convite, mas formulando uma exigência: a revista teria que “acertar o passo com o modernismo”. Vejamos um trecho da carta:

Há nos arraiais da inteligência, atualmente, e como sempre houve em todas as épocas, uma nova geração que anseia por ideais novos. Sobretudo, já ergueu os olhos, para a meta entressonhada, em São Paulo, no Rio, Recife e Pará. A Paraíba não fugirá ao apelo que lhe faço de acompanhar-nos nesse esforço gigante e nessa luta sem tréguas para desapressar-se das velhas fórmulas da arte, num combate cavalheiresco, e, se necessário, desapiedado, á questão antiga.⁵⁴⁵

Sendo assim, em 1924, Joaquim Inojosa é indicado pelos dirigentes da revista *Era Nova* para representar o estado de Pernambuco. O escritor já havia residido no estado da Paraíba durante alguns anos, fazendo diversos amigos, além de ter publicado sua obra de estreia. Por estas circunstâncias, os editores Severino de Lucena e S. Guimarães Sobrinho o escolheram como correspondente.

⁵⁴⁴ Joaquim Inojosa (1901–1987) Escritor e Jornalista Pernambucano, responsável pela difusão do movimento modernista no Nordeste. Autor de diversos livros, entre eles: *A Arte Moderna* (Jornal do Comércio, 1924) e *História do Modernismo em Pernambuco* (Tupy, 1969).

⁵⁴⁵ INOJOSA, Joaquim. *A Arte Moderna*. Recife: Oficinas Gráficas do Jornal do Comércio, 1924, p.6.

Segundo o próprio Joaquim Inojosa nos primeiros anos da década de 1920 “O Recife como todo se agitava em torno dos ideais literários e artísticos de sua mocidade, jovens empenhados no prolongamento da Semana de Arte Moderna, em luta impiedosa pela implementação de uma nova ordem nas letras e nas artes”⁵⁴⁶. Era o movimento modernista que Inojosa ajudava a difundir no Recife, de acordo com a colaboração de alguns outros companheiros.

Ao escrever aos dois diretores da *Revista Era Nova*, uma carta literária, publicada em 1924, com o título “A Arte Moderna”, convocando a Paraíba a aderir ao modernismo e apelando para que o periódico se transformasse na “Klaxon” paraibana⁵⁴⁷, a fim de conduzirem os escritores do estado “às plagas renovadoras”, percebe-se claramente a forma arregimentadora com que Joaquim Inojosa empreende o seu coro. O escritor pernambucano considerava a capital paraibana a “metrópole mais intelectual do Norte do Brasil”, nos quais intelectuais como Álvaro de Carvalho, Carlos Dias Fernandes, Rodrigues de Carvalho, José Américo de Almeida, Coriolano de Medeiros, Matheus de Oliveira, Américo Falcão, Eudes Barros, Ademar Vidal, Celso Mariz, Osias Gomes, Perilo de Oliveira, etc. se destacavam, sendo alguns nomes já reconhecidos nacionalmente na década de 1920.

Desta forma, a partir das adesões, a revista *Era Nova* se transformou em um reduto da literatura moderna, isto graças à influência de Joaquim Inojosa e a boa recepção advinda de um conjunto de escritores paraibanos que aderiram à nova estética, principalmente por um grupo de poetas, a exemplo de Perylo de Oliveira, Eudes Barros, Silvino Olavo, entre outros. Além disso, nomes já reconhecidos nacionalmente, expoentes do movimento modernista paulistano tornam-se colaboradores frequentes da revista, a exemplo dos poetas Ronald de Carvalho e Guilherme de Almeida. Há indícios que este espaço para autores modernistas paulistas, só foi possível graças à influência de Joaquim Inojosa.

Todavia, segundo o crítico literário Hildeberto Barbosa Filho, o modernismo nas letras paraibanas só seria estabelecido de maneira consistente na década de 1960, com o grupo *Sanhauá*, mais precisamente no ano de 1963, quando o poeta paraibano Marcos dos Anjos publicou o livro *Alguns Gestos*. Para Hildeberto tivemos realmente um movimento, com algumas experiências de inquietação poética, sobremaneira por conta

⁵⁴⁶ Idem, p.8.

⁵⁴⁷ Referência a revista *Klaxon*, marco do movimento, publicada pelos modernistas paulistanos entre os anos de 1922 e 1923, na cidade de São Paulo.

da repercussão do modernismo nos anos 1920, a exemplo dos já citados Perylo de Oliveira, Eudes Barros, Silvino Olavo e Sinésio Guimarães, sobretudo na capital paraibana, todavia para o mesmo autor “(...) os traços de modernidade, entrevistados em suas composições textuais, são, na verdade, traços isolados, resultados de um entusiasmo passageiro e não de uma consciência crítica face à necessidade de renovação da linguagem poética”.⁵⁴⁸

Mais incisivo ainda é Gemy Candido, que realça que a Paraíba retardou durante décadas o processo de engajamento de sua literatura ao movimento modernista. Para o pesquisador o modernismo no estado “afora uma ou outra adesão aleatória, não passou de longínqua manifestação intelectual da qual se conhece apenas alguns princípios normativos, insuficientes para sensibilizar a nova geração”⁵⁴⁹ provenientes, segundo Gemy Candido, dos velhos quadros sociais, dos fazendeiros e senhores de engenho do interior do estado.

Acreditamos que as conclusões de Hildeberto Barbosa Filho e Gemy Candido são corretas, se observarmos que predominaram a lógica dos usos de recursos tradicionalistas na composição dos poemas. Por exemplo, mesmo com o movimento modernista em ascensão, predominou mesmo até a década de 1960, o parnasianismo e o simbolismo, com o soneto sendo o mais alto grau de recurso poético. Entretanto, tal constatação não invalida o nosso intuito de empreender uma incursão sobre as necessidades de transformação literária pensadas por um conjunto de jovens intelectuais de Campina Grande na década de 1930 num contexto de renovação cultural.

Mesmo não havendo uma repercussão imediata da Semana de Arte Moderna de 1922 na produção literária de Campina Grande, na década seguinte, sabemos já da atuação de um grupo de jovens, como Lopes de Andrade, Milton Coura, Elias de Araújo, entre outros souberam questionar alguns pressupostos da literatura local, empreendendo reflexões problematizadoras, que por mais isoladas que fossem, não deixaram de ser evidenciadas.

⁵⁴⁸ BARBOSA FILHO, Hildeberto. *Sanhauá: uma ponte para a modernidade*. João Pessoa: Edições FUNESC, 1989, p.12.

⁵⁴⁹ CANDIDO, Gemy. *História crítica da literatura paraibana*. João Pessoa: Governo do Estado, 1983.

4.4.1. TENTATIVAS DE RENOVAÇÃO CULTURAL: O JORNAL “A FLÂMULA” E A JUVENTUDE MODERNISTA

A literatura modernista em Campina Grande segundo as fontes que conseguimos organizar chegaram através do jornalista Luis Gomes da Silva, poeta conservador, mas com amizades entre os círculos literários da capital paraibana, entre eles Peryllo de Oliveira⁵⁵⁰, Silvino Olavo⁵⁵¹, Órris Barbosa⁵⁵², nomes que movimentaram o campo literário da capital paraibana na década de 1920. Isso se deu pelo fato de Luis Gomes ter sido residido na cidade de Parahyba durante alguns anos na década de 1920, onde foi repórter do jornal *A União*.

Segundo Hortensio Ribeiro, em crônica, Luis Gomes da Silva, “o campinense de mais espírito da geração de Perilo de Oliveira, Severino Aires, Orris Barbosa e Eudes Barros. Jornalista nato, conversador imaginoso e sutil, sabendo como poucos fazer uma “blague”, sempre sublinhada por uma gostosa gargalhada ⁵⁵³. Na realidade este espírito de geração que nos relata Hortensio Ribeiro, não é nada mais do que os escritores paraibanos que mais receberam a literatura modernista na capital entre as décadas de 1920 e 1930.

A prova disso é uma carta publicada por Joaquim Inojosa, em 1969, no livro *História do Modernismo em Pernambuco*, no qual Luis Gomes da Silva, em 1924, na época com apenas 26 anos de idade, remete de Campina Grande seu desejo para que o movimento modernista se efetivasse na capital paraibana:

Eu o felicito e mui cordialmente pelo triunfo que V. obterá com adesão dos representantes da moderna cultura daquela adorável Felipeia, que não ficarão emparedados no castelo espiritual da velharia, porque hoje renasce ao sopro magnífico desse entusiasmo revolucionário, que ainda há de fazer a grandeza do Brasil (in Carta ao A – Campina Grande (Paraíba, 20-7-924).⁵⁵⁴

Desta forma, foi Luis Gomes da Silva, como editor do jornal *O Século*, entre os anos de 1928 e 1929, que abriu as portas para a literatura modernista em Campina

⁵⁵⁰ Peryllo Doliveira (1898-1930) – Poeta. Colaborou nas mais expressivas revistas e jornais da Paraíba na década de 1920, entre elas a revista *Era Nova*. Publicou: *Canções que a vida me ensinou* (Imprensa Oficial, 1925) e *Caminho cheio de sol* (Empresa Gráfica Nordeste, 1928).

⁵⁵¹ Silvino Olavo (1896-1969) – Poeta e Jornalista. Formado em Direito em Recife, militou na política e na literatura, sendo um nome atuante na imprensa de João Pessoa. Autor dos livros: *Cisnes* (Brasil editora, 1924), *Esperança*, *Lírio verde da Borborema* (O Jornal, 1925), entre outros. Vítima de esquizofrenia, faleceu de forma miserável em Campina Grande.

⁵⁵² Órris Barbosa . Jornalista e escritor paraibano. Publicou uma das obras mais importantes sobre o tema da seca no Nordeste: “*Seca de 32: impressões de uma crise nordestina*” (Adessen Editores, 1935).

⁵⁵³ RIBEIRO, Hortensio de Sousa, Op. Cit. 1979, p.85.

⁵⁵⁴ INOJOSA, Joaquim. *História do Modernismo em Pernambuco*. Rio de Janeiro: Tupy, 1969, s/p.

Grande já na década de 1920. No nº 6, de 25 de Agosto de 1928, do jornal citado, identificamos duas produções que enfatizam esta questão. A primeira é um poema, intitulado “Poema inutilmente lírico”, da autoria de Orris Barbosa. O segundo foi um artigo, intitulado “Branco e Negro”, de Silvino Olavo. Vejamos primeiramente o que indicam as questões modernas contidas no poema:

A lua mesmo pronta e lavada pra um soneto
Derrama braquidão do arvoredado.
Terna noite

Meu amor nem sabe que estou olhando pra lua bonita.
Nem sabe que estou sismado.
Nem sabe que estou lavando a alma ao lirismo.
Nem sabe o meu amor que a lua bonita e farta de brancura
É um motivo pra eu pensar que sou poeta,
Ora eu ficar gostosamente inútil
Na terna noite enluarada
Longe da noite voluptuosa de seus olhos...⁵⁵⁵

O poema em questão mesmo trazendo uma intensa carga de sentimentalidade, de romantismo, e portanto, de conservadorismo temático, é produzido segundo as normas da poesia moderna: versos livres, sem metrificação ou rima. Além disso, outro aspecto modernista pode ser elencado: “a metapoesia”. Orris Barbosa expressa o próprio processo de feitura do poema, refletindo a sua posição de poeta ao ressaltar suas intenções diante do poema.

No ensaio *Branco e Negro*, Silvino Olavo inaugura um tema caro à discussão do modernismo no Brasil, a questão racial, trazendo uma abordagem inovadora para a época: a importância da cultura negra para a produção da identidade nacional, já indicando a teoria da “democracia racial”, isso um ano antes do lançamento do clássico *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre, livro-paradigma desta discussão no Brasil:

Podia ser também: Claro-escuro. O leitor, querendo, pode mudar indiferentemente. “Branco e Negro” ou “Claro- escuro”.

Da física para o clínica esta a diferença entre mistura e combinação... aqui, neste esboço sintético- etnográfico, é mais ou menos identico o fenômeno. Vejamos:

Na América do Norte há brancos e negros, sem mistura. No Brasil há combinação de branco e negro.

Por lá, segundo a previsão de Monteiro Lobato, há de haver choque. Para cá vai havendo uma fusão encantadora, uma deliciosa orientação de claro-escuro.

Por lá, talvez haja outra guerra de sucessão.

⁵⁵⁵ BARBOSA, Orris. Poema inutilmente lírico. *O Século*, Ano I, nº6, 25 de agosto de 1928, p.3.

Por cá não haverá senão uma harmonia cada vez mais nítida para o moreno.

A nossa raça é colorida como a arazoia das indígenas românticas.

Nossa literatura também: Castro Alves e Luis Gama, Olavo Bilac e Cruz e Sousa...

Conhecem a história de Luis Gama?

A vida do nosso primeiro poeta negro, fica entre a história e a legenda.

Não há drama mais original nem gloria mais comovente de claro-escuro.

Sua mãe era um bibelot de ébano. A mais linda pretinha que da Líbia nos veio.

Seu pai – o mais hediondo dos fidalgos portugueses.

Dela herdou tudo: a cor e a rebeldia do temperamento. Dele herdou apenas a desgraça de não poder-lhe revelar o nome, num gesto sobre piedade filial.

Livre, porque livre era o ventre de sua mãe, foi vendido na Bahia pelo próprio pai que o trouxera aos braços até a idade de dez anos.

No mercado de negros do Rio de Janeiro foi classificado “refugo” por sua procedência baiana.

O pai do Conde de Três Rios não o quis, mas, o Conde, anos depois, orgulhava-se de receber o poeta Luis Gama em seus salões.

Fez-se poeta satírico (quem não conhece a Bodarrada?) jornalista, tribuno e advogado.

Teve os sofrimentos mais humilhantes e a gloria literária mais orgulhosamente adquirida.

Só não teve a fortuna de narrar esta historia á sua linda mãe – pretinha de quem nunca mais soube noticia, desde o dia em que, iludido pelo seu desentranhado pai, ficara chorando no porão daquele navio negreiro.⁵⁵⁶

Percebam que Silvino Olavo defende a ideia que a mistura das várias raças no Brasil trouxe algo positivo, harmonioso, colorido, diferente da experiência dos Estados Unidos. Nossa diversidade cultural seria um traço característico de uma nação diferenciada. O artigo é embasado no ponto de vista de Monteiro Lobato, escritor que combateu o movimento modernista de 1922, porém com uma obra que trazia muitos dos postulados deste mesmo movimento, como a proposta de valorizar a nossa própria diversidade nacional.

Desta maneira, identificamos mais uma pista sobre como o modernismo operou em Campina Grande, pouco tempo depois da Semana de arte Moderna e quem foram os seus divulgadores aqui. Todavia, o movimento modernista, só se difundiu de maneira mais ou menos consciente a partir dos anos 1930, mais precisamente no ano de 1934, quando encontramos em nossa pesquisa evidências fortes de uma recepção mais ativa à literatura moderna em Campina Grande, através de dois periódicos publicados: *A Flâmula* (1934) e *Evolução-Jornal* (1934-1935).

⁵⁵⁶ OLAVO, Silvino. Branco e Negro. *O Século*, Ano I, nº6, 25 de agosto de 1928, p.3.

Nos dois jornais, um grupo de jovens escritores resolveram se apropriar nos preceitos da literatura modernista, incursionando neste modelo estético e ao mesmo tempo combatendo aqueles que eram contra as transformações da linguagem (principalmente na poesia). Antonio Moraes, Milton Coura, Lopes de Andrade, Elias de Araújo, José Pedrosa, são alguns destes jovens.

De todos os modernistas que encontramos na década de 1930, nenhum escritor conseguiu expressar tão bem as ideias deste movimento, como foi o poeta Tacape Júnior, nome que aparenta ser um pseudônimo. No *Evolução-Jornal*, este poeta lançou cerca de uma dezena de poemas, que expressam os elementos do modernismo. Vejamos, de início o poema intitulado “Menina da Metrôpole”:

Na sinfonia
Barulhenta da cidade
Caminha, a passos miúdos,
Nos seus passeios cotidianos,
Essa envolvente deidade
- mais garota que mulher,
Ora beijada pela luz morena do sol,
Ora se acostando á sombra
Dos simétricos arranha-céus
Em linhas paralelas e verticais
As calçadas das ruas vibrativas
Abrindo, ás vezes, funda cavidade
Ao zig-zag rumoroso dos autos
E a nevrose das criaturas
Que tumultuam, de roldão,
No meio da pulsação
Secular da cidade cosmopolita.

A tudo
- a toda a congestiva variedade
De trajetórias sucessivas
E de mil risos estrepitosos;
Vividos na confusão
De notas musicais,
Cuadas pelas vidraças opacas
Dos dancings cubistas
E dos broad-castings estilistas
A hot girl da grande Cidade
Não é diferente...

Todos os dias,
Ela filma, no Time Square,
O vae-vem analítico
Dos taxis que se cruzam
Arrogantes e vertiginosos
Entre a multidão delirante.

E na orquestração
Da vida agitada da Cidade,
Ela vive os seus romances
E os seus flirts frívolos

Que tem a mutação
Análoga de um Fox irrequieto
Bem sacudido e espalhafatoso,
Que os jazzs new-yorkinos
Tocam no ventre da Cidade
De chaminés descomunais.⁵⁵⁷

O poema traz um tema *moderno* para ser abordado. A mulher *moderna* no contexto de uma cidade *moderna*, uma metrópole de vida intensa, de simétricos arranha-céus, de ruas vibrantes, com automóveis e pessoas nervosas, num contexto industrial de uma Nova York idealizada. Numa mesma linha, de criação de um ambiente movimentado, que o poeta Tacape Júnior, publica no mesmo *Evolução-Jornal*, o poema “Arranha-céu”, recaindo no enfoque da urbanidade, da cidade tensão, do ritmo acelerado e descontínuo, da vida “concreta”, humanizando os prédios da metrópole idealizada:

- caixão espigado e comprido,
Erguido de cimento armado
E com rijas de ferro,
Esguio e fincado no céu,
No grande egoísmo impossível
De ser sozinho e, magestoso,
Vive sizudo e orgulhoso
Com ares de coisa temível
Flirtando o imenso véu
Que não acolhe o maior serro
E, menos, um caixão delgado
E de céu a dentro metido.⁵⁵⁸

O jornal *Evolução*, órgão oficial do *Centro de Cultura 7 de Setembro*, instituição dos alunos do Instituto Pedagógico, tornou-se neste sentido um espaço aberto para difusão da literatura modernista, expressando em suas páginas os anseios de uma juventude, que vivenciava um processo de transformação urbana, que acabou demarcando mudanças nos sentidos de produzir literatura.

Mas do que o *Evolução-jornal* foi *A Flâmula* o periódico com características mais fortes de vanguarda cultural. Publicado em dois números, e editado por quatro jovens: Antonio Moraes, Paulo Brasil, Milton Coura e Lopes de Andrade, os textos presentes no jornal foram produzidos numa linguagem diferente dos demais periódicos campinenses da época. As temáticas escolhidas, os textos publicados têm um alto teor

⁵⁵⁷ JUNIOR, Tacape. Menina da metrópole. *Evolução-Jornal*. Ano I, nº3, 19 de Agosto de 1934, p.3.

⁵⁵⁸ JÚNIOR, Tacape. Arranha Céu. *Evolução-Jornal*. Ano I, nº 4, 16 de Setembro de 1934, p.4.

modernista. Os poemas são constituídos por versos livres, a semelhança muitas vezes de textos em prosa. Chama atenção o fato de todos os textos estarem em caixa baixa.

O jornal, impresso na *Editores Nordeste*, em Campina Grande, foi publicado nas datas de 11 de Novembro (1º Número) e 8 de Dezembro (2º Número) de 1934, trazendo o seguinte editorial no seu primeiro número:

não fizemos um jornal noticioso, mas publicaremos sempre as notícias que nos chegarem as mãos, fresquinhas.

tão pouco teríamos a intenção bem triste de fase-lo político, porem sem isso querer dizer que lhe temos ojerisa, uma vês que, sempre que acharmos conveniente, faremos também a nossa politicazinha...

a qualquer credo religioso, porem só o sentimento de responsabilizando, entretanto, pelas idéias filosóficas, manifestadas pelos nossos colaboradores em artigos devidamente assinados.

em definitivo, o nosso jornal será de aproveitamento cultural da mocidade.

mesmo sob a orientação de rapazes, pode le-lo também qualquer senhorita ou ancião, na certeza de que não terão desagradáveis encontros com os artigos do Dr. José de Albuquerque ou os retratos de Stalin.

vale.

A direção ⁵⁵⁹

Este “aproveitamento cultural da mocidade” fica evidente ao longo dos textos que vão sendo publicados no periódico, entre crônicas, notas, pequenas reportagens, mas, sobretudo, poemas. Um deles nos chama atenção por sua instigante manchete: “milton coura escreveu para o departamento metálico do modernismo”. O poema a seguir traz realmente elementos verdadeiramente modernos, como a descontinuidade, vejamos:

bonecos...

o boneco de aço
tomou conta do mundo
e botou o outro para fora.

e' e ficou olhando
o boneco metálico fabricar
uma comida danada de gostosa
e uma roupa danada de bonita.

o dono do boneco mecânico
chamou o para comprar
mas como faltava dinheiro...

é por isso que
o dono do boneco de aço
não pode vender
e o boneco metalizado,
endinheirado.

⁵⁵⁹ A finalidade. *Flâmula*. Ano I, nº1, 11 de Novembro de 1934, p.1.

o boneco cx lado sonhou
que havia uma terra
onde ele era igual
ao dono do boneco de aço
e este escravo deles

se aqui fosse assim...

e d's deste dia
que ele ficou com vontade
de transformar isto aqui
na terra de seu sonho.⁵⁶⁰

O poema traz uma temática “exótica”, ou não muito convencional, narrativa e confusa quanto à abordagem. O texto refere-se a um “boneco metálico”, feito de aço, e que teria expulsado o boneco convencional, ou seja, o de madeira ou pano. A modernidade presente no texto esta além da própria abordagem do autor, mergulhado num universo metálico e antinatural, mas também no formato do poema, demarcado pelos versos livres, sem métrica, ainda com ritmos falhos, titubeantes e semelhantes a um texto em prosa. Boa parte dos poemas publicados nos dois números do jornal *Flâmula* traz esta característica.

Uma mostra expressiva de que o grupo de editores do jornal estava sintonizado com a produção literária brasileira e modernista, são os textos de José Pedroza e Antonio Moraes, dois poetas, que na época eram livreiros na cidade de Campina Grande. No texto, chamado “*A literatura regional*”, da autoria de José Pedroza, é pintado um quadro de referências que incluem influências modernistas, sejam elas nordestinas ou paulistanas. Vejamos:

após o movimento bélico de mil novecentos e trinta, que revolucionou todo o paiz, a literatura regional tornou-se a essência dos escritos brasileiros.

a idéia de modernizar o espírito de nossa literatura, partiu do grande e saudoso escritor graça aranha, desde mil novecentos e vinte.

acompanho-o neste movimento modernista literário: Jorge de lima, Manoel bandeira, Mario Andrade e outros.

a academia não abraçou, como devia, as sugestões apresentadas por graça aranha.

graça aranha, a todo momento, tirava a conclusão que, a literatura romântica, sentimentalista, que há muito dominava o espírito culto brasileiro, não seria um dia, a gloria do Brasil literário.

e sima literatura naturalista, a literatura positiva, a literatura regional.

logo depois dessa campanha literária aparece o romance de José Américo, a bagaceira.

num estilo completamente regional.

um romance escrito na linguagem da nossa região brejeira.

a principio, a crítica não lhe foi favorável.

⁵⁶⁰ COURA, Milton. Bonecos... *Flâmula*. Ano I, nº1, 11 de Novembro de 1934, p.1.

houve, de certo, um movimento crítico-literário em de redor, a bagaceira.
pareceu dormir a literatura regionalista.
até que acordou.
hoje, já lemos lins do rego, jorge amado, graciliano ramos, amando fontes
e outros mais.
a literatura regional dia a dia, vae cahindo na simpatia do brasileiro ledor.
ao ler-se uma brochura desses modernos escritores sentes-se... quer que
seja de uma alma ...
ouve-se o grito de revolta do homem do campo, do trabalhador da rua, no
seu falar rude e inculto contra a injustiça.⁵⁶¹

Percebe-se a perfeita sintonia das leituras realizadas por José Pedroza de autores destacados no período, como o modernista Graça Aranha, e dos chamados regionalistas nordestinos José Lins do Rêgo, Jorge Amado, Graciliano Ramos, entre outros. O poeta percebe as transformações ocorridas na literatura brasileira a partir dos movimentos modernistas e regionalistas, no que se refere à valorização da chamada “alma brasileira”.

Contudo, de todos os textos, o autor que mais se aproxima de uma postura modernista, de renovação literária, é indiscutivelmente o poeta Antonio Moraes. Profundamente irônico e sarcástico, o autor impregna nas páginas do jornal *Flâmula*, através dos artigos “Os Jazzistas” e “Os Novos”, respectivamente publicados nos números 1 e 2 do jornal, um discurso de críticas contundentes aos chamados “passadistas”, salientando as suas deficiências e limites e pregando uma mudança vertiginosa em nossas letras.

No artigo “Os jazzistas”, Antonio Moraes escreve: “mais um jornal na terra, um jornal novo, de gente nova, um periódico literário que pretende seguir os novos destinos da literatura moderna, na sua direção tem alguma “creanças” que ainda “choram” sem motivo...”⁵⁶², alusão sarcástica aos poetas que consideram a poesia como uma maneira de expressar sentimentos, apenas, se um cuidado com os recursos da linguagem poética. Mais a frente o autor afirma: “Dirão muitos os modernistas são deturpadores da arte pelo contrário, são os renovadores da arte são os que procuram sensações novas para agradar ao homem insatisfeito da atualidade”.⁵⁶³

A marca da renovação se estende por todo o texto, em sintonia com as ideias proferidas pelos modernistas paulistas uma década antes: “A fogueira da próxima hecatombe queimará os restos mortais do passadismo. O bom em poesia deixou de ser

⁵⁶¹ PEDROZA, José. A literatura regional. *Flâmula*. Ano I, nº1, 11 de Novembro de 1934, p.2.

⁵⁶² MORAES, Antonio. Os jazzistas. *Flâmula*. Ano I, nº1, 11 de Novembro de 1934, p.4.

⁵⁶³ Idem.

um homem torturado pela saudade e pelo amor, o apito das fábricas calou a voz do sabiá”.⁵⁶⁴

No artigo “Os novos”, Antonio Moraes dialoga diretamente com o pensamento social, quando afirma: “A dialética social influe consideravelmente, na formação intelectual da mocidade contemporânea, antes do golpe de outubro, não existiu no Brasil, a atmosfera febril que existe hoje em dia nos círculos estudantinos, com relação ao momento social que empolga a humanidade”⁵⁶⁵. No final, citando o poeta Castro Alves escreve: “E assim os novos sonham, como Fourier, o momento da fraternização humana ante o esplendor da alvorada universal”⁵⁶⁶.

Contudo, de todos os textos publicados no período nenhum traduz melhor este momento de ascensão do modernismo em Campina Grande, do que o texto: “O sentido moderno da Literatura Campinense”, de Lopes de Andrade, publicado no *A.E.JORNAL*, de 30 de Outubro de 1934. Com um repertório conceitual, típico de um combate com os escritores considerados conservadores, o jovem começa afirmando que: “uma análise bem feita na literatura da terra vale por uma verdade com que pouca gente concorda – é a conclusão de que o modernismo absorveu, de uma só vez por todas, a arte passadista, entre nós”⁵⁶⁷. Depois disso, Lopes de Andrade vai em direção aquele que, na época, era considerado o principal nome da poesia em Campina Grande:

Mauro Luna – é verdade – continua sendo o que sempre foi, o maior poeta conterrâneo. Mas Antonio de Moraes e Elias de Araújo são, inegavelmente, muito lidos. Isso prova que a cidade cedeu todo o terreno á inovação que ora domina quase todos os setores da literatura no país.⁵⁶⁸

Típico dos combatentes, Lopes de Andrade, analisa a dialética “passadismo x modernismo”, colocando mais uma vez Mauro Luna, poeta parnasiano, como modelo passadista, contra um hoje, expressado pela nova geração da qual o jornalista faz parte ativamente: “Em Mauro, a maior figura intelectual da fase passada, sobram arrojos de uma arte grandiosa, mas que, infelizmente, preferiu engaiolar-se no seu egoísmo á deixar identificar à mentalidade moderna, mais ampla e de menos preconceitos do que a passada”⁵⁶⁹.

⁵⁶⁴ Ibidem.

⁵⁶⁵ MORAES, Antonio. Os novos. *Flâmula*. Ano I, nº2, 8 de Dezembro de 1934, p.2.

⁵⁶⁶ Idem.

⁵⁶⁷ ANDRADE, Lopes de. O sentido moderno da literatura campinense. *A.E.JORNAL*, Ano I, nº9, 30 de Outubro de 1934, p.5

⁵⁶⁸ Idem.

⁵⁶⁹ Ibidem.

O autor do artigo indica Antonio Moraes como o inaugurador da arte modernista na cidade de Campina Grande, atribuindo a seu nome uma importância para a literatura da cidade naquele momento:

Em Antonio Moraes – o iniciador da arte moderna na cidade – vê-se, no contrario, um desprendimento bemfasejo, facilmente assimilável. Quero mostrar com a observação porque foi o passadismo absorvido pelo modernismo – a simples razão histórica do primeiro não querer ou não achar conveniente amoldar-se ao espírito da época, quando o passadismo não foi outra coisa, sinão resultado histórico também de outra época e, por conseguinte, perfeitamente substituível, como o Sr. Getúlio Vargas, ou mesmo o eminentíssimo Sr. Borges de Medeiros...⁵⁷⁰

Depois de “catucar” Mauro Luna, que representaria uma espécie de cânone da literatura local e exaltar a importância de Antonio Moraes para as letras campinenses, Lopes de Andrade, agita com suas palavras, criticando outros nomes da literatura da “Rainha da Borborema”, entre eles Antonio Telha, Murilo Buarque e Cristino Pimentel, pregando desta forma a necessária renovação:

O crepúsculo da arte clássica, entre nós, foi iluminado pelos raios da inteligência de Iracema Marinho.

Samuel Simões achou prudente afogar a musa dentro dos lucros e perdas da firma José de Brito & Cia. Anésio Leão fez uma arribada celebre para os sertões. Antonio Telha trocou os seus chatíssimos ratos pelos balancetes da Prefeitura; o ilustríssimo Sr. Poeta passadista Jaime de Santiago, a quem o vate das caveiras fez questão de chamar “mau discípulo” e o Sr. Pozzoli bateram a linda plumagem da cidade. Pimentel, vendo-se só, apresentou-se então, de moto própria, diante da desistência heróica dos gabinetanos, seus contemporâneos.

A cidade deixou, então, de beber inspiração nas águas de Castalia para se contentar aqui mesmo com os refrescos de Cristino.

Fez-se a mentalidade nova. Altamiro Cunha, da Revista MODERNA, é um grande responsável pelos maus xaropes modernistas que o prof. Mauro esta na obrigação de tolerar, de quando em quando. Aloizio Campos, Humberto Cavalcanti, Antonio Moraes, Elias de Araújo – foram essas as inteligências que difundiram, pela primeira vez a literatura nacionalista na cidade.⁵⁷¹

E assim identificamos textos, entre contos, poemas e artigos, destes jovens que na época tiveram a ousadia de questionar os nomes já firmados no campo literário local, como fez Lopes de Andrade. O que demonstra claramente, que houve sim, uma tentativa de movimentação cultural, dentro do campo das letras locais, em sintonia com outras cidades do período.

⁵⁷⁰ Ibidem.

⁵⁷¹ Ibidem.

No jornal *Voz da Borborema*, de 20 de Novembro de 1937, Aduino Rocha, em um artigo intitulado “Mais vale a substância do que a forma”, apresenta os indicadores da produção literária a partir das transformações inseridas naquele momento: “A tendência literária do espírito contemporâneo tem se acentuado, sensivelmente, no sentido da maior simplicidade, na redução possível quanto a maneira geral e particular de um escrever”⁵⁷². E reflete: “Vê-se que, certo tempo pra cá, os escritores modernos não se tem impressionado com a forma rotunda do linguajar túrgido e empanturrado de expressões e figuras metafóricas rebuscadas”⁵⁷³. O mesmo articulista percebe a contribuição que o jornalismo deu para estas mudanças:

Aqueles, cujo início literário se firma, antes de tudo, sobre as mesas redacionais dos periódicos, apresentam, sempre, uma feição e uma técnica todas especiais nos escritos e nas obras que, porventura, produzam.

O jornalismo, segundo a sua estilização desprezenciosa e colorida, tem a faculdade, virtualmente plasmadora, de orientar, na arte de escrever, o senso literário, que cristaliza, gradualmente, na razão da espontaneidade e da simplicidade.

Machado de Assis, Humberto de Campos, para não citar outros, constituem, nesse particular, um exemplo flagrante e real do que aludi, porque as suas obras, vazadas todas num estilo natural, principalmente em se tratando do importal autor do Dom Casmurro, lidas tem elas um sabor agradável e objetivo das expressões singelas e desempoladas.

A adjetivação, o abuso dos advérbios, o emprego, repetido, das gerundiais, tudo isso tem desmerecido, grandemente, os trabalhos de certos escritores que outra coisa não tem em vista, senão a forma do arranjo psicológico.

O sentido coetâneo da literatura nova, bem amoldada como está, estilisticamente, á técnica do jornalismo, já vem dominando, dalguma sorte, grande número dos escritores brasileiros desta última geração intelectual.

Raros são, pois, os escritores dotados desse admirável *sensus* sintético do pensamento humano, que tem o poder de contornar, num estilo simples e numa construção reduzida de sentenças, premissas varias no âmbito de poucos períodos.

Na época de vertigiosidade, sob todos os sentidos, em que vive, presentemente, a humanidade, tudo marcha para o abreviamento, mais, um escritor que não escreva multa paucis.⁵⁷⁴

Portanto, entendemos que a década de 1930 é inaugurada com mudanças significativas na produção literária campinense. Por outro lado, estas mesmas mudanças não se demonstraram contínuas e consolidadas, pelo contrário, ao termos conhecimentos da produção literária local durante as décadas seguidas a 1930,

⁵⁷² ROCHA, Aduino. Mais vale a substancia que a forma. *Voz da Borborema*, Ano I, nº38, 20 de Novembro de 1937, p.3.

⁵⁷³ Idem.

⁵⁷⁴ Ibidem.

perceberemos que continuaram os escritores que seguirem o modelo anterior, sem que isso interferisse na produção de maneiras diferentes de compor.

Com efeito, as personalidades das mais variadas e diversas escolas literárias mantinham uma relação por demais próxima, o que tornava difícil o surgimento de um movimento real de ruptura, em termos de arte, com os padrões estabelecidos por uma vanguarda, como ocorreu em São Paulo e no Rio de Janeiro. O universo literário da cidade, nas cinco primeiras décadas, é quase dominado pela produção da escola parnasiana e simbolista, isso no que se refere à poesia. A ficção, a produção mínima não possibilita uma análise profunda.

No que se refere ao grupo de escritores de Campina Grande, vinculados as propostas do movimento modernista na década de 1930 ligados a alguns periódicos, entre eles a *Flâmula*, compreendemos que ele era constituído por um conjunto de intelectuais de vanguarda que tinham objetivos e vivências de renovação literária. Constituído por uma espécie de unidade coletiva real, os componentes deste grupo, homens jovens, vivenciaram experiências numa mesma cidade, tinham contatos freqüentes, objetivos comuns bem definidos e relações afetivas, o que explica o fato de dividirem em muitas situações as editorias de vários jornais no período.

Porém, tal movimento campinense não teve conexões com o movimento modernista em João Pessoa e Recife, não havendo uma inspiração direta da Semana de Arte Moderna de 1922, ocorrido em São Paulo. Isolado, descontínuo, de todos os nomes, apenas Lopes de Andrade, tornou-se um nome ainda envolvido e com diálogos com o modernismo, mesmo assim de maneira indireta, sem combates, participando inclusive dos círculos intelectuais dos quais os passadistas participavam. Os outros praticamente sumiram. Poucos participaram ou deram continuidade as suas atividades literárias. Antonio Moraes, José Pedrosa, se dedicaram pouco á poesia, sendo livreiros conhecidos na cidade, mas sem incursões significativas na poesia.

A hipótese fundamental da pesquisa é que o grupo ligado ao jornal *Flâmula* constituído pelos jovens Elias de Araújo, Abel Rocha, José Pedrosa, Lopes de Andrade, Milton Coura, José Brazil, entre outros, formaram entre 1934 e 1936, ou seja, durante poucos anos, um grupo social definido:

(...) uma unidade coletiva real, mas parcial, diretamente observável e fundada sobre atitudes coletivas contínuas e ativas, tendo uma obra comum a realizar; unidade de atitudes, de obras, de condutas que constitui um quadro social

estruturável, tendo a uma coesão relativa das manifestações das sociabilidades.⁵⁷⁵

Este grupo atuou de forma contínua não apenas no jornal Flâmula (onde desenvolveram seus postulados numa tentativa de refletir sobre as necessidades de mudança na literatura campinense), mas em outros periódicos, como o *A.E. JORNAL* (1934), *Extra* (1934), *Evolução-Jornal* (1934-1936), *O Paulistano* (1934-1936), sendo redatores, diretores ou simplesmente colaboradores destes órgãos de imprensa.

A Semana de Arte Moderna não teve realmente uma repercussão imediata em Campina Grande. Por outro lado, alguns dos jovens escritores residentes na cidade e interessados em literatura se impressionaram com o acontecimento, mediante as informações que receberam algum tempo depois. Tal influência, entretanto não foi causada por uma relação, uma vinculação direta, criada por correspondência ou troca de informações, como em Pernambuco ou Rio Grande do Norte, quando respectivamente Joaquim Inojosa e Câmara Cascudo, tiveram um diálogo com os grupos modernistas do sul do país, através de cartas ou publicações coletivas. A repercussão se deu principalmente a partir de uma necessidade de um grupo, que vendo o contexto das letras campinense, se viu na necessidade de questionar os modelos tradicionais de produção literária.

4.4.2. O MODERNISMO EM CAMPINA GRANDE: ENTRE ADESÕES E RESISTÊNCIAS

Entendemos que Campina Grande seria uma comunidade oscilante entre o novo e o tradicional, assim como o provincianismo e o cosmopolitismo, todavia as práticas literárias evidenciadas aqui possuem elementos mais tradicionais do que vanguardísticos. A indiferença e a complacência parecem ser atitude bastante comum em todos os lugares cuja literatura moderna se expressou. Houve os adeptos e os críticos, mas os indiferentes também participavam deste contexto, dando razão muitas vezes com os seus silêncios aos últimos. Entusiasmo passageiro, traços isolados, realmente tais características podem ser colocadas quanto à tentativa de renovação literária em Campina Grande, como poderemos observar, principalmente através da imprensa ao longo dos anos 1930.

⁵⁷⁵ DIAS, Fernando, Op. Cit. 1971, p.146.

Já percebemos que o modernismo na Paraíba foi uma realidade, principalmente na cidade de João Pessoa. Na Revista *Correio das Artes*, de 25 de dezembro de 1949, o escritor paraibano João Lélis, procurando realizar uma retrospectiva da poesia moderna no estado da Paraíba, enfatiza a importância do estado neste contexto de transformação literária no Brasil:

A poesia moderna surgiu na Paraíba num só impulso, subitamente, e firmou-se. Isto foi lá pelos idos de 1922, quando no sul o sopro modernista, em dado momento, esbatia pelas chapadas e morros literários como aqui no Nordeste faz o Aracati nas noites estivais e quentes. Firmou-se primeiro como poesia exaltante, virtuosa, quase verde-amarelismo, com clamores de marcha patriótica, percutindo as cordas vibráteis do nosso impersonalismo brasileiro ou da nossa brasilidade despersonalizada. Era aqui um reflexo sem jaças opacas do que os teólogos na nova forma e do ritmo estranho que encontrou o seu deísmo em “Essa Nega Fulô” faziam prevalecer na cruzada iniciante. O debate dos poetas intrépidos da Paraíba se faz com vestimentas atrevidas, quase idênticas aquela casca de banana da cançalzinha existencialista do último carnaval. (...) ⁵⁷⁶

Apesar dos exageros de João Lélis, percebe-se que Paraíba já nos primeiros meses ou anos após a Semana de Arte Moderna, já se incluía no mapa das transformações da literatura brasileira, sendo alguns dos seus intelectuais seguidores da poesia moderna, o que explica, por exemplo, na historiografia brasileira, a referência da Revista *Era Nova*, entre as “inúmeras revistas e jornais literários (...)” que assinalaram a repercussão do modernismo nos estados brasileiros.⁵⁷⁷

Mesmo assim, não foram poucos os que se tornaram combatentes da literatura moderna, na época de sua repercussão, ou mesmo durante o processo de difusão através da imprensa. Na Paraíba, destacaríamos o nome do jornalista e escritor Ascendino Leite⁵⁷⁸. Resultado de uma série de artigos publicados no jornal *A Imprensa* em Agosto de 1939, o intelectual publica o livro *Estética do Modernismo*, no mesmo ano, no qual, “sem maiores pretensões literárias”⁵⁷⁹, pretendeu refletir a concepção do modernismo a partir das observações de Tristão de Athayde. Para este último crítico literário: “(...) o

⁵⁷⁶ LÉLIS, João. Considerações sobre Poesia. *Correio das Artes*, João Pessoa, Ano I, nº4, 25 de Dezembro de 1949, p.11.

⁵⁷⁷ TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda Européia e Modernismo brasileiro*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996, p.11.

⁵⁷⁸ Ascendino Leite (1915-2010), romancista, jornalista e memorialista, natural de Conceição de Piancó, sertão da Paraíba. Publicou dezenas de livros, entre eles *O Brasileiro* (Romance), *As Coisas Feitas* (Jornal Literário). *Estética do Modernismo* apesar de ter sido publicado no estado da Paraíba teve repercussões em todo o Brasil. Nomes como Wilson Martins e Tristão de Ataíde chegaram a comentar a ousadia do escritor paraibano.

⁵⁷⁹ LEITE, Ascendino. *Estética do modernismo*. João Pessoa: A Imprensa, 1939, p.3.

modernismo morreu. Ou antes, foi ultrapassado. Mais do que uma corrente literária foi um ambiente e um estado de espírito”.⁵⁸⁰

De acordo com Ascendino Leite: “O que no modernismo se conheceu ou se pretendeu impor como fundamentos foram, precisamente, a ruptura com o passado, a renovação das formas estéticas, a liberdade de ritmos, a guerra ao academicismo e a retórica clássica, um culto mais decisivo pela filosofia do que pela literatura”⁵⁸¹. Neste sentido, para o escritor paraibano o modernismo pecou pelo excesso e pela extravagância. Sendo um movimento marcado por sua notável seqüência de erros e despropósitos, de dúvida e incompreensão. “A estética do modernismo arbitrário foi ao extremo dos tipos meúdos na confecção de livros, revistas e jornais e ao plebeísmo desbragado na linguagem e no estilo”.⁵⁸²

Excessos invadiram os domínios da arte gráfica: “neste particular, a revolução foi radical. Os poetas iam à excrescência das letras minúsculas, começando períodos depois de ponto-final. Aboliu-se a letra maiúscula não se soube o porquê”⁵⁸³. Ascendino Leite combate este grande ódio pelo passado, seguido pelos modernistas:

Mas o que havia de debilitar o modernismo não era precisamente esse arbitrário sentimento do novo contra o clássico, senão a variedade de temperamentos individuais que, dentro de sua repercussão, teria de transformá-lo num movimento contraditório e, por vezes, profundamente ilógico.⁵⁸⁴

Na organização de um modelo estético, com regras fixas, demarcadas por um programa anti-passadista: ausência de rimas, falta de métrica, exageros nos ritmos, idéias e associação de idéias, desprezo por desfechos bonitos. Para Ascendino Leite “Era a intolerância na imbecilidade”.⁵⁸⁵

Embasado em Tristão de Athaide, que subdividiu o movimento modernista em seis tendências ou correntes (dinamista, primitivista, nacionalista, espiritualista, sentimental e a independente), Ascendino Leite chega a conclusão que “disperso e desorientado, até 1930, foi, o modernismo pobre em obras definitivas, rico em superficialidades, medíocre nos propósitos iniciais, todavia útil no que toca a renovação

⁵⁸⁰ Idem, pp.3-4.

⁵⁸¹ Ibidem, p.5.

⁵⁸² Ibidem, p.7.

⁵⁸³ Ibidem.

⁵⁸⁴ Ibidem, pp.11-12.

⁵⁸⁵ Ibidem, p.12.

de ambiente social e literário”⁵⁸⁶. Com isso, para o autor, a poesia se renovou totalmente até a mediocrização.

Como exemplo do combate e a crítica ao modernismo em Campina Grande, temos dois textos publicados na década de 1940 na *Revista Manaíra*, pelos intelectuais campinenses: o advogado Carlos Agra⁵⁸⁷ e o historiador Epaminondas Câmara. Ambos são enfáticos em suas avaliações negativas quanto as transformações que a arte e a literatura vivenciou naquele momento.

Carlos Agra traz um longo e profundo ensaio chamado “A Fuga do Belo”, relacionando as transformações das artes, ai incluindo o modernismo, como sendo algo nulo e pejorativo em vários aspectos. Representando o *Centro Campinense de Cultura*, o advogado acredita que:

Como reflexo do declínio da Cultura Ocidental, aparece o desraizamento do homem e em conseqüência o caso da Arte Contemporânea. Nunca mais houve ritmo, poesia e música nas coisas. O sentimento estético do homem se perverteu. A beleza se deformara. A Arte Contemporânea perdeu a sua alma, o espírito que a animava. Desde que o subjetivismo morreu, a arte entrou em decadência. O interiorismo para a Arte é o mesmo que a mística para a religião e para a filosofia. Quando o simbolismo fugiu, ela perdeu a sua força: o mistério, o segredo. Despida de mistério, tornou-se nua, fria, barbarizada. Num lance de olhos, se percebe, logo, a completa ausência de espiritualidade na Arte Contemporânea. Falta-lhe uma energia, uma paixão, um impulso criador. Falta-lhe a virgindade da idéia, da imagem e da forma. Faltam-lhe originalidade e alma.⁵⁸⁸

Mesmo referindo-se a arte contemporânea, podemos perceber a verdadeira aversão ao experimentalismo por parte de Carlos Agra, ideia bastante difundida por parte dos intelectuais campinenses ao longo do século XX. Com semelhante concepção temos o historiador Epaminondas Câmara, em um texto redigido como palestra no almoço do *Rotary Clube de Campina Grande*, no dia 4 de setembro de 1947, mas publicado na *Revista Manaíra*, de 1949, com o título de “O que pensa do mundo de Hoje”, segundo o autor de *Datas Campinenses*:

(...) A decadência artística é bem assim uma outra entristecedora da ancrinalidade mundial. A pintura, a dança, a escultura enfim, as belas artes no sentido em que pretendem modernizá-las, dão-nos uma idéia da degenerescia mental da retrogradação estética da geração presente. O surrealismo, por

⁵⁸⁶ Ibidem, p.25.

⁵⁸⁷ Carlos Agra (1907-?). Advogado. Nascido em Campina Grande, formou-se em Direito pela Faculdade de Direito de Recife. Exerceu a função de advogado na terra natal. Chegou a ser promotor público da comarca da cidade. Colabou em diversos jornais e revistas, de João Pessoa e Campina Grande. Foi membro fundador do Centro Campinense de Cultura.

⁵⁸⁸ AGRA, Carlos. A Fuga do Belo. *Revista Manaíra*, João Pessoa, Ano I, nº8, junho de 1940, p.16.

exemplo, para falarmos apenas numa das hediondas modalidades artísticas, não impressiona os espíritos superiores dos temperamentos equilibrados porque pretextando exprimir um transcendentalismo sem base e sem caracteres específicos, foge aos anseios e das sutilezas na nossa imaginação para se desvirtuar em representações sem sentido universal, inacessíveis, enigmáticas, que aberram do bom senso e reagem contra a lógica e o bom gosto.

Por tudo isto o mundo atual não pensa em questões metafísicas nem no verdadeiro sentido da arte. E em condições tão desnorteadores, resta a humanidade a esperança de uma paz universal afim de poder trabalhar para nutrir os povos.⁵⁸⁹

E assim foram outros intelectuais locais, que se sentiram incomodados e intranquilos com as transformações nas formas de produzir arte e literatura, entre elas, aquelas em que o modernismo teve o papel fundamental, como na mudança nos “jeitos” de fazer poesia, na maneira de conceber ficções. Portanto, concluímos que a ideia de renovação literária em Campina Grande não se deu entre as décadas de 1920 e 1950, de forma contínua, num sentido de ruptura formal e estética, sendo em muitos aspectos isolada, seja como um movimento específico, sem continuidade histórica, como foi entre os anos de 1934 e 1936, seja na ausência de publicações marcantes, que viabilizassem uma renovação paradigmática, como foi em outros estados do país.

⁵⁸⁹ CÂMARA, Epaminondas. O que pensa do mundo de hoje. *Revista Manaíra*, Campina Grande, Ano X, nº 63, p.4.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante as comemorações dos 100 anos de emancipação política da cidade de Campina Grande em 1964, a Comissão Cultural do Centenário publicou no mesmo ano a *Coletânea de Autores Campinenses*, contendo textos de escritores naturais ou radicados na cidade, cinco a seis gerações de intelectuais perfilados, com amostras de suas respectivas produções, entre crônicas, poemas e trechos de ensaios ou discursos. A obra organizada pela comissão, que na época foi constituída por um grupo de intelectuais campinenses de inegável atividade artística e cultural, a exemplo de Elpídio de Almeida e Severino Bezerra de Carvalho, possuía a finalidade de expor quais seriam os principais valores da produção intelectual de Campina Grande nos últimos 100 anos de sua história.

A obra foi prefaciada pelo mais destacado nome da literatura paraibana no período, o escritor José Américo de Almeida, ex-governador do estado da Paraíba, e membro da Academia Brasileira de Letras. O escritor salienta no prefácio que em Campina Grande “Sobressai o material. Operou-se esse fenômeno de expansão econômica e realidade construtiva por um esforço múltiplo e, aparentemente, espontâneo, imune, contra as leis naturais, a todas as crises regionais.”⁵⁹⁰. Mais abaixo, no mesmo texto, o autor de *A Bagaceira* garante “Quem analisava essa formação só descobria o real, a ânsia de realizar e progredir, abstraindo dos valores espirituais que ornamentam a evolução dos povos. Mas essa grandeza não podia ser ilógica ou arbitrária. Todo progresso é obra da inteligência”.⁵⁹¹

Percebe-se claramente nas palavras de José Américo de Almeida, a presença da dicotomia “*progresso material x progresso espiritual*”, algo marcante em toda a tradição intelectual de Campina Grande, como percebemos nos discursos críticos de vários intelectuais campinenses, queixosos de uma visão pragmática da sociedade campinense, centrada na forma de conceber o mundo a partir dos postulados da atividade comercial e industrial. O autor de *A Paraíba e seus Problemas* refere-se ainda sobre as principais características que marcariam a literatura produzida em Campina Grande:

⁵⁹⁰ ALMEIDA, José Américo de. Os ornamentos da História. In: JOFFILY, Irineu et alli. *Coletânea de autores campinenses*. Campina Grande: edições da Comissão Cultural do Centenário, 1964, p.7.

⁵⁹¹ Idem.

O que se encontra aqui coligido não documenta, propriamente, uma história literária; constitui, apenas, uma literatura que floresceu sem se subordinar a padrões que lhe atribuíssem cor local ou denunciassessem uma filiação estranha. São vocações isoladas as primeiras tentativas.⁵⁹²

Ausência de uma “cor local” e “vocações isoladas em suas primeiras tentativas”, somadas a uma escrita marcada pelo pragmatismo, a semelhança das ações ligadas ao comércio e a indústria, - estas foram as principais constatações de José Américo de Almeida ao avaliar as produções literárias contidas na coletânea de autores campinenses. Constatação esta já referenciada pelo fotógrafo e jornalista Machado Bittencourt na introdução desta nossa pesquisa. Segundo este último autor não houve em Campina Grande um esboço vigoroso de vocação cultural-humanístico na primeira metade do século XX. Apesar de a cidade ter seus poetas, jornalistas, ensaístas e tribunos, todos agiam em atividades que emergiam e submergiam em superfícies limitadas, sem o alcance de um fenômeno cultural.

Estas superfícies limitadas podem ser comprovadas quando investigamos as experiências dos círculos intelectuais, da cultura impressa e das repercussões modernistas no município de Campina Grande entre 1913 e 1953. O caráter fragmentado destas experiências, demarcados pela ausência de experiências contínuas e seguras quanto à formulação de pressupostos estéticos, revela as dificuldades de manutenção de instituições literárias e periódicas, os problemas de publicação em forma de livros, os conflitos entre os intelectuais e as práticas literárias e recepções culturais isoladas. Conseqüências dos limites provenientes no consumo e na produção de artefatos literários.

Ao identificamos e analisarmos como se deu o desenvolvimento dos principais círculos intelectuais na cidade de Campina Grande na primeira metade do século XX, comprovamos que estes lugares de sociabilidades intelectuais, tiveram em sua maioria um caráter efêmero e pouco dinâmico, se comparado a outras experiências em cidades diversas no mesmo período. Mesmo os mais contínuos círculos de intelectuais, como *Gabinete de Leitura 7 de Setembro*, sofreram com os momentos de abandono e descrença quanto aos valores intelectuais, sendo um exemplo claro das dificuldades de constituir ambientes de efervescência cultural e de redes de sociabilidade intelectual.

⁵⁹² Ibidem, p.8.

Ao compararmos os círculos intelectuais formais com os informais percebemos nitidamente que estes últimos, a exemplo da “Fruteira do Cristino Pimentel” e o “Caldo de cana do Hortensio”, se sobressaíram por se notabilizarem pela espontaneidade e naturalidade das relações entre os intelectuais locais, entre as décadas de 1940 e 1950, sobremaneira no que se refere às relações de amizade que foram sendo constituídas.

Ao investigarmos os meios de circulação do livro, notadamente as principais livrarias e bibliotecas em atuação no município, e enfocarmos em seqüência as publicações em formatos de livros, cartografando as obras e os autores campinenses lançados no período, no que se refere às regras e às normas de difusão destes escritos, percebemos as imensas dificuldades no que se refere à publicação, a atualização, ao contato com referências vanguardísticas em ascensão na época, sobressaindo os limites para a composição de um campo literário local.

Percebemos que o periodismo em Campina Grande, ao analisarmos a sua trajetória e o universo de jornais, revistas, almanaques e anuários lançados na cidade, dentro de nossa delimitação, sofreu descontinuidade uma vez que estes periódicos e artefatos impressos foram marcados pela efemeridade, pela improvisação gráfica e pela atuação individual de vários intelectuais, numa forma quase quixotesca e solitária, de compor jornais e revistas num ambiente praticamente hostil aos valores culturais.

Ao compreendermos como foi repercutida a literatura moderna entre os intelectuais na cidade de Campina Grande na primeira metade do século XX, evidenciamos o grau de isolamento desta experiência, cujo processo sofreu mais com as resistências a ele do que se beneficiou com adesões, no momento em que o Brasil, em suas várias cidades, inclusive do Nordeste, vivenciava movimentos de rupturas com a tradição, chamada de “passadista”.

Portanto, ao avaliarmos a questão intelectual em Campina Grande no período de 1913 a 1953, compreendemos que as dificuldades de instituir um ambiente confortável, contínuo e vibrante, em que o interesse artístico e literário se sobressaísse ou acompanhasse em importância a esfera econômica, foi uma busca de muitos dos intelectuais campinenses. Tanto que alguns tentaram empreender algumas leituras diferenciadas, como foi o caso do jornalista e poeta João Mendes de Sousa, que ao produzir um texto chamado: “A Mentalidade Campinense”, para o *Anuário de 1925*, afirmou que Campina Grande possuiu ao longo da década de 1920 outras características que fugiam de uma designação meramente econômica e comercial:

A saliência desta formosa e importantíssima cidade serrana, entre as diversas outras do interior nordestino, não se restringe, exclusivamente, ao ponto de vista comercial. Certo, que aqui temos a manifestação mais viva do nosso incomparável surto de centro progressista. Entretanto, outros aspectos oferece Campina Grande, que, indubitavelmente, a distinguem, se lhe não outorgam o direito de julgar-se o rincão mais bem fadado da terra parahybana.⁵⁹³

Estes outros aspectos são justamente o lado artístico e científico de seus letrados. Rompendo a barreira das tentativas de diluir apenas uma imagem de uma cidade de vocação econômica, “da cidade do trabalho”, o jornalista procurou refletir e compor imagens por outros caminhos, fazendo o possível para impor uma leitura que fugisse da realidade que já se constituía naquele momento:

Quem, ao primeiro instante, espraia as vistas sobre o meio indígena, onde sobe de ponto, continuamente, a atividades comerciais, tem, a nosso respeito, uma impressão que não traduz o que somos, nem alcança o que havemos de ser em matéria de letras. Parece que só ao comércio, ao trabalho material ou mesmo ao cego utilitarismo vivem, irremissivelmente, anquilosadas todas as energias. Porque, da facto, a luta pela ambicionada finalidade do progresso econômico, aqui se opera sem interrupção, com a ânsia e característica dos centros dominados pelo espírito yankee. Somos, porém, brasileiros: idealistas – portanto. De modo que o juízo, que é a primeira vista colhe o observador menos atilado, ressalta imbuído de falsidade, apenas leva a termo um exame acurado e consciencioso, apenas perscute o valimento intelectual de inúmeros filhos desta terra fecunda. Surge, então á evidencia, que o comercio, que tudo mais consegue, com sua eficiência, propulsora de imediatos resultados materiais, não consegue, entretanto, anular, com as suas vicissitudes tumultuosas o que de mais attrante e nobre pode ter um meio: a inteligência do seu povo, sabendo compreender e reverenciar o talento; o talento, o pendor literário ou científico dos que, justamente, em numero mais ou menos crescido, constituem o elemento intelectual, a força creadora do meio.⁵⁹⁴

Percebe-se a tentativa de acrescentar-se um valor intelectual à realidade que se apresentava naquele momento: que Campina Grande não seria apenas uma cidade de vocação econômica, financeira, comercial, e que aqui existiria um pendor literário e científico. Porém, ao relatarmos a experiência intelectual na cidade de Campina Grande, através das diversas fontes por nós coletadas, chegamos à conclusão de que, mesmo com a atuação de diversos círculos intelectuais, mesmo com a criação de vários periódicos, mesmo com as publicações em forma de livros, mesmo com a agitação de alguns intelectuais, o crescimento da venda de livros nas livrarias em determinados períodos, mesmo com as adesões de escritores ao modernismo, Campina Grande se

⁵⁹³ MENDES, João. *Mentalidade Campinense. Anuário de Campina Grande*. Recife: Oficinas Gráficas do Jornal do Comércio, 1925, p.9.

⁵⁹⁴ Idem.

manteve na maior de sua trajetória na primeira metade do século XX, de forma apática em relação as questões culturais, artísticas e estéticas. Sua atuação nestes campos se manteve circunscrita a um grupo pequeno de intelectuais que não conseguiu romper com uma tradição já bastante sedimentada, sendo incapaz de manter padrões de realizações coletivas e individuais, com poucas interligações com outros centros culturais do país e do mundo.

REFERÊNCIAS

• BIBLIOGRAFIA (LIVROS E ARTIGOS)

1. AGRA, Giscard Farias. *Modernidade aos goles: a produção de uma sensibilidade moderna em Campina Grande, 1904 a 1935*. Campina Grande: EDUFPG, 2010.
2. ARANHA, Gervácio Batista. Seduções do moderno na Parahyba do Norte: trem de ferro, luz elétrica e outras conquistas materiais e simbólicas (1880-1925). In: DO Ó, Alarcón Agra do et alli. *A Paraíba no Império e na República. Estudos de História Social e Cultural*. 2ª Edição. João Pessoa: Ideia, 2005, pp.79-132.
3. _____. *Trem e Imaginário na Paraíba e Região: Tramas Político-econômicas (1880-1925)*. Campina Grande, EDUFPG, 2007.
4. ARRAIS, Raimundo; ANDRADE, Alenuska; MARINHO, Márcia. *O Corpo e Alma da Cidade: Natal entre 1900 e 1930*. Natal: EDUFRN, 2008.
5. ARAÚJO, Fátima. *Paraíba: Imprensa e vida*. Campina Grande: Grafset, 1986.
6. AZEVEDO, Neroaldo Pontes. *Modernismo e Regionalismo: Os anos 20 em Pernambuco*. João Pessoa: UFPB; Recife: UFPE, 1996.
7. BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica*. São Paulo: IBRASA, 1972.
8. BARBOSA FILHO, Hildeberto. *Sanhauá: uma ponte para a modernidade*. João Pessoa: Edições FUNESC, 1989.
9. BELO, André. *História & Livro e Leitura*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
10. BOURDIEU, Pierre. O Campo Intelectual: um mundo à parte. In: *Coisas Ditas*. Tradução: Cássia Silveira e Denise Pegorin. São Paulo: Brasiliense, 2004, pp.169-180.
11. BRADBURY, Malcolm. As cidades do modernismo. In: BRADBURY, Malcolm; MCFARLANE, James (Org.). *Modernismo: Guia Geral*. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
12. BRADBURY, Malcolm; MCFARLANE, James (Org.). *Modernismo: Guia Geral*. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
13. BRESCIANNI, Maria Stella. História e Historiografia das Cidades, um Percurso. In: FREITAS, Marcos Cezar de (Org.). *Historiografia Brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998.
14. CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ed. Nacional, 1976.
15. CANDIDO, Gemy. *História crítica da literatura paraibana*. João Pessoa: Governo do Estado, 1983.
16. CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: *A Escrita da História*. Tradução: Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005, pp.65-119.
17. CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Tradução: Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, 1990.
18. _____. *Inscrever e Apagar. Cultura escrita e literatura (séculos XI-XVIII)*. Tradução: Luzmara Ferreira. São Paulo: Editora UNESP, 2007.
19. COUTINHO, Afrânio. *Introdução à literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.
20. CRUZ, Heloisa de Faria. *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana – 1890-1915*. São Paulo: EDUC; Fapersp; Imprensa Oficial, 2000.
21. DARNTON, Robert. *O Beijo de Lamourette: Mídia, Cultura e Revolução*. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

22. DIAS, Fernando Correia. *O Movimento Modernista em Minas: uma interpretação sociológica*. Brasília: Ebrasa, 1971.
23. DUTRA, Eliana de Freitas. *Rebeldes literários da República: História e Identidade Nacional no Almanaque Brasileiro Garnier (1903-1914)*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
24. ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Imprensa a serviço do Progresso. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina de. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2011, pp.83-102.
25. ELISIÁRIO, Aílton. *História Maçônica de Campina Grande*. Campina Grande: s/e, 2006.
26. FIGUEIREDO JÚNIOR, Paulo Matias. *Fotografia e Desenvolvimento Social: um recorte da realidade*. Campina Grande: EDUEPB, 2005.
27. GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: *Mitos, Emblemas, sinais*. Tradução: Frederico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, pp-143-179.
28. GOMES, Ângela de Castro. *História e historiadores*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996.
29. GONTIJO, Rebeca. História, cultura, política e sociabilidade intelectual. In: BICALHO, Maria Fernanda; SOIHET, Rachel; GOUVEIA, Maria de Fátima (Orgs). *Culturas Políticas: ensaios de história cultural, história política e ensino de história*. Rio de Janeiro: Mauad, 2005, pp.259-284.
30. INOJOSA, Joaquim. *A Arte Moderna*. Recife: Oficinas Gráficas do Jornal do Comércio, 1924.
31. _____. *O movimento modernista em Pernambuco*. Rio de Janeiro: Tupy, 1969.
32. KOSSOY, Boris. *Fotografia e História*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.
33. JAUSS, Hans Robert. Tradição literária e consciência atual da modernidade. In: OLINTO, Heidrum Krieger (Org.). *Histórias de literatura: as novas teorias alemãs*. São Paulo: Ática, 1996.
34. LEAL, José. *A Imprensa na Paraíba*. João Pessoa: A União, 1962.
35. LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Tradução: Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Suzana Ferreira Borges. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2005.
36. LEITE, Ascendino. *Estética do Modernismo*. João Pessoa, A Imprensa, 1933.
37. LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2008, pp.111-153.
38. MACHADO, Ubiratan. *Pequeno Guia Histórico das Livrarias Brasileiras*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.
39. MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina de. Introdução: pelos caminhos da Imprensa no Brasil. In: *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2011, pp.7-19.
40. MEDEIROS, Mario Vinicius Carneiro de. *Treze Futebol Clube: 80 anos de História*. João Pessoa: A União, 2006.
41. MELO, Josemir Camilo de; GAUDÊNCIO, Bruno Rafael de Albuquerque. A Dama da Academia: uma metabiografia de Leônia Leão. In: *Anais da XXV Simpósio Nacional de História*. Fortaleza: s/e, 2008.
42. _____. O Trem e o Crescimento de Campina Grande. In: OLIVEIRA, Maria José Silva e RODRIGUES, José Edmilson (Orgs). *Memórias da Modernidade Campinense: 100 anos do trem Maria Fumaça*. Campina Grande: Editora Agenda, 2007, pp. 17-30.

43. NASCIMENTO, Regina Coelli Gomes. Festejos, folia e saudade – cartografias da festa da Padroeira de Campina Grande – PB. SOUSA, Antonio Clarindo de et alli (org). In: *Cultura e Cidades*. Campina Grande: EDUFPG, 2009, p-55-67.
44. OLIVEIRA, Diogo de Castro. *Onosarquistas e Patafísicos: A boemia literária no Rio de Janeiro fin-de-siècle*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008.
45. PESAVENTO, Sandra Jatthy. *O Imaginário da Cidade: Visões Literárias do Urbano*. Porto Alegre: UFRGS, 2002.
46. RICOUER, Paul. *História, Memória, Esquecimento*. Tradução: Alain François. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2010.
47. SCHAPOCHNIK, Néelson. A leitura no espaço e o espaço da leitura. In: ABREU, Márcia; SCHAPOCHNIK, Néelson (Orgs.). *Cultura Letrada no Brasil: objetos e práticas*. Campinas, SP: Mercados das Letras; São Paulo: Fapesp, 2005, pp.229-243.
48. SENA, André de. *Eurípides de Oliveira: Jornalista e construtor de açudes*. Campina Grande: RG Editora, 1999.
49. SILVA, Helenice Rodrigues da. A História intelectual em questão. In: LOPES, Marco Antonio (Org.). *Grandes Nomes da História Intelectual*. São Paulo: Contexto, 2003, pp.15-25.
50. SIMMEL, Georg. Sociabilidade – um exemplo de sociologia pura ou formal. In: *Sociologia*. Organização: Evaristo da Veiga. Tradução: Carlos Alberto Pavanelli et alli. São Paulo: Ática, 1990.
51. SIRINELLI, Jean-François. Os Intelectuais. In: REMUND, René (Org.). *Por uma História Política*. Tradução: Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. pp.231-269.
52. SOARES, Antonio. *História Literária de Campina Grande: Subsídios e informações*. Campina Grande: Edições Caravela, 2004.
53. SODRÉ, Néelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1977,
54. SOUSA, Fabio Gutemberg R.B. de. Cristino Pimentel: Cidade e Civilização em Crônicas. In: DO Ó, Alarcón Agra et alli. *A Paraíba no Império e na República: Estudos de História Social e Cultural*. João Pessoa: Ideia, 2005, p.133-184.
55. SUSSENKIND, Flora. *Cinematógrafo das Letras: leitura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
56. TEIXEIRA, Flavio Weinstein. *O Movimento e a linha: presença do Teatro do estudante e do Gráfico Amador no Recife (1946-1964)*. Recife: Editora da UFPE, 2007.
57. TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda Européia e Modernismo brasileiro*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
58. VELLOSO, Monica Pimenta. *História & Modernismo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
59. _____. *Modernismo no Rio de Janeiro: turunas e quixotes*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.
60. _____. Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília. *O Brasil republicano: o tempo do nacional estatismo, do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. Volume 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

• REVISTAS

1. ALTAMIRANO, Carlos. Ideias para um programa de história intelectual. *Revista Tempo Social*. Tradução: Noberto Guarinello. São Paulo: USP, v.19, nº1, 2006, p.9-17
2. BITENCOURT, Jureni Machado. Revisão crítica da atividade cultural em Campina Grande – 1950-1975. *Revista Campinense de Cultura*. Campina Grande, nº 9, Abril de 1976, p.38-62.
3. CHARTIER, Roger. Da História da Cultura Impressa a História Cultural do Impresso. *Diálogos Midiológicos 11*. Tradução de Sylvie Delacours. Disponível em:
<http://revcom2.portcom.intercom.org.br/index.php/rbcc/article/view/892/674>. Acessado em 13 de Dezembro de 2011, p.85/86.
4. CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário Cunha Peixoto. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. *Projeto História PUC-SP*, nº35, São Paulo, dezembro de 2007, pp.253-270.
5. DUARTE, Rodrigo Aldeia. Modernidade e tradição nos modernismos do Rio e de São Paulo. *Menme – Revista de Humanidades*. Natal, V.4. Nº7, fev/mar. de 2003, pp. 80-113.
6. GAUDÊNCIO, Bruno Rafael de Albuquerque. Imagens Literárias da Educação em Campina Grande (1907-1957). *Revista Alfarrábios: Revista do Curso de História*. Campina Grande, UEPB. 2008, nº1, p.1-10.
7. GOMES, Ângela de Castro. Essa Gente do Rio... Os intelectuais cariocas e o modernismo. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, Vol.6, Nº11, 1993, p.62-77.
8. LEÃO, Leônia. Discurso de posse da professora Leônia Leão, na cadeira nº3, da Academia Campinense de Letras. *Revista da Academia de Letras de Campina Grande*. Ano I, nº1, outubro de 1993.
9. MARTINS, Maurício Vieira. Bourdieu e o fenômeno estético: ganhos e limites de seu conceito de campo literário. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo, Vol. 19, nº56, 2004, pp.63-151.
10. MELO, Vírginius de Gama e. Cronistas de Campina. *Revista Campinense de Cultura*. Campina Grande, Ano 1, nº 2, dezembro de 1964, p.59-61.
11. PONTES, Heloisa. Círculos intelectuais e experiência social. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo: ANPOCS, vol.12, nº34, 1997.
12. ROUANET, Sérgio. Este século tem dois anos a propósito do bicentenário de Victor Hugo. In: *Revista Brasileira*. Fase VII, Outubro/Novembro/Dezembro, 2002, Ano IX, nº. 33, p.12-21.
13. SOBRINHO, José Leite. Carta a Cristino Pimentel. *Revista da Academia de Letras de Campina Grande*, Ano XIII, nº6, outubro de 2008, 190-192.
14. ZANOTTO, Gizele. História dos intelectuais e história intelectual: contribuições da Historiografia Francesa. *Biblos*, Rio Grande, vol.22 (1), 2008, p.31-45.

• MONOGRAFIAS, DISSERTAÇÕES E TESES

1. ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. *Uma Introdução ao estudo do Modernismo no Rio Grande do Norte*. Dissertação de Mestrado em Letras. Campinas, SP: UNICAMP, 1991.

2. CABRAL FILHO, Severino. *A cidade através de suas imagens: uma experiência modernizante em Campina Grande (1930-1950)*. Tese de Doutorado em Sociologia. João Pessoa: UFPB, 2007.
3. CAVALCANTE NETO, Faustino Teatino. *O PCB paraibano no imaginário social: o caso Félix Araújo na fase da “redemocratização” (1945-1953)*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Sociedade. Campina Grande: UEPB, 2006.
4. FERREIRA, Monalisa Valente. *Luva de brocado e chita: Modernismo Baiano na revista A Luva*. Dissertação de Mestrado em Letras. Campinas, SP: UNICAMP, 2004.
5. GAUDENCIO, Bruno Rafael de Albuquerque. *Intelectuais à francesa. In: Lugares de Influência, espaços de cultura: os intelectuais campinenses nas trilhas e nos trilhos do Recife*. Monografia de História. Campina Grande: UEPB, 2009, p. 61-75.
6. MATOS, Felipe. *Sob os auspícios da livraria Rosa: redutos literários e circulação de cultura letrada em Florianópolis*. Dissertação de Mestrado em História. Florianópolis: UFSC, 2008.
7. NASCIMENTO, Regina Coelli. *Disciplina e Espaços: construindo a modernidade em Campina Grande no início do século XX*. Dissertação de Mestrado em História. Recife: UFPE, 1997.
8. SOUZA, Antonio Clarindo de. *Lazeres permitidos, prazeres proibidos. Sociedade, Cultura e Lazer em Campina Grande (1945-1965)*. Tese de Doutorado em História. Recife: UFPE, 2002.
9. SOUSA, Fábio Gutemberg Ramos Bezerra de. *Cartografias e Imagens da Cidade: Campina Grande – 1920-1945*. Tese de Doutorado em História. Campinas, SP: UNICAMP, 2001.

• SITE

ELISÁRIO, Ailton. Academia dos Simples. In: http://paraibaonline.com.br/index.php/colunistas_inc/3/203, acessado em 22 de fevereiro de 2012.

FONTES

• LIVROS/PLAQUETES

1. ALMEIDA, Elpídio de. *Areia e a abolição da escravatura: o apostolado de Manoel da Silva*. Recife: Oficinas Gráficas do Jornal do Comércio, 1946.
2. _____. *Discurso*. Campina Grande: Livraria Pedrosa, s/d.
3. _____. *História de Campina Grande*. Campina Grande: Livraria Pedrosa, 1962.
4. ALMEIDA, João Minervino Dutra de. *Razões finais em crime de calúnia apresentadas por Anfrísio Alves Brindeiro*. Campina Grande: Livraria Campinense, 1935.
5. ALMEIDA, José Américo de. Os ornamentos da História. In: JOFFILY, Irineu et alli. *Coletânea de autores campinenses*. Campina Grande: Edições da Comissão Cultural do Centenário, 1964, pp.7-9.
6. AMORIM, Agnelo. *Espiando a vida*. Campina Grande: Santa Fé, 1985.
7. AMORIM FILHO, Agnelo. *Aplicação indevida da teoria da responsabilidade Civil objetiva*. Campina Grande. Campina Grande: Livraria Pedrosa, 1951.
8. _____. *Um erro judiciário que ainda pode ser corrigido*. Campina Grande: Moderna, 1949.
9. AMORIM, Otávio. *Ação de Acidente de Trabalho*. Campina Grande: s/e, 1930.
10. _____. *Aplicação indevida da teoria da responsabilidade civil*. Campina Grande: Livraria Moderna, s/d.
11. _____. *Fala o Dr. Otávio Amorim em defesa de nossa lavoura algodoeira*. João Pessoa: s/e, 1936.
12. _____. *Falsa Imputação de mandato*. Campina Grande: Livraria Campinense, 1931.
13. _____. *Habeas-corpos a favor do deputado Antonio Vital do Rêgo e outros*. Campina Grande: s/e, s/d.
14. _____. *O Interdito na Prática*. Campina Grande: Tip. Cantuária, 1933.
15. _____. *Razões de Apelação*. Recife: Tipografia Comercial, 1927.
16. _____. *Reivindicações de Títulos cambiais*. Campina Grande: s/e, 1940.
17. _____. *Súmula da jurisprudência que disciplina a matéria (interpretação do art.178, &9º, Nº V. Letra B. do Código Civil, em função do art. 1.132*. Campina Grande: Livraria Pedrosa, 1949.
18. _____. *Um erro judiciário (questões de direito comercial)*. Campina Grande: Livraria Campinense, 1934.
19. _____. e QUEIROZ, Álvaro Gaudêncio de. *Ação ordinária de cobrança*. Campina Grande: s/e, 1941.
20. ANDRADE, José Lopes de. *Breve Discurso sobre a Sociedade e as Secas do Nordeste*. Campina Grande: O Cruzeiro, 1943.
21. _____. *Introdução a Sociologia das Secas*. Rio de Janeiro: A Noite, 1948.
22. _____. *Introdução a sociologia das secas*. 2º Edição. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2010.
23. _____. *Forma e efeito das migrações do Nordeste*. João Pessoa, A União, 1952.
24. _____. *O Homem Marginal do Nordeste*. Rio de Janeiro: A Noite, 1950.
25. _____. *Província, essa esquecida*. Campina Grande: Livraria Pedrosa, 1949.

26. _____. Um Grande paraibano. In: RIBEIRO, Hortensio de Sousa. *Vultos e fatos*. João Pessoa: A União, 1979, pp.13-14.
27. _____. *Uma militância na imprensa*. Organização: José Octávio de Arruda e Melo e Ana Maria Gonçalves dos Santos Pereira. João Pessoa: Bolsa de Mercadorias da Paraíba, 1985.
28. ARAÚJO, Félix. *Obra Poética*. Campina Grande: Edições Comissão Cultural do Centenário, 1964.
29. _____. *Tamar*. João Pessoa: A União, 1945.
30. _____. Acuso (resposta ao Governador do Estado). Campina Grande: s/e, s/d.
31. BARROS, Estefânia Mangabeira. *Natimorta*. Campina Grande: Tipografia Cantuária, 1928.
32. Barros, Paulino Oliveira de. *Ação de reivindicação de paternidade e anulação de registro*. Campina Grande: Livraria Moderna, 1936.
33. BARROS, Tertuliano. *Meio Século de Labor*. João Pessoa: A União, 1945.
34. BUARQUE, Murilo. *Filosofia de Judas*. Campina Grande: Livraria Campinense, 1940.
35. CABRAL, João Rolim. *Considerações Gerais sobre o Plano de Eletrificação de Campina Grande*. Campina Grande: Livraria Pedrosa, 1947.
36. CÂMARA, Epaminondas. *Os Alicerces de Campina Grande: Esboço Histórico do Povoado e da Vila*. Campina Grande: Livraria Moderna, 1943.
37. _____. *Datas Campinenses*. João Pessoa: Imprensa Oficial, 1947.
38. _____. *Datas Campinenses*. 2ª edição. Campina Grande: Edições Caravelas, 1998.
39. CARVALHO, Tancredo de. *Memórias de um brejeiro*. João Pessoa: Gráfica Júlio Costa, 1975.
40. CAVALCANTI, José Tavares. *Ação de investigação de paternidade e petição de herança*. Campina Grande: Typografia da Liv. Campinense, 1934.
41. CAVALCANTI NETO, Sebastião e LIMA, José Correia. A dignidade contra a infâmia: razões de recurso de revista. Campina Grande: s/e, 1950.
42. COLAÇO, Arlindo. *Nesse passo eles vão até Honolulu*. Alagoa Nova: s/e, 1950.
43. _____. *Queremos Revolução*. Alagoa Nova, s/e, 1950.
44. COSTA, Nílson. *Vida e Luta de um Pracinha*. Campina Grande: s/e, 1945.
45. Costa, Romualdo. A luz e a saúde. Campina Grande: Livraria Campinense, 1933.
46. DINOÁ, Ronaldo. *Memórias de Campina Grande*. Volume I e II. João Pessoa: A União, 1993.
47. FIGUIREDO, Acácio. Embargos ao Acordo (ação ordinária da comarca de Campina Grande). Campina Grande: Livraria Campinense, 1925.
48. _____. Ação Rescisória. Campina Grande: Livraria Campinense, 1937.
49. _____. Apelação civil da comarca de Patos. Campina Grande: Tipografia Campinense, 1940.
50. _____. Recurso extraordinario Nº 21.347. Campina Grande: Tipografia Barreto, 1952.
51. FIGUIREDO, Argemiro de. *Diretrizes do Governo (discurso de posse da Paraíba)*. João Pessoa: Imprensa Oficial, 1935.
52. _____. *Diretrizes de Governo (Plataforma do Governador da Paraíba)*. João Pessoa: Imprensa Oficial, 1936.
53. _____. Discurso a Paraíba. João Pessoa: Imprensa Oficial, 1936.

54. _____. Discurso proferido ao Microfone da PRI-4, Rádio Difusora da Paraíba. João Pessoa: Imprensa Oficial, 1937.
55. _____. Realizações do governo Argemiro de Figueiredo. João Pessoa: Departamento de Estatística e Publicidade, 1938.
56. _____. Concluintes de 1943 (Ginásio de Patos). Campina Grande: s/e, s/d.
57. _____. Deputado Argemiro de Figueiredo – sua administração e sua política (discurso proferido na sessão de 19 de maio de 1947. João Pessoa: e/d, 1947.
58. FIGUEIREDO, Bento. *Necessidades do Município*. João Pessoa: Imprensa Oficial, 1939.
59. FIGUEIREDO, Manuel. Embargos de nulidade e Infringentes do Julgado Nº 232 (Comarca de Esperança). Campina Grande: s/e, 1953.
60. _____. Pela Câmara Municipal. Campina Grande: s/e, 1953.
61. FIGUEIREDO, Petrônio. Discursos. Campina Grande: Livraria Moderna, 1953.
62. FILHO, Francisco Maria. *Faço do seu livro o seu melhor amigo. Homenagem a José Pedrosa, o livreiro de Campina*. Campina Grande: Prefeitura Municipal, 2003.
63. FERNAL, José. *Saneamento de Campina Grande*. Campina Grande: Imprensa Oficial, 1938.
64. GOMES FILHO, Lino. *Síntese Histórica de Campina Grande – 1670-1963*. Campina Grande: Grafset, 2005.
65. GONÇALVES, José Gil. *Tabela de cálculo dos impostos e consignações e Indústria e Profissão*. Campina Grande: s/e, 1944.
66. _____. Vendas e consignação e Indústria e Profissão. João Pessoa: G. Petrucci, 1944.
67. RODRIGUES, Gonzaga. *Café Avelar: ponto de encontro perdido*. João Pessoa: Textoarte, 2003,
68. JOFFILY, Irineu et alli. *Coletânea de autores campinenses*. Campina Grande: Edições da Comissão Cultural do Centenário, 1964.
69. Leão, Anézio. *Aulas de Português*. Campina Grande: Edição do Autor, 1958.
70. _____. *Gritos d'alma*. João Pessoa: Imprensa Oficial, 1935.
71. LEMOS, Plínio. *Em Defesa do Criatório*. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 1949.
72. _____. Instituto & Aposentadoria e Pensões dos Agrários. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1950.
73. LIMA, Joaquim José de Oliveira. *Ação criminal: termo do Ingá*. Campina Grande: Tipografia Casa Brasil, 1930.
74. LIMA, José Correia. Razões de Habeas – corpus. Campina Grande: Livraria Pedrosa, 1946.
75. _____. Responsabilidade Civil (culpa “in vigilando” e “in eligendo”). Campina Grande: Tipografia Barreto, 1953.
76. LIMA, Ronaldo Cunha. *Roteiro Sentimental: fragmentos humanos e urbanos de Campina Grande*. João Pessoa: GRAFSET, 2001.
77. LUCENA, Antonio. *Sobre o Individualismo*. Campina Grande: Livraria Pedrosa, 1952.
78. LUNA, Mauro. *Horas de Enlevo*. Campina Grande: Barros & Ramos, 1924.
79. _____. *Horas de Enlevo*. 2º Edição. Campina Grande: Comissão Cultural do Centenário, 1964.
80. _____. *Horas de Enlevo*. 3º Edição. Campina Grande: Edições Caravela, 1999.

81. MACHADO, Antonio Gabínio da Costa. *Setença*. Campina Grande: Tipografia d'O Rebate, 1943.
82. MARIZ, Celso. *Campina de Ontem e de Hoje*. In: *Cidades e Homens*. João Pessoa: A União, 1983.
83. MORAES, Antonio Pereira de. *Vi, ouvi e senti: crônicas da Vida campinense*. Campina Grande: s/editora, 1985.
84. MOURA, Ascendino. *Investigação de Paternidade*. Ingá: s/e, 1941.
85. NAVARRA, Rubem. *Jornal de Arte*. Campina Grande: Edições da Comissão Cultural do Município, 1966.
86. PEREIRA, Antonio Ovídio de Araújo e CAMPOS, Abdias da Silva. *Razões Finais na Ação de Investigação de Paternidade e Petição de Herança, movida por Lino Torres Brasil e outros, no termo de Taperoá*. Campina Grande: Livraria Moderna, 1934.
87. PIETRULLA, Anselmo. Carta Pastoral de D.Frei Anselmo Pietrulla, Bispo de Campina Grande, saudando seus diocesanos. Salvador: Mensageiro da Fé, 1949.
88. PIMENTEL, Cristino. *Abrindo o Livro do Passado*. João Pessoa: Teone, 1956.
89. _____. *Abrindo o Livro do Passado*. 2ª edição. Campina Grande: EDUFCEG, 2011.
90. _____. *Dois poetas*. Campina Grande: Livraria Pedrosa, 1950.
91. _____. *Mais um mergulho na História campinense*. Campina Grande: Edições Caravela, 2001.
92. _____. *Pedaços da História da Paraíba*. João Pessoa: Teone, 1953.
93. _____. *Pedaços da História de Campina Grande*. Campina Grande, Livraria Pedrosa, 1958.
94. PINTO, José de Oliveira. *A Inelegibilidade do Dr. Vergniaud Borborema Wanderley ao cargo de Prefeito do Município de Campina Grande (Arquição apresentada por Lafaiete Cavalcanti)*. Campina Grande: Empresa Nordestina, 1935.
95. _____. *Ação de reivindicação de imóveis*. Campina Grande: s/e, 1937.
96. _____. *Um caso de concorrência desleal*. Recife: Diário da Manhã, 1938.
97. _____. *Presunção de legitimidade de Filiação e eficácia da sentença apelada*. Campina Grande: s/e, 1941.
98. RIBEIRO, Hortensio. *Vultos e Fatos*. João Pessoa: A União, 1979.
99. RIBEIRO, Luis Fernando. *Estado Atual da Pecuária Nordestina*. Campina Grande: Moderna, 1938.
100. ROCHA, Adabel. *Sonhos de poeta*. Campina Grande: Tipografia Barreto, 1953.
101. ROLIM, Vital. *Cinco anos de cirurgia*. Campina Grande/João Pessoa: Imprensa Oficial, 1938.
102. SÁ, Antonio Pessoa de. *Apelação Cível da Comarca de Campina Grande*. Paraíba: Empresa Gráfica Nordeste, 1928.
103. _____. *Ação de Dano Resultante de Incêndio Casual*. Paraíba: Tipografia Brasil, 1925.
104. _____. *Agravo cível da Comarca de Areia*. Paraíba: Tipografia Brasil, 1920.
105. _____ e NÓBREGA, Fernando Carneiro da Cunha. *Em defesa de uma Memória – O ex-presidente João Suassuna perante os Tribunais Revolucionários*. João Pessoa: Tipografia da Livraria São Paulo, 1931.
106. _____ e NÓBREGA, Fernando Carneiro da Cunha. *Ação Ordinária de investigação de Paternidade ilegítima*. João Pessoa: Casa Record, 1932.

107. SATYRO, Ernani. Hortensio Ribeiro. In: RIBEIRO, Hortensio. *Vultos e fatos*. João Pessoa: A União, 1979, p-9-12.
108. SILVA, Severino Andrade da (Zé da Luz). *Brasil Caboclô*. João Pessoa: Imprensa Oficial, 1936.
109. _____. *Brasil Caboclô*. 2ª edição. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1949.
110. _____. *Sertão Brabo*. Parahyba do Norte, Imprensa Oficial da Parahyba, 1938.
111. SOARES, Antonio. Epaminondas: O Homem, As obras e a obra. In: CÂMARA, Epaminondas. *Datas Campinenses*. Campina Grande: Edições Caravela, 1998, p.13-16
112. SOBRINHO, José Leite. A Imprensa em Campina Grande. In: JOFFILY, Irineu et alli. *Coletânea de Autores Campinenses*. Campina Grande: Edições da Comissão Cultural do Centenário, 1964, p.163-166.
113. SOUTO, Baldomiro. Prefácio. In: ARAÚJO, Felix. *Obra Poética*. Campina Grande: Edições Comissão Cultural do Centenário, 1964, pp.25-27.
114. TELHA, Antonio. *A Obra Poética de Telha*. Campina Grande: s/e, 1987.
115. UCHÔA, Boulanger. *Estudo Genealógico da Família Uchôa*. Recife: Jornal do Comércio, 1945.
116. _____. *História Eclesiástica de Campina Grande*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1964.
117. VASCONCELOS, Amaury. Prefácio. In: PIMENTEL, Cristino. *Mais um mergulho na História Campinense*. Campina Grande: Edições Caravela, 2001.

• **PERÍODICOS**

• **JORNAIS**

1. *Correio de Campina*, Campina Grande, 1913-1916, 1927.
2. *A União*, João Pessoa, 1913, 1935.
3. *A Renascença*, Campina Grande, 1915.
4. *O Proêmio*, Campina Grande, 1915.
5. *O Democrata*, Campina Grande, 1916.
6. *O Gabinete*, Campina Grande, 1916-1917.
7. *A Razão*, Campina Grande, 1917-1919.
8. *O Sport*, Campina Grande, 1922.
9. *O Clarão*, Campina Grande, 1922-1923.
10. *Gazeta do Sertão*, 1923-1924.
11. *A Palavra*, Campina Grande, 1925.
12. *O 31*, Campina Grande, 1926.
13. *O Século*, Campina Grande, 1928-1929.
14. *Brasil Novo*, Campina Grande, 1931.
15. *O Comércio de Campina*, Campina Grande, 1932.
16. *Praça de Campina*, Campina Grande, 1934
17. *A Frente*, Campina Grande, 1934.
18. *Flâmula*, Campina Grande, 1934.
19. *A. E. J. Jornal*, Campina Grande, 1934.
20. *A Batalha*, Campina Grande, 1934-1935.
21. *Evolução- Jornal*, Campina Grande, 1934-1936.
22. *A Voz da Mocidade*, Campina Grande, 1936.

23. *O Paulistano*, Campina Grande, 1936.
24. *A Imprensa*, João Pessoa, 1936-1940.
25. *Formação*, Campina Grande, 1936,1940,1953.
26. *Voz da Borborema*, Campina Grande, 1937-1939.
27. *O Rebate*, Campina Grande, 1948-1953.
28. *Correio Campinense*, Campina Grande, 1949.
29. *O Boletim*, Campina Grande, 1949.
30. *O Globo*, Campina Grande, 1952.
31. *Jornal de Campina*, Campina Grande, 1952-1953.
32. *Jornal do Estudante*, Campina Grande, 1953.
33. *O Informador*, Campina Grande, 1953.

• **JORNAIS DE FESTA**

1. *O Novenário*, Campina Grande, 1919-1922.
2. *O Chicote*, Campina Grande, 1920.
3. *O Dominó*, Campina Grande, 1920.
4. *O Pierrot*, Campina Grande, 1920-1922.
5. *O Ipiranga*, Campina Grande, 1922.
6. *O Bataclan*, Campina Grande, 1923.
7. *O Novenal*, Campina Grande, 1924-1928.
8. *O Pirlampo*, Campina Grande, 1926-1930.
9. *Festa Jornal*, Campina Grande, 1928-1929.
10. *Vésper*, Campina Grande, 1929-1934.
11. *O Papagaio*, Campina Grande, 1929.
12. *O Tufão*, Campina Grande, 1930.
13. *Morena*, Campina Grande, 1932-1933.
14. *Garota*, Campina Grande, 1933.
15. *O Riso*, Campina Grande, 1935.
16. *Fagulha*, Campina Grande, 1936.
17. *Oiã*, Campina Grande, 1936-1938.
18. *Vitrine*, Campina Grande, 1937-1939.
19. *O Bisturi*, Campina Grande, 1938.
20. *Sinuca*, Campina Grande, 1940.
21. *A Língua*, Campina Grande, 1947.
22. *Rindo*, Campina Grande, 1949.
23. *A Nora*, Campina Grande, 1951.
24. *O Detetive*, Campina Grande, 1950-1953.
25. *Disco Voador*, Campina Grande, 1953-1956.

• **REVISTAS**

1. *Revista Campinense*, Campina Grande, 1920.
2. *Era Nova*, Cidade da Parahyba, 1921-1925.
3. *Flores de Junho*, Campina Grande, 1924.
4. *Evolução*, Campina Grande, 1931.
5. *Idade Nova*, Campina Grande, 1938-1940.
6. *Revista Manaíra*, João Pessoa/Campina Grande, 1939-1951.
7. *Correio das Artes*, João Pessoa, 1949-1951.
8. *Revista Arius*, Campina Grande, 1952-1955.

• DOCUMENTOS OFICIAIS

1. *Reforma dos Estatutos do Gabinete de Leitura 7 de Setembro*. Campina Grande: Tipografia Campinense, 1918.
2. *Banco Auxiliar do Povo. Relatório apresentado a Assembléia Geral dos Acionistas*. Campina Grande: Livraria Campinense, 1931.
3. *Boletim Oficial, nº 3 e 5*. Administração Lafaiete Cavalcanti, 1931.
4. *Boletim Oficial, nº 11 a 16*. Administração Lafaiete Cavalcanti, 1932.
5. *Banco dos Empregados do Comércio. Relatório apresentado a Assembléia Geral*. Campina Grande: Tipografia da Livraria Campinense, 1933.
6. *Orçamento municipal para 1934*. Campina Grande, Livraria Moderna, 1933.
7. *Orçamento municipal para 1935*. Campina Grande, Livraria Moderna, 1934.
8. *Razões para o nosso Integralismo. Carta a província da Parahyba do Norte*. João Pessoa: Tipografia da Livraria São Paulo, 1934.
9. *Boletim Oficial. Orçamento para 1935*. Campina Grande, Typografia de O Rebate, 1935.
10. *Campinense Clube: Relatório apresentado pelo Presidente Dr. Silvio Mota em assembléia Geral de 27-1-1935*. Campina Grande: Livraria Moderna, 1935.
11. *Biblioteca Municipal de Campina Grande, fundada pelo Prefeito Bento Figueiredo e inaugurada no dia 9 de março de 1938*. João Pessoa: Imprensa Oficial, 1938.
12. *A Gratidão de Campina Grande ao Interventor Argemiro de Figueiredo*. João Pessoa: Imprensa Oficial, 1939.
13. *Homenagem da Colônia Portuguesa de Campina Grande ao Exmo. Sr. Dr. Mário Duarte, Cônsul de Portugal em Pernambuco*. Campina Grande: s/e, 1946.
14. *Relatório do Prefeito Elpídio de Almeida à câmara municipal*. Recife: Jornal do Comércio, 1949.
15. *Mensagem a Câmara Municipal referente ao exercício de 1952, pelo prefeito Plínio Lemos*. Recife: Jornal do Comércio, 1953

• ALMANAQUES, ANUÁRIOS E ÁLBUNS INDUSTRIAIS E COMERCIAIS

1. *Álbum Industrial e Comercial de Campina Grande*. Organizado por José B. do Amaral. Campina Grande, PB: Imp. Industrial, 1925.
2. *Anuário de Campina Grande para 1926*. Nº1. Organizado sob a direção de João Mendes. Recife: Jornal do Comércio, 1925.
3. *Almanaque de Campina Grande*. Para o ano de 1933. Publicado sob a direção de Euclides Vilar. Campina Grande: Liv. Campinense, 1932.
4. *Almanaque de Campina Grande*. Para o ano de 1934. Publicado sob a direção de Euclides Vilar. Campina Grande: Liv. Vilar, 1933.
5. *Anuário de Campina*. Dir. Lino Gomes Filho. Campina Grande: s/e, 1950.

UNIDADES PESQUISADAS

- *Acervo Átila Almeida*, Campina Grande, pertencente a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).
- *Acervo do Museu do Instituto Histórico e Geográfico de Campina Grande*, Campina Grande, ligado a Prefeitura Municipal de Campina Grande.
- *Arquivo Público de João Pessoa*, João Pessoa, pertencente à Fundação Espaço Cultural da Paraíba (FUNESC).
- *Arquivo da Cúria Diocesana*, João Pessoa, ligada a Diocese do Estado da Paraíba.
- *Arquivo do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba (IHGP)*, localizado em João Pessoa.
- *Biblioteca Municipal Felix Araújo* (Acervo de Obras Raras), Campina Grande, pertencente à Prefeitura Municipal de Campina Grande.